CORNELIU ZELEA CODREANU

PARA MEUS LEGIONÁRIOS

BELA VATRA

CORNELIU ZELEA CODREANU

PARA MEUS LEGIONÁRIOS

Tradução: Charis D'Cruz

Bela Vatra

Este volume contém a história da minha juventude, de 19 a 34 anos, com sentimentos, fé, pensamentos, ações e erros.

CORNELIU CODREANU

Sumário

NOTA DO TRADUTOR

Codreanu é um dos homens que mais admiro e por algum motivo sua obra principal nunca foi traduzida para o português em todos esses anos. Eu poderia ficar revoltado com isso, mas agradeci, pois vi que Deus tinha me dado a oportunidade de ser o primeiro a traduzir está obra para o português, de ser quem iria trazê-la para o português. Não existe honra maior! Quão grato eu me senti! Assim, em setembro de 2019, eu dei início a essa longa jornada.

Eu já havia traduzido diversas coisas como artigos, entrevistas, cartas, legendado vídeos, documentários, filmes, porém nunca tinha traduzido um livro. Em fato, eu já tinha tentado, contudo, após traduzir muitas páginas, eu abandonei o projeto. Portanto, este é o primeiro livro que eu traduzi por inteiro!

Com isso eu obtive a experiência árdua de como é traduzir um livro. No começo você está empolgado e traduz bastante e com prazer, tem dias que você traduz pouco, tem dias que você está desanimado e cansado e não traduz nada, tem dias que você quer desistir e abandonar o projeto, tem dias que a empolgação e o gosto por traduzir a obra retornam, tem dias que você se obriga a ir em frente e terminar o que começou mesmo com cansaço mental e dor nas vistas. Tudo isso faz parte. E é um trabalho árduo que demora muito! Não é algo rápido que demora no máximo dias ou semanas. No início você pode achar que pode terminar rápido e até traduzir bastante coisa, mas isso fará com que esgote sua energia e fique cansado. Isso é um trabalho de tempo e determinação! É um compromisso!

Eu enfrentei uma longa jornada com Codreanu, assim estabeleci uma conexão muito forte. Talvez o leitor, por já ter tudo pronto e poder terminar o livro em poucos dias, não tenha exatamente a mesma experiência, infelizmente.

O livro é muito pesado, você sente profunda raiva com as injustiças e atrocidades cometidas contra homens honrados que lutavam por seu país e por seu povo com a alma e que deram a vida por tal.

Quando cheguei nas últimas palavras a serem traduzidas meu coração ficou pesado, eu senti tamanha emoção. Pode parecer loucura, mas penso que senti Codreanu em meu íntimo, assim como a alma de todos os caídos. E suas últimas palavras: “De agora em diante, nunca mais iremos cruzar seus caminhos”, causa profunda tristeza, pois sabemos como tudo acabou.

Quando terminei eu senti que havia cumprido uma missão, uma grande missão, que me havia sido dada.

A obra foi traduzida diretamente do original em romeno e eu tive ajuda de romenos na tradução. Deixo os meus profundos agradecimentos a I. que esteve me auxiliando desde o início e sempre disposto a me ajudar nesta caminhada, bem como a outro romeno que ofereceu-me as melhores traduções que eu já vi e acompanhadas de contexto histórico, fatos, referências, curiosidades. Eram as traduções mais completas e informativas que eu poderia receber. Se a obra está perfeita ou a beira da perfeição isso se deve em parte a eles.

Agradeço também o convite dos camaradas do Bela Vatra para publicar a obra com eles.

Não creio que este seja meu presente a você leitor, mas uma obrigação. Aproveite!

Trăiască și Căpitanul!

PARA OS LEGIONÁRIOS

6 de dezembro de 1935,

Carmen Sylva

LEGIONÁRIOS,

escrevo para nossa família legionária. Para todos os legionários: aqueles nas aldeias, nas fábricas e na universidade. Não presto atenção a nenhum regulamento imposto aos autores de livros. Não tenho tempo. Escrevo às pressas no campo de batalha, no meio de ataques. Nesta hora, estamos cercados por todos os lados. Os inimigos nos atacam traiçoeiramente e a traição nos morde.

Por dois anos, ficamos presos às cadeias de uma censura infame. Por dois anos, nosso nome e o de legionário são tolerados pela imprensa apenas para sermos insultados. Uma chuva de traições é sobre nós, enquanto nossos inimigos aplaudem e esperam que perecemos. Mas esses cavaleiros da covardia, assim como seus senhores, estarão convencidos, de fato, em breve, de que todos os ataques em que reuniram suas esperanças de destruir o movimento legionário, toda a agitação e esforços desesperados permanecerão infrutíferos.

Legionários não morrem. Eretos, imóveis, invencíveis e imortais, eles parecem sempre vitoriosos sobre as convulsões impotentes do ódio.

***

A opinião criada no mundo não-legionário pelas linhas que se seguem não tem importância para mim e seus efeitos sobre esse mundo não me interessam.

O que eu quero é que vocês, soldados de outros horizontes romenos, ao ler essas recordações, reconheçam nelas seu próprio passado e lembrem-se de suas batalhas; que você revive o sofrimento que sofreu e os golpes que sofreu pelo nosso povo; que encha seus corações de fogo e se mantenha firme na luta difícil e justa na qual está envolvido e da qual todos temos o comando de emergir vitorioso ou morto. Eu penso em você enquanto escrevo.

Em vocês que terão que morrer, recebendo o batismo da morte com a serenidade de nossos trácios ancestrais. E vocês, aqueles que terão que passar por cima dos mortos e de seus túmulos, carregando em suas mãos as bandeiras vitoriosas dos romenos.

CAMINHANDO NA VIDA

NA FLORESTA DOBRINA

Aqui estamos, reunidos uma tarde na primavera de 1919 na Floresta Dobrina, que fica sentinela nas alturas em torno de Huşi.

Quem? Um grupo de cerca de 20 estudantes do ensino médio, do segundo ano do ensino médio, do primeiro ao último ano.

Liguei para esses jovens camaradas para discutir um grave problema, embora nossa vida estivesse apenas começando. O que faremos se os bolcheviques nos invadirem? Minha opinião, com a qual os outros estavam de acordo, era a seguinte: se o exército bolchevique atravessar o Dniester, depois o Pruth, chegando à nossa região, não nos submeteremos, mas nos refugiaremos nos bosques armados; organizaremos ali um centro de ação e resistência romena, e por ação hábil abalaremos o inimigo; manteremos um espírito de não-submissão e manteremos viva uma centelha de esperança em meio às massas romenas nas aldeias e cidades. Todos nós fizemos um juramento no meio da floresta antiga. Essa floresta era um canto daquela famosa floresta de Tigheciu, cujos caminhos, ao longo da história da Moldávia, muitos inimigos encontraram a morte.

Decidimos adquirir armas e munições, manter total sigilo, realizar exercícios de reconhecimento e batalha na floresta e estabelecer uma frente que mascara nossas intenções. Encontramos facilmente essa frente e logo a criamos: uma associação cultural-nacional dos alunos da escola secundária de Huşi, que chamamos de “Mihail Kogalniceanu”. Foi aprovado pelo diretor do ensino médio. Então começamos reuniões e palestras na cidade. Tratamos os assuntos habituais em público, enquanto na floresta simulamos exercícios de batalha. Nesses títulos, é possível encontrar armas em todos os lugares, de modo que, em cerca de duas semanas, coletamos tudo o que precisamos.

***

Havia então uma situação tão caótica no país que nós, embora crianças com pouco mais de 18 anos, entendíamos muito bem. Todo mundo estava pensando na revolução bolchevique, que estava bem encaminhada a poucos passos da fronteira. O campesinato[1] se opunha a essa onda destruidora por instinto, mas completamente desorganizado, não conseguia resistir seriamente. Mas os trabalhadores industriais estavam vertiginosamente deslizando em direção ao comunismo, sendo sistematicamente alimentados pelo culto a essas idéias pela imprensa judaica e, geralmente, por toda a judiaria das cidades.

Todo judeu, comerciante, intelectual ou banqueiro-capitalista, em seu raio de atividade, era um agente dessas idéias revolucionárias anti-romenas. A *intelligentsia*[2] romena estava indecisa, o aparato estatal desorganizado. Pode-se esperar a qualquer momento, uma erupção interna de alguns elementos determinados e organizados ou uma invasão do Dniester. Essa ação externa, coordenada com a das bandas judeo-comunistas do interior - que poderiam atacar-nos, destruir pontes e explodir reservas de munição - teria então decidido nosso destino como povo. Foi nessas circunstâncias que nossos pensamentos, tumultuados, preocupados com a vida e a liberdade de nosso país acabaram de se unificar ao final de uma guerra difícil, que em nossas mentes jovens a idéia que nos levou ao juramento na floresta de Dobrina germinou.

Eu passara cinco anos na Academia Militar de Manastirea Dealului (o claustro da colina), onde repousa o cabeça de Miguel, o Valente, sob o olhar atento de Nicolae Filipescu[3]. Lá, sob as ordens do major, mais tarde o coronel Mareel Olteanu, comandante da escola, o do capitão Virgil Badulescu, de Lieut.

[1] N.T. Conjunto dos camponeses.

[2] N.T. O termo intelligentsia (do russo: интеллигенция, do latim: intelligentia) usualmente refere-se a uma categoria ou grupo de pessoas envolvidas em trabalho intelectual complexo e criativo direcionado ao desenvolvimento e disseminação da cultura, abrangendo trabalhadores intelectuais.

[3] N.T. O ex-ministro do gabinete (1900-1913) que fundou a Academia Militar que leva seu nome.

Emil Palangeanu e sob a orientação dos professores, recebi uma educação militar rigorosa e uma saudável confiança em meus próprios poderes.

De fato, minha educação militar estará comigo a vida toda. Ordem, disciplina, hierarquia, moldadas em meu sangue desde tenra idade, junto com o sentimento de dignidade militar, constituirão um fio condutor para toda a minha atividade futura. Também fui ensinado a falar um pouco, o que mais tarde me levaria ao ódio ao disparate e à retórica. Aqui aprendi a amar a trincheira e a desprezar a sala de estar.

As noções de ciência militar que eu estava recebendo na época me farão julgar tudo através do prisma dessa ciência. Esse culto ao sentimento de dignidade humana e militar, no qual os oficiais me educaram, deveria criar para mim dificuldades e me expor ao sofrimento, em um mundo que muitas vezes carece de honra e senso de dignidade.

O verão de 1916, passei-o em casa em Huşi.

Meu pai havia sido convocado para o serviço militar nos últimos dois anos e partido com o regimento para os Cárpatos. Uma noite minha mãe me acordou e, chorando e rezando, disse: "Acorde, todos os sinos de todas as igrejas estão tocando". Era 15 de agosto de 1916, festa de Santa Maria. Entendi que a mobilização havia sido decretada e que naquele momento o exército romeno havia atravessado as montanhas.

Tomado pela emoção, meu corpo inteiro tremia. Três dias depois, saí de casa para seguir meu pai, pressionado pelo desejo de que eu também estivesse entre os lutadores na frente. Finalmente, após muitas aventuras, cheguei ao regimento em que meu pai comandava uma companhia, o 25º Regimento de Infantaria, sob o comando do coronel V. Piperescu, enquanto avançava para a Transilvânia no vale Oituz. Meu infortúnio foi grande, pois, com apenas 17 anos, o comandante do regimento me recusou como voluntário. No entanto, participei do avanço e da retirada da

Transilvânia, e em 20 de setembro, quando meu pai caiu ferido acima de Sovata, na montanha Ceres-Domu, fui útil a ele antes do avanço do inimigo. Embora ferido, ele se recusou a ser evacuado, liderando sua companhia durante todo o retiro e, mais tarde, nos pesados combates que se seguiram em Oituz.

Às duas horas da noite, o regimento recebeu ordens para avançar. Os oficiais inspecionaram silenciosamente os corpos reunidos na estrada[4].

Meu pai foi convidado a se apresentar ao coronel. Voltando depois de um tempo, ele me disse:

"Não seria melhor você voltar para casa? Em breve estaremos envolvidos em uma batalha e não é bom que nós dois morramos aqui, pois sua mãe ficará com seis filhos pequenos, sem apoio. O coronel me ligou e disse-me que não quer assumir a responsabilidade de sua estadia aqui na fronte".

Senti sua alma dobrada[5]: ele hesitou em me deixar sozinho no meio da noite, no campo, em estradas desconhecidas, a 40 quilômetros da ferrovia mais próxima.

Percebendo sua insistência, entreguei a carabina e os dois cartuchos e, enquanto as colunas do regimento avançavam, perdendo-se na quietude e na escuridão da noite, fiquei sozinho na beira de uma vala, então seguindo meu caminho para a antiga fronteira.

Mais tarde, um ano depois, em 1º de setembro, entrei na Escola Militar de Infantaria de Botosani, com o mesmo pensamento de poder chegar ao fronte. Aqui completei minha educação e conhecimento militar, de 1 de setembro de 1917 a 17 de julho de 1918, na Companhia Ativa da Escola Militar. Os quatro oficiais distintos, Coronel Slăvescu, Capitão Ciurea, Tenente Florin

---

[4] N.T. Não entendi essa parte. "*Ofițerii își inspectau în tăcere de mormânt trupele masate pe șosea*."

[5] N.T. Coração angustiado. Coração apertado.

Rădulescu e Major Șteflea, guiaram meus passos nos caminhos de luta e dos sacrifícios pelo meu país.

E agora, depois de um ano - 1919 - havia paz. E nós, as crianças prontas para morrer, fomos espalhados, cada um para sua casa.

Meu pai, professor do ensino médio, foi um lutador nacionalista ao longo da vida. Meu avô era um guarda-florestal[6], meu bisavô era um guarda-florestal. A nação era desde o início, em tempos de restrição, um povo de colinas e montanhas. Por isso que a educação dos valentes e o sangue deles impressionaram a ação em Dobrina - uma manifestação ingênua - uma nota de seriedade, que nossa tenra idade não teria pressuposto.

Nesses momentos, sentimos em nossos corações, com seus conselhos e experiência, a presença de todos os nossos antepassados, que haviam lutado pela Moldávia nos mesmos caminhos que os inimigos nunca haviam penetrado.

---

[6] N.T. Do original "pădurar" que pode ser em romeno tanto guarda-florestal, como lenhador, e talvez até serralheiro. A tradução em inglês coloca como "forester" ou seja "guarda-florestal".

NA UNIVERSIDADE DE IAȘI

SETEMBRO DE 1919

O verão passou. Tomei meu bacharelado no outono e nosso grupo se separou, cada um dirigindo seus passos em direção a uma universidade.

De Dobrina, guardamos apenas as lembranças de defender nosso país contra as ondas de inimizade ameaçadoras, criadas de fora e de dentro de nossas fronteiras.

Eu estava deixando Huși nessa encruzilhada para todos os jovens, a matrícula em uma universidade, a tão esperada matrícula na universidade! Como preparação, tive o capital do conhecimento adquirido no ensino médio, da literatura sensacionalista ou da perversão espiritual que hoje ocupa um lugar tão importante nos anos de formação de um estudante do ensino médio - para sua desgraça - que eu não provei. Além da literatura habitual dos clássicos romenos, eu tinha lido todos os artigos do "*Semănătorul*"[7] e "*Neamul Românesc*"[8] de N. Iorga e A.C. Cuza. Meu pai tinha isso em algumas caixas no sótão. Foi aí que subi nas horas livres para me ocupar com essa literatura. A essência desses artigos continha a expressão, de uma forma elevada, dos três ideais de vida para o povo romeno:

1) A unificação de todos os romenos.
2) Elevar o campesinato através da propriedade e dos direitos políticos.

---

[7] N.T. Semănătorul ou Sămănătorul ("O Semeador") foi uma revista literária e política publicada na Romênia entre 1901 e 1910. Fundada pelos poetas Alexandru Vlahuță e George Coșbuc, é lembrada principalmente como um tribuno para o início Tradicionalismo do século XX, neoromanticismo e nacionalismo étnico. A ideologia da revista, comumente conhecida como Sămănătorism ou Semănătorism, foi articulada após 1905, quando historiador e teórico da literaturaNicolae Iorga tornou-se editor chefe.

[8] N.T. Neamul Românesc (O Povo Romeno) foi uma revista romena.

3) Resolver o problema judicial.

Duas máximas acompanharam o manguito de todas as publicações nacionalistas da época:

“Romênia para romenos, apenas romenos e todos os romenos.” N.Iorga

“Nacionalidade é o poder criativo da cultura humana, cultura é o poder criativo da nacionalidade.” A. C. Cuza

Aproximei-me de Iași com grande reverência - a Iași amada e compreendida por todos os romenos, a cidade que todo mundo pelo menos quer visitar.

Muitas cidades na Moldávia têm um pouco de glória. Não podemos pronunciar o nome: Hotin, Bârlad, Vaslui, Tighina, a Fortaleza Branca, Soroca, sem sentir nossa alma elevadas.

Mas acima de tudo, Suceava e Iași se elevam.

Suceava, a cidade de Stefan cel Mare[9], Iași, a cidade de Cuza Vodă.

A cidade da União de 1859[10], que através da fundação da Universidade, se tornou a cidade da juventude e suas mais nobres aspirações.

Em Iași viveu: Miron Costin, Bogdan Petriceicu Hașdeu, Mihail Eminescu, Ion Creangă, Vasile Alecsandri, Costache Negri, Iacob Negruzzi, Mihail Kogălniceanu, Simion Bărnuțiu, Vasile Conta, N. Iorga, Ion Găvănescul. Aqui, na cadeira de Economia Política, a grande personalidade do professor Cuza ilumina como um farol. A universidade se tornou uma escola de nacionalismo; Iași, a cidade das grandes aventuras romenas, da grandeza, dos ideais, de nossas aspirações nacionais. Grande pelas dores de 1917, quando aqui, em suas horas difíceis, a alma atormentada do rei Fernando

[9] N.T. Estêvão III da Moldávia.

[10] N.T. Foi a união dos principados da Moldávia e Valáquia feita pelo príncipe Alexandru Ioan Cuza em 1859. A Romênia teve como nome oficial então "Principados Unidos da Valáquia e Moldávia" ou "Principados Romenos".

encontrou refúgio; grande pelo seu destino de ser, em 1918, a cidade da unificação de todos os romenos; grande por seu passado e grande por sua tragédia atual - porque a cidade de quarenta igrejas - morre todos os dias sob a impiedosa invasão judaica. Iasi, construída em sete colinas, como Roma, é e continua sendo a fortaleza eterna do romanianismo[11].

Quantas lembranças gloriosas!

Aqui ouvimos pela primeira vez aqueles versos harmoniosos de Alecsandri:

"Vamos apertar as mãos, aqueles com o coração romeno."

Aqui, como em nenhum outro lugar, o aluno se sente flutuando no céu sobre a silenciosa Iași, com seus apelos misteriosos e suas sagradas urgências, os espíritos dos grandes antepassados. O estudante Iaşi, no silêncio da noite, ouve, como enlouquecido pela dor, o fantasma de Mihail Eminescu percorrendo as ruas tortuosas da cidade, gemendo como um fantasma:

"Quem amou o estranho,

Que os cães comam seu coração,

Que o lixo coma sua casa,

Que a má fama devore seus pais."

Eu estava me aproximando desta cidade, com profunda reverência, no outono de 1919, atraído por sua grande aura, mas

[11] A palavra Românism (romanismo) foi introduzida por Vasile Alexandrescu Urechia em 1858. O romanianismo é definido como um sentimento cultural nacional dos romenos que se consideram patriotas e refere-se à etnogênese do povo romeno, à sua origem latina, à continuidade e permanência dos falantes das línguas românicas orientais nos territórios habitados por eles, inclusive em aqueles temporariamente sob o cetro de estados vizinhos.

também comovido porque nasci aqui há vinte anos. E como qualquer criança, eu estava animada para ver e beijar minha terra natal.

Eu matriculei-me na Faculdade de Direito.

A Universidade de Iași, fechada durante os anos da guerra, reabriu por um ano. Os antigos estudantes, agora voltando do fronte, mantinham a linha da tradição nacionalista da vida estudantil antes da guerra. Eles foram divididos em dois campos: um sob a liderança de Lăbușcă de Letras e outro sob a liderança de Nelu Ionescu, de Direito. Seu grupo, reduzido em número, foi dominado pela enorme massa de estudantes judeus da Bessarábia, todos agentes e propagadores do comunismo.

Os professores da Universidade, com exceção de um grupo muito pequeno liderado por A. C. Cuza, Ion Găvănescul e Corneliu Șumuleanu, eram partidários das mesmas idéias esquerdistas. O professor Paul Bujor, um dos expoentes da maioria, chegou a dizer em todo o Senado da Romênia: “A luz vem do leste”, ou seja, do outro lado do Dniester.

Essa atitude dos professores que consideraram "bárbara" qualquer idéia e nota nacionalista teve o efeito de total desorientação dos alunos. Alguns apoiaram o bolchevismo abertamente, outros - a maioria deles - dizendo: "Seja o que for, o tempo do nacionalismo passou, a humanidade está indo para a esquerda". O Grupo Lăbușcă caiu totalmente nessa direção. O grupo de Nelu Ionescu, ao qual também participei, se dissipou ao longo do tempo após as eleições das quais havia perdido.

O avanço dessas idéias anti-romenas, apoiado por uma massa compacta de professores e alunos e incentivado por todos os inimigos da Romênia como um todo, não encontrou mais no corpo estudantil nenhuma resistência romena. Alguns de nós, ainda tentando permanecer em posição, estávamos cercados por uma atmosfera de desprezo e inimizade. Colegas de outras opiniões, aqueles com "liberdade de consciência" e o princípio de

todas as liberdades, cuspiam em nosso rastro, quando passamos pela rua ou pelos corredores das faculdades e nos tornamos agressivos, cada vez mais agressivos. Reuniões após reuniões com milhares de estudantes, nas quais o bolchevismo foi propagado, o Exército, a Justiça, a Igreja e a Coroa foram atacados. Apenas uma associação ainda tinha um caráter romeno: "Avram Iancu", de bucovinanos e transilvanos, sob a liderança do estudante Vasile Iasinschi.

A universidade, com uma tradição nacionalista desde 1860, tornou-se um foco de anti-romanianismo.

A REVOLUÇÃO ESTÁ PREPARADA

Mas não apenas na universidade que essa situação existia. A massa da classe trabalhadora de Iași, quase toda imersa no comunismo, estava pronta para explodir em revolução. Muito pouco trabalho foi feito nas fábricas. Comitês, conselhos, reuniões foram realizados por horas. Principalmente sobre política. Estávamos em total sabotagem sistemática, feita de acordo com o plano e a ordem: "quebrem, destruam máquinas, criem o estado geral de miséria material que leva à eclosão da revolução". E, de fato, quanto melhor a ordem era executada, mais a miséria se espalhava, a fome era mais ameaçadora e a revolta crescia no coração das multidões.

A cada 3-4 dias, nas ruas de Iași, havia grandes manifestações comunistas. Os 10 a 15 mil trabalhadores famintos e manobrados pela mão criminosa em Moscou, percorreram as ruas enquanto cantavam a canção internacional, gritando: "Exército Abaixo!", "Rei Abaixo!", carregando cartazes que diziam: "Viva a revolução comunista!", "Viva a Rússia Soviética!".

Se estes tivessem sido vitoriosos? Teríamos pelo menos uma Romênia dirigida por um regime trabalhista romeno? Os trabalhadores romenos teriam se tornado donos do país? Não! Eles teriam se tornado escravo do tirano mais imundo no dia seguinte: a tirania judaica talmúdica.

A Grande Romênia, depois de menos de um segundo de vida, teria entrado em colapso.

Nós, o povo romeno, teríamos sido impiedosamente exterminados, mortos ou deportados para as estradas da Sibéria: camponeses, trabalhadores, intelectuais, todos que valessem a pena.

A terra de Maramureș ao Mar Negro, arrancada das mãos romenas, teria sido colonizada por massas judaicas. Aqui é que eles teriam construído sua verdadeira Palestina.

Eu estava perfeitamente ciente de que naquelas horas estava em risco a vida e a morte do povo romeno.

E também estava ciente de todos os judeus empurrando os trabalhadores romenos para a revolução. Eles não tinham simpatia pela angústia que naqueles momentos estava tomando conta de nossos olhos e corações. Eles estavam cientes do que estavam fazendo. APENAS OS INTELECTUAIS ROMANOS ESTAVAM INCONSCIENTES. Intelectuais que aprenderam com os livros e que tinham o chamado para iluminar o caminho das pessoas em momentos pesados - porque para isso eram intelectuais - estavam perdendo seu dever. Esses incrédulos naqueles MOMENTOS DECISIVOS decidiram com uma inconsciência criminosa que "a luz vem do Oriente". As colunas revolucionárias, que ameaçavam as ruas de todas as cidades, quem deveria se opor a elas? Estudantes? Não! Polícia? Siguranța[12]? Quando ouviram que as colunas estavam se aproximando, entraram em pânico e desapareceram. Nem o exército poderia ficar no seu caminho. Pois não eram cerca de mil homens, mas cerca de 15 mil, de 20 mil, organizados e ávidos.

[12] Siguranța era o nome genérico dos sucessivos serviços policiais secretos no Reino da Romênia. Criada em 1908, após uma grande revolta camponesa, atuou como polícia política, supervisionando, infiltrando-se e tentando desmantelar grupos comunistas.

A GUARDA DA CONSCIÊNCIA NACIONAL

Em uma noite chuvosa no outono de 1919, no refeitório da Escola de Artes e Ofícios, onde eu era conselheiro, um amigo me mostrou uma nota de um jornal.

“A Guarda Nacional da Consciência se reunirá hoje à noite, quinta-feira, 9 horas da manhã, na rua Alecsandri nº 3.”

Saí imediatamente, correndo com muita impaciência para conhecer e me matricular nessa organização cujos folhetos anti-comunistas eu havia lido vários meses antes.

Na sala de rua Alecsandri n° 3, montada com bancos de madeira recém-fabricados, encontrei apenas um homem com cerca de 40 anos. Ele estava sentado em uma mesa, musculoso e abatido, esperando as pessoas se reunirem para aconselhamento. Uma cabeça grande, braços fortes, punhos pesados, estatura média. Era Constantin Pancu, presidente da Guarda da consciência Nacional[13].

Eu me apresentei, dizendo a ele que eu era estudante e que gostaria de ser admitido como soldado da Guarda. Ele me aceitou. Eu assisti ao aconselhamento. Chegaram cerca de 20 pessoas: um tipógrafo, Voinescu, um estudante, cerca de 4 mecânicos da R.M.S.[14], cerca de dois da ferrovia, vários comerciantes e trabalhadores, o advogado Victor Climescu e um padre. Várias questões foram discutidas em conexão com o desenvolvimento e progresso do movimento comunista em várias fábricas e bairros e, em seguida, problemas com a organização da Guarda.

A partir daquela noite, meu caminho foi bifurcado: metade na luta na universidade e metade com Constantin Pancu, entre os

[13] N.T. Gărzii Conștiinței Naționale.

[14] N.T. A Agência de Monopólios Estatais, a seguir denominada A.S.M.

trabalhadores. Eu me vinculei à alma desse homem e permaneci com ele, sob sua liderança, o tempo todo até que a organização se dissolvesse.

CONSTANTIN PANCU

Constantin Pancu, cujo nome estava nos lábios de todos os iasianos nos dois campos, proferido esperançosamente pelos romenos, horrorizado pelos outros, não era um intelectual.

Ele era comerciante, encanador e eletricista. Ele nunca foi além de quatro séries primárias. Ele tinha uma mente clara e decidida, que enriquecera sozinho com conhecimento suficiente. Durante vinte anos ele esteve lidando com problemas trabalhistas. Por muitos anos ele foi o presidente do sindicato metalúrgico. Ele era um orador de primeira classe. Na tribuna, na frente da multidão, ele foi impressionante. Ele tinha uma alma e uma consciência claramente romena. Ele amava seu país, seu exército, o rei. Um bom cristão. Ele tinha a musculatura de um lutador de circo e uma força verdadeiramente hercúlea. O povo de Iaşi o conhecia há muito tempo.

Antes da guerra, chegou a Iaşi um circo que realizava shows de luta. Havia entre os combatentes homens de todas as nações: húngaros, turcos, romenos, russos, etc. Em uma das noites, quando um sozinho derrotou todos os outros lutadores, dentre os espectadores um cidadão se levantou pedindo para lutar contra o vencedor. Ele foi autorizado. Ele se despiu e a luta começou. Em dois minutos, o húngaro foi derrubado, derrotado. O romeno que havia superado a admiração da multidão era Constantin Pancu.

Foi por isso que quando o chamado de Pancu para a batalha apareceu pela primeira vez nas ruas de Iași, o mundo, que tem o culto à força, o recebeu com confiança.

Seu esforço durou um ano, aumentando à medida que a ameaça bolchevique crescia e depois diminuindo à medida que diminuía.

No início, foram realizadas pequenas reuniões, depois comícios que atingiram 5, 6 e até 10 mil pessoas. Ocorreram semanalmente durante o período crítico. Elas aconteciam no salão Prince Mircea e às vezes até na Praça Unirii. Entre aqueles que adotaram a palavra comum, eu estava. Então eu aprendi a falar na frente de uma multidão. É inegável que a Guarda da Consciência Nacional elevou, em um momento crítico, a consciência nacional dos romenos em um ponto de importância como o de Iași e a colocou como uma barreira diante da onda comunista.

Esta atividade não se limitou apenas a Iași. Também fomos a outras cidades. Então o jornal "Conștiința[15]", publicado regularmente, penetrou com seu grito de alarme em quase todas as cidades da Moldávia e da Bessarábia.

No campo de ação, os confrontos entre os dois campos, confrontos inerentes, sangrentos, eram quase diários.

Dele, saímos com mais lesões. Essa situação tensa durou até a primavera. Após duas grandes vitórias para o nosso lado, o poder ofensivo dos adversários foi bastante reduzido.

A OCUPAÇÃO DA AGÊNCIA DE MONOPÓLIOS[16] DO ESTADO PELA GUARDA DA CONSCIÊNCIA NACIONAL

Foi no dia 10 ou 11 de fevereiro de 1920. Por duas semanas, houve uma conversa sobre uma greve geral em todo o país. A batalha decisiva estava se aproximando. Ao meio-dia, havia rumores na cidade de que em Regie[17], onde cerca de mil

---

[15] N.T. Consciência.

[16] N.T. Não tenho plena certeza se traduzi esse título corretamente. Original: "OCUPAREA REGIEI MONOPOLURILOR STATULUI DE CĂTRE GARDA CONŞTIINŢEI NAŢIONALE"

[17] N.T. Regie é um pequeno distrito situado no oeste de Bucareste, na Romênia, nas margens do rio Dâmboviţa, no Setor 6.

trabalhadores estavam empregados, que a greve foi declarada, a bandeira vermelha foi hasteada, as pinturas do rei foram retiradas e destruídas, e foram substituídas por fotografias de Karl Marx, Trotzki e Racowski[18].

Nosso pessoal foi espancado, os mecânicos, membros da Guarda, feridos. Às 13 horas, cerca de 100 de nós se reuniram em nossa sede. O que fazer? Pancu presidiu a discussão. Havia duas opiniões. Alguns alegaram que deveríamos enviar telegramas para o governo, solicitando intervenção militar. Minha opinião era que os presentes deveriam ir para a Regie e derrubar a bandeira vermelha a qualquer risco. Meu ponto de vista foi acordado. Pegamos nossa bandeira e, às 13 horas, liderados por Pancu, começamos a marchar em Lăpuşneanu e Păcurari cantando "Deşteaptă-te Române"[19]. Perto da fábrica, na rua, separamos vários grupos de comunistas.

Entramos no pátio da fábrica. Entramos no prédio. Eu carrego a bandeira até o telhado e a coloco. É aí que eu começo a falar. Os militares apareceram e ocuparam a fábrica. Recuamos cantando. Não retornamos à nossa sede. Pensamos: nossa rápida incursão foi boa. As notícias de nossa atitude passaram pela cidade como um raio. No entanto, a greve continuou. Os militares só podiam defender a bandeira, não podiam colocar a fábrica em movimento. O que era para ser feito? Ocorreu-nos uma ideia de procurar trabalhadores na cidade para abrir a fábrica. Em três dias, 400 novos trabalhadores, reunidos de todos os bairros de Iaşi, entraram na fábrica. Isso começou a funcionar. A greve falhou. Duas semanas depois, metade dos grevistas estavam sendo repreendidas no trabalho. Nossa vitória foi ótima. O primeiro passo em direção à greve geral foi rejeitado. Os planos do consórcio judeo-comunista começaram a ser desmantelados. Nossa ação teve um eco retumbante nas fileiras romenas, elevando seu moral.

---

[18] N.T. Christian Rakovski.

[19] N.T. "Desperta-te romeno”.

A BANDEIRA TRICOLOR NA OFICINA[20] DE NICOLINA

O centro comunista mais poderoso foi formado pelas obras ferroviárias romenas de Nicolina. Mais de 4.000 homens trabalhavam lá, quase todos bolchevizados. As áreas residenciais em torno dessas oficinas, Podul Roş, Socola e Nicolina, foram invadidas por um número considerável de judeus. É por isso que o líder do movimento comunista em Iaşi, Dr. Ghelerter e seu assessor, Gheler, fixaram seu ponto de resistência aqui.

Um mês não se passara desde a derrota em Regie e, como sinal do início da greve geral e da batalha decisiva, a bandeira vermelha foi hasteada tremulando sobre as oficinas. A greve foi declarada. Milhares de trabalhadores estavam deixando as oficias. As autoridades eram impotentes.

Convocamos para o dia seguinte, através de manifestos, todos os romenos para uma reunião na sala Príncipe Mircea. Após os discursos, saímos do prédio com nossas bandeiras e toda a multidão seguiu para Nicolina. Na Praça Unirii, as autoridades nos pararam e nos aconselharam a não continuar, pois havia mais de 5.000 comunistas armados esperando por nós e haveria um derramamento de sangue.

Então, viramos da Praça Unirii até a estação de trem.

Aqui nós agitamos as bandeiras no depósito e no edifício da estação. Depois pegamos um trem que estava na plataforma e fomos para Nicolina. Alguém apertou o botão na estação de Nicolina e o trem e todos entraram nas oficinas de Nicolina. Saímos. Nas oficinas, ninguém. Em um dos edifícios, a bandeira vermelha. Começo a subir alguns degraus de ferro presos na parede, levando uma bandeira tricolor na minha boca. Com

[20] N.T. Não tenho certeza se traduzi essa parte corretamente (provavelmente sim). Original: "STEAGUL TRICOLOR DEASUPRA ATELIERELOR DE LA NICOLINA"

alguma dificuldade, pois estava em uma grande altura, cheguei ao telhado. Eu me levanto e rastejo até o topo. Peguei a bandeira vermelha e em meio aos gritos realmente indescritíveis, que duram alguns minutos, levanto e amarro a bandeira tricolor. Então, de lá eu falei. Além dos muros, os comunistas estão sempre reunidos em uma massa compacta e se manifestando de forma ameaçadora. Um barulho infernal. Por dentro, viva, por fora, vaias e xingamentos. Desço lentamente ao chão. Pancu dá a ordem de partida. Mas no portão os comunistas barraram nossa saída, gritando: "Deixem Pancu e Codreanu virem!" Passamos 30 metros na frente da multidão e seguimos em direção ao portão. No meio, Pancu, à direita, um comerciante, Mărgărint, e à esquerda eu. Nós três, com as mãos nos bolsos dos revólveres, avançamos sem dizer nada. Os que estavam no portão nos observavam, quietos e imóveis. Agora estávamos a poucos passos de distância. Espero o chiado de uma bala passando pelo meu ouvido. Andamos em frente e determinados. No entanto, esse foi um momento muito incomum e comovente. Estamos a dois passos de distância. Os comunistas se afastam, deixando-nos espaço livre! A uma distância de quase dez metros, passamos em silêncio por eles. Não olhamos nem para a direita nem para a esquerda. Nada foi ouvido, nem mesmo a respiração humana.

Nossos homens nos seguiram. Eles também passam, mas o silêncio não é mantido. A maldição começou, com ameaças de ambos os lados. Sem brigas. Seguimos compactos pela estrada de ferro em direção à estação de Iaşi. Atrás de nós, acima das oficinas, o vento sopra no tecido do tricolor vitorioso.

O efeito moral dessa ação era incomparável. Toda Iaşi estava em alvoroço. Todo mundo nas ruas falava apenas sobre A Guarda da Consciência Nacional. Uma corrente de despertar romeno foi sentida no ar. Os trens levaram para os quatro cantos do país as notícias dessa ressurreição.

Percebemos que o bolchevismo seria derrotado porque, diante dele, à direita, à esquerda, surgiu uma barreira de consciência que não permitiria sua expansão.

Todas as estradas para sua invasão adicional estavam agora fechadas. A partir de agora ele terá que recuar.

Pouco tempo depois, a ação do governo do general Averescu interveio, o que impediu qualquer perspectiva desse movimento.

SOCIALISMO NACIONAL-CRISTÃO. OS SINDICATOS NACIONAIS

A Guarda da Consciência Nacional era uma organização de luta, de esmagar o adversário.

Conversávamos frequentemente com Pancu à noites em 1919, porque estávamos juntos constantemente e quase regularmente comíamos à sua mesa. E eu disse a ele:

“Não basta derrotar o comunismo. Devemos também lutar pelos direitos dos trabalhadores. Eles têm o direito ao pão e o direito à honra. Devemos lutar contra os partidos oligárquicos, criando organizações nacionais de trabalhadores que podem obter seus direitos no estado, não contra o estado.

Não admitimos que ninguém tente erguer outra bandeira na terra romena que não seja a de nossa história nacional. Não importa o quão certa seja a classe operária, não toleramos que ela se levante contra o país e contra as fronteiras do país. Ninguém admitirá que, pelo seu pão, você esteja desolado e entregue nas mãos de um povo estrangeiro de banqueiros e usurários, tudo que por dois milênios o suor de um povo de trabalhadores e corajosos protegeu. Seus direitos, sim, mas dentro dos direitos de seu povo. É inadmissível que, para seu bem, o direito histórico da nação à qual você pertence seja pisoteado.

Mas não admitiremos que, no abrigo das fórmulas tricolores, uma classe oligárquica e tirânica possa se instalar nas costas dos trabalhadores de todas as categorias e literalmente esfolá-las, acenando através da viúva descontrolada: Pátria - a qual eles não amam - Deus - em quem eles não acreditam, - Igreja - na qual eles nunca entram, - e Exército - que eles enviaram para a guerra de mãos vazias.

Essas são realidades que não podem ser usadas como emblemas falsos por fraude política nas mãos de alguns golpistas imorais.

Então começamos a organizar os trabalhadores em sindicatos nacionais e até em um partido político: "Socialismo nacional-cristão". (1. Na época, eu não tinha ouvido falar de Adolf Hitler e do Nacional-Socialismo Alemão). Pancu escreveu então:

O CREDO DO SOCIALISMO NACIONAL-CRISTÃO

“Acredito em um único e indistinguível Estado romeno, de Dniester a Tisza, detentor de todos os romenos e apenas romenos, amante do trabalho, honra e teme a Deus, preocupado com o país e seu povo. Doador de direitos iguais, civis e políticos para os homens e mulheres: Protetor da família, pagando os funcionários públicos e os trabalhadores com base no número de filhos e com base no trabalho realizado, compreendendo a quantidade e a qualidade, e em um Estado apoiando a harmonia social, reduzindo o número de classes; e, além dos salários, nacionalizando as fábricas, a propriedade de todo trabalhador e a terra distribuída a todo camponês.

Distribuição de benefícios entre o empregador (estatal ou privado) e os trabalhadores. O ex-proprietário (privado), além do salário de seu trabalho, receberá uma porcentagem decrescente proporcionalmente ao tamanho do capital. E em um Estado que seguraria os trabalhadores através do ‘fundo de risco’. O

estabelecimento de armazéns de alimentos e roupas para trabalhadores e funcionários que, organizados em sindicatos nacionais, terão representantes nos comitês administrativos de várias instituições industriais, agrícolas e comerciais.

E em um grande e poderoso 'pai dos trabalhadores' e rei dos camponeses, 'Ferdinand I[21]', que pela felicidade da Romênia tudo sacrificou e que pela nossa salvação tornou-se um com o povo. Quem liderou as tropas de Mărăşti e Mărăşeşti venceu e que novamente com amor e confiança olha para os soldados que lhe são leais e que encontrarão no quartel uma verdadeira escola da nação, que poderão terminar em um ano.

Em um tricolor cercado pelos raios do socialismo nacional-cristão, um símbolo de harmonia entre os irmãos e irmãs da Grande Romênia.

Numa Igreja Cristã Sagrada com sacerdotes vivendo do Evangelho e pelo Evangelho, e que, como os apóstolos, se sacrificariam pela iluminação de muitos.

Reconheço a eleição dos ministros pela Câmara, a abolição do Senado, a organização da polícia rural, um imposto progressivo sobre a renda, as escolas de agricultura e artesanato nas aldeias, os 'círculos' para donas de casa e adultos, lares para inválidos e idosos, lares nacionais, a determinação da paternidade, levando efetivamente o conhecimento das leis a todos, o incentivo à iniciativa privada no interesse da Nação e o desenvolvimento da indústria doméstica camponesa.

Aguardo a ressurreição da consciência nacional mesmo no mais humilde pastor e a descida dos educados no meio dos cansados, para fortalecer e ajudá-los na verdadeira irmandade, a fundação da Romênia de amanhã. Amém!

“Guarda Nacional da Consciência”

[21] N.T. Ferdinand Viktor Albert Meinrad.

Jornal “Conştiinţa”, segunda-feira, 9 de fevereiro de 1920.

Então começamos a organizar sindicatos nacionais.

O documento a seguir mostra como um de nossos sindicatos foi formado. Publico-o para enfatizar a consciência dos trabalhadores da Iaşi na época:

“Proces-verbal[22]

Os comerciantes, trabalhadores e funcionários abaixo assinados da Fábrica de Tabaco A.S.M., reuniram-se na segunda-feira, 2 de fevereiro de 1920, nas instalações da 'Guarda da Consciência Nacional' Str. V. Alecsandri No. 3, sob a presidência do Sr. C. Pancu, presidente ativo da Guarda, em face das tendências criminais de indivíduos que servem interesses diferentes dos de sua Nação e da propaganda que fazem, a fim de atingir o bem-estar dessa instituição e na própria existência daqueles que trabalham a vida toda por um pedaço de pão, que também é o único alimento para nós e nossos filhos, nós trabalhadores romenos honestos e cumpridores da lei que entendem estar sob a bandeira do nosso país e que entendem seguir o caminho que os interesses ditam supremo de sua Nação, pelo bom funcionamento desta instituição, para cessar a propaganda do inimigo entre nossas fileiras, decidimos formar uma união profissional nacional, pela qual elegemos o comitê a seguir e um delegado da 'Guarda da Consciência Nacional'”.

Seguem 183 assinaturas.

“Conştiinţa”, 9 de fevereiro de 1920. Número 17 e 18.

UMA IMAGEM FIEL DA SITUAÇÃO EM 1919

[22] N.T. É um termo latino legal com uma série de significados. Em português é “Atas”.

Tento relatar o momento de 1919-20, pegando dos jornais e manifestando o que acredito ser significativo.

O primeiro manifesto lançado por Constantin Pancu em Iaşi em agosto de 1919, publicado em todos os muros de Iasi, em um momento de desorientação geral, é o sinal de luta pelos trabalhadores romenos de Iasi:

“APELO AOS COMERCIANTES, TRABALHADORES, SOLDADOS E CAMPONESES ROMENOS

Irmãos,

depois de anos de horríveis batalhas, o mundo celebra a paz entre os homens; líderes sábios de todos os países civilizados estão se esforçando para acabar com a guerra, estabelecendo uma lei para garantir uma existência pacífica no futuro.

Mas eis que, do Oriente, há vozes de ódio que veem da ânsia de nossos inimigos em nos separar, por meio da discórdia e mal-entendidos entre nós. Da Rússia, dominados pela escuridão dos ensinamentos errados, somos instados a lutar e disparar e a matar nossos irmãos de sangue semelhante.

Da Hungria, que chora por sua antiga grandeza, os mesmos apelos estão sendo ouvidos. Os inimigos do Oriente se uniram aos do Ocidente para perturbar nossa paz, para que pudessem nos esmagar.

Os estrangeiros além de nossas fronteiras estão tentando passar o copo com veneno entre nós, através dos estrangeiros que vivem no seio de nosso país. Eles se atrevem a afirmar que nos incitam em nome da paz, em nome da justiça e da liberdade, em nome dos trabalhadores. A palavra deles é mentira, a exortação é um veneno mortal, pois:

Eles dizem que querem a paz, mas apenas a destroem matando os mais dignos.

Eles exigem liberdade, mas com ameaças de morte, forçam o mundo a se submeterem a eles.

Eles desejam fraternidade, mas semeiam o ódio, injustiça e desespero entre os povos.

Ainda mais: eles dizem que querem a abolição do capital adquirido através do suor da testa.

Eles nos dizem que não querem guerra, mas eles fazem guerra.

Eles exigem que o exército seja abolido, mas eles se armam. Eles nos exortam a descartar a bandeira tricolor, enquanto em seu lugar eles querem levantar a bandeira vermelha do ódio. Não acredite nos manifestos e em suas exortações, assim como você não acreditou nos manifestos inimigos ao lutar em Oituz, Mărăşti e Mărăşeşti.

O dever de qualquer bom romeno é garantir que, no futuro, a semente do mal-entendido, que eles estão tentando lançar entre nós, não crie raízes.

Conclua a obra iniciada com seu trabalho e sua honra. Seus inimigos são: a indolência, o ódio e a desonra que dominam o exterior e nos ameaçam também.

Cuidado! Mantenha sua alma limpa, lembre-se de que nossa salvação é trabalho, união e honra.

Irmãos soldados,

Com fé em Deus você derrotou o poder do inimigo. Com suas armas, você esculpiu por toda a eternidade as fronteiras do país.

Com o seu sangue você aperfeiçoou e selou seus sacrifícios.

É por isso que você não deve permitir que mãos estrangeiras e más estraguem o que você fez. Mantenha o amor pelo país e fé

em seu rei ainda mais. Você jurou que defenderia com a última gota de sangue as fronteiras da Pátria. Proteja-as contra as más intenções de seus inimigos, assim como nossos pais e ancestrais fizeram.

Irmãos camponeses,

o Deus de nossos pais se entristeceu com nossos sofrimentos e nos deu um ano enriquecido como raramente visto. Seja grato pelo bom Deus através de seu trabalho e fé. Renove sua força de trabalho, colha os frutos da terra com cuidado[23]. Tenha certeza de que a terra do Tisza, do Danúbio e do Mar Negro, foi inteiramente conquistada por você.

Mantenha-a em sacralidade, defenda suas riquezas através do seu trabalho e do seu amor.

Irmãos romenos,

é em você que estão as esperanças e a força deste país. Você também é a felicidade de amanhã. Não recolhes maldições, mas bênçãos.

Os inimigos nos atacam em Dniester e em Tisza. Eles estão tentando perturbar a paz dentro do país.

Nossa salvação está no trabalho, honra, amor ao país e fé em Deus.

Tenha cuidado, clame pelo o caminho justo e também por aqueles que se perderam e cruzaram com aqueles sem povo e sem fé. Reúnam-se ao redor do trono e junte-se à sombra da bandeira tricolor, vigiem a paz do país.

---

[23] N.T. Na tradução em inglês sé dito "com assiduidade". Original: *"Înnoiţi-vă puterile de muncă, strângeţi cu sârguinţă roadele pământului."*

Diga aos estrangeiros e amantes de estrangeiros que estão tentando nos perturbar que uma guarda nacional se formou ao nosso redor e lutará contra aqueles que querem semear discórdia entre nós.

Os romenos em toda parte, trabalhadores, artesãos, soldados e camponeses, são dignos de nossos ancestrais e do chamado desses tempos em que vivemos.

(ss) O círculo romeno de comerciantes, o Sindicato de Tração Ferroviária C.F.R., o Sindicato Profissional C.F.R., a Sociedade dos Inválidos de Guerra, a Guilda dos Ferreiros, etc.”

“Conştiinţa” Ano I. N° 1, agosto de 1919.

OS LÍDERES DOS TRABALHADORES ROMENOS

Os líderes dos trabalhadores comunistas romenos não eram romenos nem trabalhadores.

Em Iaşi: Dr. Ghelerter, judeu; Gheler, judeu; Spiegler, judeu; Schreiber, judeu; etc.

Em Bucareste: Ilie Moscovici, judeu; Pauker, judeu; etc. Ao redor deles, vários trabalhadores romenos perdidos.

No caso do sucesso da revolução, o presidente da república, que usurparia o lugar do grande rei Fernand, seria Ilie Moscovici.

No parlamento da Grande Romênia em 1919, enquanto todos os deputados e senadores de todas as terras romenas reunidos, assustados com o grande ato da União, se levantaram e aplaudiram o Grande Rei, o rei unificador, este Sr. Ilie Moscovici se recusou a levantar-se, ostensivamente sentado.

A ATITUDE DA IMPRENSA JUDAICA

É necessário enfatizar a atitude da imprensa judaica naqueles tempos de grande perigo para o povo romeno. Sempre que a nação romena era ameaçada de sua existência, essa imprensa apoiava as teses que mais adequavam aos nossos inimigos.

Como de fato, após os eventos, pode-se ver facilmente que as mesmas teses se opunham obstinadamente sempre que favoreciam um movimento de renascimento romeno.

Nossas preocupações eram dias alegres para eles, e nossas alegrias eram dias de luto.

LIBERDADE

A liberdade, hoje tão negada ao movimento nacional, era na época considerada dogma, porque servia à causa de nossa destruição.

Aqui está o que o "Adevărul" escreveu em 28 de dezembro de 1919, sob a assinatura de Emil D. Fagure (Honigmann):

"...Dado o direito de manifestar livremente ao partido socialista, não se pode reivindicar que um privilégio seja concedido a esse partido. Qualquer que seja o partido que queira manifestar, esse direito deve ser rejeitado...[24]"

[24] N.T. Tanto a versão original em romeno quanto a tradução em inglês me deixaram confuso. Fiz o melhor que pude nessa tradução, mas não garanto que está totalmente correta. Original: *"...Acordându-se dreptul de liberă manifestare partidului socialist, nu se poate susţine că se acordă un privilegiu acestui partid. Oricare ar fi partidul care ar voi să manifesteze, va trebui să se respecte acestdrept..."*

ÓDIO

No mesmo artigo, podemos ler:

“O ódio deve ser para sempre o guia contra o partido dos assassinos que governou, liderado por Ion Brătianu.”

O ódio judaico contra os romenos é abençoado. É sustentado; é invocado. Não é crime. Não é uma vergonha medieval.

Mas quando os romenos defendem seus direitos violados, sua ação é rotulada como ódio e ódio se torna um sinal de barbarismo, um sentimento deprimente de que nada pode ser construído.

ORDEM LEGAL
("ADEVĂRUL", 5 DE OUTUBRO DE 1919)

“Acabou! Pelo <<alto>> decreto, durante o período eleitoral, um novo regime é instituído, de maneira muito mais severa do que antes, no estado de sítio e censura, a oposição e todo o país são excluídos da lei.

É simplesmente o regime da ditadura militar em que apenas a coroa é onipotente. A coroa e o partido liberal, e como executor dessas duas vontades, você tem o governo dos generais........ assim, o decreto-lei nos proíbe de atacar a coroa. Se for considerado um ataque dizer a verdade, ou seja, que a coroa assumiu o pesado fardo de governar o país com o partido liberal, ainda assim, devemos fazer esse ataque.

O decreto nos proíbe de atacar a forma atual de governo, se assim for entendido que não temos o direito de protestar com veemência

total contra o atual governo, que é o resultado da vontade inconstitucional de duas pessoas, protestaremos...

Se não houver outro caminho contra esse estado de negócios, se soubéssemos que a incitação à revolta ou contra a chamada ordem jurídica teria algum efeito – infelizmente não é esse o caso - não hesitaríamos em um único momento fazer isso, porque não há outro meio de combater um regime ditatorial e terrorista[25].

... Consideramo-nos diante de um bando armado que se coloca acima da lei e usa força brutal...

No entanto, ergueremos esta bandeira e, quando cairmos, ainda gritaremos: “Abaixa a tirania! Viva a liberdade!”.

Está é a imprensa judaica de 1919.

Em outras palavras: incitamento à revolta contra a Coroa, contra a forma de governo e a ordem legal.

INCITAÇÃO À REVOLTA (“ADEVĂRUL”, DE 11 DE OUTUBRO DE 1919)

“Os loucos! Onde estão os loucos?”

Como dissemos, temos muitos homens bem-comportados e nenhum louco. Ou, loucos é o que precisamos. Os de 1848 eram loucos e desarraigaram o regime dos boiardos da época...

Nós precisamos de loucos. Com homens bem-comportados que não cortam os cabelos desde os 14 anos e, ainda não decidem[26], não há nada a fazer. Precisamos de pelo menos um louco, se não mais deles. O que esse louco vai fazer, como eu sei?

... Um louco é necessário. Deixe os loucos virem.

[25] N.T. Fala do Primeiro Ministro da Romênia durante a Primeira Guerra Mundial.

[26] N.T. Precisa de revisão. Original: *“Cu oameni cuminţi care despică un păr în 14 şi tot nu se hotărăsc, nu este nimic de făcut.”*

Até os socialistas se comportam bem. Eles realmente têm uma festa e pessoas que não devem ter medo de ninguém. Eu vejo que eles não têm medo. Mas eles são bem-comportados. Como eu. Nădejde antigamente, eles estão de olho no status legal[27]. Os que estão no poder civil e militar querem eliminá-los. Um esforço inútil. Sua tática é o status legal. Mesmo quando são fuzilados como em 13 de dezembro de 1918, quando são espancados, quando Frimu é abatido na sepultura por seus capangas, os socialistas protestam com o direito, com grande dignidade, mas não se desviam da lei.

De qualquer forma, precisamos de loucos.

Que os loucos iniciem a ação ilegal, ou contra a lei, contra a situação atual.

A COROA

A coroa sempre foi um patrimônio precioso para os romenos. Sendo a garantia de nossa unidade e resistência diante de qualquer perigo, os judeus não nunca hesitaram em atacá-la, insulta-la e compromete-la por qualquer meio.

Aqui está, por exemplo, como "Dimineaţa", de 16 de novembro de 1919, trata o rei Ferdinand:

"Por causa de um erro.

Um animal precisa de preocupações limitadas, mas sua mente é suficiente para satisfaze-las. Raramente, muito raramente, o animal está errado. E assim, sua inteligência, por menor que seja, o impede de cair em erros graves.

Não é assim com o rei. Eu quero falar do rei da criação.

[27] N.T. Precisa de uma séria revisão. Original: *"Ca şi altădată, I. Nădejde, se ţin grăpiş de starea legală."*

O rei da criação é muito mais inteligente que um cachorro, um cavalo, um asno. Isso é certo. Mas, embora nenhum desses três animais saia da beira de um precipício, eles não se jogariam nas ondas da água para se afogar ou tentar um movimento prejudicial, o rei da criação comete erros diários imperdoáveis.

……….

A sabedoria exige que o rei não se deixe prender nas mãos de um único homem ou grupo.

Com todo o respeito, sou obrigado a dizer a Vossa Majestade que ele errou. A situação que é tão incerta é obra de Vossa Majestade. Porque Vossa Majestade, cedendo a algumas obsessões culpadas e interessadas, fugiu das soluções naturais que a situação interna exigia.

Se ainda hoje a coroa não decide adotar caminhos naturais separados dos interesses futuros, a natureza exigirá seus direitos com uma determinação ainda maior.

Que o rei da criação seja aconselhado.”

A IGREJA CRISTÃ
(“OPINIA” DE 10 DE AGOSTO DE 1919)

“Os nacionalistas de Iaşi estão começando a se agitar: no entanto, são muito poucos e são muito desonestos, e é por isso que a agitação que outrora era revoltante hoje é simplesmente ridícula.

Os nacionalistas formaram uma Guarda Nacional de Consciência. Manifestos foram emitidos. Reuniões foram realizadas... Estudantes chauvinistas também foram chamados. Os padres costumeiros também vieram... Numa época em que todo lugar, fora das leis mais despóticas, as diferenças entre nacionalidades estão sendo apagadas, em nossos país, os nacionalistas, querem acentuar essas diferenças... e isso especialmente quando a

conferência da paz deseja nos impor por tratado o controle das minorias...

Quando em todos os lugares a Igreja se separa do Estado, permanecendo um negócio particular de cada um, em nosso país os nacionalistas clamam ao clero pela propaganda religiosa organizada e com caráter de princípios...

Então o padre intervém: ele gentilmente agarra o povo pelos cabelos de suas cabeças e bate suas testas contra as pedras da igreja até que estejam atordoadas. É na igreja que as pessoas aprendem humildade e resignação. Essa é a vontade de Deus.

Mentiras não enganam mais ninguém. Em vão, os nacionalistas usam suas listras tricolores nas mangas, em vão incitam os plebeus intelectuais contra os judeus, em vão fazem com que os padres nos anatequem[28] nas igrejas. Hoje ninguém teme as desgraças de Deus.

... Pregamos amor entre as pessoas. E chutamos a porta dos templos que abrigam ódio e vingança."

Assinado: M. Sevastos

A PROCISSÃO
("OPINIA" DE 26 DE OUTUBRO DE 1919)

"A pedido da 'Guarda da Consciência Nacional', o honorável clero colocou à disposição dos manifestantes suas barbas, vestimentas e os antepassados[29]...

Mas o luxo de ter um Deus à disposição com toda uma equipe deve ser pago. Preferimos que de nossos impostos um professor

---

[28] N.T. Fazer um anátema.

[29] N.T. Precisa de revisão. Original *"„La apelul „Gărzii Conştiinţei Naţionale", onoratul cler şi-a pus la dispoziţia manifestanţilor bărbile, odăjdiile şi praporii..."*

seja contratado, não um padre. Queremos, portanto, a separação da Igreja do Estado. Porque não admitimos encorajar - através de nossa contribuição forçada - o obscurantismo, a renúncia e o espírito de resignação que mantêm os regimes policiais...

De volta à Idade Média? Para a Inquisição? Estamos exasperados com o terror em jaqueta e em túnica, não podemos mais suportar o terror do hábito religioso... Com dor, assistimos às manifestações nas ruas motivadas por intrigas políticas e militares - e não queremos mais assistir desfiles de mitra[30] e de lenços de pescoço vermelhos...

Chega.

As cúpulas das igrejas pesam sobre os ombros da humanidade - as prostrações as arrastam para o chão.

Esta procissão será insípida. Ver-se-ão nas ruas vestimentas de museus, esguichos de brilhantes, mitra... Cruzes serão vistas e estolas.

As barbas vão passar. Oradores com gestos contorcidos desnudam o peito, mostrando à multidão suas costas sangrentas - chuparão esponja com vinagre..."

Assinado: M. Sevastos

***

Está claro. Daqui até atacar oficiais e arrancar suas listras é apenas um passo. E ainda há apenas um passo até a demolição das igrejas com picaretas ou transforma-las em estábulos ou locais de

[30] N.T. Insígnia pontifical utilizada pelos prelados da Igreja Católica, da Igreja Ortodoxa e da Igreja Anglicana.

festas sádicas para os pequenos repórteres judeus da “Opinia”, “Adevărul”, “Dimineaţa” e seu povo.

Vi nas colunas desses jornais, em uma época grandes dificuldades romenas, todo o ódio e a trama de uma raça inimiga, sentados e tolerados aqui pela misericórdia e somente pela misericórdia dos romenos. Vi como eles ostentavam sua falta de respeito pela glória do exército romeno e pelas centenas de milhares de mortos em seu uniforme sagrado; sua falta de respeito pela fé cristã de um povo inteiro.

Nenhum dia passou sem que veneno fosse derramado em nossos corações em cada página.

Ao ler os jornais que destroçaram minha alma, conheci os verdadeiros sentimentos desses estrangeiros, que eles revelaram sem qualquer restrição, numa época que pensavam que tínhamos sido derrubados.

Aprendi anti-semitismo suficiente em um ano para durar três vidas. Pois você não pode atingir as crenças sagradas de um povo, ou o que seu coração ama e respeita, sem machucá-lo até as profundezas e sem ferir a ferida. Dezessete anos se passaram desde então e a ferida ainda está sangrando.

***

Permitam-me mais uma vez cumprir um dever sagrado, lembrando aqui esse herói, um atleta de obras cristãs, o artesão Constantin Pancu, sob cujo comando eu estava e com quem fiquei até a “Besta Vermelha”, como ele chamava, ser derrotada.

É a este homem - por sua coragem e firmeza - que é devido a salvação da cidade de Iaşi da destruição.

Sete anos depois, esse gigante, enfraquecido pelo sofrimento e pela pobreza, andou pelas ruas de Iaşi como como uma sombra, pedindo ajuda para o tratamento de uma doença cardíaca.

Ele morreu doente e pobre, esquecido e desamparado, no meio de um país que não se importava e em uma cidade que ele defendeu com o peito, durante as horas mais difíceis.

O PRIMEIRO CONGRESSO DE ESTUDANTES APÓS A GUERRA EM CLUJ, 4, 5, 6 DE SETEMBRO DE 1920

Este congresso foi realizado no salão do Teatro Nacional de Cluj, em uma atmosfera de grande entusiasmo, como resultado da unificação do povo romeno pela força de armas e seu sacrifício. Este foi o primeiro encontro dos jovens intelectuais de um povo agitado nos quatro ventos do destino e do infortúnio. Dois mil anos de injustiça e sofrimento estavam chegando ao fim.

Quanto entusiasmo, quantas emoções sagradas, quantas lágrimas todos nós não derramamos!

Mas por maior que tenha sido o nosso entusiasmo pelo presente, que tomou conta de nossos corações fosse a Vossa Majestade, da mesma forma foi grande a nossa desorientação em relação a qual linha seguir no futuro. Foi a partir dessa desorientação que o poder judaico buscou tirar vantagem. Ela sugeriu e, finalmente, estava exercendo pressão sobre os ministérios, através da Maçonaria e dos políticos, para colocar na agenda do congresso a admissão de estudantes judeus nas associações estudantis.

Em outras palavras, estavam tentando transformar algumas associações romenas em associações mistas romeno-judaicas. O perigo era sério: por um lado, o bolchevismo batendo à porta, por outro, a probabilidade de sermos vencidos numericamente por vários elementos judeo-comunistas em nossos próprios centros. Em pelo menos dois deles, Iaşi e Cernăuţi, a situação foi trágica.

Apesar disso, os líderes do congresso, Lăbuşcă, presidente da associação de estudantes de Iaşi, com todo o seu comitê, Nazarie, presidente de Bucareste, com todo o seu comitê e com todas as associações, Puşcaşu, presidente de Cluj, foram vencidos por essa idéia. Os jovens estudantes são influenciados com muita facilidade, principalmente quando não têm fé. Eles se deixam

enganar não tanto pelas vantagens materiais imediatas que podem ser oferecidas, mas principalmente pelas lisonjas e pela perspectiva de um grande futuro que lhes são prometidos.

Mas o jovem deve saber que, em qualquer posição em que estiver, ele é um sentinela a serviço do povo e que se permitir ser comprado, lisonjeado, seduzido, significa um abandono de dever, e pode até levar à deserção ou traição.

Nosso pequeno grupo não-oficial de Iaşi, inabalável em nossa determinação, juntamente com o grupo dos bucovinanos, lutou bravamente por dois dias. E finalmente vencemos. O congresso aprovou a moção que propus, por votação normativa, em oposição à moção apoiada por toda a liderança estudantil. Acho que o congresso votou, portanto, não tanto por convicção, mas por admiração a determinação e desespero com que nossa luta foi conduzida.

Os estudantes Cernău, que não excederam os 60 em número, tiveram um desempenho admirável. Nosso pequeno grupo de Iaşianos também não excedeu 20. Se somarmos outros 20, o grupo Ciochina, também de Iasi, a luta de dois dias foi de 100 contra 5 mil.

Nossa vitória desde então tem sido decisiva. Os centros estudantis, se nosso ponto de vista caísse, teriam perdido o caráter romeno e, em contato com os judeus, teriam iniciado o caminho do bolchevismo. Os estudantes romenos estavam em grande encruzilhada.

E, mais tarde, em 1922, não teríamos tido um surto de um movimento estudantil romeno, mas talvez um surto da revolução comunista.

A ABERTURA DA UNIVERSIDADE DE IAŞI NO OUTONO DE 1920

Nos outros centros universitários, silêncio. Somente o nosso em Iaşi foi condenado à guerra.

Pela primeira vez na história da Universidade de Iaşi, o Senado da Universidade anunciou a abertura do ano acadêmico sem padres e sem o serviço religioso habitual. Para entender nossa tristeza, é preciso saber que essa solenidade foi, ininterruptamente, por meio século, a festa mais bonita da universidade. Esta ocasião abrangeu: todo o senado universitário, todos os professores, todos os estudantes e os novos inscritos; a elite intelectual de Iaşi estava presente. O culto sempre foi celebrado no auditório pelo Metropolita da Moldávia ou seu vigário, abençoando o início do trabalho para a cultura do povo romeno. Mas agora nossa universidade estava deixando de lado, por um gesto do senado universitário, essa joia de sua tradição semi-secular.

Mais grave: a Universidade de nossa cristã Iaşi, a mais alta instituição de ensino romeno, proclamou nesses tempos difíceis, a luta contra Deus, a expulsão de Deus da escola, das instituições e do país.

Os professores da Universidade de Iaşi, com exceção 4-5 conhecidos, saudaram com grande satisfação a decisão pagã do Senado como um passo adiante que tiraria a "ciência romena" do "barbarismo" e dos "preconceitos medievais". Os estudantes comunistas se regozijaram, os judeus triunfavam, enquanto alguns de nós nos perguntávamos com dor: quanto tempo leva até as igrejas serem derrubadas e os padres nos santuários crucificados em altares?

Um número de cerca de oito de nós, estudantes nacionalistas, que estavam em Iaşi, bateram em vão às portas de muitos professores,

tentando convencê-los a rescindir a medida tomada pelo senado. Nossas intervenções repetidas não produziram nenhum resultado.

E então, às vésperas, decidimos uma coisa séria: opor-nos à abertura da universidade.

Todos dormimos na rua Suhupan no. 4, a sede da nossa ação, para permanecermos agrupados. Às 6 da manhã, Vladimir Frimu e eu fomos para a universidade, os outros deveriam seguir atrás de nós. Fechamos e barricamos a porta dos fundos da universidade, deixando Frimu lá para guardá-la.

Fiz um cartaz a lápis vermelho, que colei na grande porta da entrada: "Informo os alunos e professores que esta universidade só será aberta após o serviço religioso tradicional".

O resto dos camaradas chegou tarde, tarde demais.

A partir das 8 horas os alunos começaram a chegar. Resisti sozinho na porta até as 9:30, quando mais de 300 estudantes se reuniram em frente à universidade.

Quando o professor Müller de matemática quis entrar, eu disse a ele: "Quando você entrou na universidade, jurou na cruz. Por que se levantar contra a cruz? Você é um perjurador, porque jurou algo em que nunca acreditou e agora quebra esse juramento."

Então os estudantes, mais de 300, liderados por Marin, o líder dos comunistas, com Hriţcu, com Ionescu de Botoşani, correram pra cima de mim, me levantaram, abriram a porta da universidade, me levaram ao saguão acertando-me com paus e punhos na cabeça. Nenhuma defesa e nenhuma resposta foram possíveis, porque eu estava preso no meio e empurrado por todos os lados, recebendo golpes de todos os lugares.

Finalmente eu fui deixado sozinho. Quando me sentei em um canto e pensei sobre o infortúnio da minha derrota, os seis chegaram. No entanto, a vitória do inimigo não durou muito pois, depois de um tempo, a secretária da universidade desceu da reitoria e publicou o seguinte aviso: "Chamamos a atenção de

todos que a reitoria decidiu que a universidade permanecerá fechada até quarta-feira, quando será aberta com o serviço religioso". Foi um grande triunfo que recebi com alegria inigualável.

Na manhã de quarta-feira, dois dias depois, no salão lotado pela população da cidade, o serviço religioso foi realizado. Todo mundo me parabenizou. O professor A. C. Cuza falou com eloquência insuperável.

Foi nesse momento que a crença tomou conta de mim, e nunca me abandonou, que quem luta, mesmo sozinho, por Deus e por sua nação, nunca será derrotado.

***

Na opinião pública de Iaşi, essas lutas, especialmente as do Regie e das Oficinas, e agora a da Universidade, tiveram forte repercussão. O inimigo começou a perceber que o bolchevismo não podia avançar sem obstáculos sérios, mesmo quando é apoiado por quase todos os professores universitários, toda a imprensa, todo os judeus, a grande maioria dos trabalhadores, enquanto, do outro lado, há apenas um grupo mínimo de jovens que se opõem a essas enormes ondas, armados apenas com sua grande fé no futuro de seu país. Esses jovens apresentaram a resistência de suas vontades comparável a algumas pedras irregulares no chão, sobre as quais se pode ver facilmente, mas não só você não pode andar com segurança, mas nem se pensaria em tentar[31].

Os inimigos estavam com medo, não de nós, mas da nossa determinação.

---

[31] N.T. Precisa de revisão. Original: *"Tinerii aceştia prezentau rezistenţa unor voinţe înfipte în pământ ca nişte stânci peste care lumea uşor putea vedea, nu numai că nu se poate păşi fără pericol, dar că nu se poate păşi niciodată."*

A parte sensata da população, o cristão e o romeno Iaşi, nos encorajou e nos seguiu com simpatia.

ANO UNIVERSITÁRIO 1920-1921

Iniciado nas condições mostradas acima, este ano foi uma série ininterrupta de lutas e confrontos. Nós, os estudantes que lutamos, nos organizamos em torno da associação estudantil “Stefan Vodă”, cujo presidente eu era. A partir daqui, atacamos nossos oponentes, derrotando-os um por um.

Desprezando a cultura romena, eles desprezavam a universidade e tudo o que tínhamos neste país, com pretensões de ser sábios e conselheiros, como alguns homens que chegavam de um grande país nesse solo romeno pecaminoso e atrasado.

Eles podem ter razão em alguns aspectos, mas logo um grande senso comum romeno secular surgiria em nosso pequeno país, que eles, em seu grande império lá fora do Dniester, provaram nunca ter ocorrido.

Na universidade, as reuniões se tornaram impossíveis. Nenhuma decisão pôde ser tomada. A grande maioria dos estudantes era formada por comunistas e seus simpatizantes. Mas eles não podiam dar um passo à frente porque nosso grupo, que nunca passou dos 40, estava sempre presente. Atacamos e não permitimos mais a disseminação de idéias e práticas comunistas.

A greve geral tentada na Universidade de Iaşi, por ocasião da prisão do estudante comunista Spiegler, falhou após um dia, porque nosso grupo ocupava a cantina e proibindo os grevistas de se juntar à mesa, com base no princípio: “Quem não trabalha, não come”. Todas as intervenções do reitor e dos professores para nos convencer de que esses alunos deveriam ter permissão para se juntar à mesa foram inúteis.

***

Pouco tempo depois, nosso grupo conquistou outra vitória: a mudança do uniforme.

Os estudantes comunistas usavam bonés russos. Não porque eles não tinham mais nenhum, mas ostensivamente, para afirmar o bolchevismo. Por ocasião de um conflito na universidade, esses bonés foram tirados e queimados na Praça Unirii. Então, todos os dias, na universidade, nas ruas, pelas instalações, a caça começou. Todas os bonés foram queimados. Depois de uma semana, eles desapareceram completamente e para sempre.

***

Nosso grupo foi ainda mais longe. Ele brigou com a imprensa judeo-comunista. Mas não tínhamos impressora para espalhar nossa palavra. Após vários artigos desrespeitosos dirigidos ao rei, ao Exército e à Igreja, nosso grupo, ficando sem paciência, invadiu os escritórios e instalações do jornal "Lumea", liderado pelo judeu Hefter e "Opinia", e destruiu as prensas que espalham veneno e insulto.

Nós provocamos distúrbios, sem dúvida, mas esses distúrbios parariam a grande desordem, a desordem irreparável que os mercenários da revolução comunista estavam preparando para o nosso país.

***

Mas tudo isso me colocou como o principal objetivo de sua vingança. A imprensa judaica nos atacou. Eu respondi violentamente.

Encontrando um dia na rua os editores da “Opinia”, depois de uma troca de palavras, depois que eu exigi que eles explicassem seus insultos, nós brigamos. Meus oponentes foram espancados profundamente.

No dia seguinte, no entanto, todos os jornais de Iaşi me confrontaram: “Opinia”, “Lumea”, “Mişcarea”.

EXPULSO DA UNIVERSIDADE DE IASI PARA SEMPRE

As coisas não param por aí. Imediatamente o senado da universidade interveio, tomou conhecimento[32] e, sem me ouvir, me expulsou para sempre da Universidade de Iaşi.

Finalmente, tanto a Universidade quanto a cidade de Iaşi se livrariam do perturbador da ordem pública, que por dois anos arruinou a paz dos judeo-comunistas e se opôs a todos os seus esforços para desencadear a revolução pelo destronamento do nosso rei, a queima de igrejas, o fuzilamento de policiais e o massacre de centenas de milhares de romenos.

Os homens de ordem e legalidade eram, para o senado universitário, os comunistas. Eu era o causador de problemas[33] dessa ordem.

O CONSELHO DE DIREITO DA FACULDADE

Mas seus planos falharam. Porque um evento verdadeiramente único ocorreu nos cursos comuns de nossa vida universitária. O Conselho da Faculdade de Direito foi notificada da expulsão pronunciada pelo senado e, liderada pelos professores Cuza, seu

[32] N.T. Essa parte precisa ser revisada. Original: *“Lucrurile nu se opresc aici. Imediat intervine senatul universitar, se întruneşte şi, fără a mă audia, mă elimină pentru totdeauna din Universitatea ieşeană.”*
[33] N.T. Precisa de revisão. Original: *“Oamenii ordinii şi legalităţii sunt, pentru senatul universitar, comuniştii. Eu, sunt tulburătorul acestei ordini.”*

reitor, Matei Cantacuzino e Dimitrie Alexandrescu, se opôs a essa ordem de expulsão.

As tentativas do conselho de moderar a fúria do senado universitário fracassam. O Senado não renunciou a sentença.

Então a Faculdade de Direito retira seu representante do Senado, não obedece sua decisão e se declara independente[34].

Fui informado pela faculdade que eu poderia continuar a participar dos cursos, porque o conselho dos professores recusou-se a reconhecer a decisão do senado da universidade.

Assim, eu permaneci como estudante da Universidade de Iaşi.

Como resultado desse incidente, por três anos, o conselho da faculdade de direito não enviou mais um representante ao senado. Este conflito durou anos, mesmo depois que eu saí da universidade.

Mais tarde, quando me formei, a reitoria se recusou a emitir meu diploma. E até hoje eles não o emitiram. Para me registar no bar e continuar meus estudos no exterior, fiz uso do certificado que me foi emitido pela Faculdade de Direito.

---

[34] N.T. A frase inteira precisa de revisão. Original: *"Atunci Facultatea de Drept îşi retrage reprezentantul din senat, nu se supune hotărârii acesteia şi se declară independentă."*

ANO UNIVERSITÁRIO 1921-1922

O novo ano acadêmico foi aberto em condições normais. Com serviço religioso. Mais uma vez, a universidade e a cidade de Iaşi estavam comemorando.

Em Bucareste, este grande evento passou quase despercebido. Lá, a multidão de estudantes, a massa estudantil se perde na multidão de centenas de milhares de pessoas, no barulho, nas luzes, nos muitos interesses conflitantes. Em Iaşi, quando os estudantes partem, há uma melancolia geral, como quando os grous e os pássaros partem no outono; quando os estudantes chegam, a juventude chega, a vida vem. É feriado. Em Bucareste, o estudante se sente sozinho no meio de um mundo imenso que não o vê, não o aprecia, não o admoesta, não se importa com ele, não o ama.

A educação do estudante em Iaşi é incomparável, porque ele se desenvolve como uma criança sob o amor de sua mãe, no abrigo do amor dos romenos. Aqui a nação cresce seus estudantes. Eu próprio devo a Iaşi uma parte significativa da gratidão por tudo o que pude fazer. Sempre senti a preocupação que esse espírito de Iaşi tinha por mim, senti o raio de seu amor, senti sua advertência, encorajamento, exortação, seu chamado à luta.

Eles estão nos seguindo - os estudantes de Iaşi - mesmo agora, e nos seguirão até o fim de nossas vidas, como um lembrete sempre presente dos desejos e do amor de minha mãe.

De todas as gerações de estudantes que se passaram por Iaşi, quantas não foram estimuladas a vida inteira pelo chamado de Iaşi para lutar! Quantos não seguiram até a sepultura, quantos ainda hoje não são assombrados por suas censuras!

***

Desde o início do ano, observou-se que o judeo-comunismo estava recuado, desorientado, e o moral quase perdido. Nenhuma tentativa de resistência.

A nova onda de estudantes, recém-matriculados, já tinha ouvido falar de nossas lutas e esperavam há muito tempo para vir para o nosso lado. Quando chegaram aqui, se juntaram às fileiras.

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES DE DIREITOS

Naquele outono, fui eleito presidente da Associação dos Estudantes de Direito. O senado da universidade não queria me validar com o pretexto de que fui expulso da universidade. Eu me validei.

Nossa Associação dos Estudantes de Direito, como todas as outras associações de outras faculdades, tinha como objetivo a atividade científica de concluir e aprofundar os estudos em seu respectivo campo.

Por exemplo, sob a presidência de Nelu Ionescu, dois anos antes de mim, a Associação de Estudantes de Direito realizava reuniões quase toda semana. Um estudante lia um livro de direito ou áreas afins, resumiu-o em uma reunião, criticava-o e depois seguia discussões conflitantes.

Eu mantive esse formato geral, mas também adicionei algo novo. Todos esses temas e relatórios só poderiam ser tratados com o objeto de investigar o problema judaico à luz da ciência.

Foram lidos trabalhos sobre esse problema na Romênia e no exterior, sobre o poder judaico internacional, sobre a história desse problema em casa e no exterior. Estávamos estudando os métodos de combate usados contra nós, o espírito e a mentalidade judaicos, e estávamos considerando métodos de luta e defesa.

Após cada exposição, seguiam-se discussões, conclusões e, finalmente, a formulação da verdade estabelecida, para que todos pudessem sair iluminados. Em seguida, nas mesmas reuniões, procuramos realizar:

a. a identificação, a cada passo, desse espírito e mentalidade judaico infiltrados furtivamente no padrão de pensamento e sentimento de parte significativa dos romenos;
b. nossa desintoxicação, ou seja, a eliminação do judaísmo que foi introduzido em nosso pensamento através de livros em escolas, da literatura, através de professores, através de conferências, através do teatro, através do cinema;
c. a compreensão e desmascaramento dos planos judaicos ocultos sob tantas formas. Porque temos partidos políticos, liderados por romenos, através dos quais o judaísmo fala; Jornais romenos, escritos por romenos, através dos quais o judeu fala por seus interesses; Professores romenos, autores romenos, pensando, escrevendo e falando judaico em língua romena.

Começamos a perceber, estudando tudo isso, que, pela primeira vez na história, o povo romeno havia entrado em contato com um povo que usava como armas como armas de combate e destruição, como arma nacional, astúcia e perfídia.

O romeno conheceu apenas a luta honesta. Diante do novo método judaico, ele estava desarmado. Percebemos que tudo se resume a conhecer o inimigo e que, no momento em que nós, os romenos, os encontrarmos, os derrotaremos.

***

Nossas reuniões continuaram regularmente durante todo o ano.

Eles atraíram estudantes de todas as faculdades em números cada vez maior, de modo que a associação geral dos estudantes se

tornou quase inexistente. Todo o corpo discente girava em torno da atividade da Associação de Estudantes de Direito.

O anfiteatro se tornou pequeno demais para a multidão de estudantes que desejavam participar dessas reuniões.

Um número cada vez maior de estudantes da Bessarábia estava participando. Meio ano de atividade nos trouxe um verdadeiro milagre: três quartos dos estudantes cristãos da Bessarábia acordaram, sentiram-se chamados a uma nova vida, tornaram-se iluminados.

Em pouco tempo, eles se tornariam os soldados mais fiéis de nossa luta, alcançando pela fé, devoção, pureza de alma e espírito de sacrifício, à frente do movimento que começou a desmoronar. Este momento de irmandade entre nós, na mesma luz e no pacto de luta por nosso país cristão contra as hordas judaicas enganadoras, nunca será esquecido. Aqueles que lutaram conosco até ontem, agora estavam nos abraçando.

***

As orientações para essas reuniões foram os escritos de nossos gênios nacionais, Bogdan Petriceicu Haşdeu, Vasile Conta, Mihail Eminescu, Vasile Alecsandri etc., e, especialmente, os escritos e palestras do professor Cuza, os escritos do professor Paulescu, as lições nacionais de educação do professor Găvănescul.

Todos os escritos de Cuza foram lidos, não uma vez, mas três ou quatro vezes lidos e estudados. Em especial, seus cursos de economia-política, que tratavam, de maneira brilhante, a questão judaica de sua posição de prestígio, pedindo aos romenos que entendessem esse seu problema mais grave do presente, eram para nós um guia para todos os momentos de nossos esforços para conhecê-lo. Nossa maior boa sorte e, portanto, dos romenos, foi o

professor Cuza, um dos mais brilhantes conhecedores do problema judaico no mundo, foi graças a ele que fomos capazes de nos orientar para qualquer manobra judaica.

Seus cursos, de alto nível acadêmico, foram assistidos por todos os alunos com uma rara atenção. O anfiteatro da Faculdade de Direito sempre se mostrou pequeno demais. Por muito tempo, a Universidade de Iaşi não terá mais um professor cujos sermões de nacionalismo despertarão um interesse semelhante.

***

Durante esse período, para muitos de nós, a vida começou a revelar um propósito único, acima de todos os interesses: o de lutar por nosso povo cuja existência estava ameaçada.

VISITA À UNIVERSIDADE DE CERNĂUŢI

Nas outras universidades, o silêncio prevaleceu. Em Cernăuţi, desde a primavera de 1921, começou a se agitar o tema da romenianização do teatro. Uma luta feroz de vários dias terminou com a vitória dos estudantes. Agora, na primavera de 1922, organizamos com a Sociedade de Estudantes de Direito uma visita dos iasianos a Cernăuţi. Fomos bem recebidos por professores e alunos. Nós, mais de 100 visitantes, durante os três dias em que estivemos lá, nada fizemos além de transmitir aos nossos colegas de Cernăuţi a nova fé que estava firmemente em nossa alma.

Não foi difícil. Porque Cernăuţii, como Iaşi, sofreu ainda mais com a invasão judaica, com suas ruas, com seu comércio, com suas igrejas em ruínas, com suas terras e com seus romenos, sob a dominação judaica. Em suma, havia uma estreita conexão espiritual entre nós, baseada no desejo e no sonho comum de ver

pela primeira vez despertados nosso povo na consciência de sua dignidade, poder e direitos de mestre do seu destino e país. Essa conexão foi então reforçada pela visita que os estudantes de Cernăuţii retribuída a nós um mês depois. Foi agora que eu conheci pela primeira vez Tudose Popescu, aquela figura bonita de um jovem guerreiro, parecido com um *pandur*, que mais tarde foi um dos líderes do movimento estudantil e que hoje dorme em um cemitério pobre, debaixo de uma cruz esquecida.

REVISTA "APĂRAREA NAȚIONALĂ"

Em 1 de abril de 1922, a revista bimensal "Apărarea Naţională[35]" foi publicada sob a orientação dos professores Cuza e N. C. Paulescu. Qualquer um pode imaginar o que a publicação dessa revista significou para nós, no meio de nossos pensamentos e preocupações.

Nela encontramos tudo o que precisávamos para um esclarecimento e argumentos perfeitos. Os artigos dos professores Cuza e Paulescu foram lidos religiosamente por todos os jovens e tiveram em toda parte nos estudantes, tanto em Bucareste quanto Cluj, um grande impacto.

Os dias 1 e 15 do mês foi um triunfo para nós. Os números da revista eram transportes reais de munição pelos quais combatíamos os argumentos da imprensa judaica.

Considero apropriado reproduzir aqui alguns artigos dos professores Cuza e Paulescu que foram publicados na época.

"O espírito divino da verdade defenderá para sempre a humanidade.

[35] N.T. Defesa Nacional.

Em suma, o Talmud - a lei político-religiosa dos judeus - em vez de combater, como os Evangelhos, as paixões de propriedade e dominação, ele impõe esses vícios para um clímax inacreditável, a fim de realizar o sonho de Judá de ser, ao mesmo tempo, o dono de toda a terra e o mestre de toda a humanidade.

Mas, enquanto os apóstolos cristãos pregavam abertamente seu ideal, o Talmude se esconde: e seus dois apêndices, o Kahal e a Maçonaria, são ainda mais invisíveis.

Os três usam, para permanecer no escuro, um meio escabroso e maldito, ou seja, a mentira.

A mentira é, portanto, a base do sistema judaico, ao qual se pode dizer:

'Você fala, logo é'.

Mas a mentira tem um inimigo que odeia até a morte, chamado a verdade.

A verdade é a característica distintiva do cristianismo. Cristo disse: 'Eu sou a verdade', e é por isso que sua doutrina é execrada por Israel.

A mentira, pelo contrário, caracteriza o que é chamado de 'Espírito do Mal' ou do Diabo. Jesus, portanto, dirigiu-se aos judeus e disse-lhes:

'Vocês são do seu pai, o diabo, e querem realizar o desejo do seu pai. Ele foi homicida desde o princípio e não permanece na verdade, pois não há verdade nele.

Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira.'

Deixando este mundo, Cristo enviou a Seus discípulos uma arma invencível, isto é, Seu Espírito. O espírito divino da verdade, que sempre defenderá a humanidade contra o espírito diabólico da mentira.

Eu me curvo diante deste Espírito da Verdade dizendo das profundezas da minha alma: EU ACREDITO NO ESPÍRITO SANTO!

(Prof. Dr. N. C. Paulescu, da "Fiziologia Filozofică". Talmud, Cahalul, Franco-Maçonaria, vol. II, Buc. 1913, pp. 300-301)

A CIÊNCIA DO ANTI-SEMITISMO

Em 1 de abril de 1922, a revista bimensal "Apărarea Naţională[36]" foi publicada sob a orientação dos professores Cuza e N. C. Paulescu. Qualquer um pode imaginar o que a publicação dessa revista significou para nós, no meio de nossos pensamentos e preocupações.

Outro horrível emparelhamento de palavras: a ciência do anti-semitismo. Como pode o anti-semitismo pode ser uma ciência? Se perguntarão indignados os cientistas com suas "pedras", os cientistas com suas "focas", os cientistas com os "x's", os cientistas com seus "sufixos", os cientistas com suas pretensas "idéias" fixas de cultura.

Anti-semitismo? Para esses cientistas é apenas uma selvageria; uma manifestação cega de instintos brutais, remanescentes dos tempos pré-históricos. Uma vergonha no meio de nossa civilização, que é condenada pela ciência e pela consciência iluminada do homem, livre de preconceitos e paixões.

Essa é a "atmosfera" que criada particularmente pelos judeus - e que os judeus mantêm - em torno do anti-semitismo, enganando os ingênuos ou explorando a ingenuidade dos estúpidos, com reivindicações de estarem "no auge da civilização moderna". E quem não quer estar?

Por exemplo, há um caso interessante de um judaizado, ele próprio metade judeu, conversando alguns anos antes, com o ar de

[36] N.T. Defesa Nacional.

um cientista fantástico, sobre nosso anti-semitismo, que era então, como é hoje, inalterado.

E aqui está o que esse autor nos diz, nomen-odiosum[37] - traidor do pensamento nacional, como foi traidor da ação nacional durante a guerra - na revista “Viaţa Românească”, ano II, nº 11, novembro 1907 (pp. 186, 204-207).

“Quero falar sobre a questão judaica... totalmente distorcida pela judeofagia vulgar e feroz de nossos anti-semitas, o que... nos comprometem diante do mundo civilizado...

Com armas enferrujadas, tiradas do arsenal de perseguições medievais, com propaganda de ódio, com incitação apaixonada de excessos, com a agitação de instintos bestiais nas massas populares... só se pode comprometer uma causa justa - que não é a única causa do anti-semitismo...

Sim, mas para dar a esse conflito... um falso ar de perseguição de uma raça, de perseguição religiosa, em uma palavra, de anti-semitismo, pode servir apenas à causa do inimigo, feliz por explorar as divagações de alguns maníacos... os escandalistas anti-semitas colocam prematuramente na ordem do dia toda a questão...

Nenhum povo, muito menos o nosso, pode ser limitado ao infinito, sem punição, contra idéias modernas ou contra ações políticas externas... (Pontos. Os últimos pontos são do autor. Portanto, não suspensivos, mas ameaçadores, parecendo incluir uma disposição política estranha, n.r.)

Portanto, colocar nossa questão no campo do anti-semitismo, do ódio racial é levar-nos a uma derrota vergonhosa e fatal para nós... Impulsos asiáticos... demagogia violenta, agitação doentia... tentativa de especular sobre as paixões sombrias...” (Pontos. Os últimos pontos são novamente do autor,

[37] N.T. Creio que seja “Nome odioso” do latim.

compreendendo a mesma ameaça: para crimes tão horríveis, do nosso anti-semitismo, n.r.)

Eu reproduzi essa visão típica de todos os judeus. E você pode ver que se resume a: clichês (o mundo civilizado, idéias modernas), mas especialmente as injúrias (Judeofagia vulgar e feroz, armas enferrujadas, instintos bestiais, divagações de alguns maníacos, escandalistas anti-semitas, impulsos asiáticos, paixões sombrias).

Tais "apreciações" são encontradas não apenas nos amantes vulgares dos judeus, mas às vezes até em alguns representantes da cultura de outras formas, em outras áreas. Assim, por exemplo, o eminente jurisconsulto, professor universitário, orador, político, ex-ministro da educação pública, D. C. Arion, apontou para mim, por causa do meu anti-semitismo, em toda sessão da câmara dos deputados, o apóstrofo - podemos dizer famoso, vindo de um homem como esse - me chamando de: o homem das cavernas.

Quanto aos judeus - a explicação que eles dão ao anti-semitismo é ainda mais característica. Além do clichê habitual, com selvageria e ódio - é claro, sem motivo, porque eles não concordam em discutir os motivos - o anti-semitismo para eles é: uma loucura, uma degeneração intelectual, uma doença do espírito. É assim que somos considerados por um dos "intelectuais" modernos mais ilustres dos judeus, o Dr. K. Lippe, de origem ilustre como bisneto do famoso comentarista do Talmud da idade média, Rasi - aquele que disse "tob sebegoim harog" (mate o melhor dos goyim).

O Dr. K. Lippe, que veio até nós da Galícia e se estabeleceu em Iaşi - onde cumpriu pena por ter matando uma mulher enquanto fazia um aborto nela - chegou a publicar um trabalho especial intitulado: "Sintomas de doença mental anti-semita" ("Simptome der Antisemitischen Geistes Krankheit", Iassy, 1887).

E como prova de que os argumentos usados pelos judeus parasitas contra o anti-semitismo são de extrema pobreza - assim como os dos judaizados e sempre os mesmos - eis o que o Curierul Israelit[38], o órgão oficial da União dos Judeus Naturalizados, disse no editorial de sua edição desta sexta-feira, 15 de setembro de 1922, sob o título de insulto para nós, que escrevemos para a APĂRAREA NAŢIONALĂ, nomeando-nos uma "um bando de malandros":

"Existe com esses anti-semitas um estado de degeneração intelectual que atingiu a perversidade dos sentidos, uma espécie de sadismo mental, pela qual aqueles tocados são levados a mentir e difamar".

Como você pode ver, esta é uma explicação muito simples, mas extremamente ingênua: tudo o que é dito contra os judeus é mentira e difamação, devido à uma degeneração intelectual específica.

A definição de anti-semitismo - segundo os judeus e os judaizados - é, então resumida, nessas duas palavras: selvageria e loucura: naturalmente: dos anti-semitas. Quanto aos judeus - como um fenômeno social - eles nem entram nessa explicação. Como se eles não existissem.

Foi essa "selvageria" e "loucura" que fez todos os povos, em todos os tempos, egípcios, persas, gregos, romanos, árabes e até nações modernas, considerar os judeus como um perigo nacional e tomar uma medida contra eles.

Foi essa "selvageria" e "loucura" que obscureceu a compreensão dos representantes mais brilhantes da cultura de todas as nações, como Cícero, Sêneca, Tácito, Mohammed, Martin Luther, Giordano Bruno, Friederich, o Grande, Voltaire, Napoleão I, Goethe, Herder, Immanuel Kant, Fichte, Schopenhauer, Charles Fournier, Ludwig Feuerbach, Richard Wagner, Bismarck, Rudolf

[38] N.T. Correio Israelita.

Virchow, Theodor Billroth, Eugen Dühring e inúmeros outros, em todas as áreas, para se manifestarem contra os judeus.

A “selvageria” e “loucura”, por fim, explicam o anti-semitismo dos representantes mais ilustres da nossa cultura, como Simeon Bărnuţ, B.P. Haşdeu, Vasile Alecsandri, Vasile Conta, Mihail Eminescu.

Selvagem e louco: todos estes. Civilizado e cortês: os judeus. E os judaizados: inexistentes.

Tal absurdo entra em colapso por si só. No entanto, para confundir o espírito das massas, elas ocorrem incessantemente. É por isso que precisamos distinguir porque tal “teoria” - digna da cabeça dos judeus e da imbecilidade e venalidade dos judeus[39] - não é capaz de entender o anti-semitismo, como um fenômeno social, chamaremos de “teoria anti-semita”[40].

Segundo essa teoria, a nossa, na composição do anti-semitismo, temos que distinguir três estágios: instinto, consciência, ciência.

O instinto sempre fez a multidão, que se preocupa principalmente com seus interesses materiais imediatos, resistir ao parasitismo dos judeus, por meio de movimentos populares, geralmente sangrentos e gerais, como tem sido o caso de muitos em todos os lugares, por exemplo, o terrível movimento dos cossacos, na Ucrânia, liderada por Bogdan Hmelnischy e na qual mais de 250.000 judeus foram mortos em 1649.

A consciência da ameaça judaica é despertada gradualmente, primeiro nas classes cultas, e depois se espalha e penetra a massa, os primeiros se unem à multidão, apoiando suas reivindicações, os últimos se tornam progressivamente conscientes de si mesmos.

---

[39] N.T. Ao se referir aos judeus ele sempre usa o termo “jidan”. Um romeno me explicou: “jidan é uma calúnia romena para os ‘Yids’ (judeus) - é uma palavra foneticamente deformada que vem do alemão ‘das Jüden’. Eu sei que, na vida real, ‘evreu’ (judeu) e ‘jidan’ (yid) são coisas ligeiramente diferentes, mas não sei muito mais do que isso. Só sei que ‘jidan’ é uma palavra pejorativa.”

[40] N.T. O parágrafo inteiro precisa de revisão. Original: *“De aceea tocmai şi pentru că asemenea „teorie” – vrednică de capul jidanilor şi de imbecilitatea şi venalitatea jidăniţilor – nu este capabilă să înţeleagă antisemitismul, ca fenomen social, noi îi vom spune „teoria antisemită”.”*

A ciência começa com pesquisas parciais, até atingir - somente em nossos dias - a determinação de seu objetivo, estudando o judaísmo como um fenômeno social, separado do ambiente em que procura se esconder e constatando que é um problema humano, de fato, o maior, cuja solução deve ser encontrada.

Poderíamos dizer, em virtude das conclusões alcançadas por estudos parciais até agora, que eles formam o anti-semitismo da ciência. Esta é a base, no entanto, que não deve ser confundida com a ciência do anti-semitismo. O que os diferencia é o seu objetivo diferente. E aqui está a definição - determinando o objetivo - dessa ciência, que demonstra claramente que é uma ciência verdadeira com seu próprio domínio: “A ciência do anti-semitismo visa o judaísmo como um problema social, portanto, sendo assim, necessariamente, a síntese de todas as ciências que podem contribuir para sua solução”.

Essas ciências que, através de suas pesquisas parciais, contribuem para o conhecimento do judaísmo, já vimos. E é assim que a ciência do anti-semitismo usa suas descobertas para chega a uma solução.

História: estabelece que desde o início os judeus são um povo errante entre os outros povos, nômades, sem pátria. A ciência do anti-semitismo afirma que esse nomadismo é contrário à existência dos agricultores e dos povos sedentários e não pode ser tolerado.

Antropologia: observa que os judeus são uma mistura de diferentes raças não-relacionadas, diferindo entre si, como os semitas, arianos, negros e mongóis. A ciência do anti-semitismo explica a esterilidade da nação judaica no campo da cultura, como resultado dessa miscigenação, e mostra que esse mestiço não pode contribuir com nada para a cultura de outras nações, que apenas falsificam, distorcendo suas características.

Teologia: observa que a religião judaica é uma religião particularista, baseada no pacto especial estabelecido entre o seu

Deus, o Senhor, com os judeus, considerados como um povo escolhido, como um povo sagrado (am codes), separadamente dos outros povos.

A ciência do anti-semitismo deduz rigorosamente que tal concepção exclui a possibilidade de qualquer cooperação pacífica e qualquer assimilação com os judeus.

Política: observa que em todos os lugares, entre as nações, os judeus têm sua própria organização social especial, constituindo um Estado dentro do Estado. A ciência do anti-semitismo conclui que os judeus são um elemento anárquico, perigoso para a existência de todos os Estados.

Economia política: estabelece que os judeus viveram o tempo todo, mesmo na Palestina, como um povo sobreposto às outras nações, explorando seu trabalho, sem que fossem diretamente produtores. A ciência do anti-semitismo diz que qualquer nação tem o direito de defender seu trabalho produtivo da exploração dos judeus, que não podem ser tolerados vivendo como parasitas, comprometendo a existência das pessoas.

Filosofia: observa que a concepção de vida do judaísmo é um anacronismo contrário ao avanço humano. A ciência do anti-semitismo impõe, como um dever para a civilização, que essa monstruosidade cultural seja eliminada pelos esforços conjuntos de todas as nações.

A ciência do anti-semitismo baseia suas conclusões em várias ciências especiais, mas diferentes, objetivamente estabelecidas - as quais levam necessariamente à mesma solução: a eliminação dos judeus do meio de outras pessoas, encerrando sua existência antinatural e parasitária, devido a um conceito anacrônico oposto à civilização e paz de todas as nações e que não podem mais tolerá-los.

Essa teoria anti-semita difere, como pode ser visto, da teoria judaica e judaizada, que reduz a explicação do anti-semitismo às

duas manifestações individuais, e que, assim que se manifestam na massa, são um problema social: selvageria e ódio. E apenas explica isso.

O instinto de anti-semitismo às vezes pode ser acompanhado de selvageria e ódio. Porque o instinto é cego - como eles dizem -, embora seja essencial para defender a vida.

A consciência do anti-semitismo, no entanto, aumenta o instinto, reforçando seus impulsos, por mais “selvagem” que sejam. Para ser “civilizado”, você deve primeiro existir.

A ciência do anti-semitismo: finalmente chega a explicar o fenômeno, iluminando cada vez mais a consciência das pessoas e dando plena satisfação ao seu instinto, e suas violentas explosões, que legitimam, revelando sua causa, o parasitismo dos judeus. Assim, nos fornece a fórmula da solução científica para o problema do judaísmo - que só precisamos colocar em operação para realizá-lo.

O anti-semitismo moderno reúne todas as energias: a energia do instinto, a energia da consciência, a energia da ciência, da verdade plenamente comprovada, formando uma força social formidável, capaz, é claro, de resolver o maior problema da civilização de nosso tempo, que é o problema judaico. E como os judeus e os judaizados se defendem contra esse enorme poder, procurando prolongar a existência condenada de seu parasitismo? Vimos: clichês, injúrias e caprichos.

“A judaofagia vulgar e feroz de nossos anti-semitas...”, “eles nos comprometem diante do mundo civilizado...”, “armas enferrujadas removidas do arsenal da perseguição medieval...”, “massas crescentes de instintos bestiais...”, “impulsos asiáticos...”, “loucura...”, “sadismo mental..."

Esses são todos os argumentos - pois não tem outros - que eles se opõem ao nosso anti-semitismo, acreditando que é ridículo.

Enquanto no seio de todas as nações, revoltadas contra o parasitismo do judá nômade, as energias de vingança fervem.

A. C. Cuza, Apărarea Naţională, nr. 16, 15 de novembro 1922, 1° ano)

A FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES CRISTÃOS

Em 20 de maio de 1922, em uma pequena assembléia, abolimos a Associação Geral de Estudantes de Iaşi, que ainda estava nas mãos de um remanescente de oponentes apoiados pela reitoria e fundamos a "Associação de Estudantes Cristãos", que ainda hoje vive. Montamos um pequeno grupo, montamos um círculo estudantil, passamos pela Sociedade de Estudantes de Direito e, no final, uma verdadeira Associação Estudantil nasceu de nosso trabalho sob o nome de A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES CRISTÃOS, para o qual os corações de todos os alunos de Iaşi estavam batendo. Mas um corpo discente diferente, diferente do de 1919.

***

A essa altura eu estava me aproximando, com um pouco de melancolia em minha alma, depois de três anos de lutas e amizades recozidas no fogo, tantas provações, o dia da minha separação da universidade, da vida de um estudante, dos meus camaradas na batalha. Eu tinha mais um mês até o exame de licença e não conseguia esquecer a idéia de que teria que sair, que nós, os formandos de 1919, tão fortemente ligados, sairíamos e dispersaríamos cada um, só Deus sabe para que canto do país.

É por isso que, depois de organizar sucessores em meu lugar, Sava Mărgineanu, na Associação de Estudantes de Direito, e na Associação de Estudantes Cristãos, Ilie Gârneaţă, fiz um juramento com 26 camaradas, que se sentiam mais conectados, para lutar onde quer que estejamos, pela crença que nos ligava enquanto estudantes na universidade. Todos nós assinamos esse voto, colocamos em uma garrafa e a enterramos no chão.

Depois de passar nos exames de licença, fiz outro voto com um segundo grupo mais novo na batalha, com 46 em número.

Estes foram meus convidados em Husi, onde durante quatro dias realizei reuniões, esclarecendo em nossa mente os mínimos detalhes sobre nossa atividade futura. Aqui, meu pai falou com meus camaradas em várias ocasiões, pedindo-lhes que lutassem.

Depois disso, nos separamos no desejo de dias melhores e mais justos para o nosso povo.

COMPROMISSO DE HONRA

Os estudantes abaixo assinados da Universidade de Iaşi, vendo a difícil situação em que o povo romeno se encontra, ameaçados de existência por um povo estrangeiro, que apreendeu nossa terra e tende a pôr as mãos na liderança do país; a fim de que nossos descendentes não perambulem através de terras estrangeiras, perseguidos pela pobreza e miséria em sua terra, e para que nosso povo não sangre sob a tirania de um povo estrangeiro, estamos firmemente em torno de um novo e sagrado ideal, o de defender nossa pátria contra a invasão dos judeus.

Em torno desse ideal, que formamos a Associação de Estudantes Cristãos Romenos da Universidade de Iaşi.

Com esse ideal em nossas almas deixamos as salas da escola hoje.

Lutar, onde quer que estejamos, por nossa justiça, pela vida ameaçada do nosso povo, consideramos nosso primeiro dever de honra.

É por isso que, reunidos hoje, sábado, 27 de maio de 1922, assumimos um compromisso comum de que, espalhando-nos por todos os cantos do país, levaremos conosco para todo o lado o fogo que nos agitou nos dias da juventude e inflamaremos as almas perturbadas do nosso povo com a tocha da verdade, o direito de viver livremente de nosso povo nessas terras.

Manteremos o contato mais próximo com a Associação que deixamos para trás hoje e a qual permaneceremos apoiando os membros, sendo esse o ponto central que sempre nos unirá em nossa luta. Nos encontraremos novamente em 8 anos, ou seja, em 1930, de 1 a 14 de maio na Universidade de Iaşi.

O comitê de associação terá o cuidado de notificar todos os membros dois meses antes deste dia e se preparar para recebê-los.

Deixamos nossa palavra a todas as gerações de estudantes que passarão por essa associação e que demonstram entendimento de consagrar seu trabalho no altar da pátria para se encontrarem no mesmo ano e no mesmo dia conosco na Universidade de Iaşi.

27 de maio de 1922

Corneliu Zelea Codreanu - Huşi

N. Nădejde, str. Universitatea 21 - Iaşi Grig. Ghica, str. Carol 23 - Iasi

I..Sarbu, Escritório Attachi, Rudi County, Soroca County

Grigoriev Eusevie, Escritório Ivanovca-Russo, Fortaleza Branca, Condado de Caragiani

Ilie Gârneaţă, str. Muzelor 40 - Iasi Alexandru P. Hagiu, Chetreşti - Vaslui Ioan Blănaru, str. Tăbăcari 35 - Huşi

Constantin C. Zotta, major Teleman 13 - Huşi A..Ibrăileanu, str. Ghica Vodă 3 - Galaţi

M. Berthet, Purcari comm., Fortaleza Branca Iacob I. Filipescu, Tg, Fălciu, Fălciu county

Leonid Bondac, Soroca - str. I. Heliade Rădulescu 5

C. Mădărjac, str. Apostol 71 – Galaţi I.. Miclescu, Portului 165 – Galaţi Ionel I. Teodorescu, Muzelor – Galaţi

Lascu Nicolae, Chişinău – str. Sinadino 22 Bobov Mihail, Chişinău, str. Podolskaia 85 Mihail V. Sârbul, com, Măşcăuţi, jud, Orhei

Nicolae B. Ionescu – R. Sărat, str. Costantin Brâncoveanu 59 Pavel Epure – Cetatea Albă, Catedrală

Gh. Boca, Bălăceanca, jud. Suceava – Bucovina Vasile Nicolau, str. Lascăr Catargiu 61 – Huşi

Andronic Zaharia, Parteştii de Sus p.u. Cacica – Bucovina Vasile N. Popa, com. Păuneşti, Putna

Vasile Corniciuc, Putrăuţi, Suceava – Bucovina Nicolae N. Aurite, Tereblecea, Sirete – Bucovina Gr. Mihuţă, Scheia, Suceava – Bucovina

Ciobanu Ştefan – Suceava,str. Sturza 9, Bucovina Eugen Cârdeiu, com. Bîlca, jud. Rădăuţi, Bucovina Eug. N. Manoilescu, Epureni, Fălciu

Vladimir Frimu, com, Călmăţui, jud. Cahul Gh. Zarojeanu – Iaşi, str. Muzelor 40

Prelipceanu Tit. Vasile, Horodnicul de Jos, jud. Rădăuţi Prelipceanu Gr. Vasile, Horodnicul de Jos, jud. Rădăuţi Constantin Darie, Horodnicul de Sus, jud. Rădăuţi Pascaru Ioan a Ştefan. Tereblecea, jud. Siret

Mihail I. Babor, Bălăceana, Suceava – Bucovina Sava Mărgineanu, Stroeşti, Suceava – Bucovina Ţăranu Traian, Stroeşti, Suceava – Bucovina

Al. Pistuga, com. Tărnauca, jud, Dorohoi Dragomir Lăzărescu, Tărnauca, jud. Dorohoi

Constantin C. Câmpeanu, Scheia, jud. Suceava – Bucovina

C. Porosnicu, Gurmezoaia, Fălciu

N. Gh. Ursu, Măluşteni, Covurlui

C. Ghica, str. Carol 23 – Iaşi

NO FINAL DOS MEUS ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Em casa, meus três anos na faculdade passaram diante de meus olhos, e eu me perguntei: como poderíamos superar tantos obstáculos, como poderíamos superar a mentalidade, a vontade de milhares de homens, como poderíamos derrotar os senados universitários e como poderíamos amenizar a ousadia de toda uma impressa inimiga? Tínhamos dinheiro para pagar mercenários, publicar documentos, viajar, alimentar essa guerra de verdade? Nós não tínhamos nada.

Quando me joguei naquela primeira batalha, não o fiz por motivo de outra pessoa. Nem mesmo depois de qualquer aconselhamento, qualquer decisão anterior que eu teria sido encarregado de executar. Nem mesmo sob o impulso de um grande e longo tumulto interno ou de um pensamento profundo, no qual esse problema havia sido colocado para mim.

Nada disso. Eu não conseguia definir como entrei nessa luta. Talvez como um homem que, andando pelas ruas com suas preocupações, necessidades e pensamentos, surpreendido pelo fogo que consome uma casa, tira seu casaco e pula em socorro daqueles que são pegos pelas chamas.

Eu, com a mente de um jovem de 19 a 20 anos, entendi muito de tudo que vi: que estávamos perdendo nosso país, que não teríamos mais um país; que através da colaboração inconsciente dos trabalhadores romenos pobres e explorados, a horda judaica dominante e devastadora viria sobre nós.

Eu agi sob ordens do meu coração, por um instinto de defesa que até o menor verme possui, não pelo instinto de mera preservação pessoal, mas pelo de defender as pessoas da quais eu fazia parte.

É por isso que, o tempo todo, tive a sensação de que atrás de nós havia todo o povo, com todos os vivos, com todos aqueles mortos por seu país, com suas futuras gerações. Que nosso povo luta e fala através de nós, que a multidão inimiga, por maior que seja, diante desta entidade histórica, é apenas um punhado de desgraçados humanos que espalharemos e derrotaremos.

É por isso que todos os nossos adversários caíram, começando pelos senados universitários, que acreditando estar brigar conosco, um punhado de jovens loucos, estavam brigando na realidade com seu próprio povo.

Existe uma lei da natureza, que coloca cada uma em seu lugar; os rebeldes contra a natureza, de Lúcifer até os dias de hoje, todos esses rebeldes, muitas vezes muito inteligentes, embora sempre com falta de sabedoria, caíram fulminados.

Dentro dessa lei da natureza, dessa ordem sábia, qualquer um que pode lutar, tem o direito, tem o dever de lutar para melhor. Fora dela, contra ela, por esta ordem, ninguém pode agir impune e invencivelmente.

No organismo humano, os glóbulos sanguíneos devem permanecer dentro da estrutura do corpo humano e a seu serviço.

Uma rebelião existiria se um glóbulo se visse contra o organismo, mas muito menos: quando estaria em seu próprio emprego, quando se satisfaria apenas, quando não teria outro propósito e um ideal fora de si, quando se tornaria seu próprio Deus.

O indivíduo dentro da estrutura e a serviço do seu povo.

As pessoas dentro da estrutura e a serviço de seu Deus e das leis da Deidade.

Quem entender essas coisas vencerá, mesmo que esteja sozinho. Quem não entender cairá. Sob o império desses pensamentos, completei meu terceiro ano de universidade.

***

Do ponto de vista da organização, decidimos pela idéia de líder e disciplina. A democracia foi removida, não por especulação, nem por crença nascida na teoria.

Nós experimentamos a antidemocracia desde o primeiro momento. Eu sempre conduzi. Somente uma vez em três anos fui eleito: presidente da Sociedade de Estudantes de Direito. Em todo os outros momentos, não foram os lutadores que me elegeram líder, mas eu os escolhi para segui-los.

Eu nunca tive comitês e nunca coloquei propostas em votação. Mas sempre, quando senti a necessidade, aconselhei a todos, mas, por minha própria responsabilidade, tomei a decisão por contra própria. Portanto, nosso pequeno grupo sempre foi uma unidade inabalável. Facções com opiniões divididas, maiorias e minorias, colidindo entre si em questões de ação ou teoria, não existiam.

Com todos os outros grupos, era exatamente o oposto. É por isso que eles caíram derrotados.

Uma grande fé, como uma chama que ardia incessantemente em nossos corações, iluminando o caminho, um grande e inesquecível amor entre nós, uma grande disciplina, uma decisão durante a luta e uma preparação completa do plano de batalha; estas, as bênçãos da Pátria e de Deus, garantiram-nos a vitória nesses três anos.

VERÃO DE 1922

O verão de 1922 não passou silencioso. Nos palcos dos teatros nacionais romenos ou comunitários nas cidades da Moldávia, peças judaicas começaram a ser apresentadas em iídiche pela trupe Kanapof. Nossos jovens consideraram isso um perigo, porque viram o começo da alienação dessa instituição destinada a ser a educação nacional e moral do povo romeno. Desapropriados no comércio, desapropriados na indústria, desapropriados nas riquezas do solo e subsolo romenos, desapropriados na imprensa, um dia veremos desapropriados também da cena dos teatros nacionais. O teatro, ao lado da escola e da igreja, pode elevar uma nação decaída à consciência de seus direitos e missão histórica. Ele também pode preparar uma nação para se levantar em batalha. A partir de agora, até esse reduto será tirado de nós. Nossos teatros, que foram levantados com suor e dinheiro dos romenos, servirão aos judeus para preparar e fortalecer suas forças na luta contra nós. E, por outro lado, a partir desses estágios romenos, eles oferecerão a nós, romenos, como alimento espiritual, tudo o que contribuirá para a desmoralização, decadência e destruição nacional e moral.

Era dever de outros, do governo, de qualquer autoridade, dos professores, tomar atitudes diante desse novo ataque anti-romeno. Ausência total. Somente os jovens, arriscando socos, se cobrindo de inúmeros insultos e sem encontrar apoio em lugar algum, reagiram como puderam.

Essa luta foi travada em todas as cidades: em Huşi, Vaslui, Bârlad, Botoşani, Paşcani, etc., pelo grupo de estudantes de Iaşi ajudado em todos os lugares pelos alunos do ensino médio. Eles entraram em salões cheios de judeus, atirando nos artistas de Satanás qualquer coisa que pudessem pegar e perseguindo-os para fora do palco romeno.

Talvez - alguns possam dizer - de uma maneira não-civilizada. Eu também digo, talvez. No entanto, como é civilizado o fato de uma nação estrangeira tirar de mim, um após o outro, todos os bens do meu país? Quão civilizado é que a mesma nação envenene minha cultura e depois a sirva no palco para me matar?

Até que ponto os meios usados pelos judeus na Rússia foram civilizados? Quão civilizado é matar milhões de pessoas sem julgamento? Até que ponto é civilizado incendiar igrejas ou transformá-las em cabarés?

Eu, na minha pobreza e com meus poderes pobres, me defendo contra o ataque da maneira que posso. Com a imprensa, se eu puder. Com as autoridades, se eles ainda forem romenos. Com a palavra, se alguém me ouvir. Com a força, como último recurso, e se todos ficarem quietos. É covarde e indigno aquele que, por causa de venda ou por covardia, não defende seu país. Ou não reage de maneira nenhuma.

Enfim, essa luta foi um protesto, foi o único protesto no meio de um silêncio covarde e terrível. No dia seguinte, nossos camaradas voltaram, cheios de pancadas e feridas, porque não era uma coisa fácil para um grupo de 15 jovens entrar em um teatro com 3 a 4 mil judeus. E, especialmente, eles voltaram cheios do desprezo e zombaria de nossos romenos.

Muitas vezes me pergunto: o que nos manteve, um grupo tão pequeno, diante de tantos golpes, tantos golpes vindos de todos os lados? Não encontramos nenhum suporte em lugar algum. Nesta luta contra todos, o único apoio que encontramos foi em nós mesmos. Acreditando que estávamos no grande caminho de nosso destino nacional, junto com todos aqueles que lutaram, sofreram e morreram como mártires por nossa terra e povo.

NA ALEMANHA

No outono de 1922, voltei para Iaşi. Lá, compartilhei com meus camaradas um antigo pensamento meu: ir à Alemanha para continuar meus estudos de Economia Política e, ao mesmo tempo, tentar realizar minha intenção de levar nossas idéias e crenças para o exterior. Percebemos, a partir dos estudos que fizemos, que o problema judaico tem caráter internacional e que, portanto, a reação deveria ser internacional; que uma solução total desse problema não poderia ser alcançada, exceto pela ação de todas as nações cristãs despertadas para a consciência do perigo judaico.

Mas eu não tinha dinheiro, nem roupas. Os camaradas me compraram roupas e pediram emprestada a quantia de 8.000 leus ao engenheiro Grigore Beian, que eles pagariam mensalmente, cada um contribuindo de acordo com sua capacidade. Com essa quantia, parti para Berlim, acompanhado à estação por todos aqueles de quem me separei e que agora continuaram a lutar em casa.

Quando cheguei a Berlim, dois amigos estudantes, Bălan e C. Zotta, foram de grande ajuda. Eu me matriculei na Universidade.

No dia da inscrição, vesti um traje nacional e fui para aquela bela solenidade em que o reitor, seguindo um costume antigo, aperta a mão de cada novo inscrito. Nos corredores da universidade, eu era objeto de curiosidade geral por causa do meu traje romeno.

***

O leitor dessas falas estaria particularmente interessado em duas questões da Alemanha de 1922. Um olhar sobre a situação geral e o status dos movimentos anti-semitas.

As feridas deixadas pela guerra que acabara de terminar e a derrota ainda estavam sangrando. A miséria material cobria Berlim e o resto do país também. Ultimamente, o Vale do Ruhr, um importante centro de riqueza, havia sido ocupado. Eu estava

testemunhando a queda vertiginosa e catastrófica da marca. Falta de pão, falta de alimentos, falta de trabalho nos bairros da classe trabalhadora. Centenas de crianças abordavam transeuntes na rua pedindo ajuda. A queda da marca também lançou a aristocracia alemã na mesma miséria. As pessoas que tinham dinheiro em poucos dias não tinham mais nada. Aqueles com terrenos e propriedades que os venderam atraídos pela miragem de um alto preço, apenas em poucas semanas ficaram empobrecidos. Capitalistas judeus no país e no exterior estavam fazendo negócios colossais. por algumas centenas de dólares, os detentores de moeda forte se tornaram donos de enormes edifícios de 50 apartamentos. Os especuladores vagavam pelas ruas, dando golpes formidáveis.

Compartilhando dessa grande miséria também havia vários estrangeiros, entre os quais eu estava incluído: pois eu não tinha dinheiro algum. Meus 8.000 leis com os quais eu vim acabaram. Então a fome começou. Mas em meio a um sofrimento geral, é mais fácil suportar seu próprio sofrimento. Sendo um tipo que não se dobrava diante das dificuldades, não me submeti à miséria, mas tentei combatê-la. Estudei todas as possibilidades e decidi me envolver no comércio. Eu precisava de um capital muito pequeno para comprar comida da província, que eu levaria e revenderia em Berlim para restaurantes. Isso me fez mudar na véspera das férias para Jena, onde a vida era mais barata. Lá, em meio a essa miséria em que o povo alemão lutava, fiquei impressionado com seu espírito de disciplina, sua força de trabalho, seu senso de dever, sua justiça, sua resiliência e sua fé em dias melhores. Era um povo saudável, e vi que ele não se deixaria derrubar, e que ele se erguia com poderes inacreditáveis debaixo da rocha de todos os fardos que o sobrecarregavam.

O movimento anti-semita. Havia várias organizações políticas e doutrinais anti-semitas na Alemanha, com papéis, pôsteres, insígnias, mas todas fracas. Os estudantes de Berlim e Jena estavam divididos em centenas de associações e tinham muito

poucos anti-semitas. A massa estudantil conhecia o problema, mas vagamente. Não se podia falar de uma ação estudantil anti-semita ou mesmo de uma orientação doutrinária semelhante à de Iaşi. Tive muitas discussões com os estudantes de Berlim em 1922, que hoje são certamente hitleristas e tenho orgulho de ter sido professor de anti-semitismo, exportando para eles as verdades aprendidas em Iaşi.

Ouvi falar de Adolf Hitler pela primeira vez em meados de outubro de 1922. Fui ao norte de Berlim, a um trabalhador que fazia "suásticas" e com quem estabeleci boas relações. Seu nome era Strumpf e ele morava na Salzwedeler Strasse 3. Ele me disse: "Ouvimos falar de um movimento anti-semita iniciado em München[41] por um jovem pintor de 36 anos, Hitler. Parece-me que ele é o homem que nós, alemães, estávamos esperando." A previsão deste trabalhador foi cumprida. Fiquei admirado por seu poder de intuição, pelo qual ele foi capaz de destacar, com as antenas de sua alma, entre dezenas de homens e sem conhecer, dez anos antes, aquele teria sucesso em 1933, unindo sob um único grande comando todo o povo alemão.

***

Também em Berlim, e mais ou menos na mesma época, ouvi as notícias da enorme explosão fascista: a Marcha Sobre Roma e a vitória de Mussolini. Eu me alegrei tanto como se fosse a vitória do meu país. Existe um vínculo de simpatia entre todos aqueles que, em diferentes partes do mundo, servem a seu povo, assim como existe um vínculo de simpatia entre todos aqueles que trabalham para destruir os povos.

Mussolini, o homem corajoso que pisou o dragão sob os pés, era um de nós, e é por isso que todas as cabeças do dragão se atiraram

[41] N.T. Munique.

sobre ele, jurando sua morte. Para nós, os outros, ele seria uma brilhante estrela do norte que nos daria esperança; a prova viva de que a hidra podia ser derrotada. Prova de nossas chances de vitória.

“Mas Mussolini não é anti-semita. Você se alegra em vão!”, a imprensa judaica sussurrou em nossos ouvidos.

Não é por isso que nos alegramos; é por que vocês estão tristes com a vitória dele, se ele não é anti-semita. Qual a razão dos ataques mundiais da imprensa judaica contra ele?

A Itália tem tantos judeus quanto a Romênia tem ceangăi[42] no vale Siret. Um movimento anti-semita na Itália seria como se nós romenos começássemos um movimento contra os ceangăi. Mas se Mussolini morasse na Romênia, ele não poderia deixar de ser anti-semita, porque o fascismo significa, antes de tudo, a defesa de sua nação contra os perigos que a ameaçam. Significa destruir esses perigos e abrir um caminho para a vida e glória de sua nação.

Na Romênia, o fascismo só poderia significar a eliminação dos perigos que ameaçam o povo romeno, ou seja, a remoção da ameaça judaica e a abertura de um caminho para a vida e a glória a que os romenos têm o direito de aspirar.

O judaísmo chegou ao poder no mundo através da Maçonaria e na Rússia através do comunismo. Mussolini destruiu em casa essas duas cabeças judaicas que ameaçavam a Itália com a morte: comunismo e maçonaria. Lá, o judaísmo foi erradicado pelo que ele tinha. Em nosso país, terá que ser erradicado pelo que temos: os judeus, os comunistas e os maçons. Esses são os pensamentos que nós, os jovens romenos, em geral, nos opomos aos esforços judaicos de privar-nos da alegria pela vitória de Mussolini.

---

[42] N.T. Segundo o tradutor do inglês: “um grupo étnico bem menor”. A palavra para esse grupo em inglês é “Csangos”, mas o tradutor do inglês usou “Ciangai”. “O povo Csango (húngaro: Csángók, romeno: Ceangăi) é um grupo etnográfico húngaro da fé católica romana que vive principalmente na região romena da Moldávia.”

O MOVIMENTO ESTUDANTIL

10 DE DEZEMBRO DE 1922

Eu ainda estava em Jena quando, um dia, fiquei surpreso com a notícia de que todo o corpo estudantil romeno, de todas as universidades, foi à luta. Essa demonstração coletiva da juventude romena, sem suspeitar de ninguém, foi uma erupção vulcânica que subiu das profundezas da nação. Ele se manifestou pela primeira vez em Cluj, o coração da Transilvânia, que tomava uma posição sempre que a nação estava em um impasse, para que, ao mesmo tempo, explodisse violentamente em todos os outros centros universitários.

De fato, de 3 a 4 de dezembro, em Bucareste, Iasi, Cernăuţi, ocorreram grandes manifestações de rua. Todo o corpo estudantil romeno estava de pé, como num tempo de grande perigo. Pela milésima vez, essa raça terrestre, ameaçada tantas vezes ao longo dos séculos, jogou sua juventude para enfrentar a ameaça a fim de salvar seu ser. Um grande momento de eletrificação coletiva, sem preparação prévio, sem discussões de prós e contras, sem decisões tomadas em comitês, sem os de Cluj sequer conhecer os de Iasi, Cernău ou Bucareste. Um grande momento de iluminação coletiva como a luz de um raio no meio de uma noite escura, em que toda a juventude do país reconheceu seu próprio destino na vida e no povo.

Essa linha passa por toda a nossa história nacional e se estende por todo o nosso futuro romeno, indicando o caminho para vida e a honra que nós e nossos netos teremos que seguir se é a vida e honra que desejamos para o nosso povo.

Gerações podem seguir essa linha, se aproximar ou se afastar dela. Tendo o poder, portanto, de dar à nação desde o máximo de vida e honra, até o máximo de desonra e vergonha.

Ocasionalmente, apenas indivíduos isolados, abandonados por sua geração, podem alcançar essa linha. Neste momento, eles são o povo. Eles falam em seu nome. Com eles estão todos os milhões de mortos e mártires do passado e a vida de amanhã da nação.

Aqui, a maioria, com suas opiniões, não importa, embora possa ser 99%.

Não é a opinião da maioria que determina essa linha de vida do nosso povo. A maioria só pode se aproximar ou se afastar dela, de acordo com seu estado de consciência e virtude ou inconsciência e decadência.

Nosso povo não sobreviveu entre os milhões de escravos que jogaram seus pescoços no jugo estrangeiro, mas através de Horia, de Avram Iancu, de Tudor, de Iancu Jianu, de todos os haiducii[43], porque diante do jugo estrangeiro eles não se submeteram, mas colocaram sua flinta[44] para trás e subiram nas trilhas das montanhas, levando consigo a honra e a centelha da liberdade. Foi através deles que nosso povo falou, e não através de "maiorias" covardes e "pessoas boas". Eles derrotariam ou morreriam: não importa o quê. Porque quando eles morrem, todo o povo vive da sua morte e é honrada por sua honra. Eles brilham na história como faróis dourados que, estando em alturas elevadas, são banhados ao crepúsculo pela luz do sol, enquanto nas vastas planícies, não importa o quão extensas e numerosas, caem as trevas do esquecimento e da morte. Pertence à história nacional, não aquele que viverá ou derrotará - sacrificando a linha da vida de seu povo -, mas aquele que, ganhando ou não, permanecerá nessa linha.

---

[43] N.T. Homens lendários dos séculos 17 a 19, nos Balcãs (especialmente na Romênia, Bulgária e Sérvia) que estavam lidando com os assaltos, roubos, furtos, seqüestros, crimes e por cuja conta o folclore sempre colocou lendas. Eles se tornaram célebres e populares na Romênia, Bulgária, Sérvia, Bósnia, Macedônia e Albânia e são anti-heróis comparáveis a Robin Hood da Inglaterra ou Tadas Blinda da Lituânia.

[44] N.T. *"Flinta é uma arma de fogo (rifle) com tubo longo com pavio, pau e pedra, inventado no final da Idade Média."*. Na tradução em inglês é traduzido como "Muzzleloader" que é: *"qualquer arma de fogo em que o projetil e, geralmente, o propulsor de carga é carregada a partir do cano da arma (ou seja, a partir da frente, a extremidade aberta do cano da arma)."*

Ela é predeterminada na sabedoria de Deus; foi vista em 10 de dezembro pelos estudantes romenos. E este é o valor do dia: todo uma juventude romena viu a luz.

Em 10 de dezembro, delegados de todos os centros estudantis se reúnem em Bucareste, fixando em dez pontos que eles pensavam formar a essência de seu movimento e declararam uma greve geral para todas as universidades, exigindo a realização desses pontos. O dia 10 de dezembro não é muito bom com o valor da formulação dos pontos acordados feito na época, por mais que os delegados pudessem formular a essência da verdade que perturbou a alma de todo estudante romeno. É grande em virtude do milagre do despertar dessa juventude para a luz que sua alma viu. Está marcado como o dia do julgamento. Por sua decisão de ação comum de declarar a guerra santa que exigirá a essa juventude romena tanta força de alma, tanto heroísmo, tanta maturidade, tantos sacrifícios conhecidos e desconhecidos, tantas sepulturas! 10 de dezembro de 1922 chamou os jovens desta terra a um grande exame.

Nem aqueles em Bucareste, nem eu que estava longe, nem outros, que talvez fossem crianças do ensino médio, mas que hoje definham em prisões ou dormem embaixo da terra, não acreditavam que este dia nos levaria a tanto perigo e nos traria tantos golpes e tantas feridas na luta pela defesa do nosso país.

Em Bucareste, Cluj, Iasi e Cernăuţi, ocorreram explosões formidáveis de massas estudantis, que, impulsionadas por seu poder intuitivo, - enfatizo: não pelos líderes - estavam se dirigindo para o inimigo. Eles visavam principalmente a imprensa judaica: "Adevărul", "Dimineaţa", "Mântuirea", "Opinia", "Lumea", surtos de infecção moral, envenenamento e confusão para os romenos.

Eles se voltam para eles a fim de destruí-los, mas também para mostrar ao povo romeno o perigo da linha de frente do inimigo contra a qual eles devem estar em guarda. A manifestação contra

a imprensa significa: declarar um inimigo de interesses nacionais e, assim, chamar a atenção dos romenos para que não se deixem enganar, ser cegos ou liderados pela imprensa escrita por judeus ou romenos judaizados.

Essa imprensa ataca a idéia religiosa dos romenos, enfraquecendo sua resistência moral e rompendo seu contato com Deus.

Essa imprensa espalha teorias anti-nacionais, enfraquecendo sua fé na nação e separando-os da terra de seu país, do amor por ela, uma terra que sempre foi chamada a lutar e sacrificar.

Esta imprensa apresenta falsamente nossos interesses romenos, desorientando e direcionando romenos em linhas opostas aos interesses nacionais.

Essa imprensa eleva a mediocridade e homens capazes de corrupção para que o estrangeiro possa satisfazer seus interesses e desvalorizar as pessoas morais que não se inclinam para servir o judaísmo e seus interesses.

Esta imprensa envenena a alma da nação, dando publicidade diária e sistemática a crimes sensacionais, assuntos imorais, abortos, aventuras.

Esta imprensa mata a verdade e serve à mentira com perseverança diabólica, usa a calúnia como arma para destruir os combatentes romenos.

É por isso que um romeno deve ter cuidado ao ler um jornal judeu, vigiando cada palavra, nenhuma das quais é impressa acidentalmente, e procurando decifrar o plano judaico com o qual ela foi escrita. É sobre essas questões que o movimento estudantil queria chamar a atenção de todos os romenos quando se dirigia às redações judaicas, declarando-os inimigos do povo romeno.

Eu enfatizei que as explosões formidáveis das massas estudantis eram lideradas por seu poder intuitivo e não por líderes. Porque é fácil alguém direcionar alguns indivíduos para a casa de alguém para encenar uma manifestação hostil. Quando, porém, as grandes

multidões hostis, sob o comando de seu instinto, atacam alguém, essa pessoa é condenada, sem direito de apelo, como inimiga da nação.

NUMERUS CLAUSUS

Durante as batalhas estudantis, a fórmula "numerus clausus" passou de boca em boca. Mas não como uma fórmula salvadora, porque as massas não dão fórmulas, mas apontam ameaças.

"Numerus clausus" significa que, sendo a ameaça judaica em número, não podemos mais apoia-los nem nas escolas, nem no comércio, nem na indústria ou nas profissões independentes.

"Atenção ao número" é o que "numerus clausus" significa, porque vai além de nossos poderes de resistência nacional e, se não agirmos, morremos como povo.

Este é o valor total desta fórmula. Ou, se desejar, como medida de economia, ela tem o valor de uma fórmula urgente, de primeiros socorros, mas completamente insuficiente para curar a doença.

"Numerus clausus", por si só, significa: limitar o número de judeus nas escolas, profissões independentes, etc. Até que número de limitação? Até a proporção entre o número de todos os judeus em relação ao número de romenos na Romênia. Ou seja, se na Romênia existem 15 milhões de romenos e 3 milhões de judeus, a proporção é de 20%. De acordo com a fórmula "numerus clausus", os judeus serão admitidos em escolas, profissões médicas, bares, etc., na proporção de 20%.

"Numerus clausus" significa limitar o número de judeus à proporção entre seu número e o número total de romenos.

"Numerus clausus" é apenas uma fórmula para a distribuição dos judeus dentro das nações, mas não uma fórmula para resolver o problema.

Essa fórmula não resolve quase nada, pois trata de proporções respeitáveis, mas não ataca a proporção em si. Se os judeus são 3 milhões, ela deixa os 3 milhões. Especialmente, ela não lida com essa proporção e não mostra os meios pelos quais essa proporção poderia ser reduzida, ou seja, ela não contém os meios de resolver o problema judaico.

O PROBLEMA JUDAICO

NÚMERO DE JUDEUS

O grande número de judeus levanta uma série de problemas:

1. O problema da terra romeno;
2. O problema das cidades;
3. O problema da escola romena e da classe principal;
4. O problema da cultura nacional.

Tudo isso é tratado impecavelmente pelo professor A. C. Cuza em seus escritos: “O Povo”, “Nacionalidade na Arte”, “Artigos”, “Discursos Parlamentares”, “Curso de Economia Política”. As idéias que eu apóio abaixo são essencialmente parte do pensamento do professor Cuza.

O número de judeus na Romênia não é conhecido exatamente. Porque as estatísticas obtidas foram feitas com o maior desinteresse dos políticos romenos, a fim de ocultar seu trabalho de traição nacional e porque os judeus de todo o mundo fogem da verdade das estatísticas. Um provérbio diz: “O judeu vive da mentira e morre em contato com a verdade”. Além disso, durante muito tempo, o Diretor de Estatística Estatal do Ministério das Finanças foi Leon Colescu, nome verdadeiro Leon Coler.

E eles estão certos do ponto de vista deles, porque, se os romenos se deparassem com o número exato da população judaica, eles perceberiam que estão enfrentando uma ameaça nacional real e se levantariam para defender sua pátria. Então, diante da verdade das estatísticas, o poder judaico se apaga, morre. Ele só pode viver escondendo a verdade, falsificando-a, mentindo.

Acreditamos que existem entre 2 a 2,5 milhões de judeus na Romênia. Mas mesmo que houvesse apenas um milhão - como eles afirmam - o povo romeno enfrentaria uma ameaça mortal. Porque não se refere apenas ao número em si, à quantidade, mas também à qualidade desse número, e especialmente às posições que os judeus ocupam na estrutura funcional do estado e na vida da nação em todos os aspectos.

Nossa terra tem um sido uma terra de invasores. Mas nunca, ao longo de sua história, conheceu um invasor para alcançar números tão formidáveis quanto os dos judeus hoje. As invasões passaram por cima de nós: os invasores de hoje nunca saem. Eles se estabelecem aqui, em nossa terra, em um números nunca antes vistos até hoje e são apegam como sarna ao corpo de nossa terra e nação.

Quando a invasão judaica começou? Por volta de 1800 foram encontrados apenas alguns milhares de judeus em toda a Moldávia. Em 1821, em Bucareste, havia 120 famílias.

Esta colonização tardia em nossa terra se deve ao fato de que os judeus sempre se envolveram no comércio. E o comércio, para poder se desenvolver, exige: liberdade e segurança em seu exercício.

No solo romeno faltavam essas duas condições, faltava a liberdade de exploração do solo romeno, portanto as perspectivas de um comércio maior e estava faltando, especialmente, a segurança. A terra romena era a terra mais insegura do mundo. O camponês romeno não tinha a segurança de sua casa, do gado, do trabalho e da colheita de ano para ano. Um lugar de encontro e luta, um teatro de guerra por séculos sem fim, e depois delas, muitas vezes, dominação estrangeira e tributo sangrento.

O que os judeus deveriam fazer nesta terra? Lutar contra os hunos, tártaros, turcos?

A invasão judaica começou há apenas 100 anos atrás. Após a paz de Adrianópolis em 1829, a liberdade de comércio foi conquistada e, ao mesmo tempo, os horizontes de uma vida mais pacifica começaram a aparecer.

Foi então que a invasão começou aumentando ano a ano sobre nossas cabeças romenas, especialmente as dos moldavos, drenando nossa riqueza, destruindo-nos moralmente e nos ameaçando de extinção.

Em 1848, comerciantes e industriais da Moldávia começaram a reclamar com o Sr. Mihail Sturza, exigindo medidas contra os comerciantes judeus e a concorrência desleal que eles praticavam.

Desde então, a invasão tem crescido constantemente. "Invasão" pode não ser o termo certo, pois pressupõe a idéia de violência, de coragem moral e física. "Infiltração judaica" é o termo mais apropriado, pois engloba melhor a idéia de penetração manhosa, penetração covarde e perfídia. Pois não é uma coisa pequena roubar a terra e a riqueza de um povo, sem justificar por uma batalha, por assumir riscos, por um grande sacrifício, a realização da conquista.

Eles tomaram gradualmente o pequeno comércio e a pequena indústria romena, depois atacaram com as mesmas táticas fraudulentas o grande comércio e a grande indústria e, assim, assumiram o controle das cidades na metade norte do país.

O ataque à classe média romena foi conduzido com a precisão que encontramos apenas casos de alguns insetos predadores que, para paralisar seu oponente, o picam na espinha.

Eles não poderiam ter escolhido lugar melhor.

Atacar a classe média com sucesso significava dividir a nação romena em duas.

É a única classe que tem um duplo contato: abaixo, com a classe camponesa, na qual se sobrepõe, exercendo sobre ela um poder de

autoridade, tanto por um melhor status econômico quanto pelo da cultura; com a classe governante que apoia em seus ombros.

O ataque bem-sucedido à classe média, ou seja, sua destruição, implica, como conseqüência fatal, sem esforço por parte do atacante:

a) o colapso da classe dominante (essa classe dominante acabará em colapso);

b) a impossibilidade de sua restauração;

c) confusão e animalização, derrota e escravização da classe camponesa.

Em última análise, o ataque judaico à classe média romena pretende a morte. A morte do povo romeno não significa a morte do último romeno, como alguns imaginam. Esta morte significa vida em escravidão. A redução ao estado de escravidão de vários milhões de camponeses romenos para trabalhar para os judeus.

Aqui estão as conclusões do Prof. Nicolae Iorga sobre o número de judeus e sua chegada em nossas partes. O professor Iorga em "História dos Judeus em Nossos Principados", um artigo entregue à Academia Romena na reunião de 13 de setembro de 1913, expondo esta questão, entre outras:

"Em Neamţ, vários judeus se estabeleceram nas terras do mosteiro entre 1764 e 1766" (p. 18).

"Em Botosani, nenhum ato real como o de 1757 nem sequer menciona os judeus entre os outros habitantes da cidade" (p. 17).

"Um judeu aparece em Suceava como dono de taberna no lugar do Metropolitano e outros como pequenos comerciantes, em Ocna, em Hârlău, em Siretiu, em Galaţi, em Bârlad. (houve um tempo em que se podia zizer que os cristãos de Bârlad estavam mais envolvidos no comércio do que com qualquer outra ocupação) (p. 10), então, em romano, onde em 1741 eram conhecidos apenas moldavos e armênios, em Târgul Frumos,

onde em 1755 são mencionados duas tabernas e uma ordem judaica que estão presentes lá.”(p. 17- 18).

Em Bucovina, por volta de sua anexação em 1775:

"Nestas terras de Cernăuţi e Câmpulung, às quais partes de Hotin e Suceava foram anexadas (em todas essas regiões), havia apenas 206 famílias judias antes do domínio imperial.

Em 1775, através do transbordamento da Galiza, seu número chegou a 780-800 famílias.

O primeiro governador do país, o general Enzenberg, descobre que eles se estão envolvidos principalmente em tabernas, vinho, Horilka[45] (rachiu[46]) e cerveja…

Eles são, diz o general, as pessoas mais corruptas, inclinadas à preguiça, vivendo sem grandes problemas do suor dos trabalhadores cristãos.

Uma comissão que opera em 1781 mostra que:

“Aqui no país, os judeus estão acostumados a comprar do camponês antecipadamente o frango no ovo, o mel na flor e o cordeiro no ventre da mãe a um preço baixo e com essa usura, eles sugam completamente os habitantes e os leva à pobreza, para que os camponeses, assim, sobrecarregados com tais dívidas, e para no futuro ele não encontrar outro meio de salvação senão fugir do país.

Vemos a administração deste país (Moldávia) os boiardos, particularmente Constantin Moruzi, que se defendem desesperadamente contra eles."

…Como as Kahals[47] ofereciam a Enzenberg em dinheiro, por escrito, 5.000 moedas de ouro por ano para tolerar o velho estado

[45] N.T. Horilka é uma vodka ucraniana.

[46] N.T. É o nome dado em romeno às várias bebidas alcoólicas obtidas pela destilação dos sucos resultantes da fermentação de frutas ou cereais.

[47] N.T. “Comunidade cooperativa agrícola judaica”.

das coisas, a corrupção do nosso governante, mas ele rejeitou o DINHEIRO ao invés expor seu país à destruição total.” (p. 20).

E mais tarde, por volta de 1840-48, é isso que o professor Iorga define:

“Dezenas desses assentamentos de exploração e depravação, taberna por taberna, com garrafas de conhaque de batata e outros venenos, por toda a Moldávia, esgotando uma corrida para alimentar os vícios civilizados da classe dominante.” (p. 34).

E o professor Iorga ainda escreve:

“No entanto, as intervenções estrangeiras promovidas por elementos judeus no país não pararam. Em 1878, eles impuseram condições para o reconhecimento da independência, conquistada pelos sacrifícios de sangue romeno, e acumularam humilhações na Romênia independente, que não poderia se suicidar dando politicamente metade dela ao poder dos judeus moldavos. E assim como Kogălniceanu havia defendido as aldeias do álcool e da usura judaica, o Sr. Maiorescu defende a dignidade da Romênia do insulto de conceder direitos civis a estrangeiros, através da vontade de estrangeiros.” (p. 39).

**

Cito-os aqui para estabelecer, após uma grande autoridade científica reconhecida e indiscutível, o início do assentamento dos judeus na terra romena.

O PROBLEMA DA TERRA ROMANA

É impossível para uma nação no mundo, mesmo que seja apenas uma tribo de selvagens, não considerar com dor dilacerante o problema de sua terra diante de uma invasão estrangeira. Todas as nações do mundo, desde o início da história até hoje, defenderam sua pátria. A história de todos os povos, como a nossa história romena, está cheia de lutas pela defesa da terra. Seria uma

anomalia, um estado doente de nossa juventude romena, o fato de nos levantarmos para defender nossa terra ameaçada? Ou uma anomalia não defendê-la quando a vemos em perigo? A anomalia é não nos defender, ou seja, não fazer o que todas as nações fizeram e fazem. Anomalia e doença é colocar-nos em contradição com todos e com toda a nossa história.

Por que todas as nações lutaram, estão lutando e continuarão lutando pela defesa de suas terras?

A terra é a base da existência da nação. A nação se ergue, como uma árvore, com suas raízes plantadas nas profundezas da terra, da qual extrai sua comida e vida. Não existe nação que possa viver sem terra, assim como não há árvore que viva pairando no ar. Uma nação que não possui sua própria terra não pode viver a menos que esteja na terra de outra nação, ou em seu corpo, sugando sua vida.

Existem leis dadas por Deus que governam a vida das pessoas. Uma dessas leis é a lei do território. Deus deixou um território determinado para cada povo viver, crescer, desenvolver e criar sua própria cultura.

O problema judaico na Romênia, como em outros lugares, consiste na violação pelos judeus dessa lei natural do território. Eles violaram nosso território. Eles são infratores, e nós, o povo romeno, que somos chamados a suportar as consequências de seu crime. A lógica básica nos diz: o infrator deve arcar com as conseqüências da infração cometida. Ele vai ter que sofrer? Que sofra! Todos os infratores sofrem. Nenhuma lógica do mundo me dirá que devo morrer pela infração cometida por outros.

Portanto, o problema judaico não nasce do “ódio racial”. Nasce de um delito cometido pelos judeus contra as leis e a ordem natural em que vivem todos os povos do mundo.

A solução para o problema judaico?

Aqui está: a reinserção dos infratores nessa ordem natural universal e a observância da legalidade natural.

Mas as leis do país também proíbem a invasão judaica. O artigo 3 da Constituição declara: "O território da Romênia não pode ser colonizado por uma população de origem estrangeira".

O que significa, se não a colonização, o fato da instalação de dois milhões de judeus no território romeno?

Mas este território é propriedade inalienável e imprescritível do povo romeno. E, como alguém escreveu, o povo romeno, não depois de 50 anos, nem depois de 100 anos, mas mesmo depois de milhares de anos, reivindicaremos nosso direito sobre esta terra, como recuperamos a terra da Transilvânia, depois de 100 anos do domínio húngaro.

NÓS E NOSSA TERRA

Todos os povos ao nosso redor vieram de algum outro lugar e se estabeleceram na terra em que vivem agora. A história nos fornece dados precisos sobre a chegada de búlgaros, turcos, magiares[48], etc. Nenhum povo veio do nada. Exceto nós. Nascemos das brumas do tempo nesta terra com os carvalhos e abetos. Estamos vinculados a ela não apenas pelo pão e pela existência que ele nos dá trabalhando duro, mas também por todos os ossos de nossos ancestrais que dormem no chão. Todos os nossos pais estão aqui. Todas as nossas memórias, toda a nossa glória guerreira, toda a nossa história aqui nesta terra está enterrada.

Aqui estão as ruínas de Sarmisegetuza com as cinzas do rei Decebal[49], o imortal, porque quem sabe morrer como Decebal, nunca morre.

---

[48] N.T. Os húngaros ou magiares são um grupo étnico, originário dos montes Urais.

[49] N.T. Decebal (em latim: Decebalus) foi o último rei da Dácia (atual Romênia). Ele enfrentou os romanos que, durante o reinado do imperador Trajano tentavam invadir seu país, conquistá-lo e

Aqui descansam os musatinos e bessarabianos, aqui na Podul Inalt, em Războieni, em Suceava, em Baia, em Hotin., em Soroca, em Tighina, na Cetatea Albă, em Chilia, os romenos caídos dormem, boiardos e camponeses, tão numerosos quanto folhas e grama.

Em Posada, em Călugăreni, em Olt, em Jiu, em Cerna, em Turda, nas montanhas dos infelizes e esquecidos Moti de Vidra, até Huedin e Alba Iulia, o local de tortura de Horia[50] e seus irmãos de armas, são apenas vestígios de batalhas e sepulturas de heróis.

Nos Cárpatos, das montanhas Oltenianas a Dragoslave e Predeal, de Oituz a Vatra Dornei, nos picos e no fundo dos vales, o sangue romeno corria por toda parte como rios.

No meio da noite, nas pesadas horas do nosso povo, ouvimos o chamado da terra romena, nos pedindo para lutar.

Peço e espero por uma resposta: com que direito os judeus querem tirar esta terra de nós?

Em que argumento histórico eles baseiam suas pretensões e, especialmente, a audácia com que nos confrontam, os romenos, aqui, em nossa própria terra? Estamos presos a esta terra por milhões de sepulturas e milhões de fios invisíveis que apenas nossa alma sente, e ai daqueles que tentarem nos arrancar dela.

O PROBLEMA DAS CIDADES

---

convertê-lo em uma província do Império Romano. Humilhados por duas derrotas seguidas frente aos dácios, os romanos empreenderam uma terceira invasão e Decebal foi derrotado. A Dácia então tornou-se um estado de Roma. Determinado prosseguir com sua luta, Decebal novamente derrotou os romanos em 104 d.C.. Isto iniciou uma violenta reação de Roma. A capital dácia, Sarmizegetusa, sofreu um prolongado cerco e em 106 d.C., percebendo que a derrota era inevitável e, para não ser feito prisioneiro pelos romanos, Decebal suicidou-se.

[50] N.T. Vasile Ursu Nicola era um camponês da Transilvânia que, com Ion Oarga ("Cloșca") e Marcu Giurgiu ("Crişan") lideraram a rebelião camponesa de dois meses que começou nas aldeias da Montanha Metaliferi de Curechiu e Mestecanis no final de 1784 e que era conhecida como a Revolta de Horia, Cloșca e Crișan. Depois que a rebelião foi encerrada, Crişan se enforcou na prisão, e Horia e Cloşca foram executados publicamente na roda de despedaçamento. Horea é uma figura lendária e herói popular na Romênia.

Dentro desta terra romena, no entanto, os judeus não se estabeleceram em lugar algum, ao acaso. Eles se estabeleceram nas cidades, formando nelas verdadeiras ilhas de população judia compactas.

No início, as cidades e feiras do norte da Moldávia foram invadidas e conquistadas: Chernivtsi, Hotin, Suceava, Dorohoi, Botosani, Soroca, Burdujeni, Iscani, Briceni, Secureni, etc.

Diante deles, o comerciante e artesão romeno desapareceu gradualmente. Hoje uma rua, amanhã outra, no dia seguinte um bairro, em menos de 100 anos os centros romenos de renome antigo perderam completamente seu caráter romeno, assumindo a aparência de verdadeiras fortalezas judaicas. As outras cidades da Moldávia caíram rapidamente: Roman, Piatra, Fălticeni, Bacău, Vaslui, Bârlad, Huşi, Tecuci, Galaţi e Iaşi, a segunda capital da Moldávia, depois que da nossa primeira e antiga Suceava, foi simplesmente transformada em ninho judeu sujo, que circunda as pobres e gloriosas ruínas da cidade de Estêvão, o Grande.

Em Iaşi, andando por ruas e bairros inteiros, você não encontra mais nenhum romeno, nenhuma casa romena, nenhuma loja romena. As pessoas passam por igrejas famosas em ruínas e pobreza: a igreja de Talpalari[51], feita pela guilda dos sapateiros romenos, a igreja Curelari, feita pela guilda dos fabricantes romenos. Tudo está desmoronando. Não existe mais um sapateiro romeno ou um fabricante romeno naquela grande Iaşi. A Igreja de São Nicolau, o Pobre, da antiga nobreza da Moldávia, foi demolida e, sobre as tumbas ao redor dela, as bodegas judaicas ainda hoje jogam fora o lixo, os restos e a sujeira.

A igreja em Piaţa Mare, onde se encontra a maior multidão de pessoas, fechou devido à falta de fieis. A aglomeração de pessoas é constituída apenas pela população judaica.

[51] N.T. Plural para sapateiro e fabricante de arreios, respectivamente.

Na rua Lăpuşneanu, o palácio real de Cuza-Vodă geme de dor, transformado em um banco judeu. O teatro judeu em estilo palestino fica em seu antigo jardim. O estrangeiro pisa em tudo que nós consideramos mais sagrado.

Nossos corações gemem de dor. Nós nos perguntamos, crianças, alma dilaceradas, como poderiam existir romenos que se comportam tão hostilmente contra seu próprio povo? Como poderia haver tantos traidores? Por que eles não foram todos alinhados contra a parede ou queimados vivos no momento de sua traição? Como são todos impassíveis? Como não fazemos nada? São problemas de consciência que nos oprimem, que perturbam nossas almas, que perturbam nossas vidas. Sabemos que de maneira alguma podemos encontrar nossa paz, exceto na batalha, no sofrimento ou nas sepulturas. Nosso silêncio nos cobre de covardia, e cada minuto de atraso parece nos matar.

Sem mencionar as cidades e vilas de mercado da Bessarábia, que permanecem como feridas abertas no corpo exausto e espremido do país.

Sem mencionar Maramureş, onde romenos, escravizados, morrem todos os dias. Não há palavras que possam descrever a grande tragédia de Maramureş.

Mas a doença se espalhou como um câncer; alcançou Râmnicul-Sărat, alcançou Buzău, alcançou Ploieşti e entrou na capital do país.

Em 15 anos, o Văcăreştii, um antigo bairro romeno, caiu, todo o Dudeştii caiu, os comerciantes romenos de Calea Griviţei caíram. Os famosos comerciantes de Obor morrem substituídos pelos judeus, Calea Victoriei caiu. Hoje, tornou-se, na realidade, apenas um caminho de "derrota" romena. Hoje 3/4 das propriedades em Calea Victoriei são propriedades judaicas. Em 10 anos, os judeus se espalharam em Oltenia e entraram em Craiova, de Mihai Viteazul, entraram em Râmnicu Vâlcea, entraram em Severin, sob a proteção dos políticos romenos que, bem pagos, alegam que não

há problema judaico. Essa traição por esses políticos ao seu povo é tão assustadora que, se ainda estiverem vivos, o povo terá que tirar os olhos deles; se estiverem mortos, terão que ser retirados de seus túmulos e queimados em praças públicas. Seus filhos e netos terão que ser processados, suas riquezas confiscadas e eles devem ser estigmatizados com o epíteto de "filhos de traidores".

A perda de nossas cidades romenas tem consequências devastadoras para nós, porque as cidades são os centros econômicos de uma nação. Nelas toda a riqueza da nação se acumula. Então, quem controla as cidades controla os meios de subsistência, a riqueza da nação.

Nós, os romenos, devemos ser indiferentes a quem são os donos da riqueza nacional? Nós ou os judeus? Nenhum povo no mundo pode ser indiferente a isso. Porque uma população se multiplica e se desenvolve dentro dos meios de subsistência à sua disposição. Quanto menos esses meios, menores serão as possibilidades de crescimento e desenvolvimento da respectiva população e vice-versa (essas verdades sobre a lei da população foram estudadas por todos os economistas e formuladas de forma inigualável pelo professor Cuza).

A transferência de riqueza das mãos dos romenos para as mãos dos judeus não significa apenas a escravidão econômica dos romenos e a escravidão política - porque quem não tem liberdade econômica não tem liberdade política - mas significa muito mais: uma ameaça nacional que aflige nossa capacidade de crescer em população. Na medida em que nossos meios de subsistência desaparecem, na mesma medida, nós, os romenos, seremos extintos em nossa terra, deixando nossos lugares nas mãos da população judaica, cujo número aumenta dia a dia devido tanto a invasão do exterior quanto pela apreensão nossos meios de subsistência, nossas riquezas.

As cidades são, em segundo lugar, os centros culturais de uma nação (ver A. C. Cuza, "National Defense", nº 3, 1º de maio de

1922). Aqui nas cidades são colocadas escolas, bibliotecas, teatros, salas de conferências, tudo ao alcance dos cidadãos. Uma família judia pode facilmente sustentar 5-6 crianças na escola. Uma família de um camponês romeno, de alguma vila remota longe da cidade, dificilmente pode sustentar uma única criança na escola até o fim. E, neste caso, ele está completamente exausto por sua força e fortuna, de modo que põe em risco a existência dos outros 4 ou 5 filhos deixados em casa. Então, quem domina as cidades, domina as possibilidades de participar da cultura.

Mas não é só isso: é através das cidades e escolas que uma nação cumpre sua missão cultural no mundo. Como é possível aos romenos cumprir sua missão cultural por meio de vozes, canetas, corações e mentes judaicas?

Por fim, as cidades são os centros políticos de uma nação. Nações são governadas por cidades. Quem controla as cidades tem, direta ou indiretamente, a liderança política do país.

O que resta do país - além das cidades? Uma multidão de milhões de camponeses, sem meios de existência humana, esgotados e empobrecidos; sem cultura, envenenados pela bebida e liderados por judeus enriquecidos, que agora tornam-se mestres das cidades romenas ou dos romenos (prefeitos, vereadores, policiais, gendarmes, ministros) que apenas lideram formalmente, porque nada mais são que humildes executores de planos judaicos. O poder econômico judaico os apóia, lisonjeia, dá presentes, coopta-os nos conselhos de administração, paga mensalmente (Judas foi pago apenas uma vez; aqui é pago mensalmente), excita seus desejos por dinheiro, incentiva-os ao luxo e ao vício, e quando eles não obedecem às diretrizes e opiniões judaicas, são simplesmente jogados fora, mesmo que sejam ministros, seus subsídios e pagamentos são cortados, seus roubos e negócios ilícitos feitos com eles são expostos, afim de comprometê-los. É isso o que resta da pátria romena quando perdemos nossas cidades; uma classe dominante, sem honra, um povo de

camponeses, sem liberdade e todos as crianças romenas sem país e sem futuro.

O PROBLEMA DA ESCOLA ROMENA

Quem controla as cidades controla as escolas e quem controla as escolas amanhã controla o país.

Aqui estão algumas estatísticas de 1920:

Situação na Faculdade de Filosofia da Universidade de Cernăuţi, semestre de verão:

Romenos: 174

Judeus: 574

Em Direito, na mesma cidade, no semestre de verão:

Pela religião

Ortodoxos: 237 (romenos e rutenos[52])

Católicos 98

Luteranos: 26

Outras religiões: 31

Judeus: 506

(De *"Situaţia demografică a României[53]"*, de Em. Vasiliu-Cluj, pág. 84)

Na Bessarábia

---

[52] N.T. Grupo étnico da Europa, que falam a língua rusyn e descendem dos russianos que não se tornaram ucranianos, no século XIX. São originários do norte dos Cárpatos e ainda habitam essas áreas como também algumas outras na planície da Panônia.

[53] N.T. A Situação Demográfica da Romênia.

Educação primária rural:

Meninos: 72.289 romenos, 1.974 estrangeiros cristãos, 1.281 judeus.

Meninas: 27.555 romenos, 1.302 estrangeiros cristãos, 2.147 judeus.

Educação primária urbana:

Meninos: 6.385 romenos, 2.435 estrangeiros, dos quais 1.351 judeus.

Meninas: 5.501 romenos, 2.435 estrangeiros, 2.492 judeus.

Escolas secundárias e profissionais:

1.535 ortodoxos, 6.302 judeus.

Escolas secundárias mistas:

690 ortodoxos, 1.341 judeus (op. Cit. Pp. 84-85)

No Reino Antigo

Ensino médio romeno em Bacău: 363. Judeus: 198.

Ensino médio Botoşani, romenos 229, judeus 127.

Ensino médio Botoşani, meninas, 155 romenas, judias 173.

Ensino médio de Dorohoi, 177 romenos, 167 judeus.

Ensino médio de Fălticeni, 152 romenos, 100 judeus.

Ensino médio Nacional, Iaşi, 292 romenos, 201 judeus.

Gimn. Alex. cel Bun, Iaşi, 93 romenos, 215 judeus.

Ensino médio Ştefan cel Mare, Iaşi, 94 romenos, 120 judeus.

Ensino médio de Roman, 256 romenos, 157 judeus.

Ensino médio de Piatra Neamţ, 347 romenos, 179 judeus.

Escolas particulares

Bucareste, Romenos: 441. Judeus: 781

Iaşi, romenos 37, judeus 108.

Galaţi, romenos 190, judeus 199.

(Opera cit. Pp. 85-87)

A situação na Universidade de Iasi

Faculdade de Medicina, Romenos: 546. Judeus: 831

Faculdade de Farmácia, 97 romenos, 299 judeus.

Faculdade de Letras, 351 romenos, 100 judeus.

Faculdade de Ciências, 722 romenos, 321 judeus.

Faculdade de Direito, 1.743 romenos, 370 judeus.

(Op. Cit. Pp. 87-88)

A escola romena, assim destruída pelo grande número de judeus, dá origem a dois problemas sérios:

I. - O problema da classe dominante romena, porque a escola cria os líderes de amanhã da nação, não apenas os líderes políticos, mas também todos os líderes de todos os campos de atividade.

II. - O problema da cultura nacional, porque a escola é o laboratório no qual a cultura de um povo é preparada.

Para sublinhar a tragédia desta escola romena oprimida pelos judeus, acho particularmente importante citar abaixo as dolorosas descobertas feitas por um dos pedagogos mais brilhantes de nossa nação, o professor Ion Găvănescul, da Universidade de Iaşi:

“Não queremos mais ver o espetáculo oferecido pela Escola Nacional de Ensino Médio em Iaşi, onde a esmagadora maioria dos estudantes é formada pelo elemento judeu. Os poucos estudantes romenos sentem-se estranhos: nos intervalos entre as aulas, eles se retiram, apreensivos e envergonhados para os cantos. Eles são a minoria tolerada.

A maioria vive à parte, conversando entre si sobre suas preocupações, seus jogos, sociedades, Macaby[54], Hacoah[55], Macoah, etc, seus encontros e conferências, seus esportes, seus planos de trabalho e festas. E quando eles quando eles duvidam da discrição dos romenos, a maioria minoritária sussurra entre si ou fala em iídiche...

Pobres professores romenos que se deparam com tais almas estudantis! Involuntariamente é lembrado a galinha que chocou ovos de pato. Olhe para ela cacarejando, assustada na margem do lago, como ela chama desesperadamente seus recém-nascidos, seus filhotes de outra espécie, que saltaram na água, escorregaram e voaram para a outra margem, onde ela não pode segui-los.

Que escola de nacionalismo você pode ensinar para esse público? Você pode falar, se você sente a chama do patriotismo, sobre as aspirações e ideais romenos? Você pode pelo menos abrir a boca? Sua mandíbula trava, suas palavras congelam em seus lábios.

O grande Kogălniceanu, em frente a esses bancos tão cheio de crianças estrangeiras em escolas... poderia ter proferido seu famoso discurso introdutório da história dos romenos que ele

---

[54] N.T Maccabi é uma organização internacional de esportes judaicos.
[55] N.T. Hakoah significa “A Força" e se refere a organizações esportivas judaicas.

proferiu neste exato local, onde hoje o ensino médio ‘nacional’ romeno se tornou uma escola judaica ‘nacional’?

Ele teria perdido sua inspiração, que retira sua força da simpatia dos olhos brilhantes da compreensão e da fé.”

Ion Găvănescul, “Imperativul momentului istoric[56]”, página 67

E mais:

“Onde já vimos na Inglaterra, na França, na Itália, qualquer escola de qualquer grau, para nos limitarmos a um único lado da vida nacional, em que o número preponderante de alunos pertence a uma nação que não a nação que compõe a população nativa do país e que fundou o respectivo Estado Nacional?

Pode-se imaginar, por exemplo, que em uma Faculdade de Direito de uma Universidade da Inglaterra possa haver 547 judeus e 234 ingleses, a proporção entre judeus e romenos da Faculdade de Direito de Cernăuţi, em 1920?

Ou em uma Faculdade de Filosofia da Itália, 577 judeus e 174 italianos, a proporção entre judeus e romenos na mesma Universidade de Cernăuţi?

Essas taxas são normais? Não são monstruosidades da biologia étnica, inadmissíveis, inconcebíveis? Não são um sinal de inconsciência criminal por parte da classe dominante responsável do povo romeno?”

Ion Găvănescul, op. cit.

O PROBLEMA DA LIDERANÇA ROMANA

Mas quem são os estudantes e alunos de hoje? Os alunos de hoje são os professores de amanhã, os médicos de amanhã, os engenheiros de amanhã, os magistrados de amanhã, os advogados de amanhã, os prefeitos de amanhã, os deputados de amanhã, os

[56] N.T. “O imperativo do momento histórico”

ministros de amanhã, em uma palavra, líderes de amanhã em todos os campos de atividade.

Se os estudantes de hoje são 50%, 60%, 70% judeus, amanhã logicamente teremos 50%, 60%, 70% de líderes judeus para este povo romeno.

A questão é se uma nação tem o direito de limitar o número de estrangeiros às suas universidades?

Aqui está a resposta para essa pergunta no Boletim da Universidade de Harvard, citado pelo professor Cuza em "Numerus clausus", página 11, Morris Gray, um ex-aluno desta universidade (turma de 1906), estudando o problema judaico ali.

Morris Gray começa formulando o problema em princípio, perguntando a si mesmo:

"Antes de mais nada, qual é a função de uma universidade? Quais são os deveres dela?

Se seu dever é um dever do indivíduo, a admissão deve ser franca e manifestamente baseada no princípio democrático: qualquer candidato deve ser admitido com a condição de ser aprovado nos exames de admissão e pagar a primeira parcela das propinas escolares. E isso sem uma investigação séria da personalidade do candidato, nem das suas possibilidades latentes de progresso, de sua eminência, de sua utilidade para si ou para os outros.

Mas se o dever da Universidade é dever de uma nação, sua atitude em relação à admissão de estudantes deve ser naturalmente baseada em um princípio especial.

Na minha opinião, o dever de uma universidade é formar homens em nos vários domínios de pensamento, de tal maneira que pelo menos alguns deles possam se tornar líderes em seus respectivos campos e servir à nação."

Aqui está um princípio bem estabelecido, acrescenta o professor Cuza:

“O dever das universidades é para com sua nação, para a qual eles devem preparar líderes em todos os campos e que devem ser necessariamente etnicamente nativos.

Pois é intolerável que uma nação eduque para si própria líderes estrangeiros em suas universidades.”

Do exposto, pode-se deduzir o grave problema da classe dominante romena de amanhã.

Uma verdade estabelecida permanece: a Romênia deve ser governada pelos romenos.

Alguém afirma que a Romênia deve ser governada por judeus?

Caso contrário, ele deve admitir que os estudantes romenos estão certos e que todas as campanhas, todos os insultos, todas as infâmias, todas as incitações, todas as conspirações, todas as injustiças que são e serão lançadas sobre essa juventude romena encontram sua justificativa na guerra travada pelos judeus pelo extermínio dos romenos e seus melhores combatentes.

O PROBLEMA DA CULTURA NACIONAL

Um povo, considerando este problema, o pior de todos, é como uma árvore preocupada com o problema de seus frutos.

Quando se vê que, por causa da sobrecarga das lagartas, não podia mais cumprir seu propósito no mundo, não podia mais dar frutos, então teria que enfrentar o problema mais triste, maior que o próprio problema da vida, porque: ver seu propósito na vida destruído seria mais doloroso do que se sua própria vida fosse destruída. As maiores dores são de esforços inúteis, porque são as que resultam da terrível consciência da futilidade da vida.

***

É horrível! Nós, o povo romeno, não podemos mais dar nossos frutos? Não deveríamos ter uma cultura romena, nossa, de nossa nação, de nosso sangue, que deveria brilhar no mundo junto com os frutos de outras nações? Devemos ser condenados hoje a nos apresentar ao mundo inteiro com produtos de essência judaica?

Hoje, no último momento, quando o mundo está esperando o povo romeno aparecer com o fruto de seu sangue e gênio nacional, devemos nos apresentar com uma infecção da caricatura cultural judaica?

Com uma forte de dor no coração nós olhamos para este problema e não haverá um romeno que, vendo toda a sua história em perigo, não irá pôr as mãos em armas para se defender.

Extraio do "Imperativul momentului istoric[57]", do professor Găvănescul, estas linhas imortais:

"A principal preocupação do povo romeno, tão importante para o seu ser quanto a preservação física, é sua afirmação na esfera da vida ideal da humanidade.

A criação de uma cultura com seu próprio caráter romeno.

Não é possível que uma cultura romena evolua a partir de uma escola, uma organização política ou econômica de caráter estrangeiro.

Uma instituição, em função da vida nacional, só tem um caráter romeno quando o fator humano que lhe dá vida é o romeno."

Diante desta situação triste, diante do número de invasores que nos assolam, o professor Găvănescul se preocupa, levantando a questão da escola e da cultura nacional:

"Onde as almas romenas podem buscar refúgio? Onde podem escapar da impressão dolorosa de estar no exílio em sua própria terra?

---

[57] N.T. "Imperativo do momento histórico"

Além da igreja, onde eles entram para descansar em paz, sob a proteção da cruz salvadora, seu único asilo continua sendo a escola.

A escola é o ninho ideal em que o gênio nacional reúne sua progênie para alimentá-la, criá-la, ensiná-la a voar, mostrar-lhe o caminho para as alturas, que só ele sabe, para chegar onde somente ele pode chegar.

A escola é o local de refúgio onde são dadas as cordas e os órgãos da alma da nação, para preparar uma nova sinfonia, inédita no mundo, a primeira sinfonia de seus dons naturais, prescritos ao seu ser e apenas ao seu ser.

A escola é o santuário onde está comprometido o grande mistério da vida de um povo, onde a alma étnica destila, em gotas de luz, sua essência imortal, para ser derramada na forma ideal predestinada a ela e somente a ela, pelo pensamento criativo do mundo.

Não podem os instrumentos melódicos de outras almas étnicas participar harmoniosamente da sinfonia de nossa cultura. Eles não sabem o modo de sua construção e conhecem apenas a nota de sua nação.

Que sinfonia romena você retirará deles?

A essência do gênio nacional de outras almas étnicas não pode se cristalizar de nenhuma outra forma além daquela que é decisiva para o nascimento dos povos. Como se pode produzir a imagem de uma nação romena da essência nacional judaica, magiare, alemã?”

Ion Găvănescul, “Imperativul momentului istoric”, pp. 64-68

Não apenas eles não serão capazes de criar a cultura romena, mas os judeus também falsificarão a que temos, a fim de nos servir de envenenamento.

Sendo a escola romena massacrada dessa maneira, somos colocados na situação de desistir de nossa missão nacional, de desistir da criação de uma cultura romena e de perecer envenenados.

O RETORNO AO PAÍS

Todos nós, estudantes de Iași, ao contrário de nossos colegas de outras universidades, os conhecíamos antes do início do movimento estudantil das palestras do professor Cuza, dos escritos do professor Paulescu e Găvănescul, dos estudos e pesquisas que fizemos na Associação dos Estudantes de Direito e pelo que vimos com nossos próprios olhos e sentimos em nossas almas.

Foi uma questão de grande consciência que surgiu diante de nós. Cada dia nos trazia mais uma prova: vimos a perfídia da imprensa judaica, vimos sua má fé em todas as circunstâncias, vimos seus incitamentos em tudo que era anti-romeno, vimos o trabalho de lisonjear e elevar políticos, funcionários, autoridades, escritores, padres cristãos que estavam prontos para fazer o jogo dos interesses judaicos; Vimos a zombaria de todos aqueles que tinham uma atitude romena, correta e digna ou que ousavam expor o perigo judaico; vimos a impiedade com que fomos tratados em nossa própria casa, como se tivessem sido donos aqui há milhares de anos; Vi com crescente indignação a ousada intromissão desses convidados indesejados nas questões mais íntimas da vida romena: religião, cultura, arte, política, tentando traçar as linhas pelas quais mover o destino de nosso povo.

Para mim, com minha mente jovem, quase uma criança, esses pensamentos me atormentaram por muito tempo, em busca de soluções.

Os elementos que mais me impressionaram, que depois me determinaram a lutar e que me confortaram e me fortaleceram em tempos de sofrimento foram:

1. Consciência do perigo mortal em que se encontram nosso povo e seu futuro.

2. Amor pela terra e tristeza por qualquer lugar glorioso e sagrado, escarnecido e contaminado hoje pelos judeus.

3. A pena dos ossos daqueles que morreram pelo país.

4. O sentimento de revolta contra as ofensas, a zombaria e o pisoteio por esse inimigo estrangeiro de nossa dignidade como seres humanos e como romenos.

Por isso, quando, em dezembro de 1922, ouvi as grandes notícias, o surto vulcânico do movimento estudantil, decidi voltar ao país para poder lutar com meus camaradas.

Pouco tempo depois o trem estava me levando para casa. De Cracóvia, enviei um telegrama aos estudantes de Cernăuţi, que estavam me esperando na estação. Fiquei lá por dois dias. A universidade foi fechada. Os estudantes que a guardavam pareciam soldados a serviço de seu país, com suas almas iluminadas por Deus. Nenhum interesse pessoal ofuscava sua bela e santa ação. A causa pela qual eles se uniram e lutaram em uma alma estava muito acima deles, muito acima de suas intermináveis privações e necessidades.

Os principais combatentes de Cernăuţi eram: Tudose Popescu, filho do velho sacerdote de Mirceşti, Dâmboviţa, um estudante do terceiro ano de Teologia, depois Dănileanu, Pavelescu, Cârsteanu etc.

Eu perguntei sobre o plano de batalha deles. Era uma greve geral até a vitória, isto é, até o governo resolver os pontos da moção de 10 de dezembro começando pelo "numerus clausus".

Não me pareceu bom.

Na minha cabeça o seguinte plano surgiu:

a) O movimento estudantil deve chegar a todo o povo romeno. O movimento de estudantes limitado dentro da Universidade deve ser transformado em um movimento nacional de romenos, porque, por um lado, o problema judaico não é apenas um problema da Universidade, mas da nação romena e, por outro lado, a Universidade sozinha não pode resolver.
b) Esse movimento nacional deve ser incorporado a uma organização sob um único comando.
c) O objetivo desta organização deve ser lutar pela governança do movimento nacional, que resolverá o "numerus clausus" e todos os outros problemas, porque nenhum governo de partidos políticos fora deste movimento resolverá o problema nacional.
d) Em vista disso, os alunos devem preparar uma grande assembléia nacional de romenos de todos os estratos sociais, o que também significa o início da nova organização.
e) Para a execução desta assembléia, cada universidade deve fazer tantas bandeiras quantos municípios houver na respectiva província. O pano dessas bandeiras deve ser transportado e entregue por uma delegação de estudantes, a um nacionalista conhecido, que a delegação considerará ser o mais adequado para esse fim. Ele reunirá ao seu redor um grupo de líderes da cidade e de todo o condado e, ao receber o telegrama, anunciando com uma semana de antecedência a data e o local da assembléia, irá partir com a bandeira e todos os seus homens para o local indicado.
f) Para não ser impedido pelo governo, todos os preparativos deverão ser feitos em silêncio, mantendo discrição sobre a data.

Em um dormitório, apresentei esse plano a um número de 50 lutadores.

Eles acharam isso bom. Então, dinheiro foi levantado por todos, o pano necessário foi comprado e, naquele local, os estudantes fizeram bandeiras para os condados de Bucovina.

EM IAŞI

Em Iasi, conheci todos os meus antigos camaradas.

Eu expus a eles também o plano. As bandeiras foram feitas aqui, no primeiro dia, pelos estudantes, para todas as cidades da Moldávia e Bessarábia.

Não consegui encontrar o professor Cuza. Ele foi a Bucareste com o professor Şumuleanu e meu pai, para uma reunião na capital.

EM BUCARESTE

No dia seguinte, parti para Bucareste. Aqui me apresentei ao professor Cuza, o professor Şumuleanu e meu pai, que por mais de um quarto de século lutaram juntos contra o perigo judaico, sendo dominados por zombarias, espancamentos e até feridas, e que hoje viviam a grande satisfação de ver todos os jovens cultos do país, mais de 30.000, levantando bandeiras de luta pela fé que haviam servido a vida inteira.

Em Bucareste, no entanto, meus pensamentos não foram recebidos com o mesmo entusiasmo. Primeiro, porque encontrei alguma resistência do professor Cuza. Expondo meu plano, propondo a criação de um movimento nacional, e proclamá-lo líder desse movimento, na reunião a ser realizada, o professor Cuza considerou que o plano não era bom, porque, ele disse:

- Não precisamos de organização, nosso movimento é baseado em uma corrente formidável de massas.

Eu insisti, comparando um movimento de massa com um poço de petróleo, que, não sendo preso em um sistema organizado, mesmo

que ele exploda, é inútil, porque o petróleo se espalhará por toda parte. Mas saí sem resultado. No dia seguinte, o professor Şumuleanu e meu pai o convenceram.

Mas fui confrontado por uma dificuldade que não esperava. Era início de fevereiro. A grande massa de estudantes transbordava em pleno vigor de alma. Embora todas as cantinas estivessem fechadas, embora as portas de todos os dormitórios estivessem fechadas, os estudantes sendo deixados nas ruas sem comida e casa no meio do inverno, eles ainda estavam em pleno entusiasmo sob a admirável proteção dos romenos na capital, que abriram os portões das casas, hospedando e alimentando os mais de 8.000 estudantes lutadores. Havia nisso uma aprovação, uma exortação à luta, uma solidariedade, um consolo para aqueles que estavam sendo feridos.

Mas eu não tive contato com esta massa. Eu não conhecia ninguém. Através do estudante Fănică Anastasescu, que era o administrador da revista "Apărarea Naţională", comecei a conhecer alguns. Os líderes do movimento estudantil em Bucareste me deram a impressão de que não eram suficientemente orientados, porque, embora elementos de elite, com qualidades intelectuais distintas, fato verificado pelos lugares que mais tarde ocuparam na sociedade, se viram inesperadamente na vanguarda de um movimento em que nunca haviam pensado antes. De fato, havia muitos, cada um com uma opinião particular. Entre os elementos valiosos da liderança, figurados na primeira linha: Creţu, Dănulescu, Simionescu, Râpeanu, Rovenţa e outros. A massa era guerreira, mas alguns dos líderes achavam melhor acalmar os espíritos.

Por outro lado, a falta de treinamento nessa direção e o contato inadequado com os políticos os fizeram tentar, em certa medida, pelo menos alguns deles, transferir o movimento em um plano material, o que é inadmissível, na minha opinião. Pois era como se alguém dissesse:

1. Lutamos para retirar nosso país das mãos dos judeus;
2. Lutamos para receber um pedaço de pão branco à mesa;
3. Lutamos por duas refeições;
4. Lutamos por uma boa cama;
5. Trabalhamos por equipamentos de laboratório, por instrumentos de dissecção, etc;
6. Lutamos por mais dormitórios;

para que, no final, possa ser dito em voz alta pelas autoridades:

“Os pedidos dos alunos foram atendidos, o governo reconheceu o estado lamentável dos alunos e sua grande miséria, etc. Dos seis pontos exigidos pelos alunos, cinco foram admitidos, a saber: equipamento de dissecção, equipamento de laboratório, dois pães brancos por dia, duas refeições diárias, três dormitórios para estudantes com boas camas, etc.”

E sobre o primeiro ponto: salvar o país das mãos dos judeus, nada seria dito, sob o pretexto que cinco em cada seis pontos foram admitidos pelo governo.

Desde o início do movimento estudantil, toda a imprensa judaica procurou transferir o movimento para esse plano material.

Que o objetivo do movimento fosse “um pedaço de pão”.

Assim o objetivo real - o judeu - escaparia despercebido. De fato, se alguém reler os jornais, poderá perceber que os políticos romenos também colocaram problema em termos semelhantes: - os alunos devem receber dormitórios, comida, etc.

Como eu disse antes, parte da liderança em Bucareste estava inclinada a essa propensão que, se tivesse tomado o corpo discente, teria se desviado de sua verdadeira missão.

Minha opinião sempre foi contrária a esse ponto de vista. Contrária a qualquer interferência material nas demandas dos alunos.

Porque, eu disse e digo ainda hoje, não foram as necessidades, nem a escassez, que impulsionaram os estudantes ao grande movimento, mas, ao contrário, o abandono da preocupação por quaisquer necessidades e escassez, interesses, sofrimentos pessoais ou familiares, seu esquecimento pelos estudantes romenos e sua integração com todo o ser nas preocupações, necessidades e aspirações de seu povo. Isso e somente isso lhes deu a luz sagrada em seus olhos.

O movimento estudantil não era um movimento de demandas materiais. Ele superou as necessidades de uma geração, entrelaçando-se com as aspirações superiores de uma nação.

Por outro lado, aqui em Bucareste, predominava a idéia: o movimento estudantil deve ser mantido dentro da universidade, deve permanecer um movimento acadêmico, não deve se transformar em um movimento político. Essa opinião, no entanto, estava completamente errada, pois coincidia com os interesses dos judeus e dos partidos políticos, que tinham todo o interesse em restringir o movimento apenas na universidade e ali, de alguma maneira, extingui-lo.

Nossa visão era de que não estávamos formando um movimento para nos agitar, mas um movimento pela vitória. Somente as forças estudantis não são suficientes para a vitória. Precisávamos da força dos estudantes unida aos dos outros romenos.

Os líderes de Bucareste também foram contra a proclamação do professor Cuza como presidente de uma possível organização. Eles alegaram que o professor Cuza não era bom para tal ação. Argumentei que deveríamos apoiá-lo como ele é.

No fim, aqueles em Bucareste mantiveram grandes reservas em relação a mim. Isso me machucou, porque eu vim com tudo o que um homem pode ter de mais limpo e santo em seu coração, com um desejo vivo de colaborar da melhor maneira para o país. Talvez não me conhecendo, eles tinham o direito de serem reservados.

Por esses motivos, em Bucareste, eu encontrei resistência. Por isso comecei a trabalhar fora do comitê e fiz apenas três ou quatro bandeiras.

EM CLUJ

Fui a Cluj com Alexandru Ghica, um dos três filhos da sra. Constanţa Ghica de Iaşi, bisnetos do governante e que, durante todo o movimento estudantil, se comportaram impecavelmente.

Na presidência do centro estudantil estava Alexa, um elemento modesto e bom. Ele me recebeu com os mesmos argumentos em relação à orientação dos estudantes e à proclamação do professor Cuza como presidente do novo movimento. A massa estudantil era ousada e cheia de energia. Foi então que conheci Moţa: um jovem ágil e talentoso. Ele tinha as mesmas opiniões que Alexa. Eu tentei convencê-lo, mas sem sucesso. Foi muito difícil pra mim. Eu não conhecia ninguém. No entanto, encontrei alguns estudantes do meu lado: Corneliu Georgescu, estudante de Farmácia, Isac Mocanu, de Letras, Crâşmaru, de Medicina, Iustin Ilieşu etc. Fizemos também uma bandeira e, na casa do capitão Şiancu, que desde o primeiro momento se juntou amorosamente à nossa ação, todos nós juramos nesta bandeira.

ASSEMBLEIA DE IAŞI EM 4 DE MARÇO DE 1923. FUNDAÇÃO DA LIGA NACIONAL DE DEFESA CRISTÃ.

Ao voltar de Iasi, eu tinha dois caminhos à minha frente que precisavam de atividade paralela:

I. Preparar a assembléia para a qual as bandeiras foram feitas em todas as universidades.
II. Continuar o movimento estudantil, mantendo a greve geral.

No primeiro ponto, a maior dificuldade não foi a falta de homens, nem a falta de organização, nem as medidas do governo. Dessa vez, eu tive a maior dificuldade, não na desaprovação desse plano, mas na falta de entusiasmo do professor Cuza por ele.

O professor Cuza não estava suficientemente convencido da necessidade de organização e, por outro lado, não acreditava na possibilidade do sucesso da reunião.

No ponto II, tivemos sérias dificuldades em liderar os centros estudantis em Bucareste e Cluj, dificuldades que impediram a existência de um ponto de vista unitário, como um plano de batalha em torno do qual uma perfeita unidade deste novo mundo poderia ser alcançada, levantando com todas as suas forças para enfrentar o inimigo e todos os nossos erros passados.

Nem os líderes nem a massa desses centros:

a) conheciam o problema judaico e, especialmente, não conheciam os judeus. Eles não conheciam o poder judaico, sua maneira de pensar e agir.
   Haviam entrado em guerra e não conheciam nosso adversário;
b) eles acreditavam que o governo da época então liberal, ou possivelmente outro que viria depois dele, e ao qual prometeríamos nosso apoio, iria satisfazer nossos desejos exigidos.

Portanto, eles se estabeleceram mais no campo da diplomacia. Eles acreditavam que, no final, seriam capazes de convencer os políticos da justiça da causa estudantil. Eu acho que não há nada mais angustiante do que discutir um problema com homens que não conhecem nem as linhas mais básicas dele. Contra essa situação do ponto II, tomamos as seguintes medidas:

1. Alguns bons delegados do centro Iaşi participariam regularmente das reuniões do comitê central de Bucareste (as reuniões desse comitê são realizadas duas a três vezes

por semana. Começavam por volta das nove da noite e continuavam até as três da noite, quatro, cinco e até sete da manhã, discutindo em contradição. Para muitos dos participantes da época, as únicas lembranças do movimento estudantil eram essas reuniões e as lutas retóricas dentro do comitê).

2. A criação em Bucareste e Cluj de um grupo dos melhores lutadores do corpo discente, para trabalhar além das diretrizes do respectivo centro.

Em Cluj e Bucareste, esses grupos foram formados muito rapidamente. Em Bucareste, eles ainda existiam no comitê, onde a liderança encontrava forte oposição em todas as reuniões. Em Bucareste, Ibrăileanu, o delegado de Iaşi, foi de grande ajuda. Da mesma forma, a atitude ousada de Simionescu, o líder dos estudantes de medicina, manteve os alunos no verdadeiro espírito.

Na preparação da assembléia, foi esta a situação, segundo as notícias recebidas do Iasi:

Em duas semanas, mais de 40 bandeiras foram distribuídas em 40 municípios para pessoas de confiança. Também era natural que, após dois meses de movimento estudantil, de greve geral em todas as universidades, a alma dos romenos fervesse e subissem por toda parte, à espera de uma palavra de ordem. As bandeiras e as notícias da assembléia chegaram a tempo.

O professor Cuza queria fixar a data da reunião em maio, para que mais pessoas chegassem na primavera. Na minha opinião, no entanto, a reunião devia ser realizada o mais breve possível, pelos seguintes motivos:

1. Todo mundo, criado em torno do movimento estudantil, aguardava um sinal de comando para poder se unir, esclarecer e agir de acordo com um plano estabelecido.
2. Eu temia que o judaísmo e a Maçonaria, percebendo a situação, não pudessem iniciar uma organização pseudo-nacionalista, a fim de explorar as pessoas e, assim, desviar o

movimento para um beco sem saída. De qualquer forma, isso teria causado confusão na mente dos romenos, o que não era de todo desejável.

3. Era necessário manter a frente do movimento estudantil, porque a guerra não era fácil de combater: golpes do governo, golpes das autoridades, golpes dos pais, golpes dos professores, pobreza, fome, frio. Uma mobilização das massas romenas, para defender sua causa, enviando-lhes uma palavra de bondade, exortação, encorajamento, teria revivido toda a frente desse movimento.
4. Finalmente, porque milhares de estudantes sentaram-se e não sabiam o que fazer; eles fizeram manifestação uma vez, duas, três; uma reunião, duas, três... Mas já se passaram dois meses. Estes jovens tinham algo para fazer. Depois que a nova organização nascesse para toda essa multidão, quando seus meios de ação se esgotarem, um amplo campo de atividade seria aberto.

Eles terão trabalho no dia seguinte, indo às aldeias, organizando-as e instilando nelas a nova fé.

4 DE MARÇO DE 1923

Professor Cuza fixou o dia de domingo, 4 de março. O local da assembléia, em Iasi.

O professor me convidou para jantar. Havia a questão do nome da organização que deveria ser estabelecida. O capitão Lefter disse: O Partido da Defesa Nacional, como na França. Pareceu-me apropriado. O professor Cuza acrescentou:

- Não faz parte, mas liga: “Liga da Defesa Nacional Cristã”.

Foi assim que ficou.

Enviei telegramas a Cernăuţi e Cluj, com o seguinte conteúdo: “Casamento em Iasi, 4 de março”.

Depois cuidei de todos os detalhes da preparação. O plano foi estabelecido pelo professor Cuza, de acordo com o professor Şumuleanu e meu pai: na Igreja Metropolitana, oração; na Universidade, homenagem a Simion Bărnuţiu e Gh. Mârzescu; na sala Bejan, reunião pública.

Foram feitos cartazes anunciando a grande assembléia nacional. As notícias de uma grande assembléia romena em Iasi, para montar uma organização de combate, espalharam-se como um raio entre os estudantes das quatro universidades e de lá entre os romenos.

A partir da noite de 3 de março, começaram a chegar vagões inteiros com grupos, liderados por líderes carregando o pano das bandeiras.

Pela manhã, 42 grupos chegaram, com 42 bandeiras. O pano dessas bandeiras era negro de luto; no meio, uma mancha branca redonda que significa nossas esperanças cercadas pela escuridão que terão que superar; no meio do branco, uma suástica, sinal da luta anti-semita de todo o mundo e, ao redor da bandeira, o tricolor romeno. O professor Cuza também havia aprovado em Bucareste a forma dessas bandeiras. Agora, os colamos em postes, embrulhámo-los em jornais e todos fomos a igreja Metropolitana, onde um serviço religioso era realizado na frente de mais de 10.000 pessoas.

No momento da consagração, as 42 bandeiras negras foram desenroladas diante do altar. Uma vez consagradas, eles percorreriam todo o país, construindo uma verdadeira fortaleza de almas romenas em torno de cada bandeira. Essas bandeiras enviadas a cada município seriam coágulos que reuniriam todos aqueles de um pensamento e um sentimento. Com sua benção solene, sua aparência impressionante e sua fixação em cada município, foi resolvido um grande problema de organização e orientação popular.

Da igreja Metropolitana, milhares de pessoas em uma procissão com bandeiras desenroladas seguiram pela Praça Unirii, Lăpuşneanu e Carol, até a Universidade. Grinaldas de homenagem e veneração foram colocadas lá para Mihail Kogălniceanu, Simion Bărnuţiu e Gh. Mârzescu, o último defensor do artigo. 7 da Constituição de 1879, e, ironicamente, pai do ministro liberal George Mârzescu, defensor dos judeus.

Lá, no Anfiteatro da Universidade, foi assinado o documento fundador da "Liga da Defesa Nacional Cristã".

À tarde, a reunião ocorreu no Salão Bejan, presidida pelo general Ion Tarnoschi. Muitas pessoas que não puderam ser acomodadas no corredor estavam esperando na rua. Com grande entusiasmo, o professor Cuza foi proclamado presidente da "Liga da Defesa Nacional Cristã". Falaram: professor Cuza, Professor Şumuleanu, General Tarnoschi, meu pai, representantes de todos os municípios dos centros estudantis: Tudose Popescu, Prelipceanu, Alex. Ventonic, Donca Manea, Noviţchi, Şofron Robotă. Entre estes, eu. Finalmente, depois de ler a moção, o professor Cuza, em conclusão, confiou-me uma missão, dizendo:

- Estou encarregando de organizar o L.A.N.C.[58] em todo o país, sob minha liderança direta, o jovem advogado C.Z. Codreanu.

Então ele nomeou os chefes do condado. A reunião terminou em perfeita ordem e com grande entusiasmo.

[58] N.T. abreviação de “Liga Apararii Naţional Creştine” (Liga da Defesa Nacional Cristã).

OUTRAS ORGANIZAÇÕES ANTI-SEMITICAS OU NACIONALISTAS

Havia pequenas organizações políticas e econômicas anti-semitas antes de 1900 e depois. Houve fracas tentativas de pessoas com visão e amor pelo país para se opor à crescente investida judaica. No entanto, a organização anti-semita mais séria foi o "Partido Nacionalista-Democrata", fundado em 23 de abril de 1910, sob a liderança dos professores: N. Iorga e A. C. Cuza. Este partido tinha um programa inteiro de governo. No artigo 45 a solução para o problema judaico foi dada:

“A solução para o problema judaico deve ser alcançada através da eliminação dos judeus, desenvolvendo os poderes produtivos dos romenos e protegendo seus empreendimentos”.

Após esses pontos do programa, havia a seguinte declaração solene:

“Vamos preservar, espalhar e defender este programa com toda a nossa força e firmeza, considerando isso como nosso primeiro dever de honra”.

A. C. Cuza N. Iorga

Esta organização reuniu todos os lutadores formados de 1900 e depois aqueles que se formaram desde 1910. Entre os líderes estavam: o prof. universitário Şumuleanu, prof. Ion Zelea Codreanu, Buţureanu em Dorohoi, Ţoni em Galaţi, C. N. Ifrim e posteriormente Ştefan Petrovici, C. C. Coroiu e outros.

Todos eles, em 1914, estavam à frente do movimento que exigia a entrada dos romenos na guerra pela conquista e libertação da Transilvânia; e em 1916 a maioria estava na linha de frente, cumprindo seu dever de maneira brilhante.

De 1910 a 1911, os condados de Dorohoi, sob a liderança do advogado Buţureanu, Iaşi, sob a responsabilidade do professor

Cuza, e Suceava, sob a liderança de meu pai, tornou-se cidades do renascimento romeno.

Em 1912, a corrente era tão forte nesses municípios que, nas eleições, o regime não pôde evitar uma grande derrota, exceto usando o terror. Sob essa circunstância, meu pai ficou gravemente ferido.

***

Imediatamente após a guerra, quando os camponeses voltaram da frente com desejo e determinação para uma nova vida, as primeiras eleições foram trazidas ao professor Cuza, do Parlamento, em Iaşi e ao meu pai em Suceava. Aqui eles travaram uma feroz batalha parlamentar, aplaudida em todo o país. A luta foi especialmente contra a paz que os alemães, cujos exércitos inimigos haviam violado nosso país, estavam tentando nos impor.

O som dessas lutas, que eram verdadeiramente bonitas, reuniu as esperanças do país em torno do Partido Nacionalista Democrata, para que nas eleições seguintes, vitórias verdadeiramente formidáveis pudessem ser vistas. Em Suceava, a vitória foi incomparável. Dos sete lugares de deputados, o governo pegou um, os outros grupos nada e a lista de meu pai seis. Em Dorohoi, em Iasi, quase o mesmo. Os trens levavam um número de 34 deputados nacionalistas para Bucareste.

Mas, para a desgraça do povo romeno, todo esse exército, que surgiu de todas as partes do país, terminou em uma grande derrota. Isso caiu como um raio sobre as cabeças dos romenos. As forças judaico-maçônicas conseguiram separar os dois líderes do partido, o professor Nicolae Iorga de A. C. Cuza. Nicolae Iorga não lutou contra o tratado que nos impôs a "cláusula minoritária" e declarou-se pronto para assina-lo. O professor Cuza, por outro lado, mostrou que essa cláusula minoritária é um desafio a todo o

sangue derramado pelos romenos, uma interferência inadmissível em nossos assuntos internos e um começo de infortúnio para nós. Fomos obrigados a conceder direitos políticos[59] em massa aos judeus.

Por algum tempo, N. Iorga não era mais anti-semita. Obviamente, a ruptura se tornou irreparável.

E esta pobre nação voltou a ficar com o coração partido pelas esperanças de salvação novamente. A maioria dos membros do partido e parlamentares ficaram ao lado do professor Nicolae Iorga, acreditando que a atitude do professor Cuza os afastou das perspectivas de poder. Com o professor Cuza, permaneceram apenas o professor Şumuleanu e meu pai.

A FASCIA NACIONAL ROMENA E AÇÃO ROMENA

Em 1923, durante o movimento estudantil, sob o ímpeto da corrente nacionalista, a "Fascia Nacional Romena" apareceu em Bucareste, sob a liderança do Sr. Vifor, Lungulescu, Băgulescu e, em Cluj, a "Ação Romena", com os professores universitários: Cătuneanu, Ciortea, Iuliu Haţiegan, o advogado M. Vasiliu-Cluj e um grupo de estudantes liderados por Ion Moţa.

O primeiro publicou a folha semanal "Fascismo", bem escrita, com alma. Mas eles não conheciam o problema judaico. O segundo publicou a revista bimestral "Ação Romena" e depois "Înfrăţirea Românească[60]", também muito bem escrita, mas elas se limitavam apenas a isso. Não conseguiam determinar uma ação e não conseguiam criar uma organização sólida.

Durante esse período, o aluno Ion Moţa traduziu do francês "Os Protocolos[61]", comentados pelo professor Cătuneanu e M.

[59] N.T. Direitos civis.

[60] N.T. "Fraternidade Romena".

[61] N.T. "Os Protocolos dos Sábios de Sião", livro que mostra a conspiração judaica para dominar o mundo.

Vasiliu-Cluj e publicados em volume. Também naquela época, M. Vasiliu-Cluj publicou seu trabalho “A Situação Demográfica da Romênia”, que mostrava com dados estatísticos o terrível estado das cidades romenas.

Essas duas organizações não tinham o poder de ação, nem o poder da organização, nem o poder da doutrina da “Liga Nacional de Defesa Cristã”, e terminaram, em 1925, fundindo-se com ela.

***

Após a fundação da “Liga da Defesa Nacional Cristã”, minha atividade seguiria duas linhas: a do movimento estudantil, que permaneceu uma unidade separada, com sua organização em centros, com objetivos imediatos, problemas e lutas, nas quais esteve engajada por três meses; e o da L.A.N.C. em que eu havia adquirido o cargo de organizador sob a liderança do Prof. Cuza.

No lado do estudante, eu tive que lutar por:

a. Manter a posição na linha da greve geral, na qual os estudantes romenos estavam envolvidos com sua honra, o que é bastante difícil diante de ataques, golpes, pressões, tentações, que fluíam sobre as cabeças dos estudantes em toda parte. Além disso, havia também grupos de estudantes derrotistas, partidários da fé derrotada, que precisavam ser checados.
b. O uso sistemático dos elementos estudantis disponíveis para a expansão do movimento em todas as massas romenas e sua organização em um único exército: L.A.N.C.

Na L.A.N.C. por outro lado tínhamos chefes e bandeiras em cerca de 40 municípios. Nós precisávamos:

1. Completá-las no resto dos condados.
2. O mais estreito contato possível com os respectivos chefes.

3. A criação imediata de normas precisas de orientação em matéria de organização, que não existiam e que todos os chefes de condado exigiam, sem saber como trabalhar.

Em resumo: defensivo na linha do aluno, ofensivo na L.A.N.C.

A grande massa estudantil agiu, guiada pelo instinto saudável de nossa raça e pelo espírito dos mortos. Ela caminhou em sua gloriosa linha, superando inúmeras dificuldades.

Com a “Liga”, os problemas foram um pouco mais difíceis.

Os chefes do condado criaram esclarecimentos e normas organizacionais. As pessoas que foram movidas pela corrente tiveram que ser fortalecidas em sua fé, doutrinadas, totalmente esclarecidas sobre a organização e os objetivos que deveriam alcançar em sua luta. Eles tiveram que aprender a disciplina e a confiar em seus superiores.

Não estávamos agora dando à luz um movimento, mas já tínhamos um movimento pronto que tínhamos que estruturar, disciplinar, doutrinar e liderar na batalha.

Quando fui ao professor Cuza com as cartas e os pedidos que recebi, ele se viu desarmado com esses pedidos, que o apresentaram a um mundo estranho a ele. Brilhando como um sol e invencível nas alturas do mundo da teoria, quando desceu ao campo de batalha, tornou-se impotente:

- Nós não precisamos de nenhum regulamento. Deixe que eles se organizem sozinhos.

Ou:

"Não precisamos de disciplina, porque não estamos no quartel", ele costumava nos dizer.

Então eu comecei e fiz meu próprio regulamento até os mínimos detalhes. Percebendo, no entanto, que era um problema difícil para a minha idade, levei-o ao meu pai e, em alguns dias de trabalho, fiz as mudanças necessárias na forma e na substância.

O sistema de organização era simples, mas diferente do dos partidos políticos até então. A diferença era que, além da organização política atual, baseada em comitês, comunas e membros do condado, eu havia formado um corpo de jovens, especialmente organizado em dezenas e centenas. Isso não existia até então em nossas organizações políticas. Mais tarde, eles também se apropriaram na forma de Partido Liberal Jovem, Partido Nacional-Camponês[62], etc.

Quando apresentei o estatuto ao professor Cuza, o assunto assumiu o caráter de uma guerra real. Ele nem queria ouvir sobre isso. Então, uma discussão embaraçosa de várias horas foi acalorada entre o professor Cuza e meu pai, uma discussão que me congelou e, suspeitando que isso levaria a quem sabe que conflito infeliz, lamentava ter provocado essa discussão. Meu pai, um homem violento e severo, aceitou o estatuto e foi à gráfica para imprimi-lo, sem a aprovação do professor Cuza.

Mas o último, com mais tato e calma, embora teimoso em alguns aspectos, era tão maleável em tais casos, e sabia como reconciliar as coisas. Ele o chamou de volta, dizendo-lhe:

- Tudo bem, vamos imprimi-lo, mas deixe-me dar uma olhada.

Ele o corrigiu, restaurou sua forma, acrescentou a parte doutrinária, chamadas, manifestos e imprimiu. Isso se tornou o “Guia do Bem Romeno” e depois o L.A.N.C., o livro básico da “Liga”, até 1935.

Fiquei satisfeito com o fato de que algo bom e absolutamente necessário para a organização pôde ser feito, mas em minha alma disse a mim mesmo: “Será difícil que as coisas continuem se essas questões básicas exigirem tanta discussão. Em uma organização, nem a falta de compreensão do chefe nem as discussões são boas”.

[62] N.T. “Țărănesc” ou “Partidul Național-Țărănist” (PNȚ).

MODIFICAÇÃO DO ART. 7 DA CONSTITUIÇÃO. MARÇO DE 1923
CONCESSÃO DE DIREITOS POLÍTICOS A JUDEUS

Por muito tempo havia rumores de que o Parlamento Liberal, que era a Assembléia Constituinte, tendo a missão de alterar a Constituição, pretendia modificar o art. 7 da Constituição, no sentido de conceder *“Cidadania e direitos políticos a todos os judeus na Romênia”*.

Até agora, este artigo da antiga Constituição impedia a cidadania de estrangeiros e, portanto, constituía um verdadeiro escudo de proteção do país contra a invasão e interferência dos judeus na liderança de nosso próprio destino romeno. A concessão deste direito de interferir nos assuntos públicos da Romênia a um número de até dois milhões de judeus, a concessão de um direito de igualdade dos judeus recém-estabelecido, com os romenos estabelecidos por milênios nesta terra, foram uma injustiça flagrante e uma grande perigo nacional, que não podia deixar de preocupar e abalar qualquer romeno com amor por seu país.

O professor Cuza, diante dessa situação, escreveu uma série de artigos imortais, mostrando o perigo que ameaçava o futuro desta nação, e a “Liga” distribuiu petições em todo o país para serem assinadas pelos romenos, que exigia que fosse mantido o art. 7 da Constituição como tal. As petições foram preenchidas por centenas de milhares de assinaturas e foram encaminhadas à Assembléia Constituinte.

Eu pensei que nós, os estudantes, enquanto essa grave questão estava sendo deliberada, deveríamos ir a todos os centros em Bucareste, e lá, juntamente com os estudantes de Bucareste e a população, manifestar e parar o ataque que escravizaria nosso futuro. Eu fui para Chernivtsi, Cluj e Bucareste.

Os alunos aceitaram minha proposta e começaram a se organizar para sair. Nesse momento, tive que enviar um telegrama convencional.

Mas o plano fracassou. Porque esperávamos que os debates sobre esse assunto durassem pelo menos três dias, durante os quais poderíamos nos chegar em Bucareste.

Em 26 de março, os debates não duraram meia hora. O governo liberal, como a Assembléia - aparentemente ciente do grande ato de vergonha que estavam fazendo - procurou escondê-lo, passando o mais despercebido possível.

No dia seguinte a esse grande ato de traição nacional, a chamada imprensa romena, assim como a judia, tratou o infame ato com silêncio.

“Dimineaţa”, “Lupta”, “Adevărul” publicavam todos os dias páginas inteiras em letras grossas, o conflito entre proprietários e inquilinos em Bucareste e no canto algumas palavras anunciando de maneira simples e traiçoeira: art. 7 da antiga Constituição foi substituída pelo art. 133.

O Partido Liberal e a vil assembléia de 1923 sepultaram e selaram a lápide sobre o futuro desta nação.

Nenhuma maldição de nossos filhos, nossas mães, nossos idosos, de todos os romenos que sofrem nesta terra, agora e no tempo da taça[63], será suficiente para recompensar esses traidores.

Assim, em silêncio e em uma atmosfera de covardia geral, o grande ato de traição nacional foi consumado.

Somente a voz do professor Cuza, a personalidade que predominava sobre toda a nação romena, pôde ser ouvida:

“Romenos,

[63] N.T. Acho que ele estava se referindo ao fim dos tempos.

a Constituição de 28 de março de 1923 deve ser revogada imediatamente. Protestem contra sua promulgação. Exijam eleições livres. Organizem-se para garantir sua vitória. Uma nova constituição deve garantir os direitos de primazia da nação romena, como a nação dominante no Estado".

Quando ouvi as notícias em Iasi, eu cai em prantos. E eu disse para mim mesmo:

- Não é possível! Pelo menos devem saber que protestamos. Pois a nação cujo jugo é colocado no pescoço e que nem sequer protesta é uma nação de tolos.

Fiz então um manifesto ao povo de Iași, convocando todos os romenos para uma reunião de protesto na Universidade. As notícias da concessão de direitos aos judeus se espalharam como fogo em todas as casas. A cidade estava fervendo.

As autoridades, por ordem do governo, trouxeram o exército, os gendarmes[64], a polícia; provocações e proibições de tráfego começaram. Então o plano mudou. O encontro não foi mais realizado na Universidade, mas em 14 pontos da cidade. Foi ali que começaram as manifestações e os confrontos que duraram a noite toda.

As autoridades, o exército e as forças policiais ficaram completamente confusas com a mudança repentina do nosso plano de batalha, nosso local de encontro e nossa fuga de um extremo a outro da cidade, conforme informado por seus agentes sobre a ocorrência dos manifestantes, que defendiam em meia em meia hora em pontos opostos.

O grupo sob meu comando se encontrou no ponto mais difícil: a Ponte Vermelha (Socola) e Tg. Cucului; onde a impudência judaica alegava que nenhum manifestante anti-semita jamais seria capaz de entrar impune sem a morte.

---

[64] N.T. Gendarmaria é uma força militar, encarregada da realização de funções de polícia no âmbito da população civil. Os seus membros são designados "gendarmes"

Nenhum romeno mora lá. Milhares de judeus acordaram e se movimentaram como um ninho de vermes. Quando fomos recebidos com tiros, respondemos com tiros.

Cumprimos nosso dever derrubando tudo o que estava em nosso caminho e mostrando aos judeus que Iasi, a antiga capital da Moldávia, ainda era romena e que lá é o nosso braço que governa, pode permitir ou proíbe, que mantém a paz ou a guerra, que pune ou perdoa.

No dia seguinte, a cavalaria de Bârlad chegou a Iaşi para ajudar os dois regimentos, a polícia, a gendarmeria e os judeus, e os jornais da capital saíram em uma edição especial: "Iaşi viveu uma noite e um dia de revolução".

Isso era tudo que poderíamos fazer, apenas crianças. Era tudo o que sabíamos quando o jugo foi colocado em nossos ombros. Não o aceitamos com serenidade, com a resignação de um servo, com covardia. Assim prestamos o juramento sagrado por toda nossa vida de quebrar esse jugo, não importa quantas lutas e sacrifícios possamos ser obrigados a fazer.

No dia seguinte, fui ao quartel da polícia para levar comida aos detidos. Lá, Iulian Sarbu acabou de ser interrogado e detido, pois era suspeito de ser o autor do manifesto. Vendo isso, me apresentei ao investigador e disse:

- Sarbu não é o autor do manifesto; Eu sou.

MINHA PRIMEIRA PRISÃO

Foi-me dito pela polícia:

- Sr. Codreanu, você tem que ir ao tribunal acompanhado pelo agente.

- Por que o agente? - Eu revidei. - Eu estou indo sozinho. - Foi a primeira vez que minha palavra foi duvidada. Eu me senti

ofendido. - Não, eu não vou com o agente. Ele pode, se quiser, andar 20 metros atrás de mim. Eu estou indo sozinho. Minha palavra vale mais de 20 policiais.

Cheguei ao tribunal. O agente entra e me introduz ao juiz de investigação Catichi. O juiz me diz:

- Você está preso e preciso mandá-lo para a penitenciaria.

Quando ouvi isso, tudo ficou preto diante dos meus olhos. Naquele momento "preso" era algo infame. Ninguém entre os iasianos jamais havia sido preso e nenhum estudante nacionalista havia sido preso. Muito menos eu, com meu passado de lutador!

Aproximei-me da mesa do juiz investigador e disse:

- Meritíssimo, não aceito ser preso e ninguém vai me pegar e me levar à penitenciária.

O pobre homem, para não provocar mais discussões, ordenou que o agente me levasse à penitenciária e me aconselhou a não fazer objeções. Então ele foi embora. O agente tentou me levar. Eu disse a ele:

"Vá para casa, homem, e deixe-me na paz do Senhor, porque você não pode me tirar daqui." Outros vieram. Fiquei lá das 11 horas do dia até as 8 da noite. Todas as intervenções para me tirar foram em vão.

Eu estava pensando:

- Eu não sou culpado de nada. Eu cumpri meu dever para com o meu povo. Se há alguém culpado que deve ser preso, foram os que prejudicaram meu povo: o Parlamento que concedeu direitos políticos aos judeus.

Finalmente, todos os funcionários deixaram o tribunal, um por um, até os porteiros. Eu fiquei com os agentes perto de mim apenas.

Por volta das oito horas, três policiais chegam.

- Sr. Codreanu, temos uma ordem para evacuar este tribunal.

- Tudo bem, senhores oficiais, eu vou sair.

Desci as escadas e saí. Para minha surpresa, lá vejo uma companhia de policiais em semicírculo, promotores, juízes e policiais.

Então vou em frente e me sento no meio do pátio. As autoridades vêm e me dizem:

- Você deve ir para a penitenciaria.

- Eu não irei!

Eles me pegaram, me colocaram em um veículo e me levaram à penitenciária, lentamente, com a companhia de gendarmes atrás de mim. No último momento, quando atravessamos o portão, os rapazes correram para me libertar, mas os revólveres dos agentes os detiveram.

Foi um protesto contra a lei? Não. Era contra o jugo da injustiça.

***

Parecia que esse meu protesto contra entrar na linha da prisão foi um presságio de que teria que suportar muito sofrimento, quando entrei no caminho que me levou as paredes frias das prisões.

Fiquei lá por uma semana, até a véspera da Páscoa. Meus primeiros dias na prisão! Eu os suportava muito moralmente, porque não conseguia entender que alguém deveria ser preso por lutar por seu povo e por ordem daqueles que lutam contra o povo.

Quando saí, fui para casa. Muitos romenos vieram até mim através das estações, mostrando-me simpatia e pedindo-me para continuar a luta, que era a luta do povo e o povo prevaleceria no fim vencendo-a.

***

A nação inteira, em todos os seus melhores elementos, do camponês ao intelectual, recebeu com dor indescritível as tristes notícias da alteração do art. 7; mas ela não pôde fazer nada, pois se viu traída e traída por seus líderes. Que maldição em nossas cabeças e que pecados nos condenaram, os romenos, a ter tais canalhas de líderes?

***

Aqui temos cara a cara: dois momentos históricos, em duas Romênias diferentes, com dois grupos de pessoas e com o mesmo problema.

A Assembléia Constituinte de 1879, da Pequena Romênia, muito pequena, que teve a coragem de suportar a pressão da Europa, e a Assembléia Constituinte de 1923, da Grande Romênia, surgida do sacrifício do nosso sangue, que, por servidão venal, sob pressão da mesma Europa, não hesita em humilhar e pôr em perigo a vida de uma nação inteira.

VASILE CONTA, VASILE ALECSANDRI, MIHAIL KOGĂLNICEANU, MIHAIL EMINESCU, ION HELIADE RĂDULESCU, BOGDAN PETRICEICU HAŞDEU, COSTACHE NEGRI, A. D. XENOPOL

Nas páginas seguintes, os leitores deste livro encontrarão com certa surpresa uma série de trechos do trabalho de alguns pináculos de pensamento, sentimento e caráter de nossa nação, que em 1879 lutaram muito pelos direitos à vida do povo romeno, enfrentando virilmente o relâmpago ameaçador de uma Europa inteira.

Embora a inclusão desses fragmentos sobrecarregue e complique o plano de desenvolvimento normal do presente volume, violando as regras impostas nesse assunto, eu reproduzo esses extratos, não tanto pelo desejo de usá-los como argumentos históricos, mas principalmente por razões de trazer à luz essas pérolas de pensamento e expressão daqueles brilhantes precursores que a conspiração oculta judaico-maçônica perseguiu, selando-os com selos pesados, sob pedras de esquecimento, precisamente porque eles escreveram, pensaram e lutaram como verdadeiros gigantes do romanianismo.

Nossa geração, saltando mais de 50 anos de abdicações praticadas pelos políticos diante do perigo judaico, encontra-se na mesma linha de fé, sentimento e caráter que os de 1879 e, no momento desta santa união, se curva com gratidão e piedade às grandes sombras deles.

VASILE CONTA

Essa é a atitude que o grande Vasile Conta teve na Câmara em 1879.

Cinquenta anos antes, o filósofo romeno demonstrou com argumentos científicos inabaláveis, em um sistema de lógica impecável, a validade das verdades raciais que devem ser a base do estado nacional. A teoria foi adaptada depois de 50 anos pela mesma Berlim que em 1879 exigia que concedêssemos direitos aos judeus.

A partir disto, percebe-se a fragilidade dos argumentos daqueles que atacam o movimento nacional como inspirados pela nova ideologia alemã. Quando, na realidade, depois de tantas décadas, Berlim é quem entra na linha de Vasile Conta, Mihail Eminescu e outros.

"Se não lutarmos contra o elemento judeu, pereceremos como nação.

É fato reconhecido, mesmo por aqueles que nos atacam hoje, que a primeira condição para um estado existir e prosperar é que os cidadãos desse Estado sejam da mesma raça, do mesmo sangue, e isso é fácil de entender. Primeiro, indivíduos da mesma raça geralmente se casam apenas entre si; pois é somente pelo casamento entre eles que a unidade racial é mantida para todos esses indivíduos; então o casamento gera sentimentos familiares, que são os laços mais fortes e duradouros que unem os indivíduos; e quando levamos em conta que esses laços familiares se estendem de indivíduo para indivíduo até que compreendem todo o povo de um Estado, vemos que todos os cidadãos que constituem o Estado são atraídos um pelo outro por um sentimento geral de amor pelo que é chamado de simpatia racial. Mais que isso. Se considerarmos que o mesmo sangue flui nas veias de todos os membros de um povo, entendemos que todos esses membros terão, pelo efeito da hereditariedade, os mesmos sentimentos, as mesmas tendências e até as mesmas idéias; de modo que, em momentos de necessidade, em grandes ocasiões, o

coração de todos bata da mesma maneira, a mente de todos adote a mesma opinião, a ação de todos busque o mesmo objetivo; em outras palavras, uma nação composta por uma única raça terá um único centro de gravidade; e o Estado que será formado por tal nação, que, e somente isso, estará nas melhores condições de força, resistência e progresso. Portanto, de acordo com os próprios requisitos do ser, *a primeira condição para a existência de um Estado é que as pessoas sejam da mesma raça*. Bem, essa verdade é aquela sobre a qual se baseia o princípio das nacionalidades, muito comentado no mundo civilizado. Entende-se que esse princípio de nacionalidades se refere apenas à raça e não aos chamados *sujeitos do mesmo Estado, independentemente da raça*, pois o princípio não teria aplicação. Bem, hoje esse princípio está tão profundamente enraizado na consciência de todas as pessoas, sejam estadistas ou cidadãos comuns, que hoje todas as constituições e todas as reconstituições de Estados são feitas no mundo civilizado apenas de acordo com o princípio das nacionalidades. Então, não deixe mais que os publicitários judeus, ou os amantes dos judeus, digam que a base do Estado é apenas o simples interesse material comum dos cidadãos, porque, pelo contrário, vemos que é a nossa era que deu origem ao *princípio das nacionalidades*, é esse princípio que prevalece cada vez mais hoje...

É verdade que isso não impede a admissão de estrangeiros na cidadania de um Estado, mas com uma condição: que esses estrangeiros sejam assimilados pela nação dominante; em outras palavras, misturar-se completamente, para que, afinal, um e o mesmo sangue permaneça no Estado.

Estes são os únicos princípios científicos da naturalização. Portanto, para que a naturalização seja útil, racional e de acordo com a ciência, ela deve ser concedida apenas aos estrangeiros que se assimilam, que desejam se unir, casando com nativos. Caso contrário, pode-se compreender facilmente que, se a cidadania fosse concedida a indivíduos que não têm essa inclinação, e não

podem tê-la, de assimilar-se no sangue da raça dominante, resultaria em um país sujeito a uma luta perpétua entre tendências opostas.

Não estou dizendo que impossível que diferentes raças que existiriam em um país tenham um interesse comum ao mesmo tempo, que as tendências hereditárias de um sejam favorecidas ao mesmo tempo, assim como as tendências hereditárias de outro pelas mesmas circunstâncias. Enquanto durasse esse estado de coisas, nativos e naturalizados certamente viveriam em paz. Mas as circunstâncias mudam, e com elas o interesse de diferentes raças pode mudar; e se não hoje, amanhã; se não amanhã, depois de amanhã, as tendências dos naturalizados entrarão em conflito com as tendências dos nativos, e então o interesse de alguns não será mais conciliado com o interesse de outros, e então os interesses de alguns não poderão ser satisfeitos sem sacrificar os interesses de outros; e então haverá a luta pela existência entre uma raça e outra, haverá lutas ferozes, que não poderão ser encerradas, exceto pela completa dissolução do Estado, ou quando uma das raças for completamente esmagada para que permanecesse novamente uma única raça dominante no Estado. Bem, nossa história nacional e experiências cotidianas nos provaram e provam que, de todos os estrangeiros que chegam até nós, os turcos e especialmente os judeus são os que nunca se assimilam conosco através do casamento, enquanto os outros estrangeiros: Russos, gregos, italianos, alemães se misturam conosco através do casamento e se fundem conosco, se não na primeira geração, na segunda ou na terceira, chegando finalmente um momento em que não há diferença entre esses estrangeiros e nós, nem em relação ao sangue, nem pelo amor ao país. Não é assim com os judeus...

Não importa como a questão seja colocada, não importa como ela seja interpretada, nós, se não lutarmos contra o elemento judeu, pereceremos como nação”.

(Do discurso contra a revisão do art. 7 da Constituição, realizado na Câmara dos Deputados, sessão extraordinária, sessão de 4 de setembro de 1879 e publicada no Diário da República nº 201 de quarta-feira (17) de setembro de 1879, páginas 5755 e 5756)

VASILE ALECSANDRI

Enquanto estava na Câmara, Vasile Conta fazia o discurso acima, no Senado, o poeta da União, Vasile Alecsandri, expressou o sentimento dos romenos da seguinte maneira:

"Hoje a Romênia se apresenta para nós com o livro da história em mãos, para que possamos registrar em suas páginas a humilhação *e a perda de nossa nação ou sua dignidade e salvação*...

Diante desta situação, sem paralelo nos anais históricos do mundo, devemos saber elevar nosso coração e mente à altura do nosso dever, sem paixões, sem violência, mas com um espírito calmo, com patriotismo esclarecido e a nobre coragem exigida dos homens chamados para decidir o destino de seu país...

Qual é esse novo impasse? O que é esse novo ataque? Quem são os invasores, de onde eles vêm, o que eles querem? E quem é o novo Moisés, que os leva à nova terra da promessa, desta vez nas margens do Danúbio?

Quem são os invasores? Eles são um povo ativo e inteligente, incansável no cumprimento de sua missão; eles são seguidores do fanatismo religioso mais cego; o mais exclusivista de todos os habitantes da terra, o mais incompatível com os outros povos do mundo...

O que eles querem de nós?

Tornar-se proprietário da terra deste povo e fazer parte dos velhos senhores do país, como são hoje os camponeses da Galiza e parte de Bucovina.

O país é bonito, abundante; possui grandes cidades, ferrovias, instituições desenvolvidas e um povo um tanto imprevisível, como todos os povos latinos... O que é mais fácil do que substituir os habitantes deste país e transformar todo o país em uma propriedade israelita?

Se esse é o plano dos invasores de hoje, como tudo nos leva a crer, prova mais uma vez o espírito empreendedor dos israelitas e, longe de merecer a culpa, é provável que atraia elogios e admiração de homens práticas.

A culpa seria de nós romenos se, por nossa indiferença ou pela aplicação de teorias humanitárias fatais e absurdas, déssemos ajuda na realização desse plano. A culpa cairia em nossas cabeças, se enganados pelas mesmas teorias, entendendo-as de dentro para fora ou dominado por um medo imaginário sob a influência de ameaças imaginárias, esquecêssemos que a pátria romena é um depósito sagrado confiado a nós por nossos pais, para transmiti-lo inteiro e sem mácula para nossos filhos...

Mas o que o país inteiro diria se criássemos tal situação em sua história? O que diriam os romenos que lutaram pela independência da herança ancestral?

O país desviaria os olhos de nós com dor.

O romeno diria: não me peça sangue a partir de hoje, se esse sangue derramado serve apenas para truncar o país e degradar a dignidade nacional.

Por essas razões, quando hoje a Romênia vem com o livro da história em mãos para inscrevermos em suas páginas nosso veto, rasgo a página destinada a inscrever a humilhação do país e, na outra página, escrevo com meu coração: dignidade e sua salvação!”

(Do discurso contra a revisão do artigo 7 da Constituição, proferido no Senado da Romênia, sessão extraordinária, reunião

de 10 de outubro de 1879 e publicada no Diário Oficial nº 230 da quinta-feira, 11/23 de outubro de 1879, páginas 6552 a 6558)

MIHAIL KOGÃLNICEANU

Aqui está a atitude de orgulho nacional em relação[65] ao que ele entendeu estar relacionado ao problema judaico e às pressões exercidas de fora, o ministro do Interior Mihail Kogălniceanu, chefe titular do mesmo departamento, que hoje se tornou o local de onde as ordens de tortura vem para aqueles de nós que ainda estamos lutando para defender nosso povo:

"Todos aqueles que têm um interesse vivo em seu país se preocupam em impedir a exploração do povo pelos judeus.

Na Romênia, a questão dos judeus não é uma questão religiosa; é uma questão nacional e, ao mesmo tempo, uma questão econômica.

Na Romênia, os judeus não são apenas uma comunidade religiosa diferente; eles constituem, no sentindo pleno da palavra, uma nacionalidade estrangeira aos romenos de origem, idioma, vestuário, moral e até sentimentos.

Não se trata, portanto, de perseguição religiosa; pois, se esse caso fosse o caso, os israelitas enfrentariam interdição ou restrição no exercício de seu culto, o que não é o caso. Suas sinagogas não se ergueriam livremente perto das igrejas cristãs. Sua educação religiosa, sua publicação de culto, também não seriam permitidas.

Todos aqueles que visitaram os principados, e especialmente a Moldávia, ficaram assustados com a aparência triste, para não dize pior do que triste, dos israelitas-poloneses que povoavam nossas cidades. Quando examinaram mais de perto o comércio, a indústria e os meios de subsistência dessa multidão, esses

[65] N.T. Precisa de correção. Original: "Iată poziţia de mândră ţinută naţională pe care înţelegea să se aşeze în raport".

viajantes ficaram ainda mais assustados, pois viram que os judeus eram consumidores sem serem produtores. E que sua maior, e posso dizer sua única, indústria, é o varejo de bebidas...

Não expulsei nenhum judeu de sua casa com a simples base de que, de acordo com todas as leis do país, os israelitas na Romênia não têm o direito de domicilio nas aldeias, como é o caso na Sérvia.

Eu restringi o aluguel futuro de tabernas e pontos de acesso[66] aos israelitas e, mais especificamente, àqueles que se autodenominam galegos[67] e podolianos[68]. Esta medida é baseada no regulamento orgânico e na lei votada pela assembléia geral e sancionada pelo Sr. Mihai Sturza e que nenhuma lei subsequente aboliu até hoje, ao contrário, todos os ministros do interior antes e depois da convenção, ordenaram e mantiveram sua aplicação. Prova disso são as ordens dos meus predecessores, a saber: de 17 e 28 de junho de 1861, durante o tempo do ministro Costa Foru, de 5 de fevereiro de 1866, assinado pelo general Florescu, de 11 de março e 11 de abril de 1866 à Prefeitura de Râmnicul-Sărat, assinada pelo príncipe Dimitrie Ghica, etc.

Nesta situação, nem um ministro, nem dez ministros, sucedendo-se no poder, um após o outro, não puderam fazer nada além do que eu e meus predecessores fizemos.

Ministros da Romênia, um país com regime constitucional, não podemos governar senão de acordo com a vontade da nação.

Somos obrigados a levar em conta as necessidades, os desejos e, até certo ponto, até seus preconceitos...

---

[66] N.T. No “accisuri”. Meu camarada romeno disse-me que está palavra não existe no dicionário romeno, mas que acha que é “accesuri” que significa “ponto de acesso”.

[67] N.T. “Grupo étnico ou nacional cuja pátria é a Galiza, uma região histórica no sudoeste da Europa, que desde 1833 faz parte do reino de Espanha. As principais línguas faladas na Galiza são o galego e o castelhano.”

[68] N.T. Segundo o Wikipedia: “Podolianos é um dos grupos etnográficos ucranianos dados às pessoas que povoaram a região de Podolia. No século 19, Gustave Le Bon encontrou uma nova raça peculiar nas montanhas Tatra, chamada ‘Podolians’”.

Isso justifica a grande irritação das populações romenas, provenientes de um grande sofrimento e de uma preocupação legítima, porque é a voz de uma nação que se sente ameaçada em sua nacionalidade e em seus interesses econômicos. Essa voz pode ser suprimida por estrangeiros, mas é inadmissível para um ministro romeno, de qualquer partido, não ouvi-la.

É por isso que, não apenas hoje, mas sempre, em todos os momentos e sob todos os regimes, todos os governantes, todos os estadistas da Romênia, todos aqueles que têm um interesse vivo em seu país, preocupam-se com a necessidade de interromper a exploração do povo romeno por outro povo estrangeiro a ele, por judeus".

(Da comunicação do Ministro do Interior, Mihail Kogălniceanu ao Ministério das Relações Exteriores, em junho de 1869, sobre a questão judaica. Publicado em "Coleção de legislações da antiga e da nova Romênia que foram promulgadas até o final de 1870", por Ioan M. Bujoreanu, Bucareste, 1873. Nova tipografia dos laboratórios romenos, parte F. Titlul, disposições e circulares, capítulo X, páginas 813-816).

MIHAIL EMINESCU

"Se hoje, quando ainda não têm a plenitude dos direitos civis ou políticos, apreenderam todos os negócios e toda a pequena indústria da Moldávia, se hoje estão se gabando assustadoramente na planície romena, se hoje se aninham no coração de trabalhadores Oltenianos, o que será amanhã, quando eles tiverem direitos iguais, quando tiverem o poder de se autodenominar romenos, quando tiverem registrado na lei o direito formal de que esta pátria é deles tanto quanto nossa!"

(Obras completas, A Questão Israelita, p. 489, Iaşi, livraria romena Ionescu-Georgescu, 1914. Citado por Alex. Naum)

***

“Com que trabalho ou sacrifícios eles conquistaram o direito de aspirar à igualdade com os cidadãos romenos? Eles lutaram contra os turcos, os tártaros, os poloneses e os húngaros? Foram eles que perderam a cabeça quando quebraram os antigos tratados com os turcos? Foi através de seu trabalho que a fama deste país foi levantada, que essa linguagem foi desvinculada dos véus do passado? Foi através de um deles que o povo romeno ganhou o direito ao sol?”

(Op. Cit., P. 481)

ION HELIADE RĂDULESCU

“Você não vê que os tartanos[69] na Inglaterra e na França não exigem apenas direitos de cidadania na Romênia, mas privilégios, supremacia; eles estabelecerão uma aristocracia de dinheiro, do bezerro de ouro?

Eles pedem o que não podemos dar até o último romeno morrer.

Os tartanos da Inglaterra e da França acreditam, vocês e eles acreditam, que os romenos assistirão com calma enquanto eles se estabelecerão os mais sórdidos e sujos, os mais arrogantes dos aristocratas, a dominação da escória, judeus, rufiões de Mamon[70]?

Mas com que palavra e com que direito pode uma dominação tão abominável ser estabelecida diante do átrio, diante dos portões do século XX, onde toda a humanidade, exceto os filhos da perdição, se apresentará como noiva diante do divino noivo?

---

[69] N.T. No original em romeno “târtanii”, na tradução em inglês “Kikery”. Não sei a tradução disto ainda.
[70] N.T. “Mamon é um termo, derivado da Bíblia, usado para descrever riqueza material ou cobiça, na maioria das vezes, mas nem sempre, personificado como uma divindade. A própria palavra é uma transliteração da palavra hebraica "Mamom" (מָמוֹן), que significa literalmente ‘dinheiro’.”

Ousam os tartanos da Inglaterra e da França apresentarem o direito homem baseado na igualdade de reivindicar apenas seus privilégios e supremacia?

E, como não podem invocar esse direito, ousam, quando o paradoxo de ser um romeno de rito israelita surgiu em suas cabeças, pressionar sua audácia especificamente judaica a ponto de nos ameaçar com os nomes dos soberanos da Europa!

Com o que os judeus nos conquistarão? Com quantidade, com número, com força?

Pelo bem que desejamos e tivemos desejado, em nome da regeneração dos povos e dos próprios judeus na terra da Palestina, sentimos pena deles e damos a eles todos os conselhos que um cristão pode lhes dar - ciumentos da salvação de toda a humanidade, através das feridas de Cristo que, do alto da cruz, perdoou seus próprios carrascos - para que não tente algo assim, nem ouse nem pensar, nem reivindique nada nesta era de agitação causada pelos anjos de Satanás que os induziram à tentação, para alguém assim: Deus sabe até que ponto os romenos pode ir em sua fúria legítima e mais sagradas, defendendo seus direitos como qualquer nação que tenha seu instinto de conversação!”

(De "O equilíbrio entre antíteses ou espírito e matéria", de I. Heliade Rădulescu, Bucareste, publicado de 1859 a 1869, parte III, intitula “Israelitas e judeus”, capítulo X, pp. 380-383)

BOGDAN PETRICEICU HAŞDEU

“Assim, o Talmud fornece aos judeus duas maneiras de se comportar em relação a nós:

Se você é mais forte que os cristãos, extermine-os. Se você é mais fraco que os cristãos, bajule-os...

Mas um homem mais fraco do que eu, para ser um dia mais forte do que sou, deve primeiro passar por um estágio intermediário, no qual ele é igual a mim.

Agora você entende o que significa conceder aos judeus os chamados direitos políticos?”

(De “Estudos do Judaismo”. O Talmud como uma profissão de fé do povo israelita, por B. P. Haşdeu, Diretor do “Arquivo Histórico da Romênia”, presidente da seção de ciências morais e políticas do Ateneu Romeno de Bucareste. Theodor Vaidescu Printing House, Bossel House, no. 34, 1866; pp. 30, 31).

COSTACHE NEGRI

“O judaísmo, isto é, 1/7 da nossa população total, é a lepra mais triste com a qual fomos condenados por nossa fraqueza, falta previsão e venalidade.”

(Da carta a Lupaşcu enviada de Ocna, datada de 12 de janeiro de 1869 e publicada no volume C. Negri, “Versos, prosa, cartas”, com um estudo sobre sua vida e escritos por E. Gârleanu, Editora “Minerva”. 3 Academiei Blvd., Bucareste, 1909, p. 116)

A. D. XENOPOL

Nos permitimos introduzir na mesma coleção de citações a opinião do grande historiador A.D. Xenopol, professor da Universidade de Iasi, isto dada a autoridade científica incontestável do cientista que viveu e viu com seus próprios olhos as realidades dolorosas que ele descobre.

“Se um romeno decide abrir uma loja, nenhum judeu cruzará seu limiar, sendo, assim, ignorado por uma grande clientela, enquanto os romenos não serão avessos a comprar de judeus. Entende-se,

no entanto, que, mesmo sem manipular os preços, a resistência do comerciante e do artesão romeno pode ser derrotada.

Um judeu nunca receberá um romeno em sua empresa se este puder aprender algo com ele; pois os romenos não são recebidos em casas judaicas, exceto como criados ou carregadores. Este sistema de exclusivismo persiste com toda a sua força. Não há, nas inúmeras oficinas ou lojas dos judeus que lota a Moldávia de um extremo ao outro, nem um único cristão ou romeno como aprendiz, trabalhador, capataz, contador, caixa, vendedor.

Os judeus, portanto, praticam o exclusivismo econômico mais rigoroso para com os romenos e não podem renunciar, porque lhes é prescrito em sua própria religião".

(De "La question israelite en Roumanie", de A. D. Xenopol, estudo publicado em "La renaissance latine", Rue Boissy-d'Anglas 25, Paris, 1902, p. 17)

A GREVE GERAL OS ESTUDANTES CONTINUA

Depois da Páscoa, a luta recomeçou.

Na frente da L.A.N.C., o professor Cuza continuou a ação através da imprensa, e o resto de nós cuidou da organização. A série de reuniões começou em cidades e vilas.

Na frente do estudante, a alteração do art. 7 da Constituição trouxe mudanças. Líderes em Bucareste e Cluj, que acreditavam que no fim um movimento estudantil seria capaz de convencer o governo a reconhecer as demandas justas dos estudantes, visto que ele não apenas não reconhece nada, mas também concede direitos políticos aos judeus, foram amargamente desencorajados e a idéia de capitulação começou cada vez mais.

Em Cluj, até o presidente convocou uma assembléia onde defendeu a tese de voltar às aulas. A massa estudantil rejeitou a proposta e declarou que está lutando pela honra e que a luta terá que ser levada ao último limite de resistência. Os proponentes desta tese foram: Ion Moţa, Corneliu Georgescu, Isac Mocanu, junto com todo o nosso grupo.

Alexa renunciou e Ion Moţa foi eleito presidente do centro estudantil “Petru Maior” junto com um novo comitê.

O ataque do governo obrigando os estudantes a retornar as aulas falhou novamente, mas com o sacrifício de líderes. Ion Moţa e seis outros foram eliminados para sempre de todas as universidades por sua atitude ousada.

Em Bucareste, um grupo liderado por Simionescu e Dănulescu começou a substituir a liderança que estava se tornando cada vez mais indecisa e mais fraca. Também aqui o governo falhou em abrir aulas depois da Páscoa.

JUNHO DE 1923

Mais dois meses de resistência heróica, de miséria, de pressão se passaram. Os estudantes estavam exaustos. A abertura da Universidade para os exames estava marcada em Bucareste, mesmo que apenas para estudantes judeus e renegados. No dia da abertura, o exército foi introduzido na Universidade. Os fracos confrontos em frente à Universidade não podiam mais impedir sua abertura.

O plano do governo era abri-las uma por uma, deixando Iasi por último e colocando-a na frente de três universidades abertas. Em uma semana, em Cluj, e em alguns dias em Cernăuţi, as universidades abriram com o exército presente, nas mesmas condições de Bucareste. Outra semana depois, chegou a hora difícil de Iasi, que, isolada por medidas governamentais, havia sido deixada sozinha com poderes muito mais baixos.

Na véspera da abertura, sabendo que o exército entraria na Universidade na manhã seguinte, planejamos ocupá-la durante a noite.

Durante o dia, enviei um aluno de confiança que entrou no saguão e abriu as travas em duas grandes janelas, despercebido, de modo que apenas empurradas da rua elas abrissem. Sem comunicar o plano, convoquei, às 9 horas, cem estudantes no salão de Bejan. Às 10 horas, a Universidade foi ocupada por nós. No seu frontispício tinha sido hasteado a bandeira com uma suástica.

O reitor da universidade, professor Simionescu, chegou logo depois, a quem abri. Ele falou conosco, pedindo que deixássemos a Universidade. Nós respondemos a ele, explicando nossa causa. Ele saiu em algumas horas. Nós organizamos a guarda e ficamos lá a noite toda observando.

Na manhã seguinte, os estudantes chegaram à Universidade em grande número. Revigorados, eles decidiram por unanimidade continuar a luta.

Os jornais judeus nos atacaram furiosamente.

Dois dias depois, Cluj, em uma luta, tentou retomar a Universidade das mãos dos gendarmes. Em mais dois dias, Bucareste e Cernăuţii. Essas lutas levaram novamente ao aumento de estudantes e ao fechamento novamente de todas as universidades. O ano letivo acabou. Os jovens romenos passaram por um exame único de resistência, caráter e solidariedade.

***

Honra ao corpo estudantil que, por sua fé, enfrentando tantos golpes, deu um exemplo de vontade coletiva sem precedentes na história das universidades de todo o mundo. Em nenhum país foi visto que estudantes unidos em uma alma, assumindo todas as responsabilidades e todos os riscos, pudessem realizar uma greve geral por um ano, a fim de impor suas crenças, seguindo por sua demonstração o despertar à consciência de toda a nação, diante do problema mais difícil de sua existência.

É uma página bonita, uma página heróica, escrita com o sofrimento dessa juventude no livro da nação romena.

OS PLANOS DO JUDAISMO

OS PLANOS PARA A TERRA E NAÇÃO ROMENA

Quem pensa que os judeus são pobres infelizes, que vêm aqui aleatoriamente, guiados pelo vento, trazidos pelo destino, etc, estão enganados. Todos os judeus do mundo inteiro formam uma grande comunidade ligada pelo sangue e pela religião talmúdica. Eles são constituídos em um estado muito estrito, com leis, planos e líderes que formam e governam esses planos. Na base, eles têm o Kahal. Portanto, não estamos enfrentando judeus isolados, mas enfrentando um poder estabelecido, a comunidade judaica.

Em toda cidade ou feira, onde vários judeus se reúnem, o Kahal, ou comunidade judaica, são imediatamente formados. Este Kahal tem seus líderes, justiça separada, impostos, etc, e mantém fortemente unidos em torno dele toda a população judaica da localidade.

Aqui, neste pequeno Kahal de feiras ou cidades, todos os planos são feitos: como conquistar políticos locais; como conquistar as autoridades; como se infiltrar em vários círculos de interesse para eles, como entre magistrados, oficiais, altos funcionários; que planos usar para conquistar esse ramo do comércio das mãos de um romeno; como ele poderia sequestrar um anti-semita local; como destruir um representante incorruptível de uma autoridade que se oporia aos interesses judaicos; que planos aplicar quando, espremida, a população se revolta e entra em erupção em movimentos anti-semitas.

Não vamos nos aprofundar nesses planos aqui. Em geral, os seguintes sistemas usados são:

I. Para conquistar os políticos locais;

1. Presentes;

2. Serviços pessoais;
3. Financiamento da organização política para propaganda, impressão de manifestos, viagens de automóveis, etc. Se houver vários banqueiros ou judeus ricos na localidade, eles serão divididos em todos os partidos políticos.

II. Para conquistar as autoridades locais:

1. Corrupção, suborno. Um policial da menor cidade da Moldávia, além do salário do estado, recebe mensalmente outro salário ou dois. Depois de receber um suborno, ele se torna escravo dos judeus, porque, caso contrário, a segunda arma é usada;
2. Chantagem; se ele não obedece, seu suborno é revelado;
3. A terceira arma é a destruição. Se eles virem que não podem influencia-lo e subjuga-lo, tentarão destruí-lo. Pesquisando bem suas fraquezas: se você beber, elas procurarão a oportunidade de comprometer você com isso; se você é mulherengo, eles lhe enviarão uma mulher que o comprometerá ou atingirá seu coração, destruindo sua família; se você for violento, eles enviarão outra pessoa violenta no seu caminho, que o matará ou você o matará e você irá para a prisão. Se você não tiver esses defeitos, eles usarão: mentir, caluniar no sussurro ou através da imprensa, denuncia-lo aos seus chefes.

Nas feiras e cidades invadidas pelos judeus, não há autoridade, exceto

em um estado de suborno, em um estado de chantagem ou em um estado de destruição.

***

III. Para se infiltrar em círculos diferentes ou em torno das principais pessoas, usam:

1. Servilidade;
2. Conselhos de administração;
3. Baixos serviços pessoais;
4. Bajulações.

Assim, todos os políticos têm secretários judeus, porque: eles fazem as compras, lustram os sapatos, balançam os bebês, seguram a maleta, etc, bajulam, se insinuam.

O romeno não será tão bom, porque ele é menos refinado, ele não é perverso, ele veio do arado e, principalmente, porque ele quer ser um soldado fiel, guardando sua honra, não um servo.

IV. Planos para a destruição de um comerciante romeno:

1. Flanquear o romeno com um comerciante judeu ou colocá-lo entre dois comerciantes judeus;
2. Venda de mercadorias abaixo do preço de custo, sendo a perda coberta por valores especiais dados pelo Kahal.

Foi assim que os comerciantes romenos caíram, um após o outro.

Para estes podem ser adicionados:

a) Superioridade comercial do judeu, resultante de uma prática comercial muito mais longa que a do romeno;
b) Superioridade dos judeus lutando sob a proteção do Kahal. Os romenos não tem proteção do estado romeno, mas apenas a miséria das autoridades corrompidas pelos judeus. O romeno não luta com o judeu próximo a ele, mas com o Kahal e é por isso que se entende que o indivíduo será morto na luta com a coalizão. O romeno não tem ninguém, ele não tem um estado-mãe, para criá-lo, guiá-lo, ajudá-lo. Ele é deixado sozinho, por destino, em frente à coalizão judaica.

É fácil repetir a fórmula de todos os políticos da categoria de Mihalache: “Deixe o romeno se tornar um comerciante”. Mas deixe que esses políticos romenos nos mostrem um único comerciante romeno ajudado pelo estado romeno, uma única escola criada por eles para realmente criar comerciantes, e não funcionários de bancos ou de escritórios. Deixe-nos mostrar uma única instituição criada por eles que teria ajudado com um pequeno capital e teria guiado o jovem graduado da escola de administração no caminho do comércio.

Não foram os romenos que abandonaram o caminho do comércio, mas esses políticos abandonaram seu dever como líderes e mentores da nação.

O romeno, abandonado por seus líderes, foi deixado sozinho em frente à coalizão judaica organizada, manobras fraudulentas e concorrência desleal e foi derrotado. Mas chegará um momento em que esses líderes terão que prestar contas.

OS GRANDES PLANOS DO JUDAÍSMO CONTRA À TERRA E NAÇÃO ROMENA

Então, mais uma vez: não estamos diante de pessoas pobres que vêm aleatoriamente, sozinhas, para o nosso abrigo aqui.

Estamos diante de um Estado judeu, um exército que está chegando até nós com planos de conquistar. Os movimentos da população judaica são efetuados contra a Romênia de acordo com um plano bem estabelecido. Provavelmente, o grande Estado judeu procura criar uma nova Palestina, em um pedaço de terra que parte do Mar Báltico, inclui parte da Polônia e da Tchecoslováquia, metade da Romênia ao Mar Negro, de onde eles poderiam facilmente estabelecer contato pela água com a outra Palestina. Quem é ingênuo de acreditar que os movimentos populacionais das massas judaicas são feitos aleatoriamente?

Eles elaboram um plano, mas não têm coragem de pegar em armas, correr riscos, derramar sangue, para que pelo menos possam justificar algum direito a esta terra.

***

Como conhecemos esses planos? Nós os conhecemos com certeza tirando conclusões dos movimentos do adversário. Qualquer comandante de tropa, seguindo cuidadosamente a ação do oponente, realiza os planos que está seguindo. É uma coisa elementar. Em todas as guerras do mundo, houve algum líder que conheceu os planos do oponente porque ele testemunhou a execução deles? Não! Ele os conhecia perfeitamente pelos movimentos que seu adversário fazia.

***

Para quebrar qualquer poder de resistência do povo romeno, os judeus aplicarão um plano único e verdadeiramente diabólico.

1. Procurarão romper os laços da alma da nação com o céu e a terra.
   Para romper os laços com o céu, eles usarão a ampla disseminação de teorias ateístas para tornar o povo romeno, ou pelo menos apenas seus líderes, um povo separado de Deus; separado de Deus e de seus mortos, para matá-lo, não com a espada, mas cortando suas raízes da vida espiritual.
   Para romper os laços com a terra, a fonte material de existência de uma nação, eles atacarão o nacionalismo como uma idéia ultrapassada e tudo relacionado à idéia de pátria e terra, a fim de romper o fio do amor que une o povo romeno.

2. Para que tenham sucesso nisto, procurarão colocar a mão na imprensa.
3. Eles aproveitarão todas as oportunidades para semear discórdia no campo do povo romeno, mal-entendidos e brigas e, se possível, eles até dividam em vários campos, para lutar entre si.
4. Procurarão aproveitar ao máximo os meios de subsistência dos romenos.
5. Eles sistematicamente os incitarão no caminho da licenciosidade, destruindo sua família e seu poder moral.
6. Eles os envenenarão e intoxicarão com todos os tipos de bebidas e venenos.

Qualquer um que quiser destruir e conquistar uma nação poderá fazê-lo usando esse sistema: rompendo seus laços com o céu e a terra, introduzindo brigas e lutas fratricidas, introduzindo imoralidade e licenciosidade, pela coerção material ao limitar ao máximo os meios de subsistência, envenenamento físico, embriaguez. Tudo isso destrói uma nação pior do que vencê-la com milhares de canhões ou milhares de aviões.

Deixe os romenos olharem um pouco para trás e verem se esse sistema realmente mortal não foi usado com precisão e tenacidade contra eles.

Deixe os romenos abrirem os olhos e lerem a imprensa nos últimos 40 anos, desde que ela está sob o domínio judaico. Releiam: “Adevărul”, “Dimineaţa”, “Lupta”, “Opinia”, “Lumea”, etc, e vejam se esse plano não jorra ininterruptamente de todas as páginas.

Que os romenos abram os olhos e os mirem na vida pública romena dividida, abra-os e vejam bem.

Mas esses planos são como gás de guerra. Use-os para o seu adversário, mas não em vocês. Eles pregam o ateísmo para os romenos, mas não são ateus, mas aderem à observância dos menores preceitos religiosos. Eles querem separar os romenos do

amor pelas suas terras, mas eles tomam terras. Eles se levantam contra a idéia nacional, mas continuam sendo nacionalistas chauvinistas.

PLANOS DO JUDAÍSMO PARA O MOVIMENTO DO ESTUDANTE

Quem pensa que as forças do poder judaico não têm um plano para o movimento estudantil está enganado.

Por um momento, os judeus, atingidos em suas expectativas, permaneceram desorientados. Eles tentaram se opor aos estudantes manobrando os trabalhadores do movimento comunista, ou seja, outros romenos, mas sem sucesso, porque, por um lado, os trabalhadores estavam exaustos e, por outro, começaram a perceber que lutamos e sofremos por seus direitos e pela nação. Muitos deles estavam conosco com suas almas.

Vendo que não podiam colocar os trabalhadores em nosso caminho, eles colocaram o governo e toda a política contra os estudantes.

Pelo que significa?

Os partidos precisam de dinheiro, empréstimos do exterior, quando estão no governo, votos e boa mídia na oposição.

Os judeus ameaçam cortar subsídios à propaganda eleitoral do partido respectivo. Ameaçam com a cooperação das finanças judaicas internacionais, não mais concedendo empréstimos. Ameaçam controlar uma grande massa de votos através dos quais podem determinar vitória ou derrota, no sistema democrático, agora com direitos políticos. Ameaçam manipular a imprensa, que controlam quase inteiramente, e sem a qual um partido ou governo pode ser derrotado.

Dinheiro, imprensa e votos decidem a vida ou a morte em uma democracia. Os judeus têm todos eles e, através deles, os partidos

políticos romenos se tornam ferramentas simples nas mãos do poder judaico.

Tanto é assim que nós, que começamos a luta contra os judeus, nos vemos em algum momento lutando contra o governo, os partidos, as autoridades, o exército, enquanto os judeus estão sentados em silêncio a parte.

ARGUMENTOS E ATITUDES JUDAICOS

O que dirão os países estrangeiros sobre o movimento anti-semita na Romênia que nos leva de volta à barbárie? O que dirão os homens da ciência, o que dirá a civilização?

Nossos políticos nos repetirão a cada passo o argumento judaico, impresso em todos os jornais e todos os dias. Quando, finalmente, depois de oito anos, a Alemanha, com toda a sua civilização e cultura, se levanta contra o judaísmo e derrota a hidra por meio de Adolf Hitler, o argumento cai. Em seguida, aparece outro: "Você está a serviço da Alemanha, pago pelos alemães para fazer o anti-semitismo. De onde você tira os fundos?

E novamente os políticos romenos sem alma, sem caráter e sem honra, repetem depois da imprensa judaica: “De onde vem o dinheiro? Você está na folha de pagamento da Alemanha.”

Em 1919, 1920, 1921, toda a imprensa judaica atacou o Estado romeno, desencadeando desordens em todos os lugares e instando a violência contra o regime, a forma de governo, a igreja, a ordem romena, a ideia nacional, o patriotismo.

Agora, como se por mágica, a mesma imprensa, dirigida exatamente pelas mesmas pessoas, tivesse se tornado o defensor da ordem do Estado, das leis; declara-se contra a violência, e nos tornamos: "os inimigos do país", "extremistas de direita", "na folha de pagamento e serviço dos inimigos do romanianismo",

etc. E no final, ouviremos isso também: somos subsidiados até pelos judeus.

Quando chegará o dia em que todos os romenos entenderão os argumentos falsos e traiçoeiros dos judeus e os rejeitarão como algo de origem satânica? Quando chegará a hora que entenderão o fundamento da alma suja desta nação?

Aqui está um exemplo de como foram tratados três professores universitários romenos: A. C. Cuza, Paulescu e Şumuleanu.

O "Correio Israelita", um órgão da União dos Judeus Naturalizados, de 23 de abril de 1922, publicou no artigo intitulado "Os Strigois[71]", o seguinte:

"Um monte de palhaços e ofensores públicos se reuniram para formar uma gangue de malfeitores. E para a vergonha do país, nesta fraternidade, existem três professores de nossas universidades.

E esses hipócritas, esses strigois tardios querem reviver o anti-semitismo... e alguns palhaços terão sucesso nisso, agora que o anti-semitismo oficial estava desaparecendo, e o voto universal traria fatalmente a democratização de nossa vida pública e social. Não! É um trabalho fútil, os strigois não impedirão a humanidade em seu progresso, nem será necessário perfurar seus corações[72], definitivamente o ridículo de sua maldade os acabará...

Lidamos com a ação selvagem, iniciada pela chamada União Cristã Nacional, composta por cerca de cinco bobos e meio, a fim de fixa-los de uma vez por toda em sua infame posição e chamar a atenção dos judeus de que ainda existem malfeitores contra os quais terão que agir para se defender".

Assim: grupo de palhaços, ofensores públicos, gangue de malfeitores, espécimes, strigoi tardios, vilania, ação selvagem,

---

[71] N.T. Strigoi são, no folclore romeno, as almas atormentadas dos mortos que saem dos túmulos.
[72] N.T. Superstição popular, segundo a qual, a fim de impedir que um fantasma perturbe a paz dos vivos, a "cabeça é desenterrada e seu coração é perfurado por danos.

postura infame; é o que são os professores romenos: Cuza, Paulescu e Şumuleanu, e esta é a ação deles para salvar a nação.

***

Nós levamos um tapa na cara e em nossas almas romenas, zombaria após zombaria, tapa após tapa, até nos vermos verdadeiramente em uma situação grave: os judeus, os defensores do romamianismo, protegidos de quaisquer desagrado, vivendo em paz e abundância, e nós, os romenos, os inimigos do romanianismo, com liberdade e vida em perigo, perseguidos como cães loucos por todas as autoridades romenas.

Vi com meus próprios olhos e vivi essas horas, amargas às profundezas da minha alma. Começar a lutar por seu país, puro de alma quanto lágrimas e lutar por anos em pobreza e fome oculta, mas comovente, se ver em algum momento declarado entre os inimigos do país, perseguido pelos romenos e ser informado de que você está lutando porque é pago por estrangeiros e ao seu redor ver todo o domínio da judiaria sobre seu país, erigido como defensor do romanianismo e do Estado romeno ameaçado por você, a juventude do país, é terrível.

Noite após noite, esses pensamentos perturbaram-nos e, em algumas horas, quando estávamos muito enojados e envergonhados, ficamos cheios de tristeza e nos perguntamos se não seria melhor sair para o mundo ou se não seria melhor buscar uma vingança na qual todos nos encontraríamos mortos; nós e os romenos vis e os chefes da hidra judaica.

O CONGRESSO DOS LÍDERES DO MOVIMENTO DE ESTUDANTES IAŞI, 22-25 DE AGOSTO DE 1923

Em um pequeno comitê em Bucareste, foi decidido que o primeiro congresso dos líderes e delegados do movimento estudantil acontecesse após um ano de luta.

Este congresso aconteceria em Cluj, nos dias 22, 23, 24 e 25 de agosto de 1923. Moţa, presidente do centro estudantil de "Petru Maior", nos comunica através de uma carta que as autoridades lhe deram a ordem de proibir esse congresso. Nós, os iasianos, respondemos a Cluj, bem como aos outros centros, que assumiríamos a responsabilidade pela realização deste congresso em Iasi, mesmo que o governo quisesse proibi-lo. Os centros aprovaram e cumprimos nosso dever de cuidar do acampamento dos 40 delegados anunciados.

Na manhã do dia 22, recebi na estação, uma a uma, a delegação de Cluj, liderada por Ion Moţa, de Cernăuţi, liderada por Tudose Popescu e Cârsteanu, de Bucareste, liderada por Napoleon Creţu, Simionescu e Râpeanu.

Às 10 horas, seguimos em *corpore* para a Igreja Metropolitana para fazer uma oração e um réquiem em memória dos estudantes que caíram na guerra, incluindo o capitão Stefan Petrovici, ex-presidente do Centro Estudantil de Iasi.

Para nossa grande tristeza, no entanto, encontramos os portões da Igreja Metropolitana acorrentados e guardados por gendarmes.

Enquanto isso, o velho professor Găvănescul chegou. Então todos nós nos ajoelhamos e, descobrindo nossas cabeças, rezamos no meio da rua, em frente à igreja, que nem mesmo os turcos haviam fechado para aqueles que queriam rezar. Chegando o padre Ştiubei por acaso e, nos vendo ajoelhados, veio e leu algumas orações.

Então, descobertos, silenciosos e cheios de dor, fizemos o nosso caminho pelo meio da rua até a Universidade, sob o olhar dos judeus, que nos pareciam flechas lançadas pelas portas e janelas das lojas.

Nos degraus da Universidade estavam as autoridades locais, ladeadas por numerosas forças policiais, que nos informaram que o Ministério do Interior havia banido o congresso. O promotor nos parou, ordenando que nos dispersássemos. Irritado, eu disse:

- Senhor promotor, sei que estamos em um país regido por leis. A Constituição nos garante o direito de reunião e você, senhor, sabe melhor do que eu que um ministro não pode revogar os direitos garantidos a nós pela Constituição. É por isso que, em nome da lei que, não nós, mas você, está violando, pedimos que você se afaste.

Endurecido pelo sacrilégio cometido uma hora antes, quando as portas da igreja estavam acorrentadas a nós, roubando-nos o nosso direito de adorar, agora nos vendo diante de uma segunda tentativa injusta, provocativa e humilhante ao ser impedida a entrada em nossa própria casa, a Universidade, e percebendo que essas medidas eram uma violação flagrante da lei, derrubamos tudo o que estava em nosso caminho e, depois de uma briga, ocupamos à força a Universidade.

O 13º Regimento, que apareceu um momento depois, cercou a Universidade. Nós nos barricamos defendendo as entradas. Na frente de cada janela do lado de fora havia três soldados com baionetas à mão armada.

Nesta situação, em um ambiente opressivo, a assembléia foi aberta no anfiteatro da Faculdade de Direito, às 12 horas. Os congressistas, pálidos de indignação e pasmados com a dor do que aconteceu na Igreja Metropolitana e aqui, espalharam um ar de profunda tristeza pelo salão vazio. A preocupação do ataque do exército, sua entrada na Universidade, sobre nós e as conseqüências que se seguiriam reinavam em todos eles.

Não fazemos discursos, mas o congresso entendeu a tragédia da situação e previu que coisas sérias aconteceriam.

No primeiro dia fui eleito presidente. Começamos com a denúncia do que aconteceu. Alguns pediram a palavra e protestaram. Então começou as discussões sobre o movimento.

Que atitude adotamos no início do ano de abertura? Capitulação? Difícil! Um ano de luta sem sucesso. Pelo contrário, envergonhado, humilhado, espancado. Nós continuamos? Difícil de novo! Os alunos estavam exaustos; eles não podiam mais começar um segundo ano de luta.

No entanto, Moţa, Tudose Popescu, Simionescu e eu continuamos a tese da luta. Do sacrifício. Nada além de vergonha e humilhação sairá de nossa capitulação. Do nosso sacrifício, era impossível não dar frutos de algo melhor para a nossa nação.

Por volta das 8 horas, estava escurecendo. Ouvimos comoção e barulho na rua. Constantin Pancu, o velho lutador de 1919, cercado pelos estudantes deixados de fora, por um grande número de cidadãos, havia se reunido em Tufli, com tochas acesas nas mãos e tentando avançar para a Universidade, para nos trazer alguns sacos de pão.

Saltamos para todas as janelas e observamos. Os manifestantes quebraram o cordão de Tufli e sobiram a colina. O segundo cordão perto da rua Coroiu foi quebrado em uma luta difícil. Ouvimos explosões de aplausos. O terceiro cordão também foi quebrado. Estavamos nos preparando para atacar por dentro, para sair, mas o quarto cordão o nosso pessoal não pôde mais romper. A voz de Pancu é ouvida, de pé com o saco de pão aos pés:

- Eles são nossos filhos!

Nós derramamos lágrimas de alegria. Lutamos por este povo e ele não nos deixará.

Às 9 horas, começaram as negociações entre nós e as autoridades, através de Napoleon Cretu. Eles prometem a libertação imediata

de todos os alunos cercados pela Universidade, desde que me entregassem. Os alunos recusam. Por volta das 11 horas, eles nos dizem que a liberação é permitida em grupos de três. Claro, com a intenção de me pegar na saída. Nós aceitamos.

A cada cinco minutos, grupos de três partiam. Na porta foram cuidadosamente examinados por 4 comissários e agentes. Tirei rapidamente meus trajes nacionais, dou-os a um camarada e visto os dele. Saí com Simionescu e outro. Quando abro a porta, tiro algumas moedas do meu bolso. Com seu barulho, todos os comissários olham para baixo e perguntam:

- O que vocês perderam, senhores?

Todos nós, de cabeça baixa, procurando-as, respondemos:

- Alguns trocados.

Simionescu ficou falando com eles, procurando e acendendo fósforos, enquanto eu escapava.

***

No maior segredo, marcamos a continuação do congresso para o dia seguinte, fora da cidade, no Mosteiro de Cetăţuia.

Esgueirei-me para lá, vestido com as roupas de bombeiro e com sorte de não ser conhecido pelos congressistas também. Foi presidido por Ion Moţa. Com observadores colocados em bons lugares, trabalhamos em silêncio, porque, a partir da colina, qualquer aproximação de alguém poderia ser vista a 2 km. Ficamos lá até tarde da noite. Propostas foram feitas e decisões foram tomadas.

Foi também nesta reunião que 10 de dezembro foi proclamado feriado nacional dos estudantes romenos.

***

No terceiro dia, o congresso continuou em um bosque na colina Galatei. Por maioria, decidiu-se continuar a luta. Um comitê de ação de cinco membros foi eleito para dar diretrizes para todo o movimento estudantil em todas as universidades. O comitê era composto por: Ion Moţa - Cluj, Tudose Popescu - Cernăuţi, Ilie Gârneaţă - Iaşi, Simionescu - Bucareste e eu.

Ao constituir esse comitê, a antiga liderança estudantil em Bucareste, insuficientemente esclarecida e determinada, caiu para sempre. Ele permaneceu com a forma, mas não mais liderava.

Agora, pela primeira vez, uma nova orientação foi oficialmente decidida: a luta contra os partidos políticos, considerados como afastados da nação, e a crença em um novo movimento romeno que os estudantes deveriam oficialmente ajudar a vencer: “Liga Cristã de Defesa Nacional”.

No quarto dia, o congresso concluiu seus trabalhos na casa da Sra. Ghica, da Rua Carol.

À noite, cada aluno foi para seus centros e eu fui para Câmpulung para organizar o congresso da L.A.N.C. em Bucovina, na qual o Prof. Cuza participaria com todos os líderes do movimento. Tive dificuldade em entrar lá porque meu mandado de prisão havia sido emitido.

No caminho, regojizei-me de todas as decisões deste congresso que estavam no espírito de nossos pontos de vista, mas principalmente porque em nosso grupo ganhamos um homem: Ion Moţa, presidente do centro “Pentru Maior” em Cluj.

O CONGRESSO DA L.A.N.C. EM CÂMPULUNG

O congresso em Câmpulung ocorreu na segunda-feira, 17 de setembro de 1923.

Só o seguramos depois de uma luta difícil, quando o governo o proibiu e enviou tropas de Cernăuţi sob o comando de um coronel. Cordões fortes de tropas foram afixados em todas as entradas.

Concentramos todas as nossas forças na barreira ocidental da cidade, Sadova, Pojorata. Lá quebramos os cordões graças aos arqueiros de Vatra Dornei e Cândreni, garantindo por uma hora a passagem de todo o comboio, composto por várias centenas de carroças.

O congresso foi realizado no pátio da igreja na cidade. Intervenções do professor Cuza, meu pai, Dr. Cătălin - o presidente de Bucovina, Tudose Popescu, os irmãos Octav e Valerian Dănieleanu, que, com suas almas através da fé, organizaram, juntamente com o Dr. Cătălin, este imponente congresso.

Os orgulhosos camponeses das montanhas, com grandes madeixas, vestidos com camisas brancas e surradas, reuniram-se ao som da buzina nas montanhas, em sua cidade, muitos em número e tempestuosos como sempre.

Acreditavam que havia chegado a hora, há muito esperada, de o romeno pisar na hidra que o sugava e elevar-se aos direitos de mestre do país, das montanhas, das águas e de suas cidades.

Eles carregavam o fardo da guerra. Seu sacrifício de sangue em todas as frentes criou uma grande Romênia. Mas, para sua grande dor e decepção, a Grande Romênia não trouxe tudo o que eles esperavam. Porque a Grande Romênia *recusou-se* a romper as correntes da escravidão judaica que os atormentaram com tanta amargura por tanto tempo.

A Grande Romênia os entregou aos judeus para explorá-los e trouxe o politicismo sobre suas cabeças, que os açoitarão e os

enviarão para as prisões quando tentarem reivindicar seus direitos históricos roubados.

Todas as florestas em Bucovina, todas aquelas montanhas carregadas de abetos, pertencentes à Igreja Ortodoxa, também agora politizadas e alienadas, são exploradas pelo judeu Anhauh com o incrível preço de 10 leus m.c.[73], enquanto o camponês romeno lhe pagava 350 leus.

As florestas nas montanhas caem sob o implacável machado judeu. A pobreza e o luto se espalharam pelas aldeias romenas, apenas as montanhas permanecem rochas vazias e sempre, sem descanso, carregam malas cheias de ouro no exterior, Anhauh e todo o seu povo.

O político romeno, um camarada do judeu na exploração da miséria de milhares de camponeses, também desfruta desse ganho fabuloso.

***

A assembléia delegou um número de 30 camponeses importantes para irem a Bucareste, sob a liderança do Dr. Cătălin e Valer Dănieleanu, para se apresentar ao primeiro-ministro, para pedir que ele tome medidas contra a destruição das montanhas, rescindindo o contrato Anhauh-Fundo da Igreja e, por outro lado, pedir-lhe “numerus clausus” nas escolas, para que assim demonstrasse amor e gratidão aos jovens que os despertaram para a batalha.

A assembléia também nos escolheu, Tudose Popescu e eu, para irmos a Bucareste com os outros 30 camponeses, como seus representantes.

[73] N.T. Por Metro Cúbico.

Saí antes para fazer esses camponeses, que vinham pela primeira vez à capital de seu país, com tanta pureza em suas almas, com tanta dor e com muita esperança, que também vieram por nós, estudantes, fazendo grandes despesas para sua pobre bolsa, fossem bem recebidos pelos estudantes romenos.

No dia da chegada, na plataforma da estação de trem em Bucareste, os estudantes os receberam como reis - reis de todos os tempos da terra romena - e eles saíram dos vagões, com lágrimas, em sua capital sagrada.

Mas atrás da estação esperava o promotor Răşcanu, comissários de polícia e cordões de gendarmes, que impediram a passagem. Os gendarmes e comissários foram ordenados a atacar. As coronhas de armas e bastões jaziam um após o outro sobre os cabelos brancos dos camponeses e sobre seus rostos gentis. Nós, os estudantes, colocamos os idosos no meio de seu grupo e quebramos o primeiro cordão. Na Politécnica, quebramos o segundo, depois o terceiro e escapamos na Praça Matache Măcelaru. Os camponeses choraram. Um, indignado com uma indignação que não pode controlar, rasgou a camisa.

No dia seguinte, todos nós fomos ser recebidos pelo primeiro-ministro no Conselho de Ministros da rua Gogu Cantacuzino. Ele nos adiou para o dia seguinte; Por fim, fomos notificados de que seremos recebidos no terceiro dia. Fomos.

Entramos em uma sala e esperamos. Esperamos cerca de uma hora, em silêncio, conversando em sussurros e andando na ponta dos pés. O chefe de gabinete apareceu:

- Senhores, vão, porque o Sr. primeiro ministro não pode recebê-los. Ele está agora entrando no Conselho de Ministros.

- Mas viemos de longe - tentamos dizer. Nos fecharam a porta. Penso: cada pessoa gastou 1.000 leus apenas para o trem. Voltaremos sem resultado? Eles não podem mais ficar.

Pego a porta com as duas mãos e começo a sacudi-la com todas as minhas forças e grito o mais alto que posso:

“Deixe-nos entrar ou arrombo a porta e forço a entrada.” Eu chutei a porta. Os camponeses começaram a gritar e encostaram os ombros à porta.

A porta se abre e cerca de dez pessoas assustadas aparecem com cabelos arrepiados e rostos amarelados. Eu acho que eles eram jornalistas.

“O que vocês querem, senhores?” Eles perguntam.

- Diga ao primeiro-ministro que, se ele não nos deixar entrar, quebraremos tudo e entraremos à força.

Em alguns minutos as portas se abrem e entramos. Subimos uma escada, chegamos ao topo. Ali, em um corredor, de pé, alto e reto como um poste, Ion Brătianu; Atrás dele, o ministro Angelescu, Florescu, Constantinescu, Vintilă Brătianu e outros.

- O que vocês querem, bons homens? - Ele pergunta.

Ainda estávamos no controle da revolta e gostaríamos de parecer mais indignados, dando uma verdadeira nota de humor, mas os camponeses, pisando nas escadas de mármore e nos tapetes finos, haviam se suavizado.

- Vossa Majestade, Sr. Primeiro Ministro, nós beijamos suas mãos e nos colocamos aos pés de Sua Majestade; O que nós queremos? Queremos justiça, porque os judeus nos invadiram. Eles tiram nossa madeira em centenas de vagões enquanto chove em nossas casas, porque nem sequer temos telhas suficiente para cobri-las.

- Não podemos mais manter nossos filhos na escola. Eles também encheram nossas escolas e nossos filhos se tornarão servos deles.
- Então outros camponeses falaram.

Ionel Brătianu ouviu, não fez alusão à nossa revolta na antecâmara e, finalmente, depois que os camponeses acrescentaram:

- Também pedimos para os nossos estudantes, nossos filhos, para fazer o que eles pediram: “numerus clausus”.

Ionel Brătianu, responde:

- Vão para casa e sejam pacientes, porque eu investigarei a questão das florestas: no que diz respeito ao “numerus clausus”, não é possível. Mostrem-me um único Estado na Europa que introduziu essa medida, e eu a apresentarei também.

***

Mas a Europa acordaria apenas 10 anos depois e introduziria o “numerus clausus”, dando justiça a nossa fé, mas Ionel Brătianu não estaria mais lá, para que ele pudesse manter sua palavra, e seus descendentes se tornariam servos comuns do Judaísmo, que levantariam os punhos para nos atingir e nos matar por ordem de mestres estrangeiros.

***

Todos nós partimos, sem esperança. Nada seria feito.

Como resultado imediato da audiência, o Dr. Cătălin, o chefe da delegação e Valer Dănieleanu foram presos poucas horas depois.

Um grupo de estudantes realizou uma demonstração hostil em frente à casa do ministro do Interior à noite.

O estudante Vladimir Frimu foi pego e preso em Văcăreşti. Eu fui então a Câmpulung.

O PLANO DOS ESTUDANTES DE OUTUBRO DE 1923
UMA TENTATIVA DE VINGANÇA PARA SERVIR DE EXEMPLO PARA FUTURAS GERAÇÕES

Moţa veio a Câmpulung para ir ao eremitério de Petru Rareş em Rarău, a montanha que eu particularmente amo. Escalando o Rarău, Moţa começa a me contar seu tumulto interno:

- Os alunos não podem mais resistir até o outono e em vez de uma capitulação vergonhosa, a nossa, depois de um ano de luta, é melhor incentivá-los a retornar as aulas, e nós, que os lideramos, finalizarmos bem o movimento nos sacrificando, mas fazendo com que todos aqueles que consideramos mais culpados por trair os interesses romenos caiam conosco. Vamos pegar revólveres e matá-los, dando um exemplo terrível que permanecerá ao longo de nossa história romena. O que será de nós depois disso, morreremos ou permaneceremos na prisão pelo resto de nossas vidas, isso não importa mais.

Concordei que o ato final de nossa luta deveria ser, ao próprio preço de nosso colapso, um ato de punir os pigmeus que, abandonando as posições de grande responsabilidade que detinham, humilhavam e expunham a todos os perigos a nação romena.

E naquele momento sentimos o sangue fervendo em nós que exigia vingança pelas injustiças e a longa cadeia de humilhações sofridas por nosso povo.

Logo depois, reuniram-se em Iasi, nas casas de Butnaru, na rua 12 Săvescu, os seguintes: Ion Moţa, Corneliu Georgescu e Vernichescu de Cluj, Ilie Gârneaţă, Radu Mironovici, Leonida Bandac e eu de Iaşi, Tudose Popescu, de Cernăuţi.

A primeira pergunta que fizemos foi: quem deveria responder primeiro? Quem é o culpado pelo infortúnio em que o país estava lutando: os romenos ou judeus? Por unanimidade, concordamos que os primeiros e maiores culpados são os romenos vis, que traíram sua nação pela prata dos judeus. Os judeus são nossos inimigos e, como tais, eles nos odeiam, nos envenenam, nos exterminam. Os líderes romenos que se sentam na mesma linha com eles são mais que inimigos: são traidores. O primeiro e mais severo castigo é de cair, antes de tudo, ao traidor e, em segundo lugar, ao inimigo.

Se eu tivesse apenas uma bala, e na minha frente um inimigo e um traidor, mandaria a bala para o traidor.

Concordamos em alguns elementos na linha da traição e escolhemos seis ministros liderados por George Mârzescu. Finalmente, chegou a hora em que aqueles com atitudes desonestas, que nunca imaginaram que seriam responsabilizados por seus atos, em um país onde se consideravam mestres absolutos, sobre um povo incapaz de qualquer reação, responder com suas vidas.

Desta vez, a nação estava enviando seus vingadores através dos fios invisíveis da alma.

Passei então para a segunda categoria: judeus. Qual dos dois milhões devemos levar?

Sentamos, pensamos, conversamos e, no final, descobrimos que os verdadeiros comandantes do ataque judaico à Romênia eram rabinos, rabinos de todas as feiras e cidades. Eles lideram a massa judaica no ataque e, sempre que um romeno cai, ele não cai aleatoriamente. Ele cai porque foi marcado pelo rabino. Por trás de cada político comprado, há a cabeça de um rabino que estudou e ordenou que o respectivo Kahal ou banqueiro judeu pagasse. Por trás de todo jornal judeu e de todo método: calúnia, mentira, incitação, há o plano de um rabino.

Mas éramos poucos por isso escolhemos apenas os grandes de Bucareste. Mas se tivéssemos a força numérica, teríamos tomado absolutamente todos eles.

Depois escolhemos os banqueiros: Aristide e Mauriţiu Blank, que corromperam todos os partidos e todos os políticos romenos, colocando-os como membros nos conselhos de administração e enchendo-os de dinheiro: Bercovici, que financia o Partido Liberal (Blank assumiu o cargo do Partido Nacional-Camponês, mas ele também se sentia capaz de comprar liberais).

Então os judeus na imprensa. O mais desagradável. Os envenenadores de almas: Rosenthal, Filderman, Honigman (Fagure), os diretores dos jornais: “Dimineaţa”, “Adevărul”, “Lupta”, todos esses inimigos do romanianismo.

Partimos em grupo para Bucareste, dizendo adeus para sempre a Iasi. Deixei uma carta para os alunos explicando nosso gesto, dizendo adeus a eles e pedindo que retornassem as aulas, mas que mantivessem sua fé intacta até a vitória final. Cada um de nós deixou cartas para nossos pais e companheiros de armas.

Nos encontramos novamente em Bucareste. Fomos a Dănulescu, que conhecíamos há algum tempo e que nos deixou uma boa impressão. Ele não se juntou a este time, mas pedimos que ele nos abrigasse, o que ele fez muito gentilmente.

De Dănulescu saimos por volta das 20 horas da casa para ir a Dragoş, na str. 13 de dezembro de 41, onde deveríamos especificar algumas coisas que ainda não estavam claras e discutir o estabelecimento da data em que iniciaríamos a ação.

Tínhamos acabado de nos reunir quando Dragoş entrou pela porta pálido, dizendo:

- Irmãos, a polícia cercou a casa!

Era a noite de 8 de outubro de 1923, por volta das 9 horas.

Um segundo de confusão, no qual nem tivemos tempo de conversar. Cruzamos nossos olhos, cada um olhando nos olhos um do outro.

Em um segundo segundo[74], fui para o corredor e, pela janela da porta, vi a figura do general Nicoleanu e os comissários forçando a porta. No terceiro segundo, as portas se abriram e a casa ficou cheia de comissários. O general Nicoleanu grita:

- Mãos ao alto!

Mas não tivemos tempo, porque cada um de nós foi pego por dois comissários e enfileirado: no flanco direito estava eu, então Moţa, Corneliu Georgescu, Tudose Popescu, Radu Mironovici, Vernichescu, Dragoş.

- Retirem os revólveres!

- Nós não temos nenhum! - dissemos. Somente Moţa tinha um Browning 6,35 e Vernichescu.

Então eles nos tiraram da casa, um por um, segurados pelo braço de dois comissários, e cada um de nós foi colocado em um carro esperando na rua.

Da casa dava para ouvir a velha mãe de Dragoş chorando.

Os carros partiram. Onde estávamos indo? Não dissemos uma palavra, não pedimos nada àqueles a quem éramos prisioneiros. Eles também não. Depois de atravessar várias ruas, entramos na Sede da Polícia. Nos fizeram sair e depois fomos colocados em uma sala. Lá nós fomos revistados. Tomaram tudo o que tínhamos, incluindo um colarinho e gravata. Essa revista, essa retirada dos colarinhos, esse tratamento como se fossemos bandidos, nos humilhou até a última expressão. Mas estávamos apenas no começo desse caminho de humilhação. Então, de pé de frente para a parede, sem ter o direito de virar a cabeça e tendo de nos agarrar a essa situação por um longo tempo, pensamos:

[74] N.T. 1° segundo, 2° segundo e 3° segundo, não há erro de gramatical aqui.

homens, há poucas horas atrás, livres, orgulhosos e determinados a quebrar as correntes de nossa nação, eis o que temos: alguns homens pobres e desamparados, parados na parede, a pedido de policiais miseráveis, revistados como bandidos, sem colarinhos, gravatas, lenços, anéis.

Dali em diante viria nosso grande sofrimento, que lentamente rasgaria nossos corações. Tudo começou com a nossa humilhação.

Eu acredito que não há maior sofrimento para um lutador que vive com orgulho e honra do que ser desarmado e depois humilhado. A morte é sempre muito mais doce que isso.

Fomos então conduzidos a uma sala com bancos e colocados a 5 metros de distância com agentes próximos a nós, sem permissão de olhar um para o outro. Por isso, ficamos sentados por horas até sermos chamados para o interrogatório. Os participantes dessas longas e opressivas horas foram: Moţa, Tudose Popescu, Radu Mironovici, Corneliu Georgescu, Vernichescu, Dragoş e eu.

Depois de um tempo, fomos chamados para o interrogatório, um por um. Foi realizado em uma grande sala na presença do promotor, do juiz investigador, do general Nicoleanu e de alguns representantes dos ministros. A minha vez foi de manhã. Lá me foram apresentadas algumas cartas minhas e duas cestas contendo todos os nossos revólveres que eu havia escondido em um bom lugar. E eu não conseguia descobrir como eles chegaram lá. Eu entendia: eles nos pegaram, mas quem disse onde estão os revólveres?

Meu interrogatório começa. Eu não sabia o que os outros haviam dito, nem tinhamos um acordo prévio entre nós sobre o que dizer, porque não imaginávamos que poderíamos acabar em tal situação. Por isso, eu mesmo julguei a situação e tomei a decisão que achei melhor.

Um minuto na encruzilhada.

Quando me fizeram a primeira pergunta, apesar de já terem passado mais de três minutos desde que entrei no tribunal, eu ainda não havia avaliado o suficiente a minha situação e tomar uma decisão. Eu estava sobrecarregado de fadiga e perturbado.

Por isso, quando me pediram para responder, eu disse:

- Cavalheiros! Por favor, me dê um minuto para pensar antes de responder.

A questão era: negar ou não negar. Naquele minuto, tensionei todos os poderes da mente e da alma e tomei a decisão de não negar. Falar a verdade. E não com timidez e arrependimento, mas corajosamente.

- Sim, os revólveres são nossos; com eles, queríamos matar os ministros, os rabinos e os grandes banqueiros judeus.

Eles me perguntaram seus nomes.

Quando eu comecei a dizer o nome deles, começando com Alex. Constantinescu e terminando com os banqueiros Blank, Filderman, Bercovici, Honigman, todos os presentes arregalavam seus olhos cada vez maiores, aterrorizados. Por isso suspeitei que os outros camaradas, ouvidos antes de mim, negaram tudo.

- Mas por que matá-los, senhor?

- Os primeiros porque venderam suas terras. Os últimos como inimigos e corruptos.

- E você não se arrepende?

- Não lamentamos... Se caímos, não é nada; Atrás de nós há dezenas de milhares que pensam como nós!

Dizendo isso, era como se eu estivesse me libertando da pedra da humilhação, sob a qual a atitude de negação teria me imergido mais. Agora, mantive minha fé, que me trouxera aqui, e enfrentei com orgulho o destino difícil que me esperava e aqueles que pareciam ter o direito de vida ou morte sobre mim.

Em matéria de negação, eu tinha que estar na defensiva, me defender das acusações feitas contra mim, pedir indulgência, ganhar sua boa vontade. No processo que se seguiu, com base nas evidências escritas que possuíam, teríamos que passar por uma situação dolorosa e vergonhosa, negando nossa própria escrita e nossa própria fé, negando a verdade. O que foi contra a nossa consciência e contra a honra de todo o nosso movimento. Representantes de um grande movimento estudantil, não deviamos ter a coragem de assumir a responsabilidade por nossos atos e crenças?

Além disso, o nosso país e nossos outros camaradas não teriam conhecido nossos pensamentos, ou o único fruto do nosso sofrimento, não importa quanto tempo tivesse sido: um país iluminado para pelo menos conhecer bem seus inimigos.

Foi-me pedido que escrevesse essas declarações com minha própria mão. Eu os escrevi.

No final, no entanto, acrescentei: "O prazo não foi definido. Fomos apanhados enquanto discutíamos isto, eu era a favor de marcar a data em uma semana ou duas." Depois os investigadores me impediram, insistindo cada vez mais em me fazer desistir desta declaração.

Mais tarde, percebi por que eles estavam insistindo. Porque esta última sentença abolia o valor jurídico de toda a acusação e formava nosso ponto de defesa, porque uma conspiração exigia quatro coisas:

1. uma associação para esse fim;

2. fixação das pessoas;

3. aquisição de armas;

4. fixação da data da ação.

Não tínhamos uma data fixa e estávamos na fase de discussão.

A fixação da data era de suma importância, pois poderia acontecer em duas semanas; ou poderíamos ficar doentes, ou poderiam morrer as pessoas por nós fixadas, ou poderia o governo cair, ou desistirmos, etc.

Toda a nossa defesa jurídica seria apoiada neste ponto.

***

Depois dessa declaração, fui conduzido por agentes a um porão, colocado lá em uma cela solitária e trancado com um cadeado do lado de fora. Nas celas vizinhas, entendi que estavam meus camaradas. Eu soquei a parede e perguntei quem mais era. Ouvi através da parede responder: “Moţa”. Deitei-me nas pranchas para adormecer, porque estava arrasado pelo cansaço, mas, sem casaco, peguei um resfriado e comecei a tremer. Então os piolhos começaram a me comer. Havia dezenas deles. Virei as tábuas do outro lado; eles se ergueram acima. Eu fiz essa operação várias vezes até perceber que era dia.

Eu ouvi um barulho na porta. Ela abriu e todos fomos levados para fora, depois conduzidos separadamente e colocados em um carro, cada um acompanhado por dois gendarmes e dois comissários. Os carros partiram um após o outro. E a mesma pergunta: para onde vamos?

Andamos por várias ruas desconhecidas, com pessoas curiosas nos encarando. Deixamos a capital e os carros pararam em frente a grandes portões, acima do qual estava escrito: “Prisão de Văcăreşti”.

NA PRISÃO VĂCĂREŞTI[75]

Fomos retirados e colocados entre baionetas, a uma distância de 10 m. Ouve-se o som de cadeados e correntes, e os grandes portões se abrem. Um por um, nós os cruzamos e entramos. Subindo as escadas, nossos mandados de prisão foram entregues. Percebemos que estávamos presos por conspiração contra a segurança do Estado, com a punição prevista: trabalho forçado.

Fomos conduzidos a outro pátio, no meio do qual fica uma igreja alta. Existem paredes, celas e salas ao seu redor. Fui colocado em uma cela no fundo, com 1 m de largura e 2 m de comprimento e trancado do lado de fora com cadeados. Dentro, havia apenas uma cama de tábuas, ao lado da porta, e uma pequena janela com barras de ferro. Eu me perguntava onde os outros estariam. Então eu deitei com a cabeça nas tábuas e adormeci. Depois de duas horas, acordo tremendo. Estava frio na cela e nenhuma luz do sol entrou. Olho em volta, perplexo, e não consigo acreditar onde estou. Olho atentamente e vejo a miséria ao meu lado. Eu digo para mim mesmo: estou em uma situação difícil. Uma onda de dor desce ao meu coração. Mas eu me consolava:

- É para o nosso povo.

Então começo a fazer movimentos de ginástica com os braços para me aquecer.

Por volta das 11 horas, ouço passos. Um guarda abre minha porta. Eu olho para ele. Eu talvez possa já tê-lo conhecido em algum momento. Ele era um homem estranho e rabugento. Ele olhou para mim com olhos maus. Ele me deu um pedaço de pão preto e uma tigela de sopa de beterraba. Pergunto-lhe:

- Guardião, você não vai me dar um cigarro?

- Eu não!

---

[75] N.T. Esse subtítulo não tem no original em Romeno, só na tradução do inglês. Eu achei melhor assim, pois deixa tudo bem dividido e fácil de achar. Porém, preciso rever se vou deixar desse modo mesmo.

Ele me trancou de novo e saiu. Quebrei o pão preto e tomei algumas colheres de sopa de beterraba da tijela. Eu então os deito no cimento da cela e começo a reunir meus pensamentos. Eu não conseguia descobrir como a policia nos descobriu. Algum de nós contou a alguém por engano? Alguém nos traiu? Como eles encontraram os revólveres?

Eu ouço passos novamente. Olho pela janela. Um padre e vários senhores se aproximam da minha porta e começam a me dizer:

- Bons cavalheiros, é possível que vocês, jovens cultos, possam fazer algo assim?

- Se é possível que esse povo romeno pereça invadido pelos judeus e dominado pela venda, licenciosidade e zombaria de seus líderes, também é possível o que fizemos.

- Mas você tem tantos caminhos legais!

- Nós seguimos todos os caminhos legais até chegarmos aqui. E se algum deles se abrisse para nós, talvez não acabássemos nessas celas também.

- E agora, está bom? Você terá que sofrer pelo que fez!

- Talvez do nosso sofrimento algo melhor possa surgir para este povo.

Eles saíram.

Por volta das quatro horas, um guarda veio e me trouxe um cobertor desgastado e um grande saco cheio de palha em vez de um colchão. Eu os acoloquei o melhor que pude. Comi um pouco mais de pão e fui para a cama.

Pensei na conversa com o padre e disse a mim mesmo: das festividades e da vida pacífica de seus filhos, uma nação nunca ganhou nada. Foi do sofrimento que sempre vinha algo melhor para ela.

Eu havia conseguido encontrar um propósito para o nosso sofrimento e, ao mesmo tempo, um apoio moral para essas horas tristes.

Levantei-me, ajoelhei-me e orei:

- Deus! Assumimos todos os pecados desta nação. Receba nosso sofrimento agora. Faça um dia melhor para ela com esse sofrimento.

Pensei então em minha mãe e nos que estavam em casa, que podem ter ouvido falar do meu destino e estão pensando em mim. Orei por eles e fui para a cama.

Embora tivesse ido para a cama vestido e embrulhado em um cobertor, estava com frio e dormi mal por causa do colchão de palha. Acordei às oito horas quando um guarda abriu a porta para mim, me perguntando se eu não queria sair por alguns minutos. Saí e comecei a fazer ginástica para me aquecer.

Minha fila de celas era mais alta e eu podia ver o pátio inteiro. A certa altura, vejo alguém vestido com trajes nacionais caminhando entre ladrões. Ele era meu pai. Mas não pude acreditar. O que ele estava fazendo aqui? Eles o teriam prendido também? Faço alguns sinais e ele me vê. O guarda me para:

- Senhor, você não tem permissão para fazer nenhum sinal!

- Ele é meu pai - eu digo.

- Pode ser, mas você não tem permissão para mostrar sinais. - Eu olho para ele e digo:

- Camarada, deixe-nos en paz no cuidado de Deus com o sofrimento que Ele nos deu; não acrescente mais a isso.

E eu voltei pra cela.

Depois do jantar, eles me levaram para sair novamente. Eles me conduziram entre baionetas e me tiraram da cadeia. Lá, na estrada, estavam todos sentados de um lado, a 10 metros de

distância, cada um entre duas baionetas. Meu pai liderava a coluna, entre dois soldados com baionetas à mão armada. Alguns novos surgiram: Traian Breazu, de Cluj, Leonida Bandac, de Iaşi, Dănulescu. Não nos foi permitido virar a cabeça ou sinalizar um para o outro. Por um segundo, só pude vislumbrar os rostos fracos dos meus pobres companheiros de sofrimento.

O que roeu meu coração foi a situação injusta em que meu pai estava. Ele não era culpado de nada. Lutador ao longo da vida para esta nação, professor do ensino médio, major, ex-comandante de batalhão na 1ª linha da frente durante a guerra, várias vezes parlamentar e não um dos obscuros, ele agora era levado entre baionetas nas ruas da capital.

Então fomos, em uma coluna, ao tribunal. Os romenos nos olhavam com indiferença. Mas quando chegamos ao bairro judeu, todos os judeus saíram pelas portas e janelas. Alguns nos olharam zombando e rindo; outros comentaram em voz alta, outros cuspiram.

Inclinamos a cabeça e andávamos assim o tempo todo com o coração cheio de dor.

O tribunal confirmou nossos mandados. Fomos defendidos pelo advogado Paul Iliescu, que foi o primeiro a oferecer por nós.

Fomos enviados de volta na mesma formação e na mesma rota. Nos quiosques, vi os anúncios do jornal “Dimineaţa” e de outros jornais judeus escritos em letras grandes: "Complô de estudantes", “Prisão de conspiradores”.

E novamente voltei para a minha cela. Fiquei ali no frio por duas semanas, sem saber nada sobre os outros e sem notícias do lado de fora.

***

Depois de duas semanas, parecendo dois séculos, fomos retirados de nossas celas e colocados em salas com fogões, três em cada. Fomos autorizados a cozinhar juntos e jantar juntos.

Quando nos vimos novamente, foi uma verdadeira celebração.

Fui colocado na mesma sala com Dragoş e Dănulescu. Enquanto isso, Gârneaţă, presidente da Associação de Estudantes Cristãos de Iaşi, também se rendeu, então nosso número aumentou para 13. Meu pai, sem nenhuma culpa, Moţa, Gârneaţă, Tudose Popescu, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici, Leonida Bandac, Vernichescu, Traian Breaz e eu, acusados de conspiração; Dragoş e Dănulescu foram detidos porque estávamos na casa deles. Além desses, também havia Vladimir Frimu, que encontrei aqui, preso por ocasião da manifestação na casa do ministro do Interior. Obtivemos um fogão primus e com a comida que nossos parentes e conhecidos começaram a nos enviar, fizemos nossa própria comida. A refeição dada aos detidos era realmente assustadora, e a miséria em que viviam era indescritível.

Meu pai obteve permissão da Diretoria para irmos à igreja no pátio todas as manhãs às 7 horas para adorar. Todos nós nos ajoelhamos diante do altar e dissemos o "Pai Nosso", e Tudose Popescu cantou "Santíssima Mãe de Deus".

Lá encontramos conforto para nossa triste vida na prisão e esperança para o amanhã.

Em seguida, cada um de nós estabeleceu um horário de trabalho para si. Moţa se encarregou do julgamento que se aproximava, Dănulescu se preparou para seus exames em medicina. Eu estava trabalhando em um plano para organizar os jovens para a luta nacional: organizar centros estudantis, rapazes da aldeia e estudantes do ensino médio. Eu trabalhei nele até o Natal e eu o tinha definido nos mínimos detalhes, e quando saíssemos da prisão, colocaríamos em prática; caso contrário, encontraríamos alguém de fora para começar a organizar. Isso deveria ser feito dentro da "Liga". A "Liga" deveria ser a organização política, e

nossa composição, a organização da educação e a luta da juventude.

Em 8 de novembro, festa dos Santos Arcanjos Miguel e Gabriel, estávamos discutindo que nome dar a essa organização de jovens. Eu disse “Arcanjo Miguel”. Meu pai disse:

- Há um ícone de São Miguel na igreja, na porta esquerda do altar.

- Vamos vê-la!

Fui com Moţa, Gârneaţă, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici e Tudose.

Nós olhamos e ficamos realmente surpresos. O ícone pareceu para nós de uma beleza incomparável. Eu nunca fui atraído pela beleza de um ícone. Mas agora eu me sentia conectado a ele com todo o meu coração e parecia-me que o Santo Arcanjo estava vivo. A partir daqui, comecei a amar ícones.

Sempre que encontrávamos a igreja aberta, íamos adorar ícones. Nossas almas estavam cheias de paz e alegria.

O tormento de nossas viagens para o Tribunal foi retomado. A pé, entre baionetas, através da lama, com as botas gastas e os pés molhados.

Alguns bandidos judeus, que haviam roubado centenas de milhões do Estado, foram levados em carros e nós íamos a pé. Muitas vezes as viagens foram feitas em vão, apenas para nos atormentar. O juiz investigador me chamou 25 vezes para me interrogar apenas duas vezes. De nossas declarações iniciais, não mudamos nada.

***

Um pensamento nos incomodava incessantemente: quem nos traiu? Ficamos noites tentando resolver esse enigma. Chegamos a suspeitar um do outro.

Certa manhã, fui à igreja e orei ao ícone para descobrir quem nos traiu. Na noite do mesmo dia, quando todos nos sentamos à mesa, falei aos meus camaradas:

- Eu sou obrigado lhes trazer notícias tristes. O traidor foi descoberto. Ele está no meio de nós e senta à mesa conosco.

Eles estavam todos se olhando. Moţa e eu seguimos o rosto um do outro, esperando um gesto que poderia ter nos dado uma indicação fraca. Enfiei a mão no bolso e disse:

- Agora, deixe-me mostrar as provas.

Nesse momento, Vernichescu ficou em pé, ficou por um momento confuso, depois entregou a chave da caixa de comida de Bandac e disse:

- Eu estou saindo.

Achamos curiosa a partida de Vernichescu, mas continuamos nossas discussões sobre o assunto das provas que recusamos mostrar, porque não as tínhamos.

Quando saí da mesa, encontrei Vernichescu sozinho. Ele se dirigiu a nós:

- Codreanu suspeita de mim.

Eu disse a ele que não suspeitava de ninguém e fomos reconciliados.

***

Semanas e semanas se passaram e nossas vidas se arrastava na prisão. Na parede ao lado da cama, marquei cada dia que passava

com uma linha feita com um lápis. A vida na prisão era difícil, desgastante para o homem que nasceu livre e viveu com orgulho. É horrível se sentir acorrentado, entre muros altos e hostis, longe do seus, dos quais você nada sabe. E mesmo dentro dessas paredes você não é livre; três quartos das vezes ficamos sob o cadeado, na cela ou no pátio. Toda noite, o som sinistro de fechaduras fechando à sua porta lança você em uma atmosfera de tristeza. Lá fora, os inimigos desta nação são livres, gozam de honra, de toda a bondade, e nós, além da miséria moral, muitas vezes passamos fome e trememos a noite toda no frio nas camas de tábuas e palha.

Mas eis que vêm os dias de alegria. Depois de dois meses na prisão, recebemos a notícia de que chegou a ordem para meu pai e Dănulescu serem liberados.

Uma grande alegria para nós. Nós os ajudamos a fazer as malas e eles logo foram tirados de nosso meio. Nós os assistimos partir, observando-os até que saíram pelo primeiro portão. Pedi ao meu pai que dissesse à mãe e àqueles em casa que não se preocupassem.

A libertação de alguém é uma ocasião de grande alegria para aqueles que permanecem. Todos se alegram. Provavelmente, ao liberar um, cada um é fortalecido na esperança de sua própria libertação.

Depois de um tempo: Dragoş, Bandac, Breazu e Vernichescu foram embora, sendo também, como meu pai e Dănulescu, removidos do julgamento. Restou apenas seis, processados por "conspiração contra a segurança do Estado".

Dragos, alguns dias depois, nos enviou a notícia de que Vernichescu foi quem nos denunciou. Ele também copiou as declarações dele quem estavam arquivo. Recebemos esta notícia com o coração cheio de amargura. Nossa nação sempre teve traidores.

LADO DE FORA

Em todas as universidades, os estudantes voltaram as aulas. Parecia que estávamos enfrentando um momento de desorientação. Eles viveram sob o terror da imprensa judaica por dois meses, que constantemente exagerava a seriedade de nossa tentativa de vingança e suas consequências "desastrosas" para o país. Ela gritava que tínhamos perdido toda a confiança no "mundo civilizado"; que éramos um estado dos Balcãs. Elas se perguntavam constantemente: O que Berlim dirá? O que Viena dirá? O que Paris dirá? E assim, transformados em defensores dos "interesses permanentes do Estado", os judeus exortaram os líderes todos os dias a tomar medidas radicais contra o movimento nacional que devia ser reprimido com a "maior violência".

Há um ano, quando Max Goldstein plantou a bomba no Senado e a polícia prendeu os judeus comunistas, a mesma imprensa gritou:

"Um Estado não pode ser mantido pela violência contra a vontade do povo. Onde está a Constituição? Onde estão as leis? Onde estão as liberdades garantidas pela Constituição? O que dirão os estrangeiros diante de um Estado que toma medidas tão restritivas? Um Estado não pode ser mantido através de detenções, prisões, baionetas, terror. Porque à violência do Estado a multidão ou indivíduos isolados responderão violentamente. A força, com força. O terror, com terror. E eles não serão culpados, mas o Estado que os provocou será culpado."

E agora, com uma vergonha que apenas os olhos vendados não vêem, toda essa imprensa escrevia:

"Não basta que esses terroristas tenham sido presos. Eles devem ser condenados de forma a dar o exemplo. E isso não basta: todos aqueles que gostam de idéias anti-semitas, que trazem tanto dano ao nosso país, devem ser presos. Esta erva anti-semita deve ser arrancada. E isso deve ser feito sem piedade e sem clemência."

A imprensa nacional se opôs fortemente a essa rajada de inimizade. Além do jornal “Universul[76]”, que sempre teve uma atitude correta em relação às manifestações da consciência nacional. O movimento nacionalista tinha as seguintes páginas:

“Cuvântul Studenţesc”[77], uma folha cuidada pelos estudantes de Bucareste, que só agora havia entrado sob a liderança de nossos incansáveis camaradas do lado de fora: Simionescu, Râpeanu, Fănică Anastasescu, Dănulescu e outros, cujos nomes me escapam;

“Dacia Nouă”[78], órgão dos estudantes de Cluj, com Şuiaga, Mocanu, o poeta Iustin Ilieşu, autor do “Imnului Studenţesc”[79] etc;

“Cuvântul Iaşiului”[80], um órgão de estudantes de Iasi;

“Deşteaptă-te române”[81], um corpo discente de Cernăuţi, mudou-se recentemente para Câmpulung, sob a liderança do Dr. Cătălin e Danieleanu;

“Apararea Nationala”, um órgão da L.A.N.C., Bucareste, com os artigos sagrados do professor Paulescu, dos quais reproduzimos as seguintes linhas:

“A coerção através do frio, da fome e do terror foi usada com sucesso pelos judeus bolcheviques.

Quem poderia imaginar que chegaria o momento em que nossos filhos, a flor da nação romena, seriam forçados a celebrar, trancados nos porões de uma masmorra, ou perseguidos por uma nevasca sem abrigo e sem comida, a festa da união de todos os romenos.

[76] N.T. “O Universo”.
[77] N.T. “A Voz do Estudante”.
[78] N.T. “Nova Dacia”.
[79] N.T. “O Hino dos Estudantes”.
[80] N.T. “A Palavra de Iasi”.
[81] N.T. “Despertai, Romeno”.

Você provavelmente não percebeu que estava lutando contra toda a nação romena.”

“Unirea”[82], órgão de L.A.N.C., Iaşi, sob a liderança do professor Cuza, com artigos de lógica imortal;

“Naţionalistul”[83], um órgão popular da Liga Iasi;

“Libertatea”[84], uma folha popular de Orăştie, do padre Moţa, que mostrou nosso gesto à verdadeira luz, sendo o primeiro a cortar, sem qualquer hesitação, a onda de silêncio que nos cercou nos primeiros momentos.

***

O corpo estudantil entendeu nosso sacrifício. Portanto, o movimento estudantil se reuniu cada vez mais em torno desses muros da prisão “Văcăreşti”, onde cada centro estudantil tinha seus representantes presos.

Os camponeses também começaram a cuidar de nós. Eles nos enviavam dinheiro e prestavam serviços religiosos, especialmente nas montanhas de Bukovina e na Transilvânia, onde a “Libertatea” penetrava.

Aqui está um pequeno exemplo:

O CONTRIBUIÇÃO DOS MOȚI
PARA OS ESTUDANTES DE VĂCĂREŞTI
(“Cuvântul Studenţesc”, nº 7, ano II de 4 de março de 1924)

“Entre os presentes recebidos pelos estudantes presos em Văcăreşti pelos camponeses de muitas aldeias do país, existe um

[82] N.T. “A União”.
[83] N.T. “O Nacionalista”.
[84] N.T. “Liberdade”.

que é mais brilhante e mais precioso do que todos eles. É o presente enviado pelos Moți[85] das Montanhas Apuseni. Cada um deles reuniu 2, 3, 5 leus vasculhando o fundo dos bolsos dos cintos de couro[86] ou *năframă*[87] e os enviaram pelo vale, nos caminhos percorridos por Iancu[88]; eles os enviaram com suas almas, bem longe, nos Văcăreştii, sobre a montanha, onde ouviram que seus filhos estavam presos, por querer salvá-los da falta e da injustiça, da pobreza e do pesar. Do canto mais pobre do país, sobre o qual a música diz com tanta amargura e luto:

Nossas montanhas carregam ouro,

Nós imploramos de porta em porta

O presente mais precioso foi enviado aos estudantes de Văcăreşti: um punhado de moedas e um pedaço da alma de um mendigo faminto e nu, uma alma que escondia sob um trapo o tesouro mais precioso: saúde moral, fonte inesgotável de força, que começa no momento certo para a Salvação da Nação!

Os Moti pensaram nos estudantes! A alma deles começou a entender, a se agitar, a forjar um novo ideal.

É o melhor e mais revelador sinal!

Ouça alguns de seus nomes:

De Rişca, perto de Baia de Criş, enviaram: Nicolae Oprea, 2 lei; Nicolae Florea, 3 leus; N. Hărăguş, Aron Grecu, Tigan Adam, A. Henţiu, N. Bulg, Ion Aşileu, Al. Vlad, N. Borza, N. Leucian, Antonie Florea, A. Leucian, todos 5 cada; N. Chiscuţ, A. Rişcuţă, Ion Ancu, Saliu Faur, 10 leus cada; N. Florea, padre e N. Rusu,

---

[85] N.T. Os camaradas romênos que me ajudaram na tradução disseram que Mo ți são os habitantes de Țara Moților.
[86] N.T. Original "șerpar". Um camarada romêno me disse que isto é um: "cinto de couro/cós com bolsos, usado pelos camponeses".
[87] N.T. Pedaço de tecido que pode ser usado como lenço de cabeça, guardanapo, para embrulhar coisas, etc.
[88] N.T. Avram Iancu. O Wikipedia diz: "Avram Iancu foi um advogado romeno da Transilvânia que desempenhou um papel importante no capítulo local das Revoluções do Império Austríaco de 1848 a 1849. Ele era especialmente ativo na região de țara Moților e nas montanhas Apuseni."

15 lei cada; N. Baia, notário e Duţu Rişcuţă, 20 leus cada. Total, 210 leus.

Os camponeses logo entenderão, se apegarão a nós com sua alma forte e sofredora, esperando por uma hora de justiça.

PENSAMENTOS DE UMA NOVA VIDA

O feriado de Natal estava chegando. Fomos deixados lá sozinhos, pensando naqueles em casa e, em longas noites em que não conseguíamos dormir, nossos pensamentos sempre nos incomodavam. Quando o nosso povo vai ganhar? Quando sairemos daqui? Se formos condenados de 10 a 15 anos, seremos capazes de perseverar até o fim, ou o sofrimento e a preocupação afetarão diariamente nossa saúde e morreremos na prisão?

Estávamos flutuando no desconhecido. Esse estado de incerteza nos consumia. Gostaríamos que a data do julgamento fosse fixada de uma vez para sabermos o que iria acontecer conosco e que destino nos esperava.

O sofrimento e o destino comum que nos esperava nos conectavam cada vez mais, e as discussões sobre os inúmeros problemas, que não questionávamos, nos levaram à mesma conclusão, formando gradualmente a mesma maneira de pensar. Os menores problemas que afetavam o movimento nacional nos incomodavam por horas e dias. Lá aprendemos a pensar profundamente e a seguir um problema até os mínimos detalhes. Retomei a pesquisa do problema judaico, de suas causas, das possibilidades de resolvê-lo. Estabelecemos planos de organização e ação. Depois de um tempo, as discussões terminaram. Tínhamos alcançado leis, verdades incontestáveis, axiomas.

Eu olhei para as piadas daqueles que tentaram lidar com o problema nacional, dando origem a um jornal ou uma paródia da organização, as falsas conclusões que chegaram na linha

doutrinária, as incertezas na organização, a falta de concepção em ação.

Percebemos ainda mais agora, após uma reflexão mais profunda, que:

1. O *problema judaico* não é uma utopia, mas um sério problema de vida e morte para o povo romeno; os líderes do país, agrupados em partidos políticos, estão se tornando cada vez mais um brinquedo nas mãos do poder judaico;
2. Esse politismo, através de sua concepção de vida, de sua moral, do sistema democrático do qual deriva seu ser, constitui uma verdadeira maldição que caiu sobre a cabeça do país;
3. O povo romeno não será capaz de resolver o problema judaico antes de resolver seu *problema político*.

O primeiro objetivo a ser alcançado pelo povo romeno, em seu caminho de derrubar o poder judaico que o oprime e estrangula, terá que ser o derrubar desse sistema político. Um país tem os judeus e os líderes que merece. Assim como os mosquitos só podem se estabelecer e prosperar nos pântanos, eles também só podem viver presos no pântano dos nossos pecados romenos. Portanto, para vencer, devemos primeiro erradicar nossos próprios pecados. O problema é ainda mais profundo do que o professor Cuza nos mostrou. A missão desta luta foi confiada aos jovens romenos, que, se desejam responder a esta missão histórica, se querem viver, se desejam ter um país, devem preparar e reunir todas as suas forças para lutar e vencer. Decidimos que, quando sairmos daqui, se Deus nos ajudar a não nos separar, permaneceremos unidos e dedicaremos nossas vidas a esse propósito.

Mas antes de nos ocuparmos com os defeitos de nosso povo, começamos nos ocupando com nossos próprios pecados. Realizamos reuniões por horas e cada um relatou ao outro os defeitos falhas que ele observou no resto. E nos esforçamos para

corrigi-los. Era uma questão delicada, pois é assim que o homem é feito: ele não esculta levemente as críticas a seus próprios defeitos. Todo mundo acredita ou quer mostrar que ele é perfeito. Mas nós diziamos: primeiro, vamos conhecer e corrigir nossos pecados, e depois veremos se temos ou não o direito de nos ocupar com os de outros.

Foi assim que nossas férias passaram e depois o inverno. A primavera chegou. Ainda não sabíamos nada sobre o nosso destino futuro. É que uma grande corrente popular se nasceu do lado de fora por nós e por nossa causa, apesar de todas as tentativas desesperadas da imprensa judaica de acabar com isso. Essa corrente sempre crescia entre estudantes, habitantes da cidade e camponeses, igualmente fortes na Transilvânia, Bessarábia, Bukovina e no Reino Antigo. Neste momento, recebi cartas de encorajamento e incentivo de todos os lugares.

***

A primavera finalmente nos trouxe uma grande alegria. O julgamento foi fixado para 29 de março, no Tribunal do Júri de Ilfov. Começamos a nos preparar. Mas que tipo de preparação poderíamos fazer? Nós declaramos tudo. Eu disse tudo o que tinha para dizer. Os advogados que se inscreveram vieram nos visitar. Eles chamaram nossa atenção para o fato de que nossa situação era difícil, devido às declarações feitas e que seria bom desistir delas e de nossa atitude até agora. Que seria mais prudente focar na negação. Nós recusamos e pedimos categoricamente que eles nos defendessem dentro das declarações feitas por nós, que não tínhamos o intuito de mudar em nada, qualquer que fosse o resultado do julgamento.

***

Se, por acaso, formos absolvidos, como nos separaríamos do nosso ícone para o qual rezamos todas as manhãs?

Procurei entre todos os detidos e encontrei um pintor. Conversei com ele e em três semanas ele nos fez um grande ícone com mais de 2 m de comprimento, uma cópia exata daquele da igreja, um pequeno que carrego comigo e um médio que dei para minha mãe. Moţa também mandou faz um para dar aos seus pais.

Então percebemos que, com base em nossas declarações, pelo menos cinco anos era mais do que certo que receberíamos. E então oramos na frente do ícone:

- Senhor! Nós consideramos perdidos esses cinco anos para nós. Se escaparmos, assumimos o compromisso de usar esse tempo na luta.

E decidimos que, se fôssemos absolvidos, todos nos mudaríamos para Iasi. É aí que nos tornaríamos nosso centro de ação. A partir daí, iriamos começar, de acordo com os planos que estavam prontos, a organização de toda a juventude do país com os alunos do ensino médio e até com os do curso inferior, com as escolas normais, com as escolas profissionalizantes, com os seminários, com as escolas comerciais e com os jovens das aldeias. Finalmente iria vir a reorganização dos centros estudantis. Todos eles teriam que crescer no espírito de fé que nos animava, para que, quando em idade adulta, aparecesse no campo político, onde o destino de nossa luta seria decidido, serie após serie, como ondas de assalto chegando e sem fim.

O ISOLAMENTO DO POLÍTICISMO

O politicismo infecta nossa vida nacional. A organização dessa juventude, além da necessidade de auto-educação, também é necessário para protegê-la e isolá-la do politicismo e de sua

infecção. A continuação da infecção para a juventude romena significa nossa destruição e a vitória completa de Israel.

Mais que isso! Essa organização da juventude resolverá o próprio problema do politicismo que, deixando de receber elementos jovens, será condenada à morte pela fome, pela falta de comida. O slogan de toda a geração deve ser: nenhum jovem entrará nos portões de nenhum partido político. Quem faz isso é traidor de sua geração e de seu povo. Porque ele, através da sua presença, através do seu nome, através do seu dinheiro, através do seu trabalho, contribui para a ascensão do poder dos políticos. O traidor é esse jovem, assim como o traidor é quem deixa de lado seus irmãos e passa para o lado do inimigo. Embora ele não possa atirar com sua própria arma, se ele apenas trouxer água para esfriar quem atira, ele está envolvido em matar aqueles que caem entre seus companheiros e, portanto, um traidor da causa.

A teoria que insta todos nós a participamos de partidos para melhora-los, se dizemos que são ruins, é falsa e traiçoeira. Como tem sido desde o começo do mundo flui, dia e noite, incessantemente, através de milhares de rios, apenas água doce no Mar Negro e não adoça sua água[89], pelo contrário, torna-se salgada e doce, da mesma forma nós, nas garras dos partidos políticos, não apenas não iremos melhora-los, como também nos corromperemos.

***

Com esses pensamentos e decisões sairíamos, no caso de sermos absolvidos. O sistema da organização estava pronto. Nosso plano de ação foi definido nos mínimos detalhes. O objetivo de cada um foi corrigido. O jornal que seria publicado ostentaria o nome

[89] N.T. O mar Negro recebe água doce dos diversos sistemas fluviais da Eurásia situados ao seu norte, dos quais o Don, o Dnieper e o Danúbio são os mais significantes.

“GENERAŢIA NOUĂ[90]”, e toda a nossa organização seria chamada “ARHANGHELUL MIHAIL[91]”. Todas as nossas bandeiras teriam a imagem de São Miguel Arcanjo da igreja de Văcăreşti.

Essa organização, como vimos agora, de toda uma geração romena jovem, seria a seção de jovens da organização política da L.A.N.C., com o objetivo de educar.

Para nós, essa concepção concebida dentro dos muros da prisão “Văcăreşti”, era o começo de uma nova vida. Era algo novo, algo completo, tanto em termos de pensamento e organização quanto em termos de ação, diferente de tudo que havíamos pensado antes. Era o começo do mundo. Uma fundação que construiríamos nos próximos anos.

Ao sair, iriamos a todos os centros universitários e dividiríamos nossas decisões com os estudantes, mostrando a eles que as manifestações nas ruas, os confrontos, não fazem mais sentido por causa do nosso novo plano. Assumimos as manifestações do passado, não negamos que elas eram nossas, não temos vergonha delas, mas o tempo delas passou. Todos nós teríamos que começar uma grande organização que traria vitória.

A PUNIÇÃO DA TRAIÇÃO E O PROCESSO

Vimos Moţa pensativo. Ele sempre nos dizia que, se saíssemos daqui, não poderíamos dar um passo adiante sem punir o traidor. A traição sempre esmagou os poderes da nação. Nós romenos nunca voltamos nossas armas contra eles; é por isso que se enraizaram, é por isso que os traidores se multiplicaram em todos os caminhos, é por isso que toda a nossa vida estatal é apenas uma traição permanente à nação. Se não resolvermos o problema da traição, nosso trabalho será comprometido.

[90] N.T. “A GERAÇÃO NOVA”.
[91] N.T. “O ARCANJO MIGUEL”.

Na manhã seguinte era o julgamento. Estávamos ansiosos para isso. Finalmente nosso destino seria decidido.

Fomos levados ao escritório onde esperamos que nossas famílias nos vissem. Estavam lá os pais de Corneliu Georgescu, vindos de Poiana Sibiului. Em um momento, Vernichescu entrou. Moţa agarrou seu braço como se dissesse algo e foi com ele para a sala ao lado, para os escritórios dos oficiais.

Em alguns minutos, ouvimos sete tiros de revólver e gritos. Nós saímos para o corredor. Moţa atirou em Vernichescu para punir a traição.

Corri ao lado dele para defendê-lo, pois ele estava cercado por guardas e oficiais que o ameaçavam. A comoção diminuiu. Fomos imediatamente encarcerados, cada um em uma cela. Pela janela, notamos como Vernichescu foi retirado da enfermaria e levado para o hospital em uma maca. Todos começamos a assobiar de nossas celas o hino de nossa luta “Studenţi Creştini din România Mare[92]”, e o acompanhamos com essa música até que ele saiu dos portões da prisão.

No dia seguinte, depois de uma noite dormindo no cimento, fomos levados ao tribunal. Nossa situação era muito difícil agora. Mas nós, no porão do Tribunal, cantamos nossas canções de batalha o tempo todo.

O processo começaria às uma hora. Já às dez horas, milhares de estudantes e cidadãos começaram a se reunir em torno do Tribunal. Por volta das 12 horas, todos os regimentos foram retirados da capital para controlar à multidão.

Em duas horas, o juiz de investigação Papadopol chegou. Ele nos chama um por um no andar de cima. Todos nós fomos solidários com Moţa.

No dia seguinte, depois de uma noite dormindo no cimento, fomos levados ao tribunal. Nossa situação era muito difícil agora.

---

[92] N.T. “Estudantes Cristãos da Grande Romênia”.

Mas nós, no porão do Tribunal, cantamos nossas canções de batalha o tempo todo.

O processo começaria às uma hora. Já às dez horas, milhares de estudantes e cidadãos começaram a se reunir em torno do Tribunal. Por volta das 12 horas, todos os regimentos foram convocados da capital para controlar à multidão.

À uma hora, fomos levados ao tribunal. O Presidente do Tribunal era o Sr. Davidoglu e o promotor Sr. Racovicescu. No banco de defesa estavam: Professor Paulescu, Paul Iliescu, Nelu Ionescu, Teodorescu, Donca Manea, Tache Policrat, Naum, etc. Os jurados foram sorteados. Nossa ordenança final foi lida em grande silêncio. Nós ficamos ouvindo. Percebemos que nosso destino estava em jogo. Foi a nossa vez de falar. O interrogatório começou. Admitimos tudo, exceto que uma decisão final foi tomada. Ainda não tínhamos decidido a data, mas mostramos os motivos que nos impulsionaram nesse caminho. Eu apontei o perigo do problema judaico e acusei políticos de traição e corrupção.

Apesar de todas as interrupções do presidente, continuamos nosso depoimento até o fim.

Seguiu-se uma acusação dura e muitas vezes injusta e insinuante do promotor. Sentimos que o equilíbrio mudou. Não nos importamos muito com o sucesso da acusação, porque o professor Paulescu leu sua declaração em um silêncio de igreja, criado por seu grande prestígio e sua figura como santa. A declaração foi curta, mas ele descartou a acusação do promotor, que estava se afundando envergonhado, como se estivesse no fundo do assento.

Houve uma pausa: eram oito horas da noite. Lá fora, a multidão esperava em números ainda maiores. Falaram brilhantemente: Nelu Ionescu, Tache Policrat, etc, e finalmente Paul Iliescu. Eram 5 horas da manhã. O promotor, através de uma nova acusação, tentou restaurar sua posição e recuperar seu tribunal. Ele foi atendido. Às 6 horas eu tive a última palavra. Nós fomos

retirados. Os jurados entram na deliberação. Esperamos, por meia hora, o que nos pareceu por meio ano. Logo ouvimos aplausos. Um oficial nos trouxe a notícia:

- Vocês foram absorvidos!

Imediatamente depois, fomos levados ao tribunal, onde nossa absolvição foi lida. As pessoas ainda estavam esperando lá fora. Na absolvição, eles explodiram em aplausos e canções.

Fomos colocados em um carro e levados por algumas ruas desconhecidas em Văcăreşti, para cumprir as formalidades de liberação.

Levamos nossas malas e ícones nos preparando para sair daquele túmulo com suas longas noites de tremor, com seus sofrimentos. Mas o pobre Moţa permaneceu, quem sabia por quanto tempo, para sofrer sozinho agora.

Tivemos que dizer adeus a ele. Nós o abraçamos com lágrimas nos olhos e nos separamos com uma dor profunda. Fomos para fora e ele voltou para a cela, em solitário. E quantas semanas ele teve que ficar deitado sozinho naquele cimento!

Fomos a Dănulescu e Dragoş, para pedir desculpas às famílias pela perturbação que causamos e agradecer-lhes pelo cuidado que tiveram durante todo o tempo em que estivemos presos.

Depois fomos para casa, cada um de nós, onde nossas mães e toda a família nos receberam com lágrimas de alegria nos olhos.

EM IAŞI

Em Iaşi, os camaradas mais jovens estavam me esperando com impaciência. Dos meus colegas de classe, não encontrei ninguém lá. Naquele outono, todos haviam se espalhado por suas cidades.

Levei o ícone para a igreja de St. Spiridon e coloquei no altar.

Um por um, conheci todos e os estudantes, regozijando-nos. Mas nossa alegria não durou muito, porque, andando na rua Lăpuşneanu com minhas duas irmãs e cerca de 10 alunos, a polícia pulou em cima de nós, sem motivo, e começou a nos bater com tacos de borracha na cabeça e com a corona de suas armas.

Desafiado dessa maneira e golpeado sem qualquer culpa em Iaşi em que travei tantas lutas? Em Iaşi, onde derrotei o judeu-comunismo na Universidade em 1919, 1920 e 1922? Em Iasi, onde eu tive respeito e mantive afastados por anos os judeus esmagadores e sua imprensa? Atingido em minha própria casa?

Então me virei para dar uma resposta. A indignação parecia ter me dado poder de leão, e eu seria capaz de combater toda a polícia. Mas os alunos com quem eu estava, alguns deles agarraram minhas mãos e outros agarraram minhas pernas. Prendido assim, eu levei alguns golpes com a coronha das armas. As pessoas nas calçadas começaram a vaiar a polícia e gritar. Fui para casa amargo e zangado com aqueles que me seguraram. Mas eles me disseram:

- Eles têm ordens para provocar você e, se você revidar, atirar para se livrar de você.

Depois do almoço, fui com Gârneaţă e Radu Mironovici para um dormitório, onde os líderes dos estudantes se reuniram em uma grande sala. Eles começaram a nos contar como lutaram e o que tiveram que suportar por meio ano desde que nos vimos. Como eles voltaram as aulas e como eles lideraram com isso para não serem humilhados. Como no dia 1º de novembro, no dia da abertura, todos os alunos se reuniram na sala de aula junto com todos os professores, o serviço religioso foi realizado e o que o aluno Lăzăreanu disse nesta ocasião.

- Nós voltaremos às aulas, mas não agora. Primeiro, iremos fazer um memorando para nossos professores, para o senado da universidade, e aguardaremos uma resposta benevolente.

Então nos contou como o memorando foi enviado e como os professores da universidade, liderados pelo vice-reitor Bacaloglu, levaram em consideração a maioria dos pontos do memorando. Em 6 de novembro, os alunos retornaram aos cursos. Os professores sabiam como evitar uma humilhação injusta dos estudantes que lutaram por um ano inteiro por suas crenças.

Nos disseram ainda mais, como o ministro Mârzescu trouxe um homem como prefeito da polícia com a missão de esmagar o movimento estudantil e o movimento nacional em Iaşi. Como ele e toda a polícia partiram para em perseguição do movimento.

Mas, como os estudantes haviam retornado as aulas e ficaram quietos e sem saber como podiam colher seus louros e ganhar dinheiro, o prefeito começou a provocar.

Eles nos disseram ainda que, em 10 de dezembro, os estudantes que iam à Igreja Metropolitana foram recebidos por policiais bêbados, atingidos por cassetetes de borracha, agarrados pelos cabelos na frente dos professores da universidade, arrastados pela lama da rua. Como, um por um, os alunos foram espancados. Como, em 10 de dezembro, o estudante Gheorghe Manoliu, o líder do coral, foi espancado com paus nas pernas e depois preso; como ele, mantido em condição policial em um estado de grande miséria, contraiu icterícia e morreu no hospital.

Os estudantes de Iaşi passaram por grandes dificuldades por meio ano.

Por sua vez, dissemos a eles o que havíamos sofrido. Lembrei-lhes que tínhamos o dever de tirar Moţa da prisão.

Por fim, fiz uma apresentação sobre nosso plano futuro. Como teriamos que organizar toda a nossa geração, aumentá-la e educá-la com um espírito heróico. Como teriamos que isolar a política, para que nenhum jovem entrasse nas suas fileiras. Como ele poderia ser derrotado[93] e a L.A.N.C. com o professor Cuza

[93] N.T. O politicismo.

entraria[94]. Como somente através de um governo nacionalista, uma expressão de nossa consciência, força e saúde romenas, seria possível resolver o problema judaico, tomando medidas legais para proteger o elemento romeno e coibir a ação de conquista dos judeus; como na criação desta consciência, desta força e desta saúde, nossa geração tinha uma grande e santa missão. Que nós, os "Vacarestianos", decidimos vir a Iaşi, a fim de estabelecer aqui o centro desta ação que colocamos sob a proteção de São Miguel Arcanjo.

Nossos camaradas ouviram e receberam com grande alegria nossos planos para o futuro.

Depois visitei os professores: Cuza, Găvănescul, Şumuleanu etc., compartilhando esses pensamentos com eles.

[94] N.T. No governo.

UM ANO DE GRANDES JULGAMENTOS
MAIO 1924 - MAIO 1925

A CASA CULTURAL CRISTÃ

Nossas reuniões, em vista do plano que estávamos seguindo, foram muito difíceis, devido à falta de local próprio. Sendo todos pobres, não podíamos alugar nem pelo menos dois quartos para começar a organizar os jovens. Realizei as reuniões em uma cabana de madeira destruída pela guerra no quintal da sra. Ghica. Um dia, decidimos construir uma casa com alguns cômodos. Como?

Em 6 de maio de 1924, reunimos cerca de 60 jovens, estudantes e alunos do ensino médio (membros da primeira fraternidade da cruz[95] fundada em Iasi). Aqui está o que eu falei com eles:

- Caros camaradas, quanto tempo vamos trabalhar, realizando nossas reuniões nesta barraca? Até agora, os estudantes romenos tinham o direito de se encontrar na Universidade. Nós fomos expulsos dela. Até ontem, tínhamos o direito de nos encontrar em dormitórios. Fomos expulsos. Hoje nos encontramos em algumas cabanas de madeira, dilapidadas, onde chove. Em todas as cidades, os estudantes são ajudados em seus nobres objetivos. Aqui não há ninguém para nos ajudar. Porque o mundo ao redor é formado pela população judaica inimiga e políticos estéreis de alma. Nossos romenos são empurrados para os arredores das cidades, vivendo na miséria negra. Nós estamos sozinhos. O poder de criar outro destino para nós, agora ou amanhã, só o encontraremos em nós. Devemos nos acostumar com essa idéia: que de Deus até nós não há ninguém para nos ajudar.

É por isso que não há outra solução senão fazer a casa que precisamos por conta própria, com nossos próprios braços. Obviamente, nenhum de nós construiu casas ou fez tijolos.

[95] N.T. “Frățiile de Cruce”. Segundo o Wikipedia: “As Irmandades da Cruz eram organizações de jovens do Movimento Legionário. As Irmandades da Cruz foram fundadas em 8 de novembro de 1923 na prisão de Văcărești, por decisão de Corneliu Zelea Codreanu . ‘A Irmandade da Cruz é um corpo juvenil de elite com o objetivo final de criar bons soldados para a Romênia de amanhã’ , disse Corneliu Codreanu. Os membros eram principalmente alunos e estudantes, mas também jovens em geral, que eram educados no espírito nacional e ortodoxo.”

Entendo que precisamos, antes de tudo, de coragem para romper a mentalidade em que crescemos, a mentalidade que deixa o jovem intelectual envergonhado, desde o dia em que se tornou estudante, de ainda levar um pacote na mão na rua[96]. Precisamos da coragem e da vontade de começar do zero. Disposição para superar obstáculos e superar dificuldades.

Olimpiu Lascăr, um pequeno empresário de alma grande, que tinha uma casa em Ungheni, me incentivou na minha ideia, dizendo-nos:

- Senhores, proponho que façam os tijolos em Ungheni, na margem do Prut. Eu tenho um lugar e eu darei a vocês. Eu disponibilizo minha casa para vocês também.

Aceitamos sua proposta. Mas nós não tínhamos dinheiro para viajar para Ungheni. Precisávamos de trezentos leus para cerca de vinte pessoas. Olimpiu Lascăr também nos deu esse dinheiro.

O PRIMEIRO ACAMPAMENTO DE TRABALHO
8 DE MAIO DE 1924

Em 8 de maio, partimos, alguns de trem, outros a pé. Total 26.

Eu não tinha nada: sem enxada, sem ferramentas, sem dinheiro, sem comida. Fomos até Lascar, que estava esperando por nós alegremente.

- Bem-vindos, senhores, porque a feira de Ungheni está cheia de judeus como uma colméia. Talvez, vendo vocês, eles ajam com menos insolência. Nós, um punhado de cristãos, somos aterrorizados por eles.

Finalmente, várias delegações foram formadas para ir às casas dos cristãos para emprestar enxadas, pás e outras ferramentas

[96] N.T. Um grande camarada de ajuda romeno explicou que este pacote refere-se aos pacotes de alimentos e dinheiro que os estudantes, que deixaram sua cidade natal para frequentar a Universidade, recebem de seus pais em casa.

necessárias. No dia seguinte, fomos ao local na margem do Prut. O padre da vila fez uma oração por nós. Por mais de uma semana, todos trabalhamos para chegar a um bom solo, porque, para nosso infortúnio naquele local, durante 50 anos, toda a feira jogou lixo lá, formando em alguns lugares até 2 m de espessura. Com a ajuda de alguns pedreiros profissionais, dos quais me lembro com carinho do velho Chiroşca, comecei a trabalhar o barro e a fazer tijolos. Estávamos divididos em equipes de 5 pessoas e cada uma produzia 600 tijolos, um total de 3.000 tijolos por dia. Mais tarde, quando nossos números aumentaram, fizemos ainda mais, trabalhando das 4 da manhã até a noite. O maior problema foi a comida. No começo, o povo de Ungheni nos ajudou, mais tarde a comida veio de Iaşi. Os anciãos, tanto o professor Cuza quanto o professor Sumuleanu, encararam nossos esforços com certa desconfiança. Eles pensaram que era infantil, que não conseguiríamos alcançar nenhum resultado, mas depois de um tempo começaram a apreciar o que estávamos fazendo e a nos ajudar.

Quando Corneliu Georgescu chegou a Iasi, aposentando-se da Universidade de Cluj, onde ele completara um ano de Farmácia, de comum acordo com os outros, entreguei a alvenaria os 17.000 leus que havíamos levantado com doações, enquanto ficávamos em Văcăreşti.

No entanto, como o problema da comida era difícil, pegamos em Iaşi uma horta de 1 acre da Sra. Ghica para semear, com outras equipes de estudantes, vegetais e aqueles necessários para a alimentação em Ungheni, então nosso trabalho agora tinha sido dividido em dois: alguns dos alunos trabalhavam em Ungheni, outros em Iaşi, na horta. Os alunos se revezavam: a cada três ou quatro dias.

Nosso primeiro campo de trabalho teve o efeito de um começo de revolução na mentalidade atual. Todos à nossa volta - camponeses, trabalhadores e, não menos, intelectuais - reuniram-se curiosos para olhar para nós. Estas pessoas foram ensinadas a

ver estudantes andando elegantemente na rua Lăpuşneanu ou cantando canções alegres em torno das mesas nas cervejarias, em seu tempo livre. Agora elas os observavam sacudir a argila com os pés, cheios de lama até a cintura, carregando água do Prut com seus caldeirões, curvando-se sobre a pá sob o calor do sol. O mundo estava testemunhando o fim de uma mentalidade dominante até então: é uma pena que um intelectual trabalhe com seus braços, especialmente em trabalho duro, reservado no passado para escravos ou classes desprezadas.

Os primeiros a entender o valor, desse ponto de vista, do campo, foram precisamente os das classes desprezadas.

Os camponeses e trabalhadores, separados em espírito das outras categorias e tímidos, porque seu trabalho não era valorizado, iluminavam seus rostos, vendo neles, desde o primeiro momento, um sinal da apreciação do trabalho exaustivo e de valorização.

Eles se sentiram honrados e podiam vislumbrar dias melhores para eles e seus filhos no futuro.

É por isso que, do pouco que tinham, eles nos traziam diariamente, alegres, comida.

***

A vida estudantil era tranquila, não havia mais manifestações e incidentes. Trabalhamos com boa vontade, com esperança, com o pensamento de que em breve teríamos nossa casa.

UM NOVO GOLPE

Um dia meu pai veio para Iasi e eu fui vê-lo.

Eu estava voltando para casa por volta das 10 horas da noite. Em um restaurante na Praça Unirii, ouço um escândalo. Eu paro para

ver o que é. Dois estudantes, os irmãos Tutoveanu de Bârlad, tiveram um conflito com o professor Constantinescu-Iaşi. O prefeito da polícia havia chegado ao local, algemou-os e levou-os para a polícia, atingindo-os. Sem dizer nada, eu estava olhando para esta cena, cheio de dor.

Percebi que o Comissário Clos estava vindo em minha direção, acompanhado por 3-4 policiais. Aproximando-se de dois passos, ele gritou comigo:

- O que você está fazendo na rua a essa hora, patife?

Eu fiquei e olhei para ele perplexo. Porque ele me conhecia há tantos anos, eu nunca imaginei que ele poderia me abordar assim. Eu pensei que ele estava me confundindo com alguém. Mas eu me vi agarrado pelo pescoço e empurrei para trás. E de novo:

- Você ainda está me olhando, vagabundo?... bandido!

Eu não disse nada, mas fiquei parado, olhando para ele. Então, de golpe em golpe, empurrado pelos quatro policiais, eles me levaram mais de 30 metros até a esquina de Smirnov. Aqui tirei meu chapéu, cumprimentei-os e disse:

- Obrigado, senhores.

Ferido na alma, afogado em dor e envergonhado, fui para casa onde fiquei atormentado a noite toda. Pela segunda vez na minha vida fui atingido, em intervalo de um mês. Eu me controlei. Mas vocês, opressores de todo o mundo, não contam com o autodomínio de um homem, pois quem domina a si mesmo um dia explodirá terrivelmente.

No dia seguinte, contei a meu pai o que havia acontecido comigo.

- Deixe-o em paz - ele me disse - Não faça nada. Dar um tapa nesse indivíduo é sujar as palmas das mãos. Chegará a hora de seu julgamento. Eles provavelmente foram ordenados a provoca-lo. Mas você precisa manter a calma e evitar andar sozinho.

Eu aceitei o conselho dele. Mas um homem espancado não parece mais um homem. Ele se sente envergonhado, desonrado. Eu carreguei essa ofensa como uma pedra no meu coração.

Mas em alguns dias isso pioraria.

ESMAGADOS POR GOLPES NO JARDIM

Terminamos de cavar a horta. Nós viemos de Ungheni para colocar tomates. Na manhã de 31 de maio, às cinco horas, 50 estudantes estavam na frente, prontos para começar o trabalho. Eu tinha feito a convocação. Eu nem bem tinha terminado quando notei alguns soldados nos fundos da horta. Então mais de 200 invadiram o quintal, carregando suas armas. Eles nos cercaram. Eu disse aos rapazes:

- Todo mundo fica parado e não faz nada.

No mesmo minuto, vi do portão, como uma nuvem negra, cerca de 40 pessoas, vindo em ritmo acelerado, com revólveres na mão, gritando e xingando. Era o prefeito Manciu com a polícia. Eles chegaram a nós em pouco tempo. Dois comissários e o chefe de polícia colocaram três revólveres na minha testa. Ele olhou para mim com os olhos vermelhos e me xingou. Manciu gritou:

- Amarre-o com as mãos atrás das costas!

Isso me golpeou. Dois outros se lançaram contra mim, puxaram meu cinto com força, amarram-me com as mãos atrás das costas o mais forte que puderam. Então senti um golpe por trás, com o punho, na minha mandíbula direita. Outro, Vasile Voinea, se aproximou e sussurrou no meu ouvido:

- Nós vamos matar você hoje à noite. Você não pode mais perseguir os judeus!

Ele jurou para mim e me chutou. Vários golpes no rosto se seguiram, depois alguns cuspiram no meu rosto. Toda a nossa

frente, também fixada entre armas e revólveres, ficou imóvel e olhou para mim, incapaz de me ajudar. A sra. Ghica desceu as escadas perguntando:

- O que é isto, Senhor Prefeito? - Ele respondeu:

- Eu vou te prender também!

Por outro lado, também vi o promotor Buzea, testemunhando o que estava acontecendo.

Então, com revólveres na mão, eles revistaram a linha de frente. Quem se mexeu foi atingido e derrubado no chão.

Depois disso, eles me colocaram 10 m à frente, cercados por 8 gendarmes com baionetas à mão; os outros foram igualmente cercados por 200 gendarmes. E eles nos conduziram. Eu estava na frente, mãos atrás das costas e cuspido no rosto, e os outros me seguiram. Fomos levados assim por toda a Rua Carol, em frente à Universidade, na Rua Lăpuşneanu, na Praça Unirii e na Cuza-Vodă, para o Quartel da Polícia.

O prefeito e a polícia estavam andando na calçada, esfregando as mãos. Os judeus saíram das lojas cheios de gratidão e os cumprimentaram respeitosamente. Eu, triste, mal podia ver diante dos meus olhos. Eu senti como se tivesse acabado. Alguns alunos do ensino médio, passando por mim, pararam e me cumprimentaram. Eles foram imediatamente capturados, atingidos e introduzidos entre nós.

Depois de sermos transportados por quase 2 km pelo meio da cidade e em frente à população judaica, neste estado de terrível humilhação, fomos levados para a sede da polícia. Fui jogado assim amarrado em uma sala infectada, e os outros foram mantidos no pátio.

ACIMA, NO ESCRITÓRIO DO PREFEITO

Lá em cima, no escritório do prefeito, os jovens prisioneiros no pátio foram chamados para interrogatório, um por um. O prefeito estava sentado à sua mesa, e os outros, mais de 30 em número, estavam em cadeiras à sua volta.

- O que Codreanu disse a você?

- Ele não nos disse nada, Sr. Prefeito - respondeu o jovem estudante.

O interrogado estava descalço de botas e estava acorrentado às pernas. Uma arma foi inserida entre as pernas e, em seguida, ele foi levantado com os pés para cima, a arma sendo segurada nos ombros por dois soldados. Manciu, sem o casaco, começou a bater nas solas dos pés da vitima com um tendão de boi. As pobres crianças, penduradas de cabeça para baixo e atingidas nas solas dos pés, incapazes de suportar a dor, começaram a gritar.

Vendo-se na frente dos carrascos dos comissários, que sorriam com lascivia a imagem horrível - em que os filhos do povo romeno estavam sendo torturados por alguns patifes pagos pelos inimigos - longe de qualquer coração que chorasse e intervisse por eles, eles gritaram:

- Ajuda!

Em seguida, o Comissário Vasiliu colocou as cabeças num caldeirão de água para que os gritos de dor e desespero não pudessem ser ouvidos do lado de fora.

Quando, finalmente, a dor atingiu seu pico e eles sentiram que seus corpos não podiam mais suportar os golpes, eles gritaram que admitiriam tudo.

O prefeito foi até a mesa esperando as confissões e eles, desamarrados pelas correntes, olharam atordoados. Então eles começaram a chorar e se ajoelharam diante do prefeito:

- Perdoe-nos, senhor, pois não sabemos o que declarar.

- Não? Vocês não sabem? Levante-os mais uma vez! - gritou aos comissários e gendarmes.

E as pobres crianças, com o corações congelados, viram como seus preparativos para a tortura eram feitos novamente.

Levantaram sua arma novamente e penduraram-os de cabeça para baixo e com os pés para cima. Espancados novamente. Mais uma vez eles sentiram os golpes implacáveis do prefeito cair sobre seus pés, um por um. As solas ficaram tão negras quanto o ébano e os pés inchados, para que os jovens não pudessem mais usar sapatos. Entre os torturados dessa maneira estavam: o filho do atual promotor de Ilfov, Dimitriu, o filho do major Ambrozie, cujo tímpano estava quebrado e que também se tornou comissário na mesma prefeitura e outros.

Espancados dessa maneira, eles foram levados para uma sala secreta e separada. Por volta das 9 horas, eu fui chamado. Com as mãos atadas e dormentes, dois gendarmes me levaram para a sala do prefeito. Lá, no escritório, estavam sentados o prefeito, e ao seu redor, em cadeiras, mais de 30 pessoas, comissários, vice-comissários e agentes.

Eu olhei nos olhos deles. Talvez eu achasse um com dor.

Nada! Uma satisfação geral. Sorrindo: o chefe da Segurança, Botez, Dimitriu, o diretor da Prefeitura, o comissário Vasiliu, Clos e os outros.

O prefeito pegou uma folha de papel. Ele escreveu meu nome. Então:

- Como te chama exatamente?

- Sou Corneliu Codreanu, estudante em doutorado em direito e advogado no mesmo bar que você.

- Derrubem-o.

Três, com o coração de um servo, correram e derrubaram-me na frente da sua mesa.

- Tire suas botas!

Dois tiram meus sapatos, um o direito e outro o outro.

- Coloquem correntes nele!

Eles amarram minhas pernas com correntes. Lhes disse:

- Sr. Prefeito, agora você é mais forte, mestre da vida e da morte, mas amanhã, quando eu sair daqui, vou me vingar de você e do cavalheiro que me amaldiçoou.

Nesse momento, ouço barulhos e vozes no corredor.

Professor Cuza, Professor Şumuleanu e os pais das crianças vieram: Coronel Hope, Major Dumitriu, Butnariu, Major Ambrozie e outros, com o promotor e médico forense, o professor universitário Bogdan.

O prefeito e os outros pularam de seus assentos e sairam para o corredor. Eu ouvi o prefeito:

- O que você está fazendo aqui? Peço que saia!

Eu ouço a voz do professor Cuza:

- Quem você está expulsando? Viemos visita-lo para nos expulsar? Viemos com o promotor como reclamantes contra você.

- Gendarmes, tirem eles daqui!

O professor Şumuleanu ficou na porta da sala onde as pessoas espancadas foram trancadas e disse:

- Promotor, não vamos sair daqui até que esta sala se abra para nós!

Vários comissários:

- Não há ninguém nesta sala. Está vazia.

Professor Şumuleanu:

- Deixe está sala ser aberta agora!

Com a intervenção do promotor, a sala foi aberta e seis jovens foram retirados pelos braços dos pais e levados ao gabinete do prefeito. O médico forense, Professor Bogdan, investiga todos e emite atestados médicos. Em algumas horas, todos os outros são libertados do pátio. No entanto, fiquei detido por dois dias, depois dos quais fui enviado ao juiz de instrução. Ele me deixou ir. Eu disse:

- Senhor juiz de investigação, se a justiça não for feita para mim, eu mesmo a farei.

Eu fui para casa. O professor Cuza e Liviu Sadoveanu chegaram lá:

- Ouvi dizer que você queria fazer justiça por si mesmo. Não faça algo assim. Informaremos o ministério e solicitaremos uma investigação. É impossível que não tenhamos satisfação.

NA MONTANHA RARĂU

Fiquei impressionado. Todos os meus planos entraram em colapso. Deixei a alvenaria à minha sorte e saí com o primeiro trem para Bucovina e Câmpulung. De lá, nos caminhos verdes, subi lentamente a montanha, carregando cargas em minha alma, as dores da humilhação de ontem e os tormentos da dúvida de amanhã.

Parecia que eu não tinha amigos no mundo, a não ser esta montanha: A Rarău, com o eremitério nela. Lá em cima, parei a quase 1.500 m de altura. Olhei pelas montanhas e colinas por centenas de quilômetros, mas nenhuma visão podia afastar a visão da infâmia e humilhação a que fui exposto, junto com meus jovens camaradas. Eu ainda podia ouvir o choro deles e doía.

Estava ficando escuro!

Nenhuma alma viva por perto. Apenas árvores e águias gritando na falésia.

Tudo o que tinha comigo era um *suman*[97] e um pedaço de pão. Comi um pouco de pão e bebi água de uma nascente que serpenteia entre as rochas.

Recolhi madeira com madeira e fiz um abrigo para mim. Uma cabana. Fiquei ali naquela casa por um mês e meio. A pouca comida que eu precisava me foi trazida pelos pastores do redil do velho Piticaru.

Eu estava pensativo e com vergonha de afundar entre as pessoas. Que pecado eu teria cometido para Deus enviar essa calamidade sobre mim, exatamente agora quando eu queria começar um plano tão grande e bonito?

Escrevi para Moţa: "Não sei o que tenho: é como se eu não fosse mais eu! A sorte me deixou. A desgraça me segue há algum tempo, passo a passo; o que quer eu faça, eu falho. E quando a sorte não lhe serve mais na batalha, todos ao seu redor começam a deixá-lo. Com 30 vitórias você os coleciona, e uma derrota é suficiente para eles te deixarem".

Minha alma estava cheia de dúvidas. Eu estava em uma encruzilhada. Lutamos pelo país e fomos tratados como inimigos da nação. Fomos impiedosamente atingidos pelo governo, pela polícia, pelos gendarmes e pelo exército.

Devemos usar a força? Eles são o Estado: com dezenas de milhares, com centenas de milhares. Nós, um punhado de jovens, com corpos cansados de dificuldades, fome, frio, prisão. Que força representamos para ter pelo menos uma pequena chance de vitória? Se tentarmos, seremos esmagados. E no final, o país, confuso pela imprensa judaica, dirá que éramos loucos.

Não vamos usar violência e força, como eles a usam? Eles te provocam, atormentam seus homens, dispersa-os e matam você.

[97] N.T. Casaco tradicional romeno.

Vamos permitir sermos mortos? Mas até a nossa idade, não escrevíamos nada e as pessoas nem saberiam por que nos mataram.

Melhor para todos se deixássemos o país. Sair e amaldiçoar; vagar pelo mundo inteiro. É melhor implorar de país em país do que ser humilhado aqui em nossa terra, até a última expressão de humilhação.

Ou descer daqui com uma arma na mão e fazer justiça.

Remover a besta que se pôs bloqueando a estrada e a vida de uma nação. Mas e os nossos planos depois disso? Eu vou morrer, então no local, ou vou morrer na prisão; pois não posso mais suportar um regime na prisão. Eu amor a liberdade. Se eu não tiver, eu morro. Mas e quanto ao Moţa? Essa tentativa significa tanto meu sacrifício quanto o sacrifício de Moţa, cuja chances de absolvição serão completamente diminuídas. Todo o nosso grupo será destruído. Terão sido em vão todos os nossos pensamentos, todos os nossos planos de organização; tudo acabaria aqui.

Por um mês e meio, sentado no topo da montanha, esses pensamentos me atormentaram sem poder libertá-los. Preocupações, tormentos, meu peito começou a doer, e senti minha força desaparecer.

Eu tinha sido um homem feroz, para quem ninguém estava diante de mim. Eu tinha confiança nos meus pontos fortes. Onde quer que eu fosse, eu vencia. Agora os pesos do tempo tinham me dobrado!

Eu desci. Deixei tudo para o destino; não encontrei nenhuma solução. A partir de então, porém, andei com meu revólver. E no primeiro, no menor desafio, eu atiraria; ninguém iria me tirar dessa decisão.

Eu fui para a alvenaria. Lá, Grigore Ghica, que permaneceu chefe, cumpriu seu dever de maneira exemplar. O número de tijolos aumentou significativamente. Dois fornos de 40.000 tijolos foram

feitos. Era 15 de julho. Os meninos me receberam com ternura. Nada de anormal aconteceu no local de trabalho.

Em Iaşi, encontrei mudanças. Os comissários, que mal usavam botas, agora foram equipados da cabeça aos pés. Vestidos de judaísmo. A polícia tinha um automóvel à disposição dos judeus. Eles se sentiram mestres absolutos. Eram de uma insolência que eu não encontrava desde 1919, durante os movimentos comunistas, quando se imaginavam às vésperas da revolução, e quando todos os judeus, do outro lado do Prut ou de Iaşi, assumiram o ar de comissário do povo.

ESFORÇOS PARA ESMAGAR O NOSSO BLOCO

O poder judeo-liberal ouviu falar de nosso bloco, da aliança feita em Văcăreşti. Ela percebeu que em torno desse quarteirão os estudantes iriam se unir. Nada assusta mais os judeus do que uma unidade perfeita: a unidade da alma em um movimento, em um povo. É por isso que eles serão incessantemente pela "democracia", que tem apenas uma vantagem e a favor do inimigo da nação. Como a democracia quebrará a unidade e o espírito de uma nação e, diante da perfeita unidade e solidariedade do judaísmo no país e no mundo, a nação, dividida em partidos democráticos, se apresentará dividida e derrotada.

Do mesmo modo no movimento estudantil: até agora, não sendo uma unidade perfeita, os judeus encontraram facções ou líderes a quem eles convenceram maçonicamente, ou seja, sugeriram certas idéias para eles, que não tinham outro objetivo senão dividir.

Ou, nosso grupo dessa vez se apresentou em uma unidade inabalável e com possibilidades de reunir em torno de todo o movimento estudantil.

E então, nos encontramos com uma série interminável de mentiras e intrigas cuidadosamente tecidas, a fim de separar Mota de mim e dos outros.

Os judeus encontraram no meio do corpo estudantil elementos fracos que eles usavam - sem eles perceberem - como ferramentas. Fingindo confiar grandes segredos, eles lançaram intrigas. Chegaram a ter pais, que se tornaram, alguns deles, os seguidores mais ardentes de romper os laços de seus filhos com esse grupo.

Como pudemos resistir? Somente devido às nossas previsões de Văcăreşti. Percebemos, desde o primeiro momento, que também receberíamos esse ataque clássico usado pela Maçonaria e pelo Judaísmo. Nós estávamos em guarda. Então, quando ele se afirmou, resistimos até aos parentes mais próximos. Assim que uma intriga era relatada, nós nos reuníamos e a comunicávamos a todo o grupo.

Eu dou nesta ocasião um aconselho a todas as organizações, chamando sua atenção para esse sistema que é usado com frequência e em qualquer lugar. Para interromper o ataque:

a) nunca dê credibilidade, não importa de onde venha, a informação;
b) comunicar imediatamente a tentativa de intriga ao respectivo grupo, às pessoas envolvidas e aos chefes. Isso irá repelir o ataque.

NOIVADO

Nas alvenarias de Ungheni, em 10 de agosto de 1924, entre meus companheiros e pais, fiquei noivo da sra. Elena Ilinoiu, filha do Sr. Constantin Ilinoiu, controlador da ferrovia. Um homem de grande bondade e delicadeza. Depois me mudei para a casa deles e eles me receberam de braços abertos, além dos cinco filhos que ainda tinham. Essa família era meu apoio permanente na luta que eu estava travando, através do cuidado e manutenção que eles me forneciam o tempo todo.

No dia 13 de setembro, fui para casa em Huşi e comemorei meu nome[98] e aniversário na casa dos meus pais.

Eu tinha 25 anos.

[98] N.T. Dia onomástico. Antigamente era considerado tão ou mais importante do que o dia do aniversário. O onomastico não é nada mais do que o dia de um santo e todas as pessoas que tem o mesmo nome do santo comemoram. Por exemplo: quem chama Anna comemora no dia 26 de julho, dia de Santa Anna. As Lucias comemoram dia 13 de dezembro.

O JULGAMENTO MOŢA-VLAD

Em 26 de setembro de 1924, o processo judicial de Moţa e do estudante Leonida Vlad, que havia comprado o revólver, foi julgado. Ele se rendeu alguns dias depois e permaneceu preso o tempo todo com Moţa.

Eu fui para Bucareste. Lá as deliberações antes do júri haviam começado. Moţa argumentou fortemente que a traição deveria ser punida. A opinião pública, farta de traidores, assistiu ao julgamento com grande interesse e entusiasmo. Ela viu no gesto de Moţa um começo de ação contra os traidores e uma prova de saúde moral. Seu gesto apareceu como uma luz no meio da vida romena, na qual, durante séculos, os combatentes da nação foram derrubados pela traição.

Todo o corpo estudantil de todas as universidades fez grandes demonstrações por sua absolvição. Em Bucareste, ao redor do Tribunal, milhares de pessoas se reuniram novamente, que queriam uma nova vida para seu país e exigiram a libertação de Moţa.

Ao amanhecer, a justiça popular trouxe um veredicto de absolvição, recebido em todo o país com grande entusiasmo.

Moţa, depois de ver seus pais, deixou Cluj e se instalou em Iaşi, de acordo com nosso voto.

AO REDOR DO QUE ACONTECEU NO PÁTIO

As iniqüidades de 31 de maio esmagaram nossas almas através dos espancamentos, humilhações e desonras às quais fomos expostos. Uma ferida aberta, que se aprofundou, consumiu nossas vidas e parecia nos levar ao túmulo.

A humilhação que você sente quando é desonrado, você e todos os seus entes queridos, dá uma sensação de profunda dor que o faz percorrer o mundo por causa da vergonha de encontrá-la novamente. Você parece sentir que este mundo o despreza, rindo na sua cara, que você não foi capaz de defender sua honra; que você está colocando em risco a própria sociedade, deixando crer, por sua covardia, que um grito tem o poder de, impunemente, desonrar e atacá-lo à vontade.

Essas dores aumentaram quando nossas tentativas de obter reparação legal foram rejeitadas com cinismo que nos levou ao desespero. Nos processos que as vítimas haviam apresentado, eles corriam o risco de serem espancados pela polícia, desta vez na sala do tribunal e bem na frente dos juízes. E, no final, os recorrentes foram condenados.

O incidente em 31 de maio não passou despercebido. Extraio dos jornais abaixo o eco desses fatos no mundo romeno e, ao mesmo tempo, suas tentativas de obter satisfação.

“Universul”, de 8 de junho de 1924, publicado sob o título:

A POLÍCIA DE IAŞI
OS ESTUDANTES FORAM BATIDOS PELO PREFEITO DA POLÍCIA

“Imaginamos o senhor Manciu, o prefeito da polícia de Iaşi, como um dos policiais mais notórios do século passado, ilustrado pela violência e brutalidade.

O senhor prefeito Manciu, embora policial desde 1924 e em uma cidade de estudiosos como Iasi, inaugurou seu sistema de violência policial anacrônica, no ano passado, no congresso de professores universitários. Ele conseguiu impedir um congresso de professores universitários, porque foi isso que seus impulsos policiais lhe ditaram.

Os protestos foram em vão, contra o insulto à melhor categoria de intelectuais, pois o sr. prefeito da polícia de Iaşi tinha apoio político.

E desde então o Sr. Manciu continuou diligentemente os procedimentos policiais que exibiu, especialmente no outro dia, quando bateu, bateu com sede, espancou com força, ensanguentou os alunos com malícia e depois ordenou aos seus subordinados que imitasse-o com o mesmo zelo pela brutalidade.

O que quer que os alunos de Iasi tenham feito, mesmo que fossem assassinos, eles não deveriam ter sidos espancados.

Primeiro, deveria ter investigado, ter notificado o Ministério Público, eles deveriam ter sido presos, amarrado com algemas, mas não espancados em uma luta.

O senhor prefeito Manciu é, evidentemente, obrigado a cumprir os seus deveres, nomeadamente os decretos relativos à protecção dos animais. Até pensamos que ele os cumpre.

Portanto, ele cuida para não bater nos cavalos, para não torturar os porcos.

E ainda o Sr. Manciu, que como estudante de direito penal deve ter lido algo da literatura criminal, que pode ter sido recomendado até mesmo pelo ilustre criminalista Sr. Iulian Teodorescu, que prega a difusão de ações brutais e carcerárias, espancou pessoalmente os alunos, torturou-os, encheu-os de sangue.

E se os alunos espancados não forem culpados por nenhum dos absurdos lançados contra eles?

Então? O espancamento está voltando?

É claro que é necessário um inquérito judicial.

Mas também há necessidade de uma sanção para tornar impossível o Sr. Manciu fortalecer seus músculos na cabeça dos alunos.”

A. Cecropide

O “Universo” de 9 de junho de 1924 continua com o título:

ELES FORAM PROVOCADOS PELA POLÍCIA E TORTURADOS SEM QUALQUER CULPA. UM CHEFE DE POLÍCIA VALENTÃO. MANCIU DEVE SER DESTITUIDO

Escrevemos em uma edição anterior sobre o banditismo cometido pelo Sr. Manciu, o prefeito da Polícia de Iaşi, contra os estudantes.

Hoje reproduziremos algumas passagens do Memorando dos Alunos submetido ao Ministério do Interior.

Alunos construtores.

O memorando declara:

“Os estudantes cristãos da Universidade de Iaşi decidiram há um mês construir uma casa cultural por meio de seu próprio trabalho...

AS PROVOCAÇÕES DO PREFEITO DE POLICIA

Assim que nos encontramos, fomos cercados por uma companhia de gendarmes e toda a força policial, liderada pelo prefeito Manciu.

Enquanto estávamos todos muito quietos, eles correram para nós com armas estendidas, começaram a nos xingar e nos acertar da

maneira mais bárbara possível. Acreditando que encontrariam armas conosco, eles revistaram todos nós sem encontrar nada. Durante a busca, eles tentaram inserir um revólver e alguns papéis no colega Corneliu Zelea Codreanu, contra o que ele protestou. Por isso foi espancado pelo policial Manciu, o inspetor Clos, o comissário Vasiliu e junto com todos os outros agentes e gendarmes foi amarrado como se fosse o pior. A mesma coisa aconteceu com muitos de nós que estávamos lá. Fomos declarados presos, cercados por cordões do Exército e levados ao Quartel da Polícia."

ATÉ AS CRIANÇAS NA ESTRADA FORAM ESPANCADAS

No percurso foram recebidos vários alunos de diferentes escolas secundárias da localidade, que se dirigiam ao parque desportivo para praticar o jogo *oina*, sendo convocados pelos directores das respectivas escolas secundárias. Todos eles foram presos e levados conosco, os estudantes, para o quartel da polícia depois, é claro, que foram espancados na frente de todos, pelo próprio policial Manciu e pelos demais policiais. Eles foram mantidos com a polícia o dia todo. De um lado, eles nos espancaram a ponto de desmaiar e nos soltaram: de outro lado, demos declarações feitas sob ameaça, e de outro, fomos soltos sem mais declarações."

E para concluir "O Universo" acrescenta:

"Os fatos acima não podem ficar impunes. O prefeito da polícia Manciu, que provou ser um agente provocador e culpado de torturar os estudantes de Iaşi, deve receber a punição por suas iniqüidades."

Entre outros, o "Universo" de 10 de junho de 1924, publicado sob o título:

IAŞI SOB O TERROR DO PREFEITO POLICIAL

“...Transportados para as masmorras da polícia, esses alunos foram submetidos as mais terríveis torturas.

Alguns deles foram pendurados de cabeça para baixo, atingidos nas solas dos pés com tendão de bois. O estudante Corneliu Codreanu foi amarrado, esbofeteado e torturado pelo próprio prefeito da polícia. Sua saúde estava abalada.

Os outros alunos presos sofreram lesões corporais graves.

Trezentos estudantes relataram os fatos acima ao procurador-geral, exigindo que o legista examinasse a condição de seus colegas torturados.”

A PALAVRA DO SR. PROF. A. C. CUZA

Na edição especial do jornal “Unirea” de 1º de junho de 1924, o Sr. Prof. A. C. Cuza publicou um artigo criterioso do qual extraio:

“Mas, diante dessas brutalidades incessantes e inúmeras arbitrariedades, sem razão - feitas justamente para cuidar dos estudantes cristãos através do terror - surgem duas questões decisivas:

O que quer o governo que apóia um policial a frente de uma cidade como Iasi?

O que o policial quer?

Querem eles próprios produzir reações impensadas em meio a esse incômodo contínuo, que parecem provocar todos os dias?

Esta provocação é ainda mais indigna e irritante, pois ao mesmo tempo o policial Manciu vai às reuniões da sociedade judaica Macabi e se coloca à frente desses macabeus esportivos com os quais faz umas excursões ostensivas, liderada pela bandeira bicolor branco-azul.

E todos os dias você o vê deitado no carro - não naquele com o qual ele viajou para Ciurea outro dia - mas no novo que parece ter sido dado a ele por assinatura pública pela comunidade israelita em Iasi, encorajando-o nos jornais, em qualquer ocasião, por sua atitude contra o estudante cristão.

Protestando com toda indignação contra esta ação de contínua provocação, pedimos às autoridades superiores que intervenham para pôr fim a uma situação indigna e perigosa, que Iasi e seus alunos cristãos não podem mais tolerar.”

A. C. Cuza

REUNIÕES DE PROTESTO CONTRA MANCIU DE 3 E 5 DE JUNHO

Os seguintes telegramas foram enviados:

À SUA MAJESTADE O REI

“Diante das ilegalidades do policial Manciu contra nossos alunos e crianças que eram espancados e insultados diariamente, querendo nos encontrar, fomos impedidos pela polícia e gendarmes, embora o promotor tenha aprovado a reunião.

Respeitosamente, submetemos nossa reclamação a Sua Majestade e pedimos para sermos protegidos. (Seguem-se 1200 assinaturas).”

AO MINISTÉRIO DO INTERIOR

“Pelas nossas crianças tiradas da rua e brutalmente maltratadas pelo prefeito da polícia Manciu, exigimos uma investigação imediata, seguida de severas sanções.

Atingidos em nossos sentimentos parentais e perdendo toda a paciência, esperamos imediatamente pela justiça.

ss. Major I. Dumitriu, Major Ambrozie, D. Butnaru, Elena Olănescu, Capitão Oarză, Gheorghiu, etc.”

ACTIUNEA ROMANEASCA
Ano I, nº 2, 15 de novembro de 1924

Sob a assinatura do conhecido publicitário Dr. Ion Istrate, escreve:

“Em 8 de junho de 1924, um grandioso protesto público foi realizado no Bejan Hall sob a presidência honorária do General Tarnovschi. Os seguintes procedimentos foram adotados por Manciu: Prof. Univ. A. C. Cuza, estudante Grigorescu em nome dos estudantes cristãos, artesão Artur Ruş, metalúrgico C. Pancu, univ. Prof. C. Şumuleanu, da Faculdade de Medicina, que fez uma imagem impressionante do que viu na polícia: tímpanos quebrados, orelhas inchadas, olhos ensanguentados, mãos quebradas e pernas machucadas pelos golpes dos selvagens de Manciu.

Ele declarou que se tivesse um filho tão torturado pelo bárbaro que chefiava a polícia, não hesitaria um momento em estourar os miolos do canalha. A seguir fala o major I. Dumitriu, que conclui: Estou confiante de que a justiça do país nos fará justiça. Caso contrário, juro aqui diante de você, e saberei como manter meu juramento, que farei justiça por mim mesmo.

Também falam o advogado Bacaloglu, o artesão Cristea, o advogado Nelu Ionescu e o professor Ion Zelea Codreanu. No final, uma moção de protesto foi votada, exigindo satisfação da justiça e a demissão de Manciu pelo governo.”

UM AVISO INÚTIL

Em “Ţara Noastră” nº 24 de 15 de junho de 1924, o conhecido escritor Al. O. Teodoreanu publicou um artigo do qual reproduzimos as seguintes passagens:

“O tribunal chamado a falar declarou todos os estudantes presos inocentes e ordenou que fossem libertados imediatamente.

No entanto, o estudante Zelea Codreanu continua preso, encaminhado a julgamento pelo policial Manciu, que também é advogado, por conspiração.

Os livros mais básicos de direito e bom senso nos dizem que no casamento, duelo ou conspiração não pode figurar uma única pessoa.

Para dar uma classificação como a anterior, aquele que a emite deve estar em um determinado estado de embriaguez, o que lhe permite pelo menos uma visão dupla.

Portanto, não se pode falar com ele.

Mas em nome de toda a população romena, indignada, da qual retiramos, de bom grado e sem mal a ninguém, os seus tímidos representantes no parlamento e na imprensa, perguntamos ao governo se considera melhor deixar a (inevitável) sanção as vítimas ou se não acha mais oportuno evitá-la.

Fortalecidos pela palavra decisiva de justiça, não hesitamos em acusar o complô em Iaşi de uma encenação vil...”

Al. O. Teodoreanu

INVESTIGAÇÃO ADMINISTRATIVA ORDENADA PELO MEMORANDO DE AMBROZIE

Depois do que aconteceu, o inspetor administrativo Văraru veio para investigar. Aqui está o memorando apresentado pelo Sr. Major Ambrozie ao inspetor Văraru:

MEMORANDO

Depois do que aconteceu, o inspetor administrativo Văraru veio para investigar. Aqui está o memorando apresentado pelo Sr. Major Ambrozie ao inspetor Văraru:

“Senhor inspetor,

definitivamente aquele Sr. Ministro do Interior, desejando conhecer a verdadeira verdade sobre o que comunicamos por telégrafo sobre o tormento de nossos filhos, enviou-te e, como acreditamos que deseja esclarecer este caso, fiz este memorando com a narração dos fatos.

O fato aconteceu da seguinte forma: era sabido em Iasi por diretores de escolas e pais de alunos que eles faziam tijolos em Ungheni, para construir sua própria casa em Iasi e que estavam trabalhando em uma horta à sua disposição pela Sra. Ghica, na rua Carol. Alguns dos estudantes e alunos se reuniam uma vez por semana, sob a liderança do estudante Zelea Codreanu, quando a obra era distribuída, ou seja: 40 estudantes foram enviados a Ungheni para fazer tijolos e 20-25 estudantes foram designados para regar a horta.

Estava ciente disto acima o prefeito da polícia; mas ele imaginou que poderia inventar algo sensacional em Iasi, por exemplo conspiração, especialmente porque os diários em Iasi são considerados uma propriedade dele e eles cairiam no seu jogo então; Dito e feito. Em 31 de maio de 1924, das 4h30 às 5h da manhã, quando soube que cerca de 65 estudantes e alunos estavam reunidos no quintal da Sra. Ghica, ele os atacou com todo o aparato policial e um grande exército, de acordo com a gravidade do fato imaginado.

A mente humana se recusa a entender o que aconteceu quando estudantes e alunos foram cercados como criminosos mais comuns e até mesmo no local barbaramente atingidos por agentes, o exército e até mesmo o policial Manciu.

Depois de meia hora, todos eles, chefiados pelo estudante Zelea Codreanu, bem enquadrados e em comboio, iam descendo a rua para a polícia; No caminho, encontraram outro grupo de alunos do ensino médio que, por ordem dos professores, iam jogar *oină*[99] em Copou. Eles, por se darem ao luxo de saudar os que estavam acorrentados, foram imediatamente presos, espancados e levados à polícia, como cúmplices daqueles.

Chegando à polícia, o prefeito, sem avisar o Ministério Público, pela gravidade do fato, deu início ao interrogatório ele mesmo. O mesmo ocorre com as agressões, maus-tratos e torturas de estudantes e alunos, para declarar que participaram da trama e dizer o que sabiam. Mas o que eles deveriam dizer quando não sabiam de nada? Quase todos os estudantes e alunos foram espancados. Pior, porém, foram:

1. Meu filho, Cezar Ambrozie, aluno da 8ª série, seminário pedagógico, a quem o prefeito, pessoalmente, aplicou golpes na cabeça com um tendão de boi, e finalmente, por não responder como queria, levou um soco forte na orelha esquerda, quebrando seu tímpano;
2. O estudante Dumitriu Spinţi, filho do Major Dumitriu; ele foi acorrentado em ambas as pernas e virado de cabeça para baixo; depois de colocarem uma arma entre suas pernas (empunhada pelo Sargento Cojocaru e pelo Cabo Teodoroiu), foi espancado nos pés com um tendão de boi, pessoalmente, pelo prefeito, até desmaiar;
3. O estudante Gurguţă Gh. foi amarrado pelas mãos e os pés e colocado de bruços no chão e depois espancado com um tendão de boi e, para abafar seus gritos, uma bacia de água

[99] N.T. Esporte tradicional romeno, jogado com uma bola, similar ao beisebol.

foi colocada sob à sua boca e um agente postado teve o cuidado de pressionar a cabeça dele na água quando gritou mais alto.

Em todas estas torturas estiveram presentes dois polícias: o Capitão Velciu e o Tenente Tomida, a quem, não creio, a dignidade de soldado os impeça de não dizer a verdade, embora não fosse a sua dignidade ficar ali, usar tropas e tortura e usar arma militar como instrumento de tortura, quando se sabe qual é a sua finalidade.

Segundo os estudantes e alunos, durante o período em que o policial Manciu estava envolvido nessas operações, os procuradores Culianu e Buzea se dirigiram ao seu gabinete. Acredito que os cavalheiros vão dizer a verdade.

Todos os espancamentos e torturas não pararam até mais tarde, quando o Sr. Promotor Catichi veio à polícia, conforme exigido por uma comissão composta por: Professor Cuza, Şumuleanu, advogado Bacaloglu, Coronel Nădejde e o médico forense Bogdan que constatou os enumerados em cópia após documento anexado e ainda nas dependências da prefeitura.

Como pode ver, inspetor, temos agido legalmente até hoje, ou seja:

1. Pedimos para o procurador-geral e o médico legista irem a prefeitura, onde perceberam a surra dos estudantes e alunos;
2. Nós processamos os torturadores no Tribunal do Distrito II;
3. Notificamos o Ministério Público, para onde também foi remetido o documento pericial, sendo o processo remetido ao sr. instrutor do condado Ieşeanu;
4. Como homens de honra e oficiais, poderíamos ter exigido satisfação ao Sr. Manciu no caminho por meio de armas, mas ele se desqualificou quando se recusou a lutar em um duelo com o Capitão Ciula.

Honestamente, essa é a verdade.

Roge-lhe, saiba que, entre todos os pais ofendidos, tem dois oficiais superiores, que até agora, por termos agido legalmente, estão expostos, porque até agora não tivemos qualquer satisfação por parte de ninguém. Nossa crença é que o Sr. Ministro do Interior nos dará total satisfação, processando o prefeito Manciu pelos fatos apresentados e intervirá no Ministério da Guerra, pois o prefeito Manciu, sendo oficial da reserva (o substituto da reserva Manciu faz parte do Reg. 10 Vânători, e para mobilização está abrigado na oficina do 3º Corpo da Armada) intencionalmente atormentou os filhos dos camaradas superiores de sua patente."

Major (ss.) Ambrozie

O resultado da investigação foi o seguinte:

1. O prefeito Manciu foi condecorado com a "Estrela da Romênia" na categoria de comandante;
2. Todos os comissários que nos atormentaram foram promovidos;
3. Encorajados por estas medidas, desencadearam uma nova perseguição contra nós, desta vez alargada a toda a Moldávia. Qualquer comissário, para obter dos judeus uma fonte de renda ou para uma promoção, punha a mão no peito de um estudante, batia nele até a morte na rua ou na polícia, sem ser obrigado a responder por seus atos.

DIA FATAL, 25 DE OUTUBRO DE 1924

Em tais condições emocionais e de facto apresentei-me no Tribunal Distrital 2 de Iaşi, na manhã de sábado, como advogado juntamente com o meu colega Dumbravă, no julgamento do meu colega Comârzan, torturado por Manciu.

O prefeito compareceu com toda a polícia e em sessão plenária, diante dos advogados e do juiz Spiridoneanu que presidia, atirou-se sobre nós.

Nessas circunstâncias, correndo o risco de me perder, esmagado pelos vinte policiais armados, saquei meu revólver e disparei.

Eu mirei em quem estava se aproximando de mim.

Primeiro, Manciu caiu. O segundo, o inspetor Clos, caiu, o terceiro, um homem muito menos culpado, o comissário Huşanu.

Os outros se foram.

Em poucos minutos, em frente ao Tribunal, havia vários milhares de judeus que, com as mãos levantadas e os dedos cerrados de ódio, esperavam para sair para me despedaçar.

Peguei a pistola com a mão direita, na qual tinha mais cinco cartuchos, e com a esquerda agarrei o senhor Victor Climescu, um advogado de Iaşi, pelo braço, pedindo-lhe que me acompanhasse ao Tribunal.

Eu saí e assim passei pela multidão berrante de judeus, mas que ainda teve o bom senso de, na frente do revólver, abrir espaço para mim.

No caminho, os gendarmes me pegaram, me separaram do Sr. Climescu e me levaram ao pátio do Quartel da Polícia. Aqui os comissários pularam em cima de mim para pegar meu revólver. Ele era o único amigo que me restava em meio a esse infortúnio. Juntei todas as minhas forças para me opor, por cinco minutos, resistindo, para não abrir mão dele. Mas no final desisti. Minhas

mãos foram amarradas atrás das costas com correntes e fui colocado entre quatro soldados com baionetas em punho.

Depois de um tempo, eles me tiraram do escritório em que eu estava e me levaram para o fundo do pátio, sentaram-me ao lado de uma cerca alta. Os gendarmes retiraram-se e deixaram-me sozinho lá. Suspeitei que eles queriam atirar em mim. Fiquei assim por várias horas até tarde da noite, esperando para ser baleado. Essa expectativa não provocou nenhum sentimento em mim.

A notícia da trágica vingança se espalhou na velocidade da luz. Nos dormitórios, quando descobriram, houve uma verdadeira explosão. De todas as cantinas e dormitórios, os estudantes se levantaram e correram pelas ruas, descendo em direção à Praça Unirii. Lá eles cantaram por muito tempo, depois tentaram ir para o Quartel da Polícia. Mas o exército, que havia chegado nesse ínterim, os deteve com grande dificuldade. Ouvi a música dos estudantes e, embora estivesse acorrentado, fiquei feliz por eles terem sido soltos.

Mais tarde, fui levado para o andar de cima, para o mesmo escritório de tortura, onde agora estava sentado à mesa o juiz de instrução Eşanu, de quem eu havia reclamado quatro meses atrás, pedindo-lhe que me fizesse justiça. Ele me questionou brevemente e então me emitiu um mandado de prisão.

Fui levado em uma van e levado para Galata, morro acima, acima de Iaşi, ao redor do Mosteiro construído por Petre Şchiopul, Senhor da Moldávia.

Fui conduzido a uma sala onde havia mais dez detidos. Foi onde minhas correntes foram retiradas. As pessoas no quarto me deram chá e depois fui para a cama. No dia seguinte, fui colocado na solitária. Sozinho, em um quarto de cimento no chão, com uma cama de tábua, sem cobertor, sem travesseiro e trancado com cadeado. O quarto tinha duas janelas pintadas com cal do lado de fora. Não consegui ver nada. Uma parede estava tão úmida que a

água fluía nela. No primeiro dia, um guarda - Moş Matei - trouxe-me pão preto. Ele abriu a porta e me entregou, pois também não tinha permissão para entrar. Eu não estava nem um pouco com fome. À noite, deitava-me nas tábuas e envolvia-me no suman. Eu não tinha nada para colocar sob a minha cabeça. Eu estava com frio.

De manhã, fui levado para fora por dois minutos, depois fui trancado novamente. Durante o dia, o estudante Miluţă Popovici, que foi preso, conseguiu se aproximar da janela, limpou a janela com a ponta de um dedo, através do qual pude ver o lado de fora. Então ele se afastou uma distância de 20 metros e apontou cuidadosamente os dedos para mim. Eu entendi que ele estava me sinalizando em código Morse. Assim, pudemos descobrir que todas as pessoas de Văcăreşti tinham sido presas novamente: Moţa, Gârneaţă, Tudose Popescu, Radu Mironovici, exceto Corneliu Georgescu, que eles não pegaram. Eles foram levados para a mesma prisão e todos colocados em uma sala. Eu descobri que meu pai havia sido levado. Na noite seguinte, piorei. Eu estava com muito frio e não conseguia dormir. Eu caminhei pela sala a maior parte da noite.

De manhã, eles me tiraram de novo por dois minutos e me trancaram de novo; Moş Matei me deu um pão. Às 12 horas, as algemas foram colocadas nas minhas mãos. Fui colocado na van e levado ao Tribunal para confirmar o mandado. Após a confirmação, trazido de volta a Galata, me vi novamente na mesma sala escura. O mau tempo havia começado lá fora. Sem fogo, eu estava com frio. Tentei adormecer nas tábuas. Adormeci por cerca de meia hora, mas meus ossos doeram. Por causa do frio vindo do chão de cimento, comecei a ter dores nos rins. Vendo que estava perdendo minhas forças, recorri à força de vontade e à ginástica. A noite toda, de hora em hora, eu me levantava, fazia dez minutos de ginástica e trabalhava duro para ficar forte.

No dia seguinte, não estava me sentindo bem. Minha força diminuiu visivelmente, apesar de toda a luta que estava travando

com a ajuda da vontade e da teimosia. Na noite seguinte, o frio foi maior e a vontade não funcionou mais; Eu fui abatido. Ficou escuro diante dos meus olhos e eu caí. Enquanto minha vontade me segurava, não me preocupei. Percebi que estava ruim de agora em diante. Meu corpo inteiro tremia e eu não conseguia parar. Como eram difíceis aquelas noites que pareciam não ter fim!

No dia seguinte, o promotor veio e entrou na minha cela. Tentei esconder minha condição.

- Como estão as coisas aqui?

- Muito bem, senhor Promotor!

- Você não tem nada a relatar?

- Eu não tenho nada.

Fiquei assim por 13 dias; então fizeram-me um pequeno fogo. Recebi roupas de cama e esteiras que foram colocadas na parede. Durante uma hora por dia, eu podia sentar do lado de fora. Um dia, vi Moţa e Tudose, bem no fundo do pátio, e fiz sinal para eles. Foi então que soube que meu pai havia sido libertado. Da mesma forma, Sr. Liviu Sadoveanu, Ion Sava e outro estudante que também havia sido preso.

DOIS ARTIGOS RELATIVOS AO CASO MANCIU

Lá fora, um dia após o incidente em Târgul Cucului, apareceu em "Cuvântul Iaşiului[100]" de 27 de outubro de 1924, um artigo de Nelu Ionescu, advogado, ex-presidente da Sociedade de Estudantes de Direito, do qual extraio:

"Os comentários feitos pela imprensa liberal judaica em torno da morte de C. Manciu, são de má fé e tendenciosos; partem de grosseiras falsificações de fatos, para fazer a todo custo um herói aquele que era apenas um instrumento e para acusar de supostas

[100] N.T. "A Palavra de Iasi".

conspirações fascistas-antisemitas o que era apenas a consequência inevitável de um regime de ilegalidades e abusos.

Os alunos foram impedidos à força de entrar na Igreja Metropolitana, foram impedidos de comer juntos no restaurante, foram abruptamente impedidos de andar na rua, impedidos de se reunir na universidade, impedidos de se reunir na sede de sua sociedade, impedido de trabalhar no jardim da sua própria casa, espancados na rua, nas caves da polícia e nas praças públicas desde o mais humilde até aquele que outrora fora prefeito da polícia desta cidade.

Os estudantes, com um autocontrole admirável e uma confiança na justiça que os honra, abriram uma série de ações judiciais contra o prefeito Manciu e seus subordinados, por espancamentos graves, abusos de poder e atentados à liberdade individual, com fé no julgamento da justiça.

Esse gesto dos estudantes não foi compreendido. E lamentamos dizer que a justiça não correspondeu às esperanças que nela depositou toda uma juventude, animada pelo mais caloroso sentido de legalidade e ordem.

O estudante Silvia Teodorescu, atingido por Manciu no meio da rua com o pé nas costas, na Rua Carol, no dia 11 de dezembro de 1923, em frente à casa do Coronel Vesla - fato afirmado e tomado por juramento por inúmeras testemunhas - não apenas teve sucesso em condenar Manciu pelo Tribunal do Destrito Urbano I, mas o queixoso acabou condenado por ultraje, pois o tribunal considerou que durante as agressões ele teria dirigido as palavras a Manciu: 'isto é uma selvageria'.

Na noite de 14 de dezembro de 1923, o estudante de direito Lefter, de Galaţi, ao entrar no Hotel Bejan, onde morava, foi cercado sem motivo por uma gangue de policiais e gendarmes, que juntamente com Manciu e sua ordem espancaram-no com porretes, paus, coronhadas, pernas e punhos, até que ficou

inconsciente, sendo arrastado por todos eles e atirado sem ajuda numa via secundária.

O estudante Lefter processou Manciu e Manciu foi absolvido sem a necessidade de trazer uma única testemunha em sua defesa.

Mas a barbárie e a selvageria deste verão, quem trabalhou no jardim do edifício Ghica:

25 estudantes foram espancados até a morte durante um dia inteiro, fato apurado pelo primeiro promotor e pelo médico legista do Tribunal por atos imaginários que nem mesmo eram susceptíveis de motivar uma investigação contra eles.

Mas não só, os estudantes também pediram um inquérito administrativo. Aconteceu neste verão e foi conduzido pelo Sr. Văraru, que ficou profundamente indignado com os abusos encontrados, mas em cujo relatório o Ministério responsável fez o pedido de decoração de Manciu à Coroa Romena.

Este é o homem que morreu: só se fala o bem dos mortos, mas isso não nos impede de dizer a verdade.

Manciu suprimiu comícios, Manciu impediu aqueles que queriam entrar na Igreja Metropolitana, Manciu espancou gente nas ruas, na Polícia e nos Mercados, insultou quem reclama, ameaçou seus defensores, Manciu agrediu com a bestialidade de um possesso por trás dos cordões de agentes e gendarmes, enquanto os estudantes, com as mãos e pés amarrados, na chuva de cuspe e punhos lançados por seus subordinados ignorantes, só podiam lançar olhares de desdém e paciência momentânea.

Eis o homem de dever e o tipo de ordem que esse homem estava fazendo!

A opinião pública está com Corneliu Codreanu. Gosta do seu gesto determinado e valoriza o motivo superior deste gesto, que avisa um regime e serve uma ideia, absolve-o da costumeira incriminação por tal ato, justifica-o em tudo e aprova-o em particular.

Saúdo pessoalmente o gesto heróico de Corneliu Zelea Codreanu, que desta vez se mantém intransigente em questões de honra e determinado no que diz respeito à dignidade.”

Poucos dias depois, no jornal “Unirea”, em out. 1924, surge o artigo do professor Cuza:

A MORTE DO PREFEITO MANCIU, O SISTEMA FATAL E SUAS CONSEQUÊNCIAS

“A polícia de Iaşi - há um ano - vive uma verdadeira tragédia com o último ato que conhecemos, devido à cadeia fatal de eventos, cujas vítimas caíram:

Prefeito Manciu, Inspetor Closs, Vice-Comissário Huşanu e nada menos, o estudante de doutorado Corneliu Zelea Codreanu.

Prefeito Manciu morreu; O vice-comissário Huşanu está lutando contra a morte; O inspetor Closs tem uma ferida profunda; Corneliu Zelea Codreanu está na prisão.

Que tragédia é essa que faz tantas vítimas? Como podemos falar sobre a cadeia fatal de eventos? Quem são os culpados?

Manciu era o prefeito da polícia do Sr. G. G. Marzescu.

Só nesta qualidade foi levado e mantido até o fim - com todos os excessos de que era culpado - no Quartel da Polícia. O que deixa absolutamente claro que suas ações foram aprovadas; que trabalhou de acordo com um plano estabelecido, da inspiração direta do Sr. G. G. Mârzescu, que o apoiou, são as distinções que lhe foram atribuídas, os seus méritos no serviço e os avanços do seu pessoal.

O sistema fatal inspirado por Manciu foi o terrorismo dos estudantes cristãos; para satisfazer os judeus e provar que a ‘ordem’ pode ser mantida por ‘meios enérgicos’.

O sistema fatal, o desafortunado Manciu, desprovido de qualquer particularidade, implementou, com especial brutalidade mesmo para com os professores universitários: iniciando sua carreira por ocasião da assembleia geral da Associação dos Professores Universitários da Roménia, realizada em Iasi, sob a presidência do eminente nosso colega, Sr. Prof. Găvănescul, em 23, 24 e 25 de setembro de 1923.

O Prefeito Manciu insultou as universidades e brutalizou e prendeu os estudantes sem qualquer culpa, o que provocou o protesto de seus professores, exigindo satisfação.

A Comissão das 4 Universidades - composta pelos professores: Dr. Hurmuzescu - Bucareste; Dr. Şumuleanu - Iaşi; M. Ştefănescu - Cluj e Hacman - Cernăuţi, redigiu então, imediatamente na própria reunião, o seguinte telegrama com três endereços: 1. Senhor Presidente do Conselho de Ministros; 2. O Ministro do Interior; 3. Sr. Ministro da Instrução Pública, assinado pelo Sr. I. Găvănescul:

A Associação Geral dos Professores Universitários da Roménia, na sua reunião de abertura, condena a ofensiva intervenção da polícia de Iaşi e intimamente unida em torno do Presidente, pede às autoridades superiores a devida investigação e que lhes seja dada plena satisfação.

Presidente da Associação (ss) I. Găvănescul

A mesma comissão redige e envia ao prefeito de Iaşi o seguinte texto:

Senhor prefeito

A Associação Geral dos Professores Universitários, na reunião de abertura, ao ver as medidas injuriosas do Senhor Prefeito de Polícia, em relação ao seu congresso, lamenta que, no estado em que foi colocada, não possa participar no banquete oferecido pela Câmara Municipal, agradecendo por suas boas intenções.

Presidente da Associação (ss) I. Găvănescul

Apoiado num mandato imperativo, para aterrorizar os estudantes, Manciu trabalhou em conformdiade com os objetivos perseguidos e de acordo com o plano estabelecido: seguir os caminhos da fatalidade. Listaremos resumidamente os eventos anteriores, numerando-os:

1. A introdução da polícia e do exército na Universidade, em 10 de dezembro de 1923.
   Por ocasião das manifestações estudantis que se seguiram, entre outras, o estudante G. Manoliu foi espancado tanto pela polícia que, adoecendo com icterícia, morreu poucos dias depois.
2. Brutalizações na estação. Por ocasião da chegada do professor Ion Zelea Codreanu a Iasi, após sua libertação da prisão, o prefeito Manciu se atirou mais uma vez sem motivo com a polícia e o exército sobre os cidadãos e estudantes que haviam vindo à delegacia para recebê-lo, brutalizando e perseguindo-os pelas ruas como malfeitores.
3. 3. A visita do Príncipe Carol. Por ocasião desta visita, Manciu encenou outros escândalos, que levaram os estudantes a reclamar a Sua Alteza Real.
4. O escândalo do Teatro Sidoli. Os artistas romenos retiraram-se da Ópera, vindo para Iaşi, os estudantes mostraram-lhes simpatia. Esta manifestação absolutamente pacífica deu ao prefeito Manciu a oportunidade de encenar outro escândalo contra os estudantes, que foram espancados e espalhados por odiosas brutalizações.
5. A conspiração na Rua Carol. Pela boa vontade da Sra. Constanţa Ghica, em seu jardim na Rua Carol, os estudantes plantaram uma horta com verduras para sua manutenção. No dia 31 de maio deste ano, quando os estudantes se reuniram para trabalhar, o prefeito Manciu apareceu, com todos os policiais e gendarmes com a baioneta miradas e prendeu os estudantes. Corneliu Zelea Codreanu foi abaixado e amarrado com seu cinto, com as mãos atrás das costas, e

assim conduzido pelas ruas junto com outros 25 estudantes e alunos à polícia, onde foram severamente espancados.

Corneliu Zelea Codreanu, oficial da reserva, doutorando em direito, foi atingido no rosto e trivialmente insultado com os insultos mais degradantes.

O estudante Ambrose, filho do veterano major Ambrose, foi esbofeteado com tanta força até que seu tímpano foi rompido, fato apurado com o atestado do médico forense Prof. Dr. Gh. Bogdan.

Os outros estudantes e alunos foram espancados nas solas dos pés com tendões de boi, pendurados de cabeça pra baixo e atiraram suas cabeças em caldeirões com água para não gritarem.

Pais de crianças espancadas: Sr. major Ambrozie, Dimitriu, Butnaru, queixou-se do prefeito Manciu ao Ministério e depois o processou, perante o qual Manciu teve atitudes revoltantes.

Não apenas o prefeito Manciu foi mantido, mas também foi recompensado por sua atitude e encorajado a aplicar ainda mais seu sistema fatal.

A imprensa judaica traz-lhe os maiores elogios todos os dias, glorificando-o como um salvador da ordem e um homem superior.

O governo, tendo como representante em Iaşi G. G. Mârzescu, em vez de seguir as descobertas do Inspetor Văraru, condecorou Manciu com a Coroa Romena e promoveu o pessoal que ele usava para cometer suas iniqüidades. Assim, o comissário Closs, um dos mais culpados, foi promovido a inspetor.

A Justiça, tendo como ministro o mesmo G. G. Mârzescu, apoiador de Manciu, em vez de intervir vigorosa e rapidamente contra os abusos cometidos, condenou suas vítimas.

A judiaria de Iasi deu à prefeitura um automóvel que Manciu recebeu para escândalo de todos os romenos, provocando ainda mais o ressentimento dos estudantes, especialmente: vendo

Manciu desafiando-os do carro dos judeus, com o qual ele andava pelas ruas.

Assim mantido, apoiado e encorajado, o prefeito Manciu, pelo seu temperamento, impulsivo, destituído de qualquer reserva interior, imaginava ter atingido o auge da glória aplicando seu sistema.

A cadeia fatal de eventos: levou o prefeito Manciu ao último ato da tragédia.

Corneliu Zelea Codreanu estava em legítima defesa.

A responsabilidade pela morte do Prefeito Manciu recai em primeiro lugar aquele que o colocou e apoiou à frente da polícia:

Ministro da Justiça G. G. Mârzescu.

Responsabilidade tem a imprensa judaica e todos aqueles que o instaram e encorajaram são os responsáveis, parabenizando-o por aplicar seu sistema fatal."

GREVE DE FOME

Cerca de 10 dias antes do Natal, Moţa, Gârneaţă, Tudose e Radu Mironovici que haviam sido detidos por 60 dias, sem qualquer culpa, declararam greve de fome e sede. Eles disseram: ou libertação ou morte.

As tentativas das várias autoridades de falar com eles falharam porque eles haviam se barricado em sua cela, impedindo qualquer pessoa de entrar.

Esses jovens há muito se tornaram um ícone de todos os estudantes romenos. Um símbolo. Quando sua greve foi ouvida lá fora, os estudantes e o mundo entenderam a gravidade do fato, conhecendo seu poder de decisão. Esses jovens deveriam morrer dentro das muralhas da Galácia? Os espíritos estavam tão agitados em Iasi e Cluj que uma vingança em massa se seguiria àqueles que a multidão considerasse culpados. Não apenas os estudantes,

mas também as pessoas idosas e abastadas da sociedade gritaram em voz alta: “Se todas essas crianças morrerem lá, atiraremos com nossos revólveres.” O governo começou a sentir que enfrentava uma decisão geral e tensa; que esta nação passou a ter sua própria vontade e dignidade.

Meu pai então lançou um manifesto em Iasi, do qual extraio:

UM APELO

Irmãos romenos,

“Os estudantes: Ion I. Moţa, Ilie Gârneaţă, Tudose Popescu e Radu Mironovici, detidos por dois meses na prisão de Galata, declararam greve de fome e sede na terça-feira, às 13h00.

Eles tomaram está difícil decisão porque são completamente inocentes, porque além de inocentes permaneceram na prisão de Văcăreşti e porque viram que certos políticos, através de uma prisão injusta, queriam arruinar gradualmente sua saúde e vida.

Esses jovens heróis, a flor mais eleita do futuro do país, Deus os dotou, entre outras coisas, de uma vontade de aço. Portanto, sua decisão de morrer de fome e sede - para protestar contra a injustiça feita a eles e contra a escravidão de nossa nação pelos judeus por meio de certos políticos - não é uma piada, mas uma decisão séria.”

OU LIBERTAÇÃO, OU MORTE!

Irmãos romenos,

Vamos esperar para ver em 2-3 dias os corpos desses heróis passando em quatro caixões?

Velhos e jovens, pensem: nos quatro caixões não estariam os corpos dos quatro estudantes, mas neles estariam os corpos de seus próprios filhos.

É dever de todos nós fazermos protestos rápidos contra este governo e através de protestos legais e pacíficos, mas enérgicos e invencíveis, para parar a iniqüidade, para parar o assassinato de nossos filhos.”

Durante as férias de Natal, após onze dias de greve de fome e sede, eles foram libertados. Mas eles estavam tão fracos que foram tirados da prisão em uma maca e levados para o hospital. Alguns haviam saído de uma prisão difícil, há apenas alguns meses atrás, e Moţa há apenas um mês após um ano de prisão injusta, de modo que suas forças se esgotaram.

Alguns deles ainda sofrem as consequências dessa greve hoje, dez anos depois, e o pobre Tudose os levou consigo para o túmulo.

SOZINHO EM GALATA

Na mesma cela úmida e escura, sentado na borda dura da cama, com os braços em volta do peito e a cabeça inclinada pelo peso dos pensamentos, o tempo passa minuto a minuto.

A solidão é aterrorizante!

Com pesar recordo esses versos:

“Gaudeamus igitur Juvenes dum sumus.”[101]

Então, vamos nos alegrar enquanto somos jovens! Versos que aqueceram, alegraram, coroaram com a coroa de alegria a juventude de todas as gerações de estudantes. É um direito da juventude alegrar-se, divertir-se, antes que chegue a idade que

[101] N.T. “Alegremo-nos, portanto, Enquanto somos jovens”. De brevitate vitae (Sobre a brevidade da vida), mais conhecida como o Gaudeamus igitur, é uma canção que serve de Hino Universitário em todo o mundo, especialmente na Europa, frequentemente interpretada em cerimónias de graduação ou formaturas. A canção remonta a 1287. Situa-se dentro da tradição do carpe diem com suas exortações para aproveitar a vida.

começa a pesar sob as dificuldades e preocupações, cada vez mais, a vida do homem.

Este direito não me foi concedido. Eu não tive tempo para me divertir. A vida universitária, durante a qual todos passam e cantam, pra mim terminou. Eu nem sei quando passou. Anteriormente, minhas preocupações, dificuldades e golpes dominavam minha juventude e me despedaçavam. O que restou foi esmagado por essas quatro paredes sombrias e frias. Agora eles me privam até do sol. Já se passaram muitas semanas desde que permaneço nesta escuridão e só posso aproveitar o sol uma hora por dia.

Meus joelhos estão congelados o tempo todo. Sinto o frio subindo do cimento, de baixo para cima, passando pelos ossos.

As horas passam devagar. Muito devagar. Ao meio-dia e à noite eu dou algumas mordidas. Eu não posso comer mais. O verdadeiro tormento começa à noite: só consigo adormecer por volta das 2-3 horas. Está escaldante lá fora. Aqui no alto do morro a nevasca é mais forte. Pelas frestas da porta, o vento empurra a neve, que fica mais espessa, ocupando um quarto da superfície da cela. Perto da manhã, sempre encontro uma camada bastante espessa. O silêncio opressor da noite é intercalado apenas pelo canto das corujas, que vivem nas torres das igrejas e de vez em quando, pela voz dos sentinelas que nos guardam, gritando o mais alto que podem:

- Número um!

- Bem.

- Número dois!

- Bem.

Eu me sento assim, me pergunto, me preocupo e não consigo desatar: um mês? Dois? Um ano, dois? Quanto! Uma vida? Toda a vida que eu tenho?

Sim. O mandado de prisão prenuncia o meu trabalho forçado ao longo da vida. O julgamento será realizado? Claro; mas é um processo difícil. Três forças estão unidas contra mim:

O governo que procurará dar o exemplo punindo-me, até porque este é o primeiro caso na Romênia, que alguém se depara, com um revólver na mão, diante do opressor que pisotea sua dignidade, ofende sua honra e rasga sua carne em nome da autoridade do Estado.

O poder judaico no país que fará todo o possível para não sair do controle.

O poder judaico no exterior, com seu dinheiro, seus empréstimos, suas pressões.

Todas essas três forças estão interessadas em me fazer nunca sair daqui. O movimento nacional e os estudantes romenos se levantaram contra eles. Quem ganhará? Percebo que meu processo é mais um processo de forças. Não importa o quão certo eu esteja, se as forças opostas forem apenas um pouco mais fortes que as nossas, elas não vão preparar um momento para me destruir. Já se passaram tantos anos desde que eles esperaram me pegar, porque eu me coloquei no meio de todos os seus planos. Eles farão o possível para eu não escapar deles.

Em casa, minha mãe, ano após ano, ouvindo notícias tão terríveis para ela, com a casa pisoteada à noite pelos promotores e revistada por brutais comissários, recebia em seu coração, golpe após golpe.

Com o pensamento de um destino tão triste em minha vida, ela me enviou o Akathist da Mãe de Deus, instando-me a lê-lo às 12 horas da noite, por 42 noites consecutivas. Eu o li regularmente e, à medida que o número de noites aumentava, parecia que nosso povo estava crescendo em força, seus oponentes recuavam e os perigos estavam desaparecendo.

MUDANDO O PROCESSO PARA FOCŞANI

Em janeiro, fui informado que o processo havia sido realocado

ex officio[102] para Focşani.

Focşani era a cidadela liberal mais poderosa do país. Dessa cidade houve três ministros no governo: G-ral Vătoianu, N. N. Săveanu e Chirculescu. Foi o único lugar do país onde o movimento nacional não pegou. Nossas tentativas de fazer algo falharam. Eu não tinha ninguém lá. Exceto, apenas, a Sra. Tita Pavelescu, uma velha nacionalista, com seu jornal "Santinela[103]", que pregava ao vento. Os estudantes de Iaşi, ao saberem dessa mudança, ficaram muito preocupados.

Inúmeras equipes, à partida de cada comboio, esperavam nas estações perto de Iasi para me acompanharem até Focşani, pois corria o boato de que os meus guardas tentariam disparar contra mim por ocasião desta mudança, sob o pretexto de eu querer fugir da escolta.

Depois de quase duas semanas de espera, uma noite, Botez, o chefe da segurança, veio com alguns agentes e eles me buscaram. Entrei em um carro escoltado por outro. Fui retirado de Iasi na barreira de Păcurari e levado para a estação Cucuteni.

Lá, encontrei uma equipe de estudantes, e com o trem que chegava veio outra. Não pude falar com nenhum deles. Quando a polícia me colocou o vagão, eles demonstraram simpatia. Andei de trem a maior parte da noite. Me aproximei de Focşani com a certeza da sentença.

A polícia e o diretor da prisão estavam me esperando na delegacia e me levaram e me prenderam.

[102] N.T. "De ofício é uma expressão muito usada no Direito e no campo da Administração Pública. Ela vem do latim: ex officio, que significa "por lei, oficialmente, em virtude do cargo ocupado".
[103] N.T. "Sentinela".

No começo, o regime era mais rígido do que em Iasi. O prefeito do condado, Gavrilescu, que no fundo parecia um homem mau, sem direitos - porque um prefeito não tem o direito de interferir no regime da prisão - queria impor-me um regime severo. Ele até entrou na minha cela, onde tivemos uma conversa não muito agradável.

O milagre, que eu não esperava, e principalmente o que aqueles que me trouxeram lá não esperavam, foi que, no terceiro dia após a minha chegada, toda a população, independentemente do partido político e com todas as tentativas das autoridades para torna-la hostil a mim, ela espontaneamente se aliou a mim.

Não apenas partidários, mas também familiares deixaram os políticos liberais. Por exemplo, as meninas Chirculescu, alunas do ensino médio, me mandaram comida e costuraram uma camisa nacional com outras meninas. Eu até ouvi dizer que eles se recusaram a sentar à mesa com o pai.

Então conheci o general Dr. Macridescu, a mais venerável figura de Focşani, Hristache Solomon, um proprietário não muito rico, mas um homem de grande autoridade moral, diante do qual também havia inimigos, Sr. Georgica Niculescu, Coronel Blezu que, por meio de sua filhinha, Fluturaş, me enviou comida, Vasilache, Ştefan e Nicuşor Graur, as famílias Olteanu, Ciudin, Montanu, Son, Maior Cristopol, Caraş, Guriţă, Ştefãniu, Nicolau, Tudoroncescu, etc. Todos eles e outros se importavam mais comigo do que meus pais. No entanto, minha saúde não era das melhores. Meus rins, peito e joelhos doíam.

O julgamento foi marcado para 14 de março de 1925.

Para ele, todos os centros universitários, e mesmo nas demais cidades, passaram a imprimir milhares de manifestos. Em Cluj, o capitão Beleuţă imprimiu e distribuiu dezenas de milhares de manifestos no país. Sua casa, aberta dia e noite aos combatentes nacionalistas, havia se tornado um verdadeiro quartel-general. Em Orăştie, com o padre Moţa, dezenas de milhares de panfletos com

poemas populares e centenas de milhares de manifestos foram impressos. Também aqui, meus camaradas imprimiram algumas cartas que eu fiz na prisão de Văcăreşti. Elas apareceram no panfleto com o título: “Cartas de um estudante na prisão”.

O governo imprimiu manifestos e panfletos de oposição, distribuindo-os em abundância. Mas não surtiram efeito, porque a onda do movimento nacional crescia de maneira imponente e irresistível. Dois dias antes da data do julgamento, centenas de pessoas de todo o país e estudantes de todas as universidades começaram a chegar. Mais de trezentos vieram apenas de Iasi, ocupando um trem inteiro.

As autoridades me transportaram de carruagem e me levaram ao Teatro Nacional, onde aconteceria o julgamento. Por ordem, no entanto, ele foi adiado depois que os jurados foram sorteados. Fui levado para a prisão novamente. Lá fora, porém, o adiamento injustificado do julgamento produziu uma indignação geral, que se transformou em uma grande manifestação de rua. Durou toda a tarde até tarde da noite.

As tentativas do exército para acalmar os espíritos foram em vão. A manifestação foi dirigida contra os judeus e o governo. Os judeus então perceberam que todas as suas pressões neste processo estavam mudando e se voltaram contra eles. Essa manifestação foi de suma importância para o destino do julgamento. Isso tirou os judeus da luta. Isso, percebendo que uma condenação poderia ter consequências desastrosas para eles, se eles não se retiraram totalmente, em qualquer caso, colocaram menos pressão sobre as autoridades.

Nesse ínterim, recebi sugestões para solicitar liberação e garantias de que seria libertado. Eu recusei.

As férias da Páscoa chegaram. Festejei a Ressurreição sozinho, em minha cela, e quando os sinos começaram a tocar em todas as igrejas, ajoelhei-me e orei por mim e por minha noiva, por minha mãe e por aqueles em casa, pelas almas dos mortos e por aqueles

que lutavam - que Deus os abençoe, dê-lhes força e os faça vitoriosos sobre seus inimigos.

EM TURNUL-SEVERIN

Uma noite, por volta das duas horas, acordei enquanto alguém caminhava para abrir o cadeado. As autoridades tinham vindo para me levar, porque de repente, o meu julgamento mudou, por intervenção do governo, para Turnu Severin, no outro extremo da Romênia. Arrumei apressadamente as poucas coisas que tinha e então, cercado por um guarda, fui colocado em uma carruagem e levado para os arredores de Focşani, perto de uma linha ferroviária. Depois de um tempo, um trem parou na nossa frente e eu entrei no vagão.

Assim saí desta cidade que a certa altura ergueu a testa diante das enormes pressões que estavam sendo feitas e cujo povo rompeu todos os laços quer partidários ou mesmo com suas famílias, para aparecer em uma bela e inabalável unanimidade de sentimento.

No caminho fiquei pensando: que mundo haverá em Turnu Severin? Eu nunca tinha estado nesta cidade. Eu não conhecia ninguém lá.

Eu podia ouvir as pessoas conversando, rindo, descendo ou subindo nas estações, mas não conseguia ver nada porque meu vagão não tinha janelas. Cinco centímetros de parede me separavam do resto do mundo, da liberdade. Talvez entre aqueles que passaram por essas estações houvessem muitos conhecidos ou amigos meus. Mas eles não sabiam que estava lá.

Todo mundo estava indo a algum lugar. Só não sei onde. Todos eles caminhavam com leveza e velocidade, mas carregava em minha alma, mais pesada do que uma pedra de moinho, o fardo das preocupações deste imenso desconhecido que estava diante de mim. Serei sentenciado à vida? Menos? Ainda vou sair das paredes negras e feias da prisão, ou será meu destino morrer lá?

Estou bem ciente de que o julgamento não é mais uma questão de justiça; é uma questão de força; qual dessas duas forças for mais forte vai vencer. A pressão atual ou do governo judaico será mais forte? Mas não pode ser assim. Quem tiver razão será mais forte e poderá obter sua justiça pela força.

E enquanto o trem ia, eu sentia uma dor na minha alma. Minha alma parecia estar conectada a todas as pedras da Moldávia e, quando me afastei dela, senti algo se quebrar.

Fui assim o dia todo sozinho, trancado em um vagão inteiro. Ao anoitecer cheguei a uma estação, parecia-me Balota. Um oficial gendarme entrou acompanhado de agentes e me convidou a descer.

Eles então me levaram para o fundo da estação, me colocaram em um carro e partiram comigo. Eles pareciam pessoas muito legais para mim. Eles tentaram puxar conversa comigo, para brincar, mas, movidos por outros pensamentos e necessidades, eu não conseguia falar. Eu respondi gentilmente, mas brevemente.

Entrei em Turnu Severin. Passei por algumas ruas e senti uma verdadeira alegria na alma e deleite nos olhos, ao ver as pessoas caminhando pelas ruas.

Paramos no portão da prisão. Não sei quantas vezes as portas trancadas se abriram para se fecharem de novo atrás de mim.

O diretor e os funcionários me receberam como hóspede escolhido e me cederam um bom quarto, que não era mais como antes com piso de cimento, mas com piso de tábua corrida. E aqui os detidos, como nas outras prisões, aproximaram-se de mim com amor; e eu os ajudei mais tarde, em sua infindável miséria material e moral.

No dia seguinte, fui para o pátio. De lá, eu podia ver a rua. Por volta das 12 horas, vi mais de 200 crianças pequenas, entre 6 e 7 anos, aglomeradas em frente ao presídio, que, ao me verem passando, começaram a fazer sinais com as mãozinhas, algumas

com lenços e outras com chapéus. Algumas crianças de escolas primárias souberam que eu tinha chegado a Turnu Severin e que estava na prisão. Essas crianças vieram então, todos os dias, estar presentes na frente da prisão. Eles esperavam que eu passasse para levantar as mãozinhas, para mostrar simpatia por mim.

Fui levado ao Tribunal, onde o presidente Varlam, um homem muito gentil, me tratou muito bem. Nem tanto o procurador Constantinescu, de quem o mundo dizia que ele teria levado junto com o prefeito Marius Vorvoreanu o compromisso da condenação. Mas eu não acreditei. No início, eles eram mais severos. Por trás dessa severidade, também vi alguma malícia. Mas foram aos poucos amenizados pela onda da opinião pública, pelo entusiasmo que subia das crianças aos mais velhos da cidade. Agora todos se sentiam romenos e viam em nossa luta uma luta sagrada pelo futuro deste país. Eles conheciam meus infortúnios e viram em meu gesto um gesto de rebelião contra o sentimento de dignidade humana, um gesto que qualquer homem livre teria feito.

O povo da terra de Iancu Jianu[104] e do Sr. Tudor, cujas pistolas ressoaram pela nação e pela dignidade, contra a humilhação secular, compreenderam facilmente o que havia acontecido em Iasi.

Nenhum argumento poderia abalá-los. Promotores e prefeitos gritaram em vão. Na prisão, fui cercado pelo amor e carinho de todas as famílias da cidade, mesmo aquelas que tinham um papel oficial, como o do prefeito Corneliu Rădulescu, por quem fiquei com muita admiração; mas especialmente cercado, como em nenhum outro lugar, pelo amor das crianças e sua compreensão de meus sofrimentos. Eles fizeram a primeira demonstração para mim em Turnu Severin. Lembro-me com carinho de como as crianças pequenas da periferia, que mal podiam andar, vendo os mais velhos se reunindo regularmente em grande número na

[104] N.T. Foi um *hajduk* romeno da Valáquia.

frente da prisão e acenando com as mãos, começaram a vir todos os dias. Em um horário determinado, pude vê-los começando a se reunir de todos os lados, como um programa que eles tinham que executar. Eles eram todos calados e bem comportados. Eles não tocavam, nem cantavam. Eles apenas ficavam olhando, esperando para me ver passar por uma abertura para acenar para mim, e então iam para casa. Eles entenderam que havia algo triste sobre esta prisão, e seu bom senso lhes disse que não havia espaço para risos aqui. Um dia, os gendarmes começaram a expulsá-los. Não os vi no dia seguinte. Colocaram sentinelas que os impediram de vir.

O JULGAMENTO

O julgamento foi marcado para 20 de maio.

O Presidente do Tribunal recebeu 19.300 inscrições de advogados que desejavam me defender de todo o país. Dois dias antes, trens inteiros de alunos começaram a chegar. O povo de Iași veio aqui em trezentos. Além disso, em grande número, vieram as pessoas de Bucareste, Cluj e Cernăuţi. Entre os que chegaram estava uma delegação de Focşani, chefiada pelo ex-primeiro jurado de 14 de março, Mihail Caras, que agora havia se registrado como defensor em nome dos jurados de Focşani. Também chegaram as testemunhas da acusação: os polícias de Iaşi. Os debates do processo abriram no salão do Teatro Nacional, sendo o presidente o Sr. Conselheiro Varlam. Na banca dos acusados, perto de mim, estavam: Moţa, Tudose Popescu, Gârneaţă, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici. No banco da defesa: prof. Cuza, prof. Găvănescul, Paul Iliescu, prof. Şumuleanu, Em. Vasiliu-Cluj, Nicuşor Graur, o bar inteiro de Turnul Severin, etc.

O salão estava lotado e, lá fora, em torno do teatro, mais de 10.000 pessoas esperavam.

Os jurados foram sorteados. Saiu o seguinte: N. Palea, G. N. Grigorescu, J. Caluda, I. Preoteasa, G. N. Grecescu, D. I. Bora, V. B. Jujescu, C. Vărgatu, C. Surdulescu, Adolf Petayn, P. I. Zaharia, G. N. Boiangiu, I. Munteanu e G. N. Ispas. Eles fizeram o juramento e sentaram-se gravemente. A acusação foi lida. Seguiu-se o interrogatório. Contei as coisas à medida que aconteceram. Os outros cinco também responderam ao interrogatório, dizendo a verdade: que não estavam envolvidos de forma alguma nos fatos julgados.

As testemunhas da acusação foram: um judeu e policiais de Iasi. No processo, eles negaram tudo. Não havia nada de verdade. Todas as surras, todas as torturas eram pura invenção. Eles até

negaram os atestados médicos emitidos pelo Prof. Bogdan, o médico forense.

Esta atitude, depois de jurarem na cruz que diriam a verdade e apenas a verdade, provocou a indignação de toda o salão.

Uma das testemunhas, o Comissário Vasiliu Spanchiu, que vi agora transformado no ser mais gentil, nada tinha visto nem feito nada, levantando-se, com a permissão do presidente, perguntei-lhe em voz alta e cheio de indignação:

- Não foi você que me deu um soco no jardim da Sra. Ghica?

- Eu não.

- Não foi você quem colocou os estudantes com a cabeça no caldeirão d'água, quando, pendurados com os pés para cima, eram espancados nas solas?

- Eu também não estive lá; Eu estava na cidade na época.

Em seu rosto, em seus gestos, em toda sua atitude, ele podia ser visto mentindo, jurando na cruz e mentindo. A multidão no salão fervia de indignação. De repente, como expressão dessa indignação coletiva, um senhor salta no meio da multidão, agarra o comissário nos braços e o puxa para fora do salão.

Era o Sr. Tilica Ioanid. Nós ouvimos o comissário nas escadas dos fundos:

- Canalha, saia daqui porque não garantimos a sua vida! - Em seguida, dirigindo-se a todos os comissários em Iasi:

- Vocês torturaram brutalmente essas crianças com suas próprias mãos. Se vocês tivessem feito tal coisa em Turnu Severin, teriam sidos massacrados nas ruas pelas pessoas. A presença de vocês aqui polui esta cidade; saiam com o primeiro trem, senão será ruim para vocês.

Este gesto também, a propósito, bem-vindo, porque as pessoas estavam com almas pesadas. Ele produziu um alívio em todo o salão.

Os algozes foram humilhados e saíram saudando o chão e implorando um pouco da atenção do mais humilde portador da bandeira tricolor.

- É como se não fossemos bons romenos! Mas o que poderíamos fazer? Nós tínhamos uma ordem.

- Não! Canalhas! Vocês não tiveram alma de pai nem de romeno. Vocês não tiveram honra de homens. Vocês não tiveram respeito pela lei. Vocês tinham uma ordem? Não! Vocês tinham almas de traidores.

Foi isso que as pessoas disseram a eles nas ruas.

***

Seguiu-se então por cerca de dois dias os depoimentos das testemunhas de defesa, entre as quais o velho professor Ion Găvănescul da Universidade de Iaşi, ele próprio maltratado pelo prefeito Manciu por ocasião do congresso de professores universitários, do qual foi presidente; oficiais, ex-comandantes e professores meus do Colégio Militar e da Escola de Infantaria.

As crianças atormentadas e seus pais foram um a um refazer perante os juízes, quase chorando, as cenas de dor e humilhação das quais foram participantes.

A parte civil foi representada pelo Sr. Costa-Foru, o chefe de uma loja maçônica na capital.

***

Os advogados de defesa falaram na seguinte ordem: Sr. Paul Iliescu, Tache Policrat, Valer Roman, Valer Pop, Sandu Bacaloglu, Em. Vasiliu-Cluj, Cacanău, Donca Manea, Mitulescu, Virgil Neta, Neagu Negrileşti, Henrietta Gavrilescu, prof. Dr. Şumuleanu, prof. Ion Găvănescul, prof. A. C. Cuza.

A seguir está uma série de declarações curtas feitas por: Mihail Caraş, Coronel Vasilescu Lascăr, o velho sacerdote Dumitrescu de Bucareste, Coronel Cătuneanu, o estudante Ion Sava em nome dos alunos de Iaşi, Dr. Istrate em nome dos alunos de Cluj, aluno I. Rob para os alunos de Chernivtsi, Dragoş em nome dos alunos da capital, o estudante Camenіţă para Turnu Severin, Ion Blănaru para os alunos de Fălcieni, Comandor Manolescu, Alexandru Ventonic para os comerciantes cristãos de Iaşeteui, Costică Ungureanu, Capitão Petru-Palidiu, Grecea M. Negru-Chisinau.

Eu tive a última palavra. Eu disse:

- Senhores jurados, nós lutamos e tudo o que fizemos, o fizemos somente por fé e amor ao país. Estamos comprometidos em lutar até o fim. Esta é minha última palavra.

Era a tarde do sexto dia do julgamento, 26 de maio de 1925.

***

Todos os seis de nós foram colocados em uma sala. Esperamos o resultado. Com menos emoção, mas ainda com emoção. Em poucos minutos, ouvimos uma trovoada de aplausos, gritos, vivas no grande salão. Não tivemos mais tempo para julgar, pois as portas se abriram e a multidão nos levou, levando-nos para a sala de reuniões. As pessoas, quando aparecemos carregados nos ombros, levantaram-se, gritando e agitando lenços.

O presidente Varlam também foi tomado por uma onda de entusiasmo ao qual não conseguiu resistir. Os jurados estavam

cada um em seus assentos, cada um usando um arco de suástica tricolor.

O veredicto de absolvição foi lido para mim, depois do qual fui carregado nos ombros e levado para fora, onde havia mais de dez mil pessoas. Todos eles formaram um cortejo e nos carregaram nos braços, pelas ruas, enquanto as pessoas nas calçadas jogavam flores. Fui conduzido à varanda do Sr. Tilică Ioanid, de onde, em poucas palavras, agradeci a todos os romenos de Turnu Severin, pelo grande amor que me demonstraram por ocasião deste julgamento.

RETORNANDO A IASI

Depois de agradecer ao povo de Severin com algumas visitas pela maneira como me trataram, parti no dia seguinte para Iasi em um trem especial.

Havia milhares de pessoas na estação com flores, que vieram para passar um tempo conosco e decorar nossos vagões. O trem especial não era para mim: pertencia às mais de 300 pessoas de Iași que compareceram ao julgamento, às quais se juntaram aos vagões das pessoas de Focşani, Bârlad e Vaslui.

Nós partimos. Atrás de nós estava a multidão agitando seus lenços e expressando seu amor e desejo de lutar, com gritos que fizeram o ar ferver. Em pé junto à janela, olhei para trás, para aquela grande multidão de pessoas, da qual não conhecia ninguém antes, e que agora se separavam de nós com lágrimas nos olhos, como se nos conhecêssemos há décadas. Em minha mente fiz uma oração agradecendo a Deus pela vitória que Ele nos deu.

Só agora, passando de vagão em vagão, pude ver meus camaradas de Iasi novamente, falando com cada um e alegrando-nos todos que Deus nos fez vitoriosos e nos salvou deste perigo, do qual todos os inimigos pensavam que eu não seria capaz de escapar.

Em um compartimento estavam o Prof. Cuza e o Prof. Sumuleanu com a Sra. Sumuleanu. Eles ficaram contentes, rodeados pelo nosso amor.

Todos os compartimentos estavam, mais ou menos, mais belamente adornados com flores e folhagens. Principalmente porque na estação próxima à Torre Severin, uma nova onda de flores nos foi trazida, sem que nós esperássemos, pelos camponeses com seus padres, professores e crianças da escola, todos vestidos em trajes nacionais.

Em todas as estações, muitas pessoas aguardavam a chegada do trem. Não era como as recepções oficiais e frias. As pessoas não vieram por nenhum dever, nenhum medo, nenhum interesse. No limite da multidão, vi velhos chorando. Pensei por quê? Eles não conheciam ninguém no trem. Parecia que um estranho os estava empurrando, sussurrando secretamente para eles:

- Venha para a estação, pois entre todos os trens que passam, há um que vai hoje na linha do destino romeno. Todos vão no interesse de quem está nos trens, que vai na linha da nação, pela nação.

As multidões às vezes têm contato com a alma da nação. Um minuto de visão. As multidões vêem a nação, com os mortos, com todo o seu passado. Ela sente todos os momentos de ampliação, como aqueles de derrota. Sentem o futuro fervendo. Esse contato com toda a nação é cheio de excitação, de tremor. Então a multidão chora.

Esse talvez seja o misticismo nacional, que alguns criticam, porque não sabem o que é e que outros não podem definir, porque não podem vivê-lo.

Se o misticismo cristão com o seu fim, o êxtase, é o contato do homem com Deus, através de um “salto da natureza humana para a divina” (Crainic[105]), o misticismo nacional nada mais é do que o

[105] N.T. Nichifor Crainic (1889-1972), jornalista, teólogo, filósofo romeno.

contato do homem ou das multidões com a alma de sua nação, por meio de um salto que eles dão, do mundo das preocupações pessoais, para o mundo eterno da nação. Não com a mente, pois isso poderia ser feito por qualquer historiador, mas vivendo, com a alma.

Quando o comboio adornado com bandeiras e folhagens entrou em Craiova, a plataforma da estação estava cheia de mais de dez mil pessoas, que nos apanharam e levaram até à parte de trás da estação, onde alguns nos deram as boas-vindas e vitória. O Prof. Cuza falou e eu também falei algumas palavras.

Também fomos recebidos em todas as grandes e pequenas emissoras, mas principalmente em Piatra Olt, Slatina e Piteşti. Na maioria dessas localidades, localizadas ao longo da linha férrea, não havia organizações nacionalistas, ninguém havia feito manifestos para chamar as pessoas à estação, e mesmo assim as plataformas estavam lotadas de milhares de pessoas.

Cheguei a Bucareste por volta das oito horas da noite. Fui levado em seus braços da plataforma e retirado de trás da estação. Ali, em toda a praça, havia um mar de cabeças que se estendia de Calea Griviţei até além da Escola Politécnica. Acho que havia mais de 50.000 pessoas, dominadas por um entusiasmo que não poderia ficar no caminho. O Prof. Cuza falou. Eu falei também.

Na verdade, havia uma corrente nacionalista tão forte em todo o país que poderia ter conduzido o L.A.N.C. a governar o país.

Ficaram sem uso, naqueles dias, esses maiores momentos táticos-políticos do movimento, os quais ele nunca mais veria.

O professor Cuza não soube aproveitar um grande momento tático tão raramente encontrado pelos movimentos políticos.

Para qualquer observador objetivo, conhecedor das lutas políticas, o destino do L.A.N.C. foi selado desde então.

***

Nós saímos. A noite toda, as pessoas saíram das estações atrás de nós. Em Focşani, havia mais de mil pessoas na estação. Eram três horas da noite. Eles estavam esperando lá desde as quatro da tarde. Eles queriam que parássemos nas casas deles por pelo menos um dia. Mas saímos antes.

Uma delegação com Hristache Solomon, Aristotel Gheorghiu, Georgică Niculescu e outros embarcaram no trem.

Eles me disseram:

- Se não tivemos a alegria de ter seu julgamento conosco, você tem que se casar aqui. Na manhã do dia 14 de junho, você deve chegar a Focşani. Você encontrará tudo organizado.

A delegação desceu a Marasesti, depois que prometi que no dia 14 de junho estaria em Focşani.

De manhã, muito cansado, cheguei a Iasi. Os estudantes e as pessoas da cidade estavam na estação ferroviária. Eles nos carregaram nos ombros e nos levaram pela cidade até a Universidade. Havia cordões de gendarmes. A multidão rompeu as cordas e entrou, levando-nos escada acima para a sala de aula. O Prof. Cuza falou aqui. Depois disso, as pessoas se espalharam em ordem. Cada um de nós foi para casa. Avistei com alegria a casa da rua Florilor, da qual me separara oito meses antes. No dia seguinte, fui para Huşi, onde minha mãe estava esperando por mim, chorando, na porta.

Vários dias depois, tive um casamento civil na Prefeitura desta cidade.

JUNHO 1925 - JUNHO 1926

CASAMENTO

No dia 13 de junho, fui para Focşani com minha mãe, meu pai, irmãos, irmãs, noiva e sogros. Uma vez lá, fomos recebidos pelo General Macridescu.

A comissão organizadora do casamento veio lá à noite e nos disse que tudo estava arranjado e que mais de 30.000 pessoas haviam chegado de outras cidades, todas já alojadas e que chegariam durante a noite. Que todos em Focşani tinham prazer em receber hóspedes.

Na manhã seguinte, um cavalo foi trazido para mim - esse era o programa - e depois de passar pela casa da noiva, parti à frente de uma coluna fora da cidade, em Crâng. Nas margens da estrada, em ambos os lados, havia crianças entre as árvores, e na estrada vieram meus padrinhos, em carruagens ornamentadas, liderados pelo Professor Cuza e pelo General Macridescu, Hristache Solomon, Cel. Blezu, Cel. Cambureanu, Tudoroncescu, Georgică Niculescu, Major Băgulesscu e outros. Então veio a carruagem da noiva com seis bois, adornada com flores. Depois, convidados do casamento. Um total de 2.300 carruagens e automóveis, todos carregados de flores e pessoas vestidas com trajes nacionais. Eu tinha alcançado 7 km. da cidade, em Crâng e a cauda da coluna ainda não havia saído de Focşani.

Em Crâng, o casamento aconteceu em um palco especialmente preparado. Havia cerca de 80.000 pessoas presentes. Após o serviço religioso, deu-se início ao coro, aos jogos e à festa. Depois veio um banquete na grama verde. Todos trouxeram sua própria comida e o povo de Focsani cuidou das pessoas de outros lugares.

Todo está celebração de costumes nacionais, dos romenos, de vida e de entusiasmo, foi filmado.

Em poucas semanas, ele foi exibido em Bucareste. Mas apenas duas vezes, porque o Ministério do Interior confiscou o filme e sua cópia e os incendiou.

Perto da noite, o casamento terminou em um entusiasmo geral. Fui na mesma noite com minha esposa e alguns companheiros para Băile Herculane, onde fiquei por duas semanas com uma velha família de conhecidos, St. Martalog.

Moţa foi para Iaşi, onde começou a cavar as fundações do Centro Cultural Cristão, no local doado pelo engenheiro Grigore Bejan.

O BATISMO DE CIORĂŞTI

Em 10 de agosto, batizei[106] em Ciorăşti, perto de Focşani, 100 crianças que nasceram naquela época no condado de Putna e arredores.

O batismo seria realizado em Focsani. No entanto, para evitá-lo, o governo decretou o estado de sítio nesta cidade. Retiramo-nos então para Ciorăşti e através de muitas dificuldades, conseguimos batizar as crianças sob as baionetas até o fim.

[106] N.T. Ele foi padrinho.

APÓS UM ANO, O TRABALHO RETOMA

Então voltei para Iasi, para trabalhar com os outros camaradas, para construir a casa. Seguimos o antigo plano do edifício, bem como o da organização dos jovens, planos interrompidos pelo destino há quase um ano.

As doações começaram a chegar até nós. A família Moruzzi de Dorohoi doou 100.000 leus, o general Cantacuzino doou 3 vagões de cimento, os romenos da América[107], através da folha "Libertatea", doaram mais de 400.000 leus. Os camponeses das aldeias mais remotas da Transilvânia, Bukovina, Bessarábia, contribuíram com seu pouco para a “Casa de Iaşi”.

Todas as doações vieram por causa da grande simpatia que o movimento agora desfrutava em todas as esferas da vida. Em particular, despertaram verdadeiro entusiasmo as fotos de como os estudantes estavam construindo suas próprias casas. Era algo completamente novo, ainda não encontrado em nosso país ou no exterior. Esse fato gerou tanta simpatia em Iasi que, quando os funcionários saíram do escritório, foram lá, jogaram fora suas roupas e colocaram as mãos na pá, picareta ou massa de concreto. Estudantes de Cluj, Bessarabia, Bucovina e Bucareste se encontraram neste trabalho. As irmandades ad cruz já tinham sido feitas em muitas cidades sob a liderança de Moţa, então jovens estudantes vinham de todas as partes e trabalharam, depois saíram educados e organizados.

Dois anos de luta estudantil, de turbulência e sofrimento comuns de toda a juventude do país, realizou um grande milagre: a restauração do bloco de alma unitário da nação ameaçada pela incapacidade de solidariedade e fusão dos idosos na grande comunidade nacional.

[107] N.T. Provavelmente ele está se referindo aos Estados Unidos, não o continente.

Agora os jovens reunidos de todos os lados, consolidaram e santificaram esta unidade de alma, através de seus esforços conjuntos, na escola de trabalho para o país.

PERIGOS QUE AMEAÇAM UM MOVIMENTO POLÍTICO

A corrente no país era formidável. Não creio que tenha havido com frequência uma corrente popular mais unânime em solo romeno do que está. Mas a Liga não estava indo bem. Falta de organização, falta de plano de ação. A estes se somava, seguindo a grande corrente, o perigo de se misturar no movimento alguns elementos comprometedores e perigosos. Um movimento nunca morre por causa de inimigos externos. Ele morre por causa dos inimigos lá dentro. Como qualquer organismo humano. O homem morre apenas um em um milhão devido ao exterior (atropelado por trem, carro, baleado, afogado). O homem morre de toxinas internas. Ele morre intoxicado.

Do jeito que estava, após os julgamentos em Văcăreşti, Focşani e Severin, qualquer pessoa que quisesse se mudar veio. Uns vieram para fazer golpes: recibos de assinatura, venda de brochuras, empréstimos, etc, que, onde quer que aparecessem, comprometiam o movimento, outros vieram para criar situações políticas e começaram a brigar entre si para se separarem, para minar uns aos outros pela liderança, assentos, etc. Outros eram de boa fé, mas não tinham a educação da disciplina, não entendiam como obedecer aos chefes e diretivas dadas, mas entendiam como discutir indefinidamente qualquer disposição e trabalhar cada um de acordo com a sua. Outros também de boa fé, mas incapazes de se enquadrar.

Existem elementos muito bons, que têm uma estrutura de alma estruturada, na qual não podem se enquadrar e, se o fazem, destroem tudo. Alguns são intrigantes por nascimento. Onde quer

que entrem, através do sistema de falar de outro no ouvido, eles destroem toda a harmonia da organização e a destrói.

Outra categoria são os que têm uma ideia fixa: acreditam sinceramente que encontraram a chave de todas as soluções, procurando convencê-lo do seu valor. Outros sofrem com o jornalismo. Querem a todo custo ser editor de jornal ou, pelo menos, ver seu nome escalado para o final de um artigo. Outros se comportam na sociedade de tal maneira que, onde quer que apareçam, comprometem toda a luta e moem a confiança de que goza a organização. Finalmente, outros são pagos especificamente para intrigar, espionar e comprometer qualquer tentativa nobre do movimento.

Quanto cuidado, quanta atenção, portanto, um líder deve ter diante dos elementos que querem estar sob sua liderança. Quanta educação ele tem que fazer e quão incansável supervisão ele tem que exercer sobre eles. Sem isso, o movimento fica irreparavelmente comprometido. O Professor Cuza desconhecia completamente essas coisas. Seu slogan: “Na Liga qualquer um pode entrar, mas só quem pode ficará”, iria trazer um verdadeiro desastre.

Uma organização não inclui "quem quer", mas entra quem deve e permanece quem é - e enquanto for um homem correto - trabalhador, disciplinado, fiel.

Não poucos meses se passaram e a pobre Liga se tornou um caldeirão de intrigas, um verdadeiro inferno.

Minha fé desde então que mantenho até hoje é:

Se esses começos de gangrena ocorrem em uma organização, eles devem ser imediatamente localizados e removidos com a maior energia. Se eles não puderem ser localizados e se espalhar como um câncer por todo o corpo do movimento, a causa estará perdida. O futuro e a missão da organização estão comprometidos. Ela vai

morrer ou arrastar seus dias entre a vida e a morte, sem poder realizar nada.

Nossas tentativas de persuadir o professor Cuza para fazê-lo corrigir a situação fracassaram, porque por um lado ele era completamente alheio a esses princípios básicos ao liderar um movimento e, por outro lado, as intrigas nos isolaram e começaram a paralisar nosso poder de intervenção.

Nós, o grupo de Văcăreşti, vendo isso e vendo os ataques desesperados, as ondas de intriga que nos atingiram, entre nós e o Prof. Cuza, voltamos para casa com ele, jurando-lhe de novo confiança e rogando-lhe que confiasse em nós, pois faríamos o que fosse possível para direcionar o movimento.

A tentativa foi em vão, pois ele observou que víamos as coisas de maneira bem diferente, tanto como organização quanto como ação, e até mesmo como fundamento doutrinário do movimento. Partimos da ideia do homem como valor moral, e não como valor numérico, eleitoral, democrático.

Mas ele acreditava que sustentávamos isso porque fomos vítimas de intrigas.

A CRÍTICA DO LÍDER

Quem é o culpado por este estado das coisas?

A causa desses infortúnios é o líder.

Tal movimento precisava de um grande líder, e não de um grande doutrinário, sobre cuja cabeça a onda de movimento passaria; ele deve dominar o movimento e controlá-lo.

Nem todos podem executar esta função. Você precisa de um profissional, um homem com qualidades inatas, conhecedor das leis de organização, desenvolvimento e luta de um movimento

popular. Não basta ser professor universitário para comandar tal movimento.

Aqui precisamos de barqueiros ou comandantes de navios, que nos conduzam nas ondas, que conheçam as leis e sejam acostumados com o segredo dessa liderança, que conheçam os lugares perigosos com pedras, que finalmente sejam mestres em seus braços.

Não basta que alguém prove que a Transilvânia pertence aos romenos, para assumir o comando das tropas para ir libertar a Transilvânia. Assim como não basta que alguém prove teoricamente a existência do perigo judeu, para poder assumir o comando de um movimento político popular para resolver esse problema.

Temos dois níveis de atividade muito especiais, planos que exigem que as pessoas tenham aptidões e qualidades muito especiais.

Podemos imaginar o primeiro nível a uma altitude de 1.000 m. O mundo da teoria. O campo abstrato das leis. Ali o homem com certas qualidades lida com a pesquisa da verdade e sua formulação teórica. Começa de baixo, das realidades concretas, da terra e sobe até as leis. Lá, neste nível, é seu lugar de criação.

O outro nível está no chão. Lá o homem com certas qualidades lida com a arte de impor a verdade por meio do jogo de forças. Ele se levanta para concordar com as leis, mas seu lugar de criação é aqui embaixo, no campo de batalha, no campo estratégico e tático.

Os primeiros traçam objetivos, criam ideais, os últimos os alcançam, cumprem.

Devido ao princípio natural da divisão do trabalho, existem exceções extremamente raras que poderiam reunir em uma pessoa as qualidades dos dois tipos de ocupações.

O professor Cuza está no primeiro plano. Lá ele brilha como o sol. O trabalho do professor Cuza é este:

a) Pesquisa e formulação da verdade da lei da nacionalidade.
b) A perfeita descoberta e identificação do inimigo da nacionalidade: o judeu.
c) Postular as soluções para o problema judaico. Isto é tudo! Porém é colossal. Porque embora toda a ciência esteja com ele, todos os cientistas estão contra ele. Eles o batem por todos os lados e tentam derrubar suas verdades. Ele resiste.

Este primeiro nível não requer o uso de pessoas, de forças humanas. Pelo contrário, o homem do primeiro nível foge das pessoas.

O segundo nível requer antes de mais nada: pessoas. Mas pessoas simples? Não! Mas pessoas transformadas em forças humanas.

Isso significa:

1. Organização (com todas as suas leis).
2. Educação técnica e heróica para o aumento do poder, ou seja, para a transformação do homem em poder humano.
3. Liderar essas forças, organizadas e educadas, no campo estratégico e tático em combate com outras forças humanas ou com a natureza.

Se o doutrinário deve dominar a ciência da pesquisa e formulação da verdade, o líder de um movimento deve dominar a ciência e a arte da organização, a ciência e a arte da educação, a ciência e a arte da liderança.

O professor Cuza, brilhante e invicto no primeiro nível, descendo no segundo nível, mostrou-se ignorante, desajeitado, ingênuo como uma criança, incapaz de organização, incapaz de educação técnica e heróica, incapaz de liderar forças.

No segundo nível, o vencedor do primeiro nível não poderá conquistar nenhuma vitória. Ele será um perdedor ou, na melhor

das hipóteses, ficará satisfeito com os pequenos sucessos que as pessoas ao seu redor alcançarão.

Quais são as linhas espirituais de um líder de um movimento político? Na minha opinião, são os seguintes:

I. Um poder interno de atração. Não existem pessoas livres (independentes) no mundo. Assim como no sistema solar, cada estrela está em uma órbita na qual se move em torno de um poder de atração maior, então as pessoas, principalmente no campo da ação política, gravitam em torno dos poderes de atração. Assim é o mundo do pensamento. Permanecem bem compreendidos do lado de fora aqueles que não querem se mover nem pensar.
   Um chefe deve ter esse poder de atração. Alguns têm por dez homens, apenas para eles podem ser chefes; outros para uma aldeia inteira, outros para um condado, outros para uma província, outros para um país, outros além das fronteiras de um país. A liderança de um líder é limitada pelos limites de seu poder interior de atração. É uma espécie de força magnética que, se alguém não a possui, não pode ser um condutor.
II. Capacidade de amar. Um líder deve amar todos os seus companheiros de armas. O fluido de seu amor deve fluir até o limite da comunidade de um movimento.
III. Ciência e senso de organização. O mundo atraído para a órbita de um movimento deve ser organizado.
IV. Conhecimento de pessoas. O princípio da divisão do trabalho deve ser levado em consideração na organização, colocando cada um em seu lugar; de acordo com as habilidades que ele possui e recusando quem não tem nenhuma.
V. Poder de educação e instilar heroísmo.
VI. Domínio das leis de liderança. Um líder com uma tropa organizada e educada deve saber como liderá-la no campo de batalha político em competição com as outras forças.

VII. Senso de batalha. Um chefe deve ter um senso especial que o mostra quando lutar. Há algo dentro que diz: agora! neste minuto, nem mais tarde nem antes.
VIII. Coragem. Um chefe, quando ouve este comando interno, deve ter a coragem de desembainhar a espada.
IX. Consciência de objetivos justos e morais e meios leais. Não há vitória que perdure além dessas correções.

Finalmente, um líder deve ter todas as virtudes de um lutador: sacrifício, resistência, devoção, etc.

UM PROCESSO DE CONSCIÊNCIA

O professor Cuza não tinha culpa pelo estado da Liga. Acho que o professor Cuza, quando se opôs à organização, teve uma consciência limpa do plano que ele fez e de sua falta de poder no segundo nível. A culpa é nossa, e principalmente minha, porque todos o obrigamos, contra sua vontade, a trilhar um caminho que ele não se sentia forte. Na verdade, em todos os acontecimentos importantes durante os dois anos de luta, ele estivera ausente. Todas as lutas que abalaram o país e levantaram as massas romenas aconteceram sem a contribuição inicial do professor Cuza. Ele ajudou muito em todas, mas sempre atrás: a iniciativa não era dele.

Eu estava errado; e como não há erro que não se volte contra aqueles que o cometeram, esse erro logo se voltaria contra nós. Mas também se voltaria contra o movimento. E isso começou a partir do momento em que o professor Cuza, sem conseguir se entender, foi trabalhar sozinho sem o nosso apoio.

Este ano também foi um ano difícil para ele.

Após 30 anos de apostolado na Universidade de Iasi, o governo cometeu uma terrível iniqüidade por removê-lo de sua cadeira.

À investigação sumária realizada, acusado de instigar espíritos, o professor Cuza respondeu:

- Sou um instigador da energia nacional.

Uma vida de luta e cursos brilhantes a serviço da nação romena termina com esta recompensa da nação liderada pela política-judaica romena.

A esse golpe foi adicionado o fato de que, estando sozinho na rua, foi provocado e atingido por um judeu com o punho fechado sobre o rosto. Quando esta audácia infame foi ouvida, os estudantes entraram em todas as instalações, atingindo na mesma cara todos os judeus que encontravam. Por ocasião da manifestação, 10 estudantes foram presos, liderados por Moţa, Iulian Sârbu, etc. e condenado a um mês de prisão, que executaram em Galata. O estudante Urziceanu disparou vários tiros de revólver, mas sem sucesso, contra aquele que era suspeito de ser o autor moral da agressão cometida.

NA FRANÇA, NA ESCOLA

Depois, em 13 de setembro de 1925, coloquei a pedra fundamental na lareira e depois que as paredes subiram a 1m, e eu tinha dado ao movimento tudo que podia na minha idade, pensei que seria oportuno voltar ao exterior para completar meus estudos. Principalmente porque minha saúde não estava muito boa depois das adversidades pelas quais passei. Também fui empurrado para essa decisão pelo fato de que, em minhas opiniões sobre a organização e a luta, me senti um pouco isolado. Eu dizia a mim mesmo: é possível que eu esteja errado e é muito melhor não obstruir uma linha que ainda pode ser boa. Especialmente porque, ultimamente, a Liga havia ganhado nova força unindo-se à "Acţiunea Românească[108]", sob a liderança do Professor Cătuneanu, na qual havia um belo número de intelectuais valiosos da Transilvânia, liderados por Valer Pop e o padre Titus Mălai e unindo-se à "Fascia Naţională", um movimento menor mas mais saudável. Os inocentes declínios de liderança podiam ser remediados agora pela presença de tantas elites, entre as quais estavam: nosso advogado Paul Iliescu de Bucareste, com um grupo significativo de intelectuais, o general Macridescu com outro grupo de elite de Focsani e o ilustre professor de Sociologia, Traian Brăileanu da Universidade de Cernăuţi, um velho nacionalista, bem como o ilustre professor pedagógico Ion Găvănescul da Universidade de Iaşi, que até então não havia se alistado no movimento, embora tivesse pregado uma vida inteira no Departamento de Pedagogia, a ideia nacional.

Sem falar que em Bucareste o movimento nacional brilhou e iluminou o erudito professor de Fisiologia, Nicolae Paulescu, um conhecedor insuperável das obras judaico-maçônicas.

A essas figuras, que enobreceram o movimento e deram a ele um prestígio inigualável, foi adicionado o precioso apoio de

---

[108] N.T. "Ação Romena".

“Libertăţii”, o jornal popular mais difundido e mais apreciado na Romênia, escrito pelo Padre Moţa.

Moţa, que havia sido eliminado da Universidade de Cluj e estava apenas no segundo ano, decidiu ir também para terminar os estudos.

Ambos concordamos em ir para a França, para uma cidade menor. Eu escolhi Grenoble. Recebi 60.000 leus com os presentes de casamento e com a venda do folheto "Cartas de Alunos da Prisão"; Moţa recebia ajuda de casa, mensalmente. Depois de visitar a casa dos meus pais, nos despedimos do professor Cuza e de nossos companheiros. Fomos ao eremitério, a Rarău, para adorar e partimos. Primeiro, minha esposa e eu, e duas semanas depois, Moţa.

EM GRENOBLE

Depois de uma longa viagem pela Tchecoslováquia e Alemanha, depois de uma pausa de alguns dias em Berlim e Jena, entrei na França e parei em Strasbourg. O que mais me impressionou foi o fato de ter visto esta cidade, ao contrário de todas as minhas expectativas, se tornar um verdadeiro ninho de infecção judaica.

Ao descer do trem, esperei que aparecesse à minha frente a raça gaulesa que, com sua bravura incomparável, iluminou os séculos da história.

Mas ao invés disso, vi o judeu com seu nariz aquilino e sedento de lucro, puxando-me pela minha manga para entrar fosse em sua loja ou em seu restaurante. A maioria dos restaurantes na rua da estação eram de judeus. Na França de judeus assimilados, todos eram kosher. Fui de restaurante em restaurante para encontrar um cristão. Em cada um, porém, encontrei uma tabuinha escrita em iídiche: “Restaurante kosher”. Com muita dificuldade, finalmente encontrei um francês, onde comi.

Não encontrei nenhuma diferença entre os judeus de Târgul-Cucului e os de Strasbourg; a mesma figura, os mesmos modos, o mesmo jargão, os mesmos olhos satânicos em que se lê e descobre, sob o olhar cortês, o desejo de roubá-lo. Depois de mais uma noite de viagem, cheguei a Grenoble pela manhã. Que milagre se abriu diante dos meus olhos! Que vista! Uma cidade situada na névoa do tempo, no sopé dos Alpes. Uma enorme rocha avançou em direção ao meio da cidade como se quisesse cortá-la em duas. Cinza, dura e ousada, ergueu-se acima das casas, que, embora de muitos andares de altura, em contraste pareciam pequenos formigueiros.

Mais adiante, mas ainda perto da cidade, outra montanha cheia de velhas fortificações e valas, com parapeitos, foi transformada em um imenso forte. No fundo de tudo, acima deles, branca como a honra, brilha a neve, inverno e verão, sobre os imponentes Alpes maciços.

Maravilhado pelo que vi e caminhando como numa cidade encantada de contos de fadas, disse a mim mesmo: esta é a cidade da bravura.

Seguindo em frente, tive a certeza de que não estava errado, porque, parando em frente a uma estátua, li: *"Bayard*[109]*, chevalier sans peur et sans reproche."*

Um grande e valente homem das epopéias do século XV, que após uma vida de batalhas, velho, morreu ferido em batalha, segurando na mão a espada cujo cabo havia se transformado em cruz e da qual o valente velho recebeu, agora na hora da morte, a última bênção.

Alugamos um quarto na velha Grenoble. Havia também a nova e moderna Grenoble. Eu gostei mais da antiga.

Moţa logo chegou. Nos matriculamos na Universidade. Ele em bacharel, eu doutorado em economia. Comecei a ouvir os cursos

[109] N.T. Pierre Terrail LeVieux, senhor de Bayard.

do primeiro e do segundo ano. Mas não entendi absolutamente nada. Essas foram as primeiras lições. Tudo o que pude dizer foram palavras isoladas. Continuando a ouvir com atenção, perto do Natal, comecei a entender bem as palestras. Havia apenas 8 alunos no doutorado. Por isso os cursos possuíam um caráter familiar de estreita ligação entre o estudante e o professor. Os professores, muito bons, eram apenas professores, não deputados.

A refeição foi preparada por minha esposa, para mim, e para Moţa.

Comecei a fazer pequenas viagens pela cidade nos feriados. Fiquei impressionado com as ruínas de antigos castelos e torres. Quem terá vivido aqui no passado! Eles devem ter sido esquecidos por todos. Deixe-me ir visitá-los. Fomos para as ruínas e ficamos ali sentados por uma hora, em silêncio imperturbável, conversando com os mortos.

Nos arredores da cidade visitei uma antiga igreja do século IV, a de São Lourenço, e para minha grande surpresa, encontrei em seu teto azul, mais de 50 suásticas douradas.

Na cidade, na Prefeitura, no Palácio da Justiça e outras instituições foi a estrela maçônica. Símbolo do domínio absoluto desta hidra judaica sobre a França. Por isso me retirei para a velha Grenoble, onde ficavam as igrejas e suas cruzes, enegrecidas pelo tempo e pelo esquecimento. Recusei cinemas, teatros e cafés modernos, encontrando uma festa sob os restos das paredes, onde suspeitei que Bayard morasse. Eu estava imerso no passado e lá, para minha grande satisfação, vivi na França histórica, na França cristã, na França nacionalista. Não na França judaico-maçônica, ateísta e cosmopolita. Na França de Bayard! Não na França de Leon Blum!

A praça, "Marche des puces[110]", como os franceses a chamavam, estava cheia de judeus, daí seu nome.

---

[110] N.T. "Mercado de pulgas".

Na verdade, a própria Universidade foi dominada por eles. Só da Romênia havia 60 estudantes judeus estudando lá, além dos cinco estudantes romenos.

Visitei também o antigo mosteiro, “Grande Chartreuse”, do qual os 1.000 monges foram expulsos pelo Estado ateu. Nos vários ícones, vi os vestígios das pedras com que a multidão, durante a Revolução, havia batido em Deus.

Por um tempo, as preocupações materiais começaram a surgir sobre nós. Meu dinheiro estava chegando ao fim. Não esperávamos mais vir do país, e por mais que Moţa recebesse, não era o suficiente para nós três, apesar de toda a economia severa que estávamos fazendo. Ficamos por muito tempo pensando em como poderíamos ganhar a vida sem colocar em risco nossas aulas regulares.

Percebendo que na França costura à mão era apreciada e bem paga, decidimos aprender com minha esposa a trabalhar a costura nacional romena, que depois tentamos vender.

Em poucas semanas, o ofício foi aprendido. No meu tempo livre, trabalhava em costura, que depois exibia na vitrine de uma loja. Elas estavam vendendo, e com o pouco que ganhamos, adicionamos ao que Moţa recebia e mantivemos uma vida muito modesta.

ELEIÇÕES GERAIS NO PAÍS

Por volta da Páscoa, os jornais do país, que recebia regularmente, e as cartas, traziam-me a notícia da queda dos liberais e da chegada ao governo do general Averescu. A nova eleição geral aconteceria em meados de maio.

A Liga entrou em uma grande batalha pela primeira vez. Eu disse a mim mesmo:

“Tenho que ir para o campo, participar da luta e depois voltar aos estudos.”

Escrevi ao professor Cuza, pedindo-lhe que me enviasse dinheiro para a viagem. Não recebendo resposta, escrevi a Focsani ao Sr. Hristache Solomon; que me mandou dez mil lei, parte dos quais deixei para minha mulher, e com outra fui para o campo.

Cheguei a Bucareste no início de maio e no meio da batalha eleitoral. Apresentei-me ao Professor Cuza, que não gostou muito da minha presença, dizendo-me que não eu precisava ter vindo, porque o movimento podia correr bem sem mim.

Doeu um pouco, mas não fiquei chateado.

Uma organização não cabe no aborrecimento de uma observação do chefe. Ela pode ser justa, ela pode ser injusta, mas a raiva não combina; este é o princípio que deve guiar um homem em uma organização.

Fui ao condado de Dorohoi auxiliar o professor Şumuleanu. De lá fui para outros condados. Em Câmpulung, em Iaşi, em Brăila, etc.

Nesse ínterim, seguindo uma carta do professor Paulescu e a intervenção do general Macridescu, decidi me candidatar a Focsani. Então, lá estava eu na situação mais nojenta e indesejada: vou implorar por votos para mim. Onde? Em meio à multidão, que justamente quando deveria ser governada pelos sentimentos mais sagrados, sendo o país e seu futuro, se perplexa com a bebida oferecida em abundância pelos agentes eleitorais e dominada pelas paixões desencadeadas pelo espírito mal dos políticos. Desce, neste momento, sobre a vida tranquila e limpa das aldeias, as ondas contagiosas da política. No país, todo esse inferno se espalha. Deste inferno sai o governo de um país por um ano, dois, três ou quatro.

Que bagunça infelizmente trás à tona a democracia, a democracia “sagrada”, a liderança de um país.

Eu cheguei em Focsani. Ainda estava em estado de sítio durante o batismo em Ciorăşti. Para fazer propaganda eleitoral, era necessário um bilhete de passagem livre, emitido pelo comandante da guarnição. Eu me apresentei e recebi. Por volta das 10 horas da manhã, acompanhado pelo Sr. Hristache Solomon e outros, saí em dois automóveis. Mas, 500 m. do limite da cidade, encontrei a estrada interrompida por dois automóveis do outro lado da estrada. Ao lado deles, alguns gendarmes. Paramos. Os gendarmes se aproximaram e nos disseram que não tínhamos permissão para passar. Peguei a ordem do general e mostrei a eles. Eles leram e depois nos disseram:

- Você não tem permissão, no entanto.

Ordenei aos acompanhantes que deixassem de lado as carroças. Depois de uma pequena briga, a estrada ficou limpa. Os carros começaram a se mover lentamente. Os gendarmes, afastados a poucos metros da estrada, se ajoelharam e começaram a atirar. Eu disse:

- Vão em frente, porque estão atirando no vento.

Uma bala atingiu o para-choque do carro. Outra próximo a nós. Continuamos nosso caminho. Mas duas balas nos pararam. Uma furou o tanque de gasolina e outra um pneu. Seguir em frente era impossível. Saímos do carro e voltamos.

Fomos ao General que nos deu a passagem. Contei-lhe o que acontecera e o general Macridescu também estava presente.

Ele respondeu:

- Você está livre para ir. Eu não ordenei que parassem você. Talvez tenha sido as autoridades administrativas.

Fui para a prefeitura com o general Macridescu. O prefeito era Niţulescu, um homem mal-humorado e brutal. Muito calmo, entrei em seu escritório. O general Macridescu contou o que aconteceu. Mas o prefeito, desde os primeiros momentos, tratou-

nos de forma pouco civilizada. Ele começou a nos dar um discurso interminável do alto:

- Senhores, os interesses superiores do Estado, exigem...

- Existem leis; estamos dentro das leis. Temos direito - O general Macridescu tentou explicar. Mas o prefeito continuou:

- O país está pedindo nestes tempos difíceis... - O general Macridescu novamente tenta explicar. Prefeito autoritário:

- A vontade do país é...

- Escute, Sr. Prefeito, vejo que você não quer ser gentil - Digo com raiva - Vou sair para fazer propaganda amanhã de manhã, e se os gendarmes atirarem em mim de novo, virei aqui no seu escritório e atirarei em você e em mim.

Sem esperar por uma resposta, virei as costas e fui embora, deixando os outros lá. Depois de algumas horas, fui convidado para o Conselho de Guerra. Fui. Um comissário real[111] me interrogou. Declarei por escrito exatamente o que aconteceu. Fui preso. Eu disse:

- Bem, senhores, vocês não fazem nada a aqueles que atiraram em mim, e me prendem, que apenas disse que atiraria!

Lá estava eu de novo, em uma prisão, no quartel de um regimento.

Após 3 dias, fui chamado ao general. Um oficial me levou ao gabinete:

- Sr. Codreanu, você deve deixar a cidade de Focsani.

- Senhor, sou um candidato aqui. Sua ordem para que eu saia é contra a lei. Certamente, não vou me opor a essa medida porque não posso fazer isso, mas peço que me dê esta ordem por escrito.

- Eu não posso colocar isso por escrito.

[111] N.T. Oficial do exército que, na justiça militar romena, desempenha o papel de juiz ou promotor de investigação no Conselho de Guerra.

- Então, irei para Bucareste para reclamar desse tratamento.

O general me liberou pedindo minha palavra de honra de que partiria no primeiro trem. E parti para Bucareste no primeiro trem.

Com o primeiro trem fui para Bucareste. No dia seguinte, apresentei-me ao Ministro do Interior, Sr. Octavian Goga, que me recebeu bem. Contei a ele o que havia acontecido comigo e pedi justiça.

Ele me disse que mandaria um inspetor administrativo para investigar o caso, mas que viesse no dia seguinte.

Eu fui no dia seguinte. Ele adiou para o terceiro. Os dias se passaram e faltavam poucos para a eleição. Finalmente, no quarto dia, fui embora.

Peguei a autorização do general novamente e dirigimos novamente os carros. Faltavam apenas dois dias para a eleição.

Chegamos na primeira aldeia. Havia algumas pessoas reunidas, como de costume em torno da eleição, mas assustadas com o terror que estava sendo exercido. Os gendarmes chegaram:

- Você tem permissão para falar com as pessoas, mas apenas por um minuto. Foi está nossa ordem!

Conversamos por um minuto e seguimos em frente. O mesmo em todas as aldeias, um minuto de cada vez. Ai da justiça e legalidade deste país! Você me dá o direito de votar, você me chama para votar, se eu não for, você me condena com multa, e se eu for, você me bate. Os políticos romenos, sejam eles liberais, averescani ou camponeses-nacionais, são apenas um bando de tiranos, que sob o abrigo de: “legalidade”, “liberdade”, “direitos humanos”, caminham sem vergonha e sem medo pisoteando um país com todas as suas leis, todas as suas liberdades e todos os seus direitos. Que outras opções, eu me pergunto, nos restará no futuro?

***

No dia da eleição, nossos delegados foram espancados, cobertos de sangue e impedidos de ir às urnas: aldeias inteiras não puderam comparecer. Resultado: caí. Embora eu tivesse vencido na cidade todos os partidos.

- Não importa - pensei - Um sucesso teria arruinado meus planos de continuar meus estudos.

Dois dias depois, fiquei sabendo com muita alegria o resultado em todo o país. A liga teve 120.000 votos e entrou no Parlamento com 10 deputados: Professor Cuza, em Iasi; Professor Găvănescul, em Iaşi; Professor Şumuleanu, em Dorohoi; meu pai, em Rădăuţi; Paul Iliescu, em Câmpulung; Professor Cârlan, em Suceava; Dr. Haralamb Vasiliu, em Botoşani; Valer Pop, em Satu Mare; eng. Mişu Florescu, em Piatra-Neamţ; Iuniu Leca, em Bacău.

Eles tinham, de fato, escolhido um bouquet de pessoas da elite que homenageavam o movimento nacional e para quem o mundo olhava com amor ilimitado e esperança viva. Os 120.000 votos representaram tudo o que havia de melhor e mais puro no povo romeno. Os eleitores passaram por todas as ameaças, todas as tentações, todos os obstáculos para chegar as assembleias de voto. Mas houve muitos que não conseguiram passar. Mais do que aqueles que passaram. Pelo menos outros 120.000 votos foram interrompidos ou roubados das urnas.

Voltei para a França satisfeito com o resultado, mas sempre acompanhado de uma dúvida:

- Como podemos ganhar se todos os governos realizam eleições da mesma forma, usando corrupção, roubo e força do Estado contra a vontade do povo?

NAS MONTANHAS DOS ALPES

Chegando na França, não pude fazer os exames na sessão de junho. Um problema sério agora estava diante de mim. Moţa teve que ir para o campo. Ele deveria cumprir o serviço militar no outono. Como poderia morar lá se com nossos pontos era insuficiente para um homem poder viver, quanto mais duas almas... Procurei encontrar algo para trabalhar na cidade: qualquer coisa. Impossível. Pensei que talvez no campo, em volta da cidade, encontrasse alguma coisa. Fui com Moţa procurar trabalho em várias partes; mas voltamos à noite sem sucesso.

Um dia pegamos o bonde, descemos a cerca de 10 km de Grenoble, em "Uriages les Bains". (Lá os bondes circulam não só na cidade, mas até 20 km em todas as direções, pois há abundância em energia elétrica, captada em cachoeiras nas montanhas.)

Em seguida, seguimos por alguns caminhos até a montanha. Cerca de meia hora depois, chegamos a Saint Martin, uma comuna bastante grande, com uma estrada bem pavimentada no meio, com casas de pedra bem cuidadas, algumas lojas e uma bela igreja alta. Seguimos em frente. Depois de mais uma hora de caminhada, sempre subindo em um calor escaldante, chegamos a um pequeno vilarejo, "Pinet d'Uriage".

Estavámos a uma altura de cerca de 800-900 m. Acima abriu-se uma vista admirável dos Alpes, cobertos de neve. O início da neve parecia estar a alguns quilômetros de nós. À esquerda havia um vale maravilhoso para o Chateau de Vizile e, à direita, outro para Grenoble. A estrada de concreto serpenteava ao longo do vale, brilhando como a água de um riacho banhado pelo sol. As pessoas estavam no campo trabalhando. Ficamos imaginando como ali, em uma costa montanhosa a poucos quilômetros da neve, que nunca derrete, cresce trigo alto até o ombro de um homem, aveia e cevada, assim como todos os tipos de vegetais. Provavelmente por causa do clima mais ameno e do solo não

rochoso. Ele não era de boa qualidade, era muito pobre; mas as pessoas sempre o fertilizavam com lixo ou fertilizantes químicos.

Vimos o mundo nos campos, mas enfrentamos o mesmo problema que nas outras aldeias: como falar com as pessoas e como dizer-lhes que gostaríamos de encontrar trabalho. Passamos por eles e não ousamos falar com eles. Acima, ainda existem cerca de 5-6 casas. Nós fomos lá. Chegamos à última casa. Não havia nada além. Foi o último lar humano para o maciço Beldona, além das cabines de turismo. Um velho costurava nas proximidades. Precisamos falar com ele. Dissemos "olá" para ele e conversamos. Ele nos vê como estranhos e nos pergunta o que somos. Dizemos a ele que somos romenos, que gostamos muito daqui e que gostaríamos de procurar um quarto e ficar alguns meses ao ar livre. O velho era sábio. E provavelmente, pensando que encontrou alguém com quem poderia aprender muitas coisas, ele nos chamou para uma mesa do lado de fora, trouxe uma garrafa de vinho tinto adstringente e três taças para nos homenagear, e então começa a nos questionar, acompanhando com grande curiosidade nossas respostas:

- Então, você diz que são romenos?

- Sim, romenos, romenos da Romênia.

- É longe daqui, a Romênia?

- Cerca de 3.000 quilômetros.

- Existem também camponeses em seu país como aqui?

- Existem muitos, Pere Truk - assim se chamava.

- Lá também cresce feno? Há bois lá? Vacas? Cavalos?
Finalmente, respondemos a todas e rapidamente nos tornamos amigos.

Mas não lhe contamos nada do que nos afligia, porque o velho viu que éramos eruditos "cavalheiros" e teria perdido todas as ilusões ao saber que procurávamos trabalho com ele.

Só lhe perguntamos se conhecia algum quarto para alugar em algum lugar. Ele nos deu um endereço seguro e insistiu que disséssemos que quem havia nos enviado foi “Pere Truk”.

Nos despedindo, agradecemos a ele e prometemos vir ajudá-lo na colheita. Algumas casas mais abaixo no vale, encontramos o endereço que ele deu.

Era a casa de Chenevas Paul, um aposentado. Outro homem de 70 anos, bem vestido, ex-chefe de pelotão e agora aposentado (orgulhava-se de ser o único aposentado de toda a aldeia). Ele possuía duas casas, uma ao lado da outra, nas quais morava sozinho, porque não tinha mais ninguém. Todos os seus parentes estavam mortos. Alugamos a casinha inteira, composta, no andar de baixo, por um quarto e um quartinho, e, no andar de cima, por outro cômodo. (Lá todas as casas têm segundo andar). Na sala de baixo, um fogão. No andar de cima, uma cama com uma cama simples. Parecia um deserto. Era evidente que há muito tempo ninguém entrava ali. Combinamos quatrocentos francos atpe o Natal (em seis meses). Na cidade paguei 150 francos por mês. Pagamos com três meses de antecedência e em poucos dias trouxemos nossa bagagem e nos mudamos para a nova casa. Felizes, voltamos a Grenoble. Achei que tendo a residência para os dois anos de doutorado, eu me prepararia para meus exames aqui e desceria apenas para fazê-los.

EM PINET-D'URIAGE ENTRE CAMPONESES FRANCESES

Poucos dias depois, minha esposa, Moza e eu subimos os mesmos caminhos com nossas bagagens nas costas para nossa nova casa. Finalmente, lá estávamos. Moţa se despediu de nós e partiu para o país. Nós ficamos com o último dinheiro: alguns francos. Difícil situação O que íamos comer?

Na manhã seguinte, pensativo, fui para a Pere Truk. Eu o ajudei a cortar e carregar o feno até o anoitecer. Ao meio-dia ele me

convidou para jantar e eu comi na casa dele. À noite também. Se pudesse levar algo para minha esposa, teria sido perfeito, mas voltei sem nada. Na manhã seguinte, fui lá novamente. Desta vez o velho tinha outro homem trabalhando. De pequena estatura, com os cabelos ruivos, despenteados, os olhos cintilantes correndo em suas órbitas, à luz dos quais não pude captar um raio de bondade. Ele parecia ser um homem mau. Seu nome era Corbela. Provavelmente na língua literária e oficial, Corbelle. Mas todos os camponeses da região falam "patois", isto é, um dialeto camponês que difere muito da língua oficial, tanto na pronúncia quanto na estrutura das palavras. A diferença é tão grande que um francês da cidade não consegue entender um francês da aldeia que fala "patois". No entanto, estes últimos também conhecem a língua oficial.

Ao meio-dia fomos os três convidados para jantar por uma dona de casa, a mulher do velho, uma velha, como as velhas daqui. Lá os camponeses não comem 12 cebolas com polenta como nós. Sua refeição usual consiste primeiro em uma refeição de vegetais, depois em uma refeição de carne e, finalmente, em queijo. E sempre uma taça de vinho. Aproximei-me, agradeci, mas disse que não iria comer. Eles pensaram que eu estava envergonhado e insistiram. Foi quando eu disse que era sexta-feira e eu estava jejuando. Eu não como até a noite. Era um antigo costume, que mantive regularmente durante três anos, durante a primeira prisão em Văcăreşti.

Corbela, quando soube que eu estava jejuando, perguntou-me asperamente:

- Mas por que você está jejuando?

- Porque eu acredito em Deus.

- Como você sabe que Deus existe? Você viu Jesus Cristo? - Corbela continuou.

- Eu não O vi, mas é assim que sou; não acredito em vocês que me dizem que Ele não existe, mas creio nas fileiras dos mártires, que quando foram cravados na cruz e com os cravos batidos nas mãos, disseram: "Você pode nos matar, mas eu O vi.

- Ah! Padres! Charlatões! Eu os esmago sob o calcanhar, pressionando e girando o calcanhar no chão, como se esmagasse um besouro.

Vendo ele tão excitado, eu rompi a discussão. À noite fui para casa, desta vez com uma cesta de batatas e um pedaço de bacon que o velho me deu. Trabalhei da mesma forma no sábado. No domingo, fui à igreja. Havia uma multidão reunida de toda a aldeia. Num banco, perto do altar, solene como um santo, estava um homem que parecia Corbela. Eu olhei melhor. Ele seguiu o padre muito de perto. A certa altura, ele se aproximou do padre e o ajudou humildemente. Era ele, Corbela! Professor, ajudante de padre e o tocador do sino da igreja.

Mais tarde, quando fiz amizade com as pessoas, contei-lhes sobre meu caso com Corbela, e todos se divertiram muito.

- Nós também temos nossos loucos entre nós - me disseram - Eles aprenderam com os grandes que são contra a Igreja. Mas nós, os camponeses franceses, acreditamos em Deus, como nossos pais.

O padre, homem de vasta cultura, doutor em Filosofia e Teologia, vivia em grande miséria, sem licença do Estado ateu, que perseguia os padres como inimigos. Eles vivam apenas da ajuda das poucas pessoas da aldeia.

***

Na semana seguinte trabalhei para outro homem, colhendo batatas. Ali tirei uma quantidade maior de batatas, nossa base de existência por muito tempo. Então passei para outro, amarrando

os feixes de trigo. Depois na debulha. Lá, em todas as aldeias, a comunidade aldeã possui debulhadoras. Ela vai de casa em casa debulhando para cada um. A colheita é rica e bela como ouro.

Não há camponês que não assine uma revista agrícola semanal, cheia de bons conselhos para agricultura, jardinagem, criação de gado e seus cuidados, apicultura, etc. Eles lêem essas revistas com muito cuidado, de capa a capa, buscando, em uma grande corrida, que todos apliquem essas dicas da melhor maneira possível e as aproveitem ao máximo. Seus estábulos são tão organizados quanto as casas. O gado é bem protegido do frio e da fome. Escovados todos os dias. Por isso são lindos, trabalham muito e produzem muito.

Em seus estábulos, muitas vezes encontrava camponeses escrevendo em um pedaço de papelão: “Amamos os animais, nossos amigos de trabalho!”

Depois de cerca de um mês, a aldeia se acostumou comigo. Eu era conhecido como “Le roumain” (O romeno). Eles ouviram dizer que eu era estudante de doutorado e conversava com eles à noite. Eles estavam interessados em problemas de filosofia, questões políticas, a situação internacional e em Economia Política, em particular, a questão dos preços, a lei da oferta e da demanda e outras que determinam o preço; as causas da queda ou alta dos preços e o momento certo para vender seus produtos. Os camponeses, com idades entre 25 e 40 anos, eram muito versados em todos esses assuntos e você podia discutir os problemas com eles, não importava o quão importante. Eles os compreendiam.

***

Por um tempo, comecei a me preparar para os exames. Moţa havia passado nos exames em junho, antes de partir, com grande sucesso.

Eu trabalhava durante o dia e à noite e à noite podia ler. No primeiro ano tive 4 disciplinas: Economia Política, História das Doutrinas Econômicas, Legislação Industrial e Legislação Financeira. Depois de dois meses, porém, minhas forças começaram a enfraquecer. A comida não era suficiente. Nos últimos dias, tinha comido apenas batatas cozidas. A cada dois ou três dias, um kg de leite, e carne uma vez por semana. Às vezes, queijo. Isso é tudo que eu poderia ganhar com meu trabalho. Mas pior do que eu era minha esposa que ficou muito anêmica.

Em outubro fiz o exame.

Eu perdi, embora na disciplina principal, Economia Política, tivesse tirado a nota máxima e nas outras disciplinas passado, na Legislação Financeira obtive apenas nove, sendo o limite para o doutoramento dez. Neste momento, eu fiquei desorientado. Nunca fui um elemento brilhante quando se trata de estudar, mas nunca havia perdido em um exame antes, estando listado entre os bons elementos.

Na difícil situação financeira em que me encontrava, foi um golpe. A dificuldade era que só podia repetir o exame em três meses e de novo em todas as matérias. Fui teimoso e decidi começar tudo de novo. O trabalho no país acabou. Tinha nevado. Só cortando lenha na floresta eu poderia continuar. Em troca da ajuda que estava prestando, também ganhei um carrinho com lenha.

Mas a ajuda começou a vir do país. De casa e do padre Moţa, de um empréstimo que ele fizera em meu nome a um banco.

Passamos o inverno e as férias de Natal entre os camponeses e, principalmente, com a família Belmain-David.

Na sessão de fevereiro, apresentei-me novamente e passei nos exames de doutorado do primeiro ano.

Comecei imediatamente a me preparar para o segundo ano: Direito Administrativo, Filosofia do Direito, História do Direito

Francês e Direito Internacional Público. Na primavera também ganhei um jardim, que comecei por conta própria.

Mas em maio de 1927, recebi uma carta desesperada de Moţa e depois outras de Focsani e dos estudantes, pelas quais fui chamado com urgência ao país, porque a Liga havia se partido em duas. De Moţa e Hristache Solomon também recebi dinheiro para a viagem. Mas antes dos exames, ainda tinha um mês. Apresentei-me ao Reitor da Faculdade e, dizendo-lhe que devia partir para o país com urgência, pedi-lhe que me deixe comparecer com antecedência para fazer os exames. Minha inscrição foi aprovada. Em 16 de maio, eu fiz os exames e passei. No dia 18 de maio parti para o país, despedindo-me do povo de Pinet, com quem vivi quase um ano. Alguns deles, os mais velhos, quando saímos, estavam chorando. Outros me levaram para a estação ferroviária de Grenoble.

Eu fui para a França com a preocupação de encontrar um povo imoral, podre e decaído, como eles vinham sendo relatos ao redor do mundo há muito tempo. Eu cheguei à conclusão de que o povo francês, os camponeses e os habitantes da cidade, eram um povo de moralidade severa. A imoralidade pertence aos estrangeiros corruptos, os ricos de todas as nações, atraídos por Paris e outras grandes cidades.

A classe dominante, na minha opinião, no entanto, está irreparavelmente comprometida, pensando, vivendo e agindo sob a influência, e somente sob a influência, da judeo-maçonaria e seus banqueiros. A Judeo-Maçonaria fez de Paris sua sede para o mundo inteiro. (Londres, com o rito escocês, é apenas uma subsidiária). Esta classe dominante está dilacerada por toda a história da França e da nação francesa. É por isso que, saindo da França, fiz uma grande distinção entre o povo francês e o estado maçônico francês.

Fiquei não só com o amor pelo povo francês, mas também com a fé, que nunca vacilará em mim, na ressurreição e na vitória desta

nação contra a hidra que nela se assentou, obscurecendo seu pensamento, sugando sua força e comprometendo sua honra e futuro.

EM BUCARESTE
A LIGA DE DEFESA NACIONAL-CRISTÃ QUEBRADA EM DOIS

Eu cheguei em Bucareste. Foi um desastre. A “Liga Cristã de Defesa Nacional” se dividiu em duas. As esperanças desta nação estavam se desintegrando. Uma nação que havia esgotado seus poderes fatigados em um momento difícil de sua história, lutando contra o maior perigo que já ameaçara sua vida, agora estava caindo no chão com todas as suas esperanças destruídas. Este naufrágio no coração valente de milhares de lutadores, todos eles vendo, em um instante, seus sacrifícios feitos no passado e todas as suas esperanças despedaçadas, inspirou um sentimento de dor até mesmo para aqueles que haviam se afastado do movimento. Eu nunca tinha visto uma dor coletiva maior antes. Todas aquelas ondas de entusiasmo de Severin a Focsani, de Câmpulung a Cluj, se transformaram em ondas de dor e desespero.

Fui ao Parlamento e me apresentei ao Professor Cuza. Para minha grande surpresa, encontrei um homem feliz em meio a dores generalizadas. Este era o Prof. Cuza. Reproduzo a conversa na íntegra e com a maior conscienciosidade.

- Bem-vindo, querido Corneliu – disse aproximando-se de mim e estendendo minha mão - Tu és um bom rapaz. Continue o trabalho que você fez até agora e tudo ficará bem.

- Professor, estou profundamente entristecido pelo infortúnio que se abateu sobre nós.

- Mas nenhum infortúnio aconteceu. A liga está mais forte do que nunca. Olha, eu vim de Brăila ontem. Foi uma coisa incrível. Fui recebido pelo povo com música, bateria, aplausos sem fim. Você verá o que há no país. Você não sabe o que é isso. O país inteiro está conosco.

Dissemos mais algumas palavras e fui embora. Então, eu me perguntei em perplexidade...

- Deve um chefe, vendo seu bando dilacerado pela dor, dividido em dois e cheio de desespero, estar no mais perfeito bom humor e alegria? Não percebendo o desastre fervendo sob ele? Ou ele percebe; mas então como é possível para ele se sentir bem?

O QUE ACONTECEU?

Os 10 parlamentares da Liga deixaram muito a desejar, a meu ver, em toda a atividade parlamentar e extra-parlamentar do ano passado. Eles eram elementos fracos? Definitivamente não. Eles estavam de má fé? Definitivamente não. Eram de absoluta boa fé, mas com pequenas deficiências, seja de preparação em matéria de conhecimento do problema judaico, os mais recentes; sejam porque eram lentos em movimentos e ações, os mais velhos. Mas isso é inerente a todos os homens reunidos em uma organização e deve ser moldado e complementado pela liderança e corrigido com muito amor. Então, quais foram as verdadeiras causas desta situação?

Na minha opinião:

1. Falta de coordenação da ação parlamentar e extraparlamentar.

2. Falta de unidade de alma, absolutamente necessária para tal organização, cercada por todos os lados por olhos inimigos que tentam se aproveitar de qualquer mal-entendido interno.

Esses dois, no entanto, são baseados em outra causa, a saber:

A falta do líder, seus erros. Um líder deve constantemente expor seus pontos de vista a todos os lutadores ao seu redor, a fim de garantir a unidade de pensamento do respectivo bloco. Desenvolver um plano de batalha. Dar diretrizes sobre a ação. Ser um servidor permanente da unidade do movimento, tentando com seu amor, com seus chamados, com suas observações, com seus castigos, amenizar os mal-entendidos e desencontros inerentes a qualquer organização. Ser uma inspiração constante a todos para

cumprir seu dever. Proceder com justiça, respeitando as normas de liderança que se impôs e com base nas quais reuniu o seu povo.

Contudo, o professor Cuza não fez nada disso. Ele nem mesmo educou seus homens.

- Vamos ter uma reunião, senhor Cuza - disseram-lhe alguns deles - para que possamos saber que atitude tomar e como nos apresentar no Parlamento.

- Não precisamos de nenhuma consulta, porque não somos um partido político.

Ele nunca deu instruções a ninguém. Pode-se encontrar volumes de valor, dezenas de panfletos escritos pelo Prof. Cuza; pode-se encontrar centenas de artigos, mas eu desafio qualquer um que se atrever a me trazer dez circulares ou ordens de organização ou ação dadas à organização política mais problemática, de 4 de março de 1923, data de sua constituição, até 20 de maio de 1927, momento de sua dissolução.

Você não encontrará, nem dez, nem cinco, nem três.

Professor Cuza instava, mas ele não era um animador. O professor Cuza punia, mas quando punia, causava um verdadeiro desastre, pois agia sem sabedoria.

Entretanto, devido à situação apresentada acima, foi entendido que alguns dos parlamentares, vendo e sentindo que as coisas não iam bem, manifestaram a sua insatisfação. Viram que, aos poucos, o movimento ia ruindo, até porque, além da falta de diretrizes, também havia, de vez em quando, algumas explosões do Prof. Cuza na tribuna do Parlamento, o que realmente teve um efeito surpreendentemente desanimador para todo o movimento.

Por exemplo, quando, imediatamente após a abertura do Parlamento, um dos deputados da Liga protestou contra o estado de sítio e as arbitrariedades mencionadas acima, ocorridas em Focsani, o Prof. Cuza levantou-se e disse que o governo fez bem

em estabelecer o estado de sítio e que ele teria feito o mesmo, os espíritos sendo agitados pelos judeus.

Outra vez, ele disse, lutando contra os camponeses (que estavam na oposição): que o Partido Popular poderia se tornar um fator de governo através do sistema de rotação com o Partido Liberal, se o General Averescu adotasse a doutrina da “Liga Cristã de Defesa Nacional”.

Essas coisas lançadas na tribuna, juntamente com milhares de pessoas maltratadas, atormentadas e injustiçadas esperavam ansiosamente, como um fraco consolo para seus sofrimentos, pelo menos uma palavra de repreensão ao governo de que foram vítimas, espalhando uma atmosfera de desânimo por toda parte.

A seguir, reproduzo após o *Monitorul Oficial*[112], um trecho do referido discurso:

“Existem, pois, actualmente dois partidos maduros a serviço do Estado, partidos da ordem, da ordem actual, partidos do governo, que se complementam e que garantem o jogo normal do mecanismo constitucional: o Partido Popular e o Partido Liberal.

Assentam em alicerces sólidos, apoiam-se em interesses produtivos, embora diversos, mas ao mesmo tempo gerais, reais e permanentes, que garantem a sustentabilidade e eficácia da sua ação. O novo trabalho de organização constitucional e política do país é o trabalho em que esses partidos trabalharam juntos, cada um na medida de sua responsabilidade e função: governo e oposição. O Partido do Povo dará continuidade ao trabalho iniciado, ao qual trará todas as melhorias que a prática da sinceridade e da boa fé verá como necessárias para a maior consolidação da Aldeia e a perfeita unificação do país...

[112] N.T. É o diário oficial da Romênia, no qual todos os projetos de lei promulgados, decretos presidenciais, portarias governamentais e outros atos jurídicos importantes são publicados.

O Partido Liberal é o expoente dos interesses da burguesia romena, dos legítimos e indispensáveis interesses financeiros, comerciais e industriais, do bom funcionamento do país.

O Partido Popular, chamado a aperfeiçoar a organização econômica do Estado, assentando-o em verdadeiros fundamentos, preocupando-se com as necessidades de todos no melhor interesse do país, apóia-se sobretudo nos interesses gerais, reais e permanentes da produção agrícola, fator preponderante da nossa vida económica.

O Partido Popular, que tem suas raízes mais profundas em todo o país, na harmonia social... quer dar aos fazendeiros o papel que eles merecem na economia do Estado de acordo com seu trabalho e quantidade."

(Monitorul Oficial, 30 de julho de 1926, p. 395)

Essa atitude por parte de um líder de um movimento nacional é indescritível. Pedir desculpa aos partidos que o movimento nacional denuncia como infortúnio para a Romênia e contra os quais luta com dolorosos sacrifícios, para criar um novo destino para este país, diferente daquele destinado pelos partidos políticos, é o mesmo que condenar à morte seu próprio movimento.

Glorificar o sistema rotativo representado pelo Partido Liberal e Averescan, denunciados por você, ao longo de toda a vida, como inimigos da nação, é remover qualquer perspectiva de vitória do movimento nacional que você lidera, ao mesmo tempo em que prova, por este fato, que você mesmo não acredita nisso.

O que diriam as pessoas de um comandante de tropas heróicas, que lutam, fazem sacrifícios supremos, acreditam em sua vitória, vivem e estão prontos para morrer por ela, se o comandante, em um discurso durante a batalha e diante de milhares de feridos e

caídos, fala com eles, glorificando as tropas inimigas e prevendo sua vitória?

O que aconteceria com a pobre tropa, que em vez de ouvir uma palavra de exaltação de suas esperanças de vitória, ouviria o próprio comandante falar das belas perspectivas de vitória das tropas inimigas?

O que aconteceria? Essa tropa se dispersaria desmoralizada.

Foi o que aconteceu. Muitos lutadores nas linhas de frente do movimento nacional se espalharam em desespero. Por causa dessa atitude estranha, os membros da Liga começaram a expressar sua insatisfação. Eles estavam errados, na minha opinião. Eles tinham o direito de expressar sua insatisfação apenas com o presidente e dentro do limite da liderança. Mas eles foram além do limite. Sob estas condições, cada palavra lançada significa um infortúnio a mais em relação ao causado pelo próprio presidente do movimento.

Aos poucos, os erros de uns e de outros levaram a frieza das relações entre eles. Até que, um dia, o deputado Paulo Iliescu, sem bendito motivo e sem julgamento preliminar, portanto sem observar as normas e leis da organização, foi eliminado da "Liga de Defesa Nacional Cristã". Não só isso, mas sem que o presidente dissesse nada a pelo menos um dos parlamentares, mas simplesmente anunciasse na tribuna que eliminou Paul Iliescu do L.A.N.C. e, ao mesmo tempo, requerendo a sua expulsão do Parlamento e a declaração de vacância do lugar de Câmpulung.

Isso caiu como um relâmpago nas cabeças dos pobres deputados da Liga. Dois dias depois, o Prof. Şumuleanu, que entretanto tinha vindo apressado de Iasi, fez uma comunicação à Câmara, também feita pelos demais deputados: Ion Zelea-Codreanu, Valer Pop, Dr. Haralamb Vasiliu, Prof. Cârlan, informando que a declaração do prof. Cuza, em todo o caso, era prematura, pois o estatuto prevê que as exclusões sejam decididas pela comissão. No presente caso, a comissão não tinha conhecimento deste assunto. Ele não

conhecia a falha deste homem, mas não pediu para ser removido. O comitê exigiu que o homem fosse julgado primeiro, para que pudesse se defender. Eles, portanto, exigiram que o estatuto fosse respeitado; obedecer à lei que todos juraram.

Ao mesmo tempo, foram feitas intervenções a este respeito ao Professor Cuza.

O resultado dessas intervenções:

Todos os signatários foram expulsos da "Liga de Defesa Nacional Cristã", liderados pelo professor universitário Şumuleanu e meu pai, alguns deles tendo méritos de trabalho e sacrifício na formação desta Liga maior do que o próprio Prof. Cuza. O Prof. Sumuleanu era ele próprio o vice-presidente da Liga. E eles foram expulsos sem julgamento; sem ser dito nada, sem serem perguntados.

Na minha opinião, o procedimento do Prof. Cuza, como presidente da organização, que tinha o dever de zelar pela vida da organização e ter a máxima atenção a qualquer medida que pudesse pôr em perigo a sua existência, foi fundamental errôneo. Em verdade, foi injusto e totalmente inadequado para nós, especialmente considerando as pessoas em jogo. Era o próprio comitê de governo da Liga. Eles foram os criadores desta organização. A medida não foi fundamentada, pois o professor Cuza não previu as consequências que dela decorreriam para o movimento. Imediatamente depois desta expulsão, foi feita uma emição na "Apărarea Naţională" que afirmava que essas pessoas, lideradas pelo Prof. Şumuleanu e Ion Zelea-Codreanu, se venderam aos judeus, espalhando esta insinuação entre os romenos.

O prof. Şumuleanu, amigo inseparável de um quarto de século, homem de correção exemplar, foi horrível e inequivocamente atacado na "Apărarea Naţională" sob a direção e orientação do Sr. Cuza. Ele caminhava na rua dominado pela dor, acusado de

traição. Em seguida, o Prof. Şumuleanu publicou, em resposta, uma brochura intitulada “A Miséria de Alguns Amigos”.

Desta vez, o Prof. Cuza, na minha opinião, não foi apenas injusto, foi mais do que injusto.

Os eliminados, por sua vez, erraram, fazendo manifestos com ataques igualmente injustos, mas seu erro foi consequência do erro do professor Cuza.

Tudo isso aconteceu para a dor excruciante de todos os lutadores e para a grande satisfação e zombaria dos judeus.

Eu voltei neste momento. No Parlamento estava sendo julgado se os deputados expulsos da Liga perderiam seus mandatos de parlamentares.

Ainda me pergunto: o professor Cuza, quando tomou essas medidas, foi vítima de alguma sugestão ou intriga, ou julgou por si mesmo que eram boas?

Poucos dias depois, os outros de fora intervieram, espantados com as medidas do professor Cuza e exigiram a conciliação, reconsiderando as eliminações feitas e respeitando as disposições estatutárias; nos deparamos com uma terceira medida pela qual estes também foram considerados eliminados. Entre eles estavam: General Macridescu, Prof. Traian Brăileanu, Hristache Solomon, Prof. Cătuneanu, etc.

O boato espalhou-se sistematicamente pelo mundo, de que todos os eliminados haviam sido vendidos aos judeus. Entre os agentes ativos na divulgação desses boatos: Coronel Neculcea e Liviu Sadoveanu, um à direita e outro à esquerda do professor Cuza.

Os eliminados foram então constituídos na “Liga de Defesa Nacional Cristã - Estatutária”, ou seja, por este nome, que são mantidos dentro do estatuto. Durante este tempo, o professor Cuza convocou em Iaşi, no salão Bejan, uma grande assembleia nacional, da qual participam cerca de mil pessoas e que ratificou as eliminações baseado em que foram vendidos aos judeus.

Paro por aqui e não comento o que estava sendo escrito, seja de um lado ou de outro, considerando, pelo que tenho registrado, como suficiente para entender a situação do movimento naquele momento. Queria apenas acrescentar: aquele tempo (passaram-se nove anos) provou que o Prof. Cuza se enganou; porque nem o prof. Sumuleanu, tão cruelmente espancado em sua honra, foi vendido aos judeus, nem meu pai, que recebeu golpes quase fatais do poder judeu (dos quais o prof. Cuza não foi digno), nem o general Macridescu, nem Prof. Găvănescul, nem Prof. Traian Brăileanu, nem Prof. Cătuneanu, nem Dr. Vasiliu, nem Prof. Cârlan, nem o sacerdote Moţa, etc.

Anos mais tarde, após o desastre se espalhar como um incêndio pela Liga, o Prof. Cuza foi até seu velho amigo, o Prof. Sumuleanu, a quem ele havia golpeado com tanta crueldade, e disse:

- Querido Şumulene, não tenho nada contra você. Vamos fazer as pazes!

O professor Şumuleanu, porém, se virou e saindo disse-lhe:

- É tarde demais.

Não porque o Prof. Şumuleanu não quisesse perdoar um golpe cruel que ele havia recebido, mas porque lá embaixo, haviam as cinzas de um movimento e esperanças romenas.

COMO EU PROCEDI EM FACE DESTA SITUAÇÃO

Eu cheguei da França em meio a esse desastre que se abatera sobre o movimento nacional, com a intenção de salvar o que poderia ser salvo. Convoquei em Iasi, com a maior pressa, o grupo “Văcăreşti” e alguns dos líderes da juventude universitária dos quatro centros.

Minha intenção era localizar a divisão produzida, criando um bloco de jovens. Para tornar impossível que a atmosfera de

inimizade que oprimia as fileiras dos anciãos descesse até os jovens. Naturalmente, eu queria basear este bloco principalmente na consciência de que a desunião e o ódio entre nós significam a morte para o movimento nacional.

Uma vez construído esse bloco, eu queria ir até as linhas ardentes dos idosos e através das intervenções, fazendo a pressão mais determinada para reabilitar a unidade, poderíamos salvar a situação.

Mas meu plano falhou. Os jovens já estavam envoltos pelas chamas ardentes da inimizade, de modo que em Iasi minha proposta, com todas as conexões que existiam entre mim e estes jovens, não encontrou nenhuma ressonância nos corações. E isso tanto mais que a liderança dos estudantes de Iaşi, que poderiam ter dado nestas horas o sinal de uma direção salvadora, havia levantado uma série de elementos fracos, com impulsos comoventes para o mal.

De todos os jovens, apenas o antigo grupo de Văcăreşti permaneceu em torno desta proposta. E ao lado dele alguns jovens estudantes de Iași, cerca de 10 a 12, incluindo os mais velhos: Ion Blănaru, Ion Bordeianu, Victor Silaghi e, entre os mais novos, um grupo de Transilvânios liderado por Ion Banea, Emil Eremeiu, Mişu Crişan. De todos os jovens, esses foram que estavam ao nosso redor.

Eu continuei meu plano. Fui a Bucareste com todo o grupo para me apresentar às duas facções. Primeiro nos apresentamos ao "Estatutário", pedindo-lhes que fizessem todos os sacrifícios para restaurar a unidade do movimento. Após algumas horas, eles concordaram com o reencontro, estando dispostos a fazer sacrifícios, mas exigindo que o estatuto fosse respeitado no futuro.

Depois disso, nos apresentamos ao professor Cuza. Mas ele, seguindo nossas súplicas e argumentos, recusou. A discussão que tive nesta ocasião é bom não repetir.

Nós saímos. O desânimo desceu sobre nossas almas. Tudo o que foi contruído, todo o esplendor daquele movimento de ontem, não veio como um presente de sorte. Tudo havia crescido desde a luta, passo a passo, metro a metro. Nós havíamos acumulado pesadas decisões após decisões, enfrentado perigos após perigos, riscos após riscos, dores físicas e morais, cada uma mais profunda que a outra, saúde após saúde, sangue após sangue, lutamos e nos sacrificamos todos os dias.

Agora tudo estava virando cinzas.

A LEGIÃO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

A LEGIÃO DE MIGUEL ARCANJO

Diante da situação acima, decidi não ir com um lado ou outro. Não renunciar, mas começar a organizar a juventude por minha própria responsabilidade, de acordo com minha alma e minha cabeça e continuar a luta e não capitular.

No meio dessa turbulência e encruzilhada, lembrei-me do ícone que me protegeu na prisão de Văcăreşti.

Decidimos nos reunir e continuar a luta sob a proteção do Sagrado Ícone. Para tanto, ele foi trazido para nossa casa em Iasi, do altar da igreja de São Spiridon[113], onde a deixei três anos atrás.

Com esses pensamentos, o grupo "Văcăreşti" se juntou imediatamente. Poucos dias depois, convoquei em Iasi para uma sexta-feira, 24 de junho de 1927, às dez horas da noite, em meu quarto na rua Florilor 20, os Văcăreşteni e os poucos alunos que permaneceram ligados a nós.

Em uma nota, alguns minutos antes, eu havia escrito a seguinte pauta, numerada nº 1:

"Hoje, sexta-feira, 24 de junho de 1927 (São João Batista), às dez horas da noite, é constituída a 'LEGIÃO DE MIGUEL ARCANJO', sob minha liderança.

Eu nomeio Radu Mironovici como chefe da guarda do ícone."

Este primeiro encontro durou um minuto, isto é, enquanto li o despacho acima, após o qual os presentes se retiraram, restando ponderar se se sentiam determinados e fortes o suficiente para ingressar em tal organização, onde não havia programa, sendo o único programa minha vida de lutador até então e de meus

[113] N.T. Santo Espiridão o Taumaturgo, foi um bispo do Chipre, considerado santo pelas igrejas católicas romana e ortodoxa.

companheiros de prisão. Mesmo para aqueles do grupo “Văcăreşti”, eu deixei tempo para pensar e pesquisar sua consciência, para ver se eles tinham alguma dúvida ou reserva, porque pisando aqui eles teriam que seguir em frente a vida inteira sem hesitação.

Nosso estado de espírito íntimo do qual nasceu a Legião era este: não nos importávamos se venceríamos, se seríamos derrotados ou se morreríamos. Nosso objetivo era diferente: seguir em frente, unidos. Indo juntos, unidos, com Deus à frente e com a justiça da nação romena, qualquer que seja o destino que nos será dado, derrota ou morte, será abençoado e dará frutos para nossa nação. “Há derrotas e há mortes que despertam uma nação para a vida, assim como há vitórias que a fazem adormecer”, disse certa vez o professor Iorga.

***

Na mesma noite, e nas mesmas condições, escrevi uma carta ao professor Cuza e outra ao professor Şumuleanu. No dia seguinte, às 10 da manhã, nós reunimos todos os “Văcăreştenii” e fomos à casa do Professor Cuza, no n.º 3 da Rua Corescu.

Depois de tantos anos de lutas e sofrimentos, íamos agora nos despedir do Professor Cuza e pedir-lhe que nos libertasse dos juramentos que havíamos feito.

O professor Cuza nos recebeu na mesma sala onde me batizou 28 anos antes.

Aqui ele, de pé de um lado da mesa, e nós do outro, lemos para ele a seguinte carta:

“Senhor professor,

agora viemos a você pela última vez para dizer adeus e pedir que nos liberte de todos os nossos juramentos.

Não podemos segui-lo no caminho que está trilhando agora, porque não acreditamos mais nele. Não podemos andar sem fé, porque a fé nos deu todo o ímpeto na batalha.

Pedindo que você nos liberte de nossos juramentos, continuamos lutando sozinhos, pois nossas mentes e corações nos guiarão."

O Professor Cuza então nos falou da seguinte maneira:

- Meus queridos, eu os liberto dos juramentos que fizeram e os aconselho, como passando pela vida, de agora em diante sozinhos, não cometer erros. Porque, especialmente na política, os erros pagam caro. Aqui vocês têm diante de si os erros que Petre Carp cometeu na política e que lhe foram fatais.

Pela minha parte, desejo-lhe tudo de melhor na vida. Depois disso, ele estendeu a mão e saímos.

***

Assim, nós pensamos que era correcto proceder assim e que esse era o caminho da honra que nos obrigava a caminhar nossos nomes de lutadores.

De lá fui ao professor Şumuleanu, na rua Săulescu e li para ele outra carta, mais ou menos nos mesmos termos, anunciando aos “Estatutários”, que também não podíamos segui-los e sabíamos como nos adaptar a partir de agora: nosso caminho.

***

Ao deixá-lo, senti em meu coração a solidão do mundo. Agora estávamos sozinhos como no deserto, e teríamos que abrir nosso próprio caminho na vida.

Reunimo-nos ainda mais em torno do ícone. E quanto mais as dificuldades nos assaltassem, e os golpes mais pesados do mundo caíssem sobre nós, mais tempo ficaremos sob o escudo de São Miguel Arcanjo e à sombra de sua espada. Ele não era mais a fotografia de um ícone para nós, mas o sentimos vivo. Lá no ícone, fiquei de guarda vigiando, dia e noite, com a vela acesa.

MATÉRIA

Quando todos nós nos reunimos em casa, nós cinco e cerca de dez outros estudantes do primeiro e do segundo anos, e quando queríamos escrever algumas cartas anunciando nossa decisão ao Sr. Hristache Solomon e outros, foi só então que percebemos como éramos pobres, porque todos juntos não tínhamos dinheiro nem para envelopes e marcos. Até então, íamos, sempre que necessário, aos mais velhos e pedíamos. De agora em diante, não tínhamos onde pedir. Para começar uma organização política sem dinheiro. Foi um peso e uma coragem. Neste século, em que a matéria é onipotente, em que ninguém começa nada, por menor que seja, sem antes perguntar "quanto dinheiro tenho?", Deus quis mostrar que, na luta e na vitória do legionário, a matéria não desempenhava nenhum papel.

Através de nosso gesto corajoso, nos desligamos de uma mentalidade dominante ao longo dos séculos e no mundo. Matamos um mundo em nós mesmos, para elevar outro ao céu. O domínio absoluto da matéria foi derrubado, para ser substituído pelo domínio do espírito, dos valores morais.

Não negamos e não negaremos a existência, propósito e necessidade da matéria no mundo, mas negamos e sempre negaremos o direito de seu domínio absoluto. Atingimos, em outras palavras, uma mentalidade em que o bezerro de ouro era considerado o centro e o significado da vida. Percebemos que desta forma, das relações destruídas entre o espírito e a matéria,

teríamos esgotado em nós mesmos toda coragem, toda força, toda fé e toda esperança. A única força moral em nossos primórdios, encontramos apenas na fé inabalável, que ao nos colocarmos na harmonia original da vida - a subordinação da matéria ao espírito - pudemos derrotar a adversidade e superar os poderes satânicos, coalizados a fim de nos destruir.

RAZÃO

Outra característica do nosso início, além da falta de dinheiro, foi a falta de um programa.

Não tínhamos nenhum programa. E isso, claro, levantará um grande ponto de interrogação: uma organização política sem nenhum programa nascido da razão, da cabeça de um homem ou de vários?

Mas não unimos aqueles que pensaram o mesmo, mas aqueles que sentiram o mesmo. Não aqueles que tinham o mesmo pensamento, mas aqueles que tinham a mesma construção da alma.

Foi um sinal de que a estátua de outra deusa - Razão - seria destruída. Aquilo que o mundo levantou contra Deus, nós - sem jogar fora e desprezar - o colocaríamos onde deveria, a serviço de Deus e dos propósitos da vida.

Se não tivéssemos dinheiro ou programas, teríamos Deus em nossas almas e Ele instilou em nós o poder invencível da fé.

CONTRA A MALÍCIA

Nossa aparição foi saudada com um furacão de ódio e ironia. Os dois lados da Liga romperam os laços conosco. Os estudantes de

Iaşi nos deixaram a todos, e os ataques dos “cuzistas[114]”, até agora feitos contra os “Estatutários”, foram dirigidos dali em diante a nós e cravados como flechas em nossos corações.

Não seríamos feridos pelos ferimentos das flechas, mas ficaríamos horrorizados com o que descobríamos nos homens.

Em suma, fomos recompensados e homenageados por tudo o que fizemos até então, com as ofensas mais pesadas, e recebemos golpe após golpe na cara. Não sentimos apenas ódio, mas vimos em toda a sua nudez a falta de caráter e a incorreção da alma.

Em breve nos tornaríamos “exploradores da idéia nacional” no interesse de nosso povo. Não pensamos que aqueles que batiam com os punhos no peito há um ano, exigindo uma recompensa por seu suposto sofrimento, tivessem agora essa coragem de lançar a ofensa acima contra nós. Logo se saberá que... “nos vendemos aos judeus” e até artigos insultuosos serão escritos e haverá camponeses que acreditarão e pessoas que nos voltarão as costas. Injustamente. Insultos, que os inimigos nunca ousaram dirigir-nos, por medo, eram agora lançados sobre nós pelos nossos amigos, sem medo e sem vergonha.

Se é verdade que nós, que passamos por onde passamos e cujos corpos sofreram o que sofreram, também seríamos capazes de tal infâmia, de nos vendermos em grupos ao inimigo, então só faltava colocar dinamite nesta nação e explodir. Não valia a pena viver em uma nação que deu à luz e criou tais filhos em seu seio.

Mas se isso não for verdade, aqueles que as inventaram e venderam são canalhas, que enfraquecem a confiança da nação em seu próprio futuro e destino. Para estes, nenhuma punição do país é muito grande.

Que confiança pode ter esta nação na sua vitória e no seu futuro, se no meio da dura luta que trava ouve que nós, as crianças, que

[114] N.T. Membros do partido do professor Cuza.

levantou nos braços, pondo em nós as suas santíssimas esperanças, nós a vendemos.

Deixo esses dias apenas na memória de quem os viveu. A eles, meus camaradas da época, testemunhas daquelas horas, eu disse:

- Não tenham medo desses pigmeus, pois aquele que tem tal alma nunca pode vencer. Vocês os verão um dia cair de joelhos aos seus pés. Não os perdoem. Porque eles não o farão com a consciência do pecado cometido, mas com o mal. E agora, se o inferno descer sobre nós com todos os seus espíritos imundos, impassíveis em posição, nós o derrotaremos.

Naquela época, eu já tinha visto a fera no homem. Agora eu vi a malícia no homem. Guardai-vos a vós próprios e aos filhos de hoje e de amanhã da nação romena e de qualquer nação do mundo, deste frio terrível: a malícia.

Toda inteligência, todo ensino, todo talento, toda educação serão inúteis para nós se formos maliciosos.

Ensine seus filhos a não usar malícia contra seu amigo nem contra seu maior inimigo. Pois eles não vencerão, mas serão mais do que derrotados, eles serão esmagados. Nem contra os maliciosos e suas armas de malícia ele não deve usar a malícia, porque se eles vencerem, será apenas uma troca de pessoas. A malícia permanecerá inalterada. A malícia do perdedor será substituída pela malícia do vencedor. Em essência, a mesma malícia governará o mundo. As trevas da malícia no mundo não podem ser banidas por outras trevas, mas apenas pela luz trazida pela alma dos bravos, cheia de caráter e honra.

***

E, no entanto, através desta barragem de ódio e malícia, eles vieram até nós, desde o primeiro dia, como um porto esperançoso:

Hristache Solomon, aquele homem de grande palavra e grande honra, o engenheiro Clime, o engenheiro Blănaru, o advogado Mile Lefter, Andrei C. Ionescu, Alexandru Ventonic, Dumitru Ifrim, Costăchescu, Ion Butnaru, o hierodiácono[115] Isihie Antohie etc.

Todos os ilustres e antigos lutadores da Liga agora me davam a impressão de naufrágios, cujo navio havia afundado no mar, e eles chegaram cansados e preocupados em nossa pequena ilha, onde encontraram paz e confiança no amanhã.

O general Macridescu nos disse:

- Embora velho, irei com você e o ajudarei, com uma condição: não estenda a mão a essas pessoas, desonradas, porque seria muito desgostoso para mim e eu perderia todas as minhas ilusões.

O Prof. Ion Găvănescul começou a se interessar por nós e pelo que estávamos fazendo.

OS PRIMEIROS PASSOS DA VIDA LEGIONÁRIA

Quatro linhas marcaram nossa pequena vida inicial:

1. Fé em Deus. Todos nós acreditamos em Deus. Não havia ateu entre nós. Quanto mais cercados e solitários estávamos, mais nossas preocupações se dirigiam a Deus e ao contato de nossos mortos e da nação. Isso nos deu uma força invencível e uma serenidade luminosa diante de todos os golpes.
2. Confiança em nossa missão. Ninguém poderia ser apresentado ao menor argumento sobre a possibilidade de vitória. Éramos tão poucos, tão jovens, tão pobres, tão odiados e perseguidos por todos, que todos os argumentos

[115] N.T. Na Igreja Ortodoxa, um hierodiácono, por vezes dito "diácono-monge", literalmente "sacro diácono", é um religioso que tem em si mesmo os títulos eclesiásticos de monge e diácono. Um hierodiácono tanto pode ser um monge que recebeu o diaconato como um diácono que foi admitido como monge.

de fato pleiteavam contra as perspectivas de vitória. No entanto, estávamos avançando, graças apenas à nossa confiança em nossas articulações, uma confiança ilimitada em nossa estrela e nossa nação.

3. O amor entre nós. Alguns de nós já se conheciam, tinham grandes laços de alma, mas outros eram crianças, estudantes do primeiro ou segundo ano, que eu nunca havia conhecido. Desde os primeiros dias se estabeleceu um vínculo de amor entre todos nós, como se fôssemos da mesma família e nos conhecêssemos desde pequenos.

   Foi preciso um equilíbrio interno para ser capaz de resistir. O amor interno tinha que ser da mesma intensidade e força que a pressão do ódio externo. Nossa vida neste ninho não foi uma vida oficial e fria, com um distanciamento entre chefe e soldado, com teatro, com afirmações retóricas e olhares de liderança. Nosso ninho estava quente. O relacionamento entre nós era absolutamente familiar. Ninguém entrou aqui como num quartel frio, mas como em sua casa, como em sua família. Ele não veio aqui apenas para receber ordens. Aqui ele encontrou um raio de amor, uma hora de paz de espírito, uma palavra de encorajamento, um consolo, uma ajuda para a miséria ou necessidade.

   Da parte do legionário não era exigida tanta disciplina, no sentido de quartel, como boas maneiras, devoção e zelo pelo trabalho.

4. Canto. Provavelmente, não partindo do caminho da razão, com a composição de programas, discussões contraditórias, argumentos filosóficos, palestras, a única possibilidade de manifestação de nosso estado interior era o canto. Cantamos aquelas canções em que nossos sentimentos encontravam satisfação.

“Pe o stâncă neagră”, a canção de Ştefan, o Grande, cuja canção se diz ter sido preservada de seu tempo, de geração em geração. Diz-se que ao som desta canção, Ştefan entrou triunfantemente na

sua fortaleza de Suceava, há 500 anos. Quando a cantei, me senti vivendo aqueles tempos de magnificação e glória romena, nos imergimos em quinhentos anos de história e vivemos por alguns momentos lá em contato com os velhos soldados e arqueiros de Ştefan e com ele próprio.

“Ca un glob de aur”, canção de Mihai Viteazu. A música de Avram Iancu; "Să sune iarăşi goarna", a canção da Escola de Infantaria Militar de 1917. “Sculaţi soldaţi”, composta por Justin Ilieşu e Istrati, que proclamamos Hino da Legião, etc.

***

Para ser capaz de cantar, é preciso estar em certo estado de espírito. Em harmonia com sua alma. Quem vai roubar não pode cantar. Nem mesmo aquele que vai cometer uma injustiça. Nem aquele cuja alma é roída por paixões e inimizade para com seu camarada. Nem é aquele cuja alma é destituída de fé.

É por isso que vocês, legionários de hoje ou de amanhã, sempre que precisarem se orientar no espírito legionário, retornem a essas quatro linhas de partida, que estão na base de nossa vida. E a música será seu guia. Se você não consegue cantar, saiba que uma doença rói o fundo de sua alma ou que o tempo derramou pecados em sua alma pura; e se não podes curá-los, deixa-os de lado e deixa o teu lugar para os que são capazes de cantar.

Conduzindo nossas vidas nas linhas acima, desde os primeiros dias começamos a agir. Eu fixei chefes, que recebiam e davam ordens.

Não começamos com grandes ações. Na medida em que nossos problemas foram colocados diante de nós, nós os resolvemos.

A primeira ação foi arrumar o quarto no dormitório, no qual estava o ícone de São Miguel Arcanjo. Nós mesmos o pintamos

de branco, lavamos o chão. As legionárias começaram a costurar cortinas. Então os legionários escreveram várias máximas coletadas por mim. Estas foram tiradas das Sagradas Escrituras ou de outros escritos. Com eles decorei as paredes.

Aqui estão alguns deles:

“Deus que nos carrega em sua carruagem de vitória.”

“Quem quer que ganhe... Eu serei seu Deus.”

“Quem não tem espada, venda a sua capa e compre uma.”

“Lute bravamente pela fé.”

“Cuidado com as concupiscências da carne, que matam a alma.”

“Seja vigilante”.

“Não expulse o herói de dentro de você.”

“Irmãos para o melhor... e para o pior.”

“Quem sabe morrer nunca será um escravo.”

“Estou esperando a ressurreição de minha pátria e a destruição das hordas dos vendidos” etc.

Em tempo de uma semana, nossa sede foi organizada.

A segunda medida era de natureza diferente: nossa atitude em relação aos ataques externos.

Não respondemos. Foi difícil para todos. Nosso ser moral estava sendo dilacerado. Mas este foi o tempo do heroísmo da paciência.

Outra medida: ninguém deveria tentar persuadir alguém a torná-lo legionário. O usual puxar de manga e pescar membros, nunca me agradou. O sistema foi e continua sendo contrário, até hoje, ao espírito legionário. Fixamos nosso ponto de vista e pronto. Quem quisesse vir, viria. E entraria, se fosse aceito.

Mas quem estava vindo? Chegaram homens com a mesma essência de alma que nós. Muitos? Muito pouco. Em Iasi, depois de um ano, eu tinha dois ou três a mais do que no primeiro dia. Do resto do país, porém, foram mais e se inscreveram à medida que souberam de nossa existência.

Todos que vieram até nós tinham duas linhas distintas que você podia ver claramente:

1. Uma grande correção de alma.

2. Falta de interesse pessoal. De nós nada poderia ser ganho. Nenhuma perspectiva promissora se abriu. Aqui, todos, só tinham que dar: alma, riqueza, vida, capacidade de amor e confiança.

Mesmo que tivesse um indivíduo incorreto ou com interesse, ele não poderia ficar conosco. Ele não conseguia encontrar seu ambiente aqui. Saia automaticamente. Em um mês, um ano, dois ou três, retiravam-se, desertavam ou traiam.

NOSSO PROGRAMA

Este ninho de jovens foi o primeiro começo da vida legionária. Foi a primeira pedra angular. Tinha que ser colocada em terreno saudável.

É por isso que eu não disse:

- Vamos conquistar a Romênia! Passe pelas aldeias e grite: “Uma nova organização política foi formada, venham junte-se a todos nós”.

Não fizemos um novo programa político, além dos outros dez existentes na Romênia, todos “perfeitos” aos olhos de seus autores e partidários, e não enviamos os legionários com ele para voar pelas aldeias, chamando as pessoas a se juntarem a ele para salvar o país.

E, desse ponto de vista, diferíamos fundamentalmente diferentes de todas as outras organizações políticas, além do Cuzismo. Todo mundo pensa que o país está morrendo por falta de bons programas. E é por isso que eles fazem um programa perfeitamente coeso e vão com ele para reunir pessoas. É por isso que todo mundo pergunta:

- Qual é o seu programa?

Este país está morrendo por falta de homens, não por falta de programas.

Esta é a nossa opinião. Portanto, não precisamos criar programas, precisamos de homens, novos homens. Porque, como são hoje, os homens criados pela política e infectadas pela influência judaica comprometerão os programas mais brilhantes.

Este tipo de homem, que vive hoje na política romena, conheci na história. Sob seu governo, nações morreram e Estados entraram em colapso.

O maior dano que os judeus nos causaram e a política, o maior perigo nacional ao qual eles nos expuseram, não está em tomar as riquezas do solo e subsolo romeno, nem mesmo na trágica abolição da classe média romena, nem em seu grande número em escolas, profissões livres, etc., nem mesmo na influência que exercem em nossa vida política, embora cada um seja um perigo mortal para a nação. O maior perigo nacional está em nos deformar, em ter desfigurado a nossa estrutura racial daco-romana[116], dando origem a este tipo de homem, criando esta queda, esta convulsão moral: o político que nada tem a ver com a nobreza de nossa raça; que nos desonra e nos mata.

Se este tipo de homem continuar a liderar este país, o povo romeno fechará os olhos para sempre e a Romênia entrará em colapso, com todos os programas brilhantes com os quais a "malandragem" dos degenerados saberá ungir os olhos das

[116] N.T. A mistura Daco-Romana é a origem do povo romeno.

miseráveis multidões. De todos os males que a invasão judaica nos trouxe, este é o mais terrível!

***

Todos os povos com os quais entramos em contato e lutamos, nós os romenos, desde a invasão dos bárbaros até hoje, nos atacaram material, física e politicamente, deixando-nos intacto o ser moral do qual, mais cedo ou mais tarde mais tarde, estourou nossa vitória, o rompimento do jugo estrangeiro. Mesmo que eles tenham se estabelecido em grande número sobre nós, mesmo que tirassem todas as nossas riquezas, mesmo que nos governassem politicamente.

É pela primeira vez na nossa história, e é por isso que nos sentimos desarmados e caímos derrotados, quando os romenos encontram uma nação que não os ataca com a espada, mas com as armas da raça judaica com que primeiro golpeiam e paralisam o instinto moral de nações, espalhando sistematicamente todas as doenças morais e, assim, destruindo qualquer possibilidade de reação.

É por isso que a pedra angular da qual parte a Legião é o homem: não o programa político. A reforma do homem, não a reforma dos programas políticos. A “Legião de Miguel Arcanjo” será, portanto, mais uma escola e um exército do que um partido político.

O povo romeno, nestes seus dias, não precisa de um grande político, como se erroneamente se acredita, mas de um grande educador e condutor[117], que vencerá os poderes do mal e

---

[117] N.T. Conducător (literalmente, em romeno, "condutor", "líder") foi o título usado oficialmente em duas instâncias por políticos romenos, e anteriormente por Carlos II da Romênia. A palavra é derivada do verbo romeno *conduce*, a partir do latim *ducere* ("conduzir"), aparentado com títulos como *dux*, *duque*, *duce* e *doge*. Seu significado também possui paralelos de outros títulos, como *Führer* na Alemanha nacional-socialista e *caudilho* na Espanha franquista.

esmagará a camarilha dos ímpios. Para isso, no entanto, ele primeiro terá que vencer o mal dentro dele e em seu povo.

Desta escola legionária terá que sair um novo homem, um homem com qualidades heróicas. Um gigante no meio de nossa história, que lutará e vencerá todos os inimigos da Pátria, sua luta e sua vitória devem se estender além, contra os inimigos invisíveis sobre os poderes do mal. Tudo o que nossa mente pode imaginar mais belo como alma, tudo que pode tornar nossa raça mais orgulhosa, mais alta, mais reta, mais forte, mais sábia, mais limpa, mais laboriosa e mais corajosa, é isso que deve nos dar a escola legionária! Um homem, no qual se desenvolverá, ao máximo, todas as possibilidades de magnificação humana que estão plantadas por Deus no sangue de nosso povo.

Este herói da escola legionária, saberá fazer programas, saberá resolver o problema judaico, saberá dar uma boa organização ao Estado, saberá como convencer também os outros romenos; e se não, ele saberá vencer, porque para isso ele é um herói.

Este herói, este legionário de bravura, de trabalho, de justiça; com os poderes de Deus plantados em sua alma, ele conduzirá nossa nação nos caminhos de sua glória.

***

Um novo partido político, mesmo cuzista, só pode dar no máximo um novo governo e uma nova governança; uma escola legionária, no entanto, pode dar a seu país um excelente tipo de romeno. Talvez saia daí algo grande, como nunca antes, que parta toda a nossa história em duas, e lance as bases do início de outra história romena, à qual este povo tem direito, pelos seus sofrimentos e paciência milenares, bem como pela pureza e a sua nobreza de alma, pois ele é, talvez, o único povo no mundo que, em toda a

sua história, não cometeu o pecado da escravidão, violação ou injustiça de outros povos.

***

Criaremos um ambiente de alma, um ambiente moral no qual nascer e a partir do qual alimentar e crescer o homem herói.

Este ambiente deve ser isolado do resto do mundo por fortificações espirituais mais altas possíveis. Deve ser protegido de todos os ventos da paixão, que enterram nações e matam indivíduos.

Depois que o legionário se desenvolver em tal ambiente, no *cuib*[118], no campo de trabalho, na própria organização e na família legionária, ele será enviado ao meio do mundo: para viver, para aprender a ser correto; lutar, aprender bravo e forte; trabalhar, aprender a ser trabalhador, amante de todos os que trabalham; para sofrer, para se fortalecer; sacrificar-se, habituar-se a vencer a sua própria pessoa, a servir o seu povo.

Onde quer que ele vá, ele criará um novo ambiente da mesma natureza. Será um exemplo. Ele fará outros legionários. E as pessoas, em busca de dias melhores, o seguirão.

Os recém-chegados terão que viver com respeito as mesmas normas da vida legionária.

Todos juntos, no mesmo exército, serão uma força que lutará e vencerá. Esta será a "Legião de Miguel Arcanjo".

[118] N.T. As distintas seções do Movimento tinham uma estrutura básica chamada "cuib", que se traduz por "ninho". Mais que uma célula, era uma espécie de irmandade. Codreanu a definia como uma "escola onde entra um homem e sairá um herói". Era um grupo de homens com um comandante, devendo funcionar como uma unidade de ação, trabalho, formação ideológica e religiosa, onde eram valorizados o trabalho, o sofrimento e o amor, visando a formação de um novo homem, cujo destino seria a transformação da pátria e do mundo através do combate interno (supratemporal) e externo (temporal).

ASPECTOS DA VIDA PÚBLICA ROMÊNO

A seguir, apresento em algumas linhas o aspecto geral de nossa vida pública no meio e contra o qual estava crescendo a organização “Miguel Arcanjo”.

O governo Averescu caiu cerca de um mês. Em 7 de julho de 1927, os liberais chegaram. Eles fizeram novas eleições. Como sempre, o governo tinha maioria. No entanto, ele teve que derrotar, de qualquer forma, a grande corrente popular nascida em torno do Partido Nacional-Camponês. A massa pobre do povo romeno correu de partido em partido, de promessa em promessa, amarrando a cada um, com sua fé secular, as mais puras esperanças, mas voltando enganado e amargurado, com todas as suas esperanças esmagadas, quando de um, quando de outro. Isso, até que ele entenda uma vez, que ele entrou nas mãos de grupos de caça e presa.

Havia três partidos principais: o Liberal, o Averescan e o Nacional-Camponês. Além deles só outros menores.

Fundamentalmente, não havia diferença entre eles. Apenas formas e interesses pessoais os distinguiam. O mesmo em outras formas. Eles nem mesmo tinham justificativa para opiniões divergentes.

O único motivo verdadeiro de sua alma era: a religião do interesse próprio, acima de todas as dores do país e todos os interesses da nação.

Por isso o espetáculo das lutas políticas foi nojento. A busca por dinheiro, situações pessoais, riqueza e prazer, presas, deu um aspecto de inimizade incomparável a essas lutas. Os partidos pareciam ser verdadeiros grupos organizados que discutiam, se odiavam e lutavam uns pelos outros pelas presas.

Somente a luta pela nação ou por qualquer ideal, que transcende o interesse próprio, o egoísmo e os desejos pessoais, é gentil,

adequada, nobre e sem explosões cegas de paixão. Pode haver paixão nisso, mas não paixão cega e vil.

A hostilidade e a baixeza dessas lutas poderiam ser prova suficiente de que não estavam no mundo de um ideal elevado e santo, nem no de princípios, mas nas mais tristes profundidades dos mais vergonhosos interesses pessoais.

O mundo dos políticos vive no luxo e em festas escandalosas, na mais repugnante imoralidade, nas costas de um país cada vez mais desmoralizado. Quem mais cuidaria de suas necessidades?

Esses políticos, com suas famílias e seus agentes, precisam de dinheiro. Dinheiro para festejar, dinheiro para sustentar sua clientela política, dinheiro para votos, dinheiro para a compra de consciências humanas. Um por um, seus bandos invadem e saqueiam a terra. Isso é o que significa, em última análise, sua governança, seu trabalho de governo. Drenam os orçamentos do estado, das prefeituras, dos municípios.

Eles ficam presos como carrapatos nos conselhos de administração de todas as empresas, de onde vão coletar royalties de dezenas de milhões, sem nenhum esforço, do suor e do sangue do trabalhador exausto.

Eles são incluídos nos conselhos dos banqueiros judeus, de onde recebem honorários, de mais milhões e dezenas de milhões, como preço de venda de sua nação.

Eles dão origem a negócios escandalosos que aterrorizarão o mundo. A corrupção se espalha na vida pública do país como uma praga, desde o mais humilde servo até os ministros. Eles são vendidos para qualquer pessoa. Quem tiver dinheiro poderá comprar esses monstros e através deles todo o país.

Portanto, quando o país espremido não puder mais dar-lhes dinheiro, eles cederão às consortes dos banqueiros estrangeiros, uma a uma, as riquezas da terra e com elas nossa independência nacional.

Uma verdadeira pletora de empresários se espalha como um incêndio por toda a Romênia, que não trabalham mais, que não produzem mais nada, mas sugam as forças do país.

Isso é politicagem.

Abaixo, vai se espalhar: miséria, desmoralização e desespero. Dezenas de milhares de crianças morrerão atormentadas por doenças e miséria, enfraquecendo assim a resiliência da nação em sua própria luta contra o povo judeu organizado e apoiado por politicagens estrangeiras e todo o aparato estatal.

Os poucos políticos honestos, algumas dezenas, talvez até líderes partidários, nada podem fazer. Eles são pobres fantoches nas mãos da imprensa judaica, banqueiros judeus ou estrangeiros e seus próprios colegas políticos.

Esta zombaria, esta desmoralização, esta infecção, é sustentada, passo a passo, por toda a falange judaica, interessada em nossa destruição, para tomar nosso lugar neste país e roubar nossas riquezas. Por meio de sua imprensa, que usurpou o papel da imprensa romena, por meio de centenas de imundície, por meio de uma literatura ateísta e imoral, por meio de cinemas e teatros provocadores de devassidão, por meio dos bancos, os judeus se tornaram donos de nosso país.

Quem poderia se opor? Hoje, quando eles são promotores do desastre e seu aparecimento é o sinal de nossa morte nacional, quem aparecerá diante deles?

***

O movimento nacional agora estava caído no chão.

Nesta eleição, a Liga caiu em 70.000 votos, reunindo apenas 50.000, abaixo de 2% no país. Dos 10 parlamentares, tantos quanto ele tinha ontem, hoje não tinha nenhum.

Chegará o dia em que o legionário será capaz de enfrentar esse monstro e lutar com ele pela vida ou pela morte. Ele, sozinho.

APREENSÕES EM FACE DESTE MUNDO

Nosso pequeno número, em comparação com a enorme força desses poderes onipotentes, muitas vezes nos faz fazer perguntas como estas:

E se nós formos proscritos? Se essas hidras perceberem o que estamos preparando, elas vão levantar todos os obstáculos em nosso caminho e tentar nos esmagar.

Seus olhos estão em nós. Eles podem nos provocar. Partimos mais uma vez quieta e silenciosamente para Ungheni e fomos provocados e então levados para a beira do abismo com todos os nossos planos.

O que faremos se eles nos provocarem? Sacaremos as armas de novo e atiraremos para que nossos ossos apodreçam nas prisões e nossos planos desmoronem? Diante dessas perspectivas que se abriram para nós, veio à mente a idéia de recuar para as montanhas. Onde o romeno aceitou a luta contra todas as hordas inimigas. A montanha há muito está conectada a nós, às nossas vidas. Ela nos conhece. Em vez de secar nossos corpos e secar nosso sangue em nossas veias, em prisões feias e tristes, é melhor acabar com nossas vidas morrendo todos nas montanhas, por nossa fé.

Rejeitamos, assim, a humilhação de nos ver novamente acorrentados.

Atacaremos de lá, descendo, em todos os vespeiros judaicos. Lá em cima, vamos defender a vida das árvores e das montanhas desoladas. Lá embaixo, espalharemos morte e misericórdia.

Eles serão enviados para nos pegar e nos matar. Nós vamos fugir; vamos nos esconder; lutaremos; e no final, é claro, seremos

mortos. Pois seremos poucos, perseguidos por batalhões e regimentos romenos. Então receberemos a morte. O sangue de todos nós fluirá.

Este momento será o nosso maior discurso dirigido ao povo romeno e o último.

***

Chamei Moţa, Gârneaţă, Corneliu Georgescu e Radu Mironovici e compartilhei esses pensamentos. Precisávamos pensar em dias bons e dias ruins. Tínhamos que ter soluções e estar preparados para tudo. Nada deveria nos surpreender. Seguiríamos as leis do país, não provocando, evitando qualquer desafio, não respondendo a nenhum desafio. Mas quando não pudermos mais sofrer, ou quando obstáculos intransponíveis ficarem em nosso caminho, nosso caminho terá que ser para as montanhas. Não é bom tentar levantes em massa, porque hoje eles seriam arrasados com um canhão e só espalharíamos miséria e luto. Pelo contrário, devemos trabalhar sozinhos, em pequenos números e apenas por nossa própria responsabilidade.

Todos concordaram.

- É impossível - disseram eles - que o nosso sangue, de vinte jovens, não redima os pecados desta nação. Não é possível que este nosso sacrifício não seja compreendido pelos romenos, não abale as suas almas e consciências e não seja um ponto de partida, um ponto de ressurreição do mundo romeno.

Nossa morte, desta forma, poderia trazer esta nação mais bem do que todos os esforços frustrados de nossas vidas inteiras. Mas mesmo os políticos que vão nos matar não ficarão impunes.

Existem outros em nossas fileiras que se vingarão de nós. Incapazes de vencer na vida, venceremos morrendo.

Vivemos, portanto, com o pensamento e a decisão da morte. Tínhamos a solução certa para a vitória em qualquer circunstância. Ela nos deu paz, ela nos deu força. Isso nos faria sorrir diante de qualquer inimigo e de qualquer tentativa de destruição.

OS ESTÁGIOS DO DESENVOLVIMENTO DA LEGIÃO

A TERRA ANCESTRAL

Em 24 de junho, nós nascemos. Alguns dias depois, montamos acampamento. Agora sentíamos necessidade de um jornal. Para ampliar nossa esfera de influência, para formular nossas normas de vida nele, e para dirigir nossas ações.

Que nome devemos dar? "A Nova Geração". Eu não gostei disso. Era uma definição. Isso nos definia em relação a outra geração. Mas não era o suficiente.

"Terra Ancestral"[119]. Deixe ser.

Ele nos liga a terra do país. Na terra onde nossos ancestrais dormem. A terra a ser defendida. Este título nos mergulha profundamente em mundos indefinidos. Ele será mais do que uma definição, será uma vocação permanente. O chamado para a batalha. O chamado para a bravura. A revolta das qualidades guerreiras de nossa raça.

Além do que foi mostrado algumas páginas atrás, este título traça outra linha na estrutura da alma do legionário: bravura. Sem ela, o homem está incompleto. Porque se ele fosse apenas reto, justo, amoroso, fiel, trabalhador e não tivesse qualidades valentes para lutar contra os inimigos injustos, infiéis, ímpios e injustos, ele seria devorado por eles.

Aqui estamos agora com os limites de nosso movimento fixos. Com uma ponta presa na terra do país e a outra no céu: o Arcanjo Miguel e a Terra Ancestral.

Mas um jornal custa dinheiro e não o tínhamos. O que nós iriamos fazer? Escrevemos ao padre Moţa, para imprimir para nós a crédito na velha gráfica "Libertăţii" em Orăştie. A resposta veio afirmativa. O padre iria imprimir nosso jornal e nós pagaríamos com as assinaturas e as vendas.

[119] N.T. "Pământul Strămoşesc".

Em 1 de agosto de 1927, foi publicado o No.1 da “Terra Ancestral”. Em formato de revista, com formato bimestral, tendo na capa, ao centro, o ícone de São Miguel Arcanjo. No lado esquerdo do ícone foram escritas as seguintes palavras no ícone de São Miguel Arcanjo na Igreja da Coroação de Alba-Iulia:

“Aos corações impuros que entram na mais pura casa de Deus, sem misericórdia estendo a minha espada.”

E à direita, uma estrofe da poesia de Coşbuc: “Decebal către Popor”[120]:

“Dos deuses somos descendentes,

Ainda devemos uma morte

É o mesmo se você morresse

Jovem ou velho teimoso

Mas não é a mesma coisa que morrer como leão

Ou um cão acorrentado!”

Abaixo, o mapa da terra romena que mostra, em pontos negros, a extensão da invasão judaica.

CONTEÚDO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

O primeiro artigo, intitulado “A Terra Ancestral”, tratou da situação do movimento nacional após o conflito da Liga e buscou justificar nossa linha. Ele termina com a exortação: “Enfrente o inimigo!”. Foi assinado por: Corneliu Z. Codreanu, Ion Moţa, Ilie Gârneaţă, Corneliu Georgescu e Radu Mironovici.

[120] N.T. “Decebal ao seu Povo”. Decebal foi o último rei da Dácia (atual Romênia).

O segundo artigo foi assinado por mim. Chama-se: “É sua hora, vamos.” É uma continuação do pensamento do primeiro artigo.

O terceiro foi assinado por Ion Sava, um jovem lutador talentoso, que passou por muitas lutas no movimento estudantil, se juntou ao nosso grupo sem se tornar um legionário. Título: “Resultado eleitoral”.

Então, vieram algumas palavras de pesar para o rei Ferdinand, que havia morrido naquela época. Acima da fotografia exibida estava o título: “Nosso Rei”.

Segue o artigo de Moţa:

NO ÍCONE

“Partimos do Ícone e do Altar, depois vagamos um pouco carregados pelas ondas humanas e não chegamos a nenhuma margem, apesar de toda a pureza de nossos impulsos. Agora com a alma pesada, dispersa, despedaçada, nos reunimos no abrigo, para o nosso único calor e alívio, força e conforto, restaurando forças, aos pés de Jesus, no limiar do brilho ofuscante do céu, no Ícone. Nós não fazemos e não fizemos política, um dia em nossas vidas. Nós temos uma religião, somos escravos de uma fé. Em seu fogo nos consumimos e somos completamente dominados por ela, a servimos até o fim de nossas forças. Para nós não há derrota e desarmamento, pois a força, cujas ferramentas queremos ser, é eternamente invencível.

Ainda não podemos discutir em detalhes as causas do colapso do sistema até agora. Digamos apenas que, nestes momentos de nova concepção, para ser claro e determinado, para imprimir os caracteres do novo sistema que dá origem a:

“Luz da luz”

O artigo segue falando sobre a nova organização e termina com a manifestação de fé na vitória.

***

De um artigo de Corneliu Georgescu, do nº 2:

ACENDE A TOCHA DA FÉ

“Diz-se nas histórias antigas que os deuses uma vez golpearam com dureza a antiga Hélade por seus pecados. Das terras devastadas da Ásia, exércitos pesados, acompanhados pelos fortes, avançaram como uma tempestade, sobre as planícies do país, desolando seus campos, derrubando suas cidades, destruindo seus altares e despedaçando seus exércitos, que eram em número muito pequenos para pode se opor com sucesso. Não encontrando resistência, os vitoriosos Medos entraram no coração da Grécia, em Delfos, onde ficava o templo mais famoso de Apollo. Os sacerdotes do templo tremiam de medo de que logo os inimigos profanassem o altar sagrado. Só o sumo sacerdote não tinha medo e cheio de confiança no poder divino dizia aos companheiros: 'Não tenham medo, o deus não precisa de exércitos, ele nos defenderá sozinho!'

E o sumo sacerdote rezou, e todos os sacerdotes com ele, e suas rezas operaram milagres. À medida que os confiantes exércitos dos persas se aproximavam, a poucos passos do templo, o Monte Parnassos estremeceu e rolou pedras, com grande trovão ensurdecedor, em direção aos inimigos, esmagando-os. O relâmpago que caiu repentinamente veio para cumprir a ruína, e do grande exército de outrora, apenas alguns arautos do milagre celestial permaneceram.

Lutadores! Acendam em suas almas a tocha da fé de que a vitória e o triunfo serão nossos.”

***

Em seguida, uma carta de Radu Mironovici para um irmão da aldeia, a quem viu desanimado e disse:

“De ficar amargo, de ficar triste, temos o direito, mas há um direito que não temos: o de perder a coragem e de largar a arma.”

Ele então explica a divisão da Liga e o estabelecimento da Legião, da seguinte maneira:

“A nossa casa, que todos construímos com muito trabalho e que nos dá abrigo, queimou...

Hoje, algumas paredes pretas e esfumaçadas permanecem, como uma memória dolorosa da velha casa.

O que você quer que façamos agora? Devemos nos rebelar contra Deus? Isso não é possível, pois o Senhor nos deu, o Senhor nos tomou, seja bendito o nome do Senhor.

Devemos sentar-nos de braços cruzados para morrer na miséria, no frio, na chuva e no vento? Não! Mas com fé em Deus, vamos trabalhar e aos poucos, vamos construir uma nova casa, que será duas vezes mais bonita. Aqui está a ‘Legião’ para a qual lançamos a primeira pedra angular.”

O artigo de Gârneaţă é o seguinte:

DISCORDÂNCIA ENTRE IRMÃOS - A ALEGRIA DO INIMIGO

“Com o coração cheio de dor ponho a mão na caneta, para partilhar com os outros o tormento dos pensamentos ansiosos que nos têm agarrado face à recente turbulência...

A desavença entre os irmãos, o desentendimento entre as lideranças, está hoje em um estado bastante acentuado para que se possa escondê-los. Suas consequências provavelmente

desencorajarão muitos, e desencorajar aqueles que colocaram tanta esperança nesta organização, é claro, é um retrocesso, um passo em direção à derrota.

Isso é tão óbvio, porque em nenhum lugar da história se viu que as divisões levassem a outra coisa senão miséria, desastre.

O caminho que escolhemos há 7 anos, saberemos seguir de forma determinada. Nossos ossos, acostumados dos duros dias de prisão e miséria, se sentirão muito bem nas trincheiras da luta, em posição, contra o inimigo.

Que os judeus que hoje se regozijam, crendo que chegou a hora de seu governo, saibam que neste país há um canto, onde, a cada hora do dia e da noite, um guarda vigia com a face para o inimigo."

O número termina com algumas informações e um artigo do engenheiro Gheorghe Clime, ex-vice-presidente da L.A.N.C. da Moldávia: "SONHOS, ESPERANÇAS, REALIDADE", da qual extraio a parte final:

"O que precisamos para atingir esse objetivo?

Um exército lutador, liderado por um comandante habilidoso, cercado por ajudantes dedicados. Neste assunto, no que me diz respeito, embora muito mais velho, eu sigo o grupo de ação do jovem Corneliu Z. Codreanu, Ion I. Moţa...

Claro, precisamos da contribuição de muitos, de todos aqueles que hoje estão espalhados em campos desmoralizados.

A este respeito, se houver alguém, em qualquer canto da Romênia, que tenha começado a se inscrever em qualquer lista de inscrição, autorizada ou não, deixe-me inscrever no que eu posso dar: 'vida'."

"TERRA ANCESTRAL" No.2

Foi publicado em 15 de agosto. No primeiro artigo, intitulado “A Legião de Miguel Arcanjo”, procuro formular, em poucas palavras, as primeiras normas éticas da vida legionária, que devemos respeitar estritamente, afirmar e em torno das quais reunir todos aqueles que estimo. Quem vem e cresce entre nós terá que crescer em sua observância.

Extraio deste artigo-estatuto as idéias na ordem em que as escrevi então.

Primeira ideia: Pureza de alma.

Segunda: Desinteresse na luta.

Terceira: O entusiasmo.

Quarta (em uma frase): Fé, trabalho, ordem, hierarquia, disciplina.

Na próxima frase, a quinta ideia: A Legião estimulará a energia e a força moral da nação sem as quais nunca poderá haver vitória.

Sexta: Justiça, (A Legião será a escola de justiça e a energia entronizada).

Sétima: Ações, não palavras. - Faça! Não fale!

Oitava: No final desta escola estará uma nova Romênia e a tão esperada ressurreição desta nação romena, o objetivo de todos os esforços, dores e sacrifícios que fazemos.

Eu quero me deter em alguns deles.

DESINTERESSE NA LUTA

Derrota do interesse pessoal. Esta é outra virtude fundamental do legionário. Ela se opõe totalmente à linha do político, cujo único motor de ação e luta é apenas: o interesse próprio, com todos os seus derivados degenerados (desejos de enriquecimento, luxo, libertinagem ou orgulho).

Portanto, queridos camaradas, de agora até a sua vida de legionário, saibam que onde quer que vejam surgir, seja na alma de qualquer lutador ou na sua própria alma, o sorriso desse interesse pessoal, aí a Legião deixou de existir. É aí que termina o legionário e o político começa a mostrar as presas.

Olhe nos olhos daquele que está chegando, e se nos olhos dele você sentir que um pequeno interesse pessoal (seja material, ou ambição, ou paixão, orgulho) está brilhando, saiba que ele não pode se tornar um legionário.

Nem a camisa verde nem a saudação bastam para que alguém se transforme em legionário. Nem mesmo a compreensão “racional” do movimento legionário. Mas apenas a conformidade da vida com as normas da vida legionária. Porque a Legião não é apenas um sistema lógico, uma cadeia de argumentos, mas um “vivo”. Assim como alguém não é cristão se “conhece” e “entende” o Evangelho, mas somente se ele se conforma com as normas de vida afirmadas por ele, ele “vive”.

DISCIPLINA E AMOR

Toda a história social da humanidade está repleta de lutas, baseadas nos dois grandes princípios que buscam dar espaço um ao outro, em detrimento do outro: o princípio da autoridade e o princípio da liberdade.

A autoridade procurou se expandir em detrimento da liberdade. E este, por sua vez, procurou limitar o poder da autoridade tanto quanto possível. Esses dois, cara a cara, só podem significar conflito.

Dirigir um movimento de acordo com um ou outro desses dois princípios significa continuar a linha histórica de distúrbios e guerra social. Significa continuar, por um lado, a linha da tirania,

empilhamento e injustiça e, por outro, a linha da rebelião de sangue e do conflito permanente.

Por isso quero chamar a atenção de todos os legionários e principalmente dos mais novos, para que eles, por mal-entendido, não se desviem da linha do movimento. Tenho observado em muitos casos que, assim que um legionário adquire um posto, ele se prega com todo o seu ser na ‘autoridade”, rompendo com tudo que o prendia aos seus camaradas até então, e se sentindo compelido a “impor-se” fazendo uso do autoritarismo.

O movimento legionário não se baseia exclusivamente no princípio da autoridade ou da liberdade. Tem seus alicerces enraizados no princípio do amor. Tanto a autoridade quanto a liberdade têm suas raízes nele.

O amor não pode trazer tirania, opressão, injustiça, rebelião sangrenta, guerra social. Isso nunca pode significar conflito. Existe também uma concepção hipócrita do princípio do amor praticado por tiranos e judeus que, constante e sistematicamente apelam ao sentimento de amor dos outros, para que em seu abrigo possam odiar e oprimir sem obstáculos.

Amor aplicado significa paz nas almas, na sociedade e no mundo.

A paz não aparece mais como expressão pobre de um equilíbrio mecânico e frio entre os dois princípios: autoridade e liberdade, condenada à guerra eterna, isto é, à impossibilidade de equilíbrio.

A paz não nos dará justiça, mas apenas bondade e amor, porque a justiça é muito difícil de se realizar em plenitude e mesmo que encontremos um instrumento para sua perfeita realização, o homem imperfeito, que é incapaz de percebê-la e aprecia-la, ficará eternamente insatisfeito.

O amor é a chave para a paz que o Salvador concedeu a todas as nações do mundo. Até o fim, eles estarão convencidos, depois de terem se perdido, pesquisado e provado tudo, que além do amor que Deus plantou nas almas dos homens, como síntese de todas as

qualidades humanas e enviando-nos através do próprio Salvador Jesus Cristo, que o colocou acima de todas as virtudes, não há nada que nos possa dar paz e sossego.

Todas as outras estão enraizadas no amor: fé, trabalho, ordem e disciplina.

Quão maravilhoso e sábio fala o apóstolo Paulo:

"Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine.

Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, não sou nada.

Ainda que distribuísse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada valeria!

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não tem inveja. O amor não é orgulhoso. Não é arrogante.

Nem escandaloso. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais acabará.

As profecias acabarão, as línguas cessarão, o conhecimento acabará." (1 Coríntios 13: 1-8)

É aqui que nosso movimento começa. Não sei como exortá-los a cultivar mais o amor tanto aos que mandam quanto aos que estão sob o comando. Isso lhe dará oportunidades insuspeitadas e infinitas para resolver todos os problemas difíceis que surgirão. Onde não há amor, não há vida legionária. Dê uma olhada nesta vida legionária por um momento e entenda o que nos une a todos,

os grandes e os pequenos, os pobres e os ricos, os velhos e os jovens.

Mas o amor não anula a obrigação de ser disciplinado, assim como não anula a obrigação de trabalhar ou de ser ordenado.

A disciplina é uma restrição nossa, seja para conformar-se às normas éticas de vida, seja para conformar-se à vontade de um líder.

No primeiro caso, praticamos para subir às alturas da vida, no segundo caso, para obter sucesso na batalha: contra a natureza ou contra os inimigos.

Pode haver cem homens que se amam como irmãos. Mas, diante de uma ação, é possível que todos tenham uma opinião. Cem opiniões nunca prevalecerão. O amor sozinho não será capaz de torná-los vitoriosos. A disciplina é necessária. Para vencer, todos devem adotar uma mesma opinião, a do mais experiente, o líder.

A disciplina é a chave da vitória, pois garante a unidade de esforços.

Existem dificuldades que só uma nação inteira unida, ouvindo um único comando, pode superar. Quem é o imbecil que, em tal caso, se recusa a se agrupar com todo o seu povo em um só lugar, obedecendo ao mesmo comando, sob o pretexto de que a disciplina mancharia sua personalidade?

Em tais casos, quando sua nação está ameaçada e quando a natureza das coisas o incita a aleijar seu corpo, perder sua vida, romper com sua família, colocar em risco o futuro de seus filhos, desistir de tudo que você tem nesta terra, para salvá-la, é pelo menos ridículo falar sobre "personalidade sendo ferida".

A disciplina não o rebaixa porque o torna vitorioso. E se as vitórias só podem ser conquistadas com sacrifício, a disciplina é o menor dos sacrifícios que um homem pode fazer pela vitória de seu povo.

Se a disciplina é uma renúncia, um sacrifício, ela não humilha ninguém. Porque todo sacrifício enaltece, não rebaixa.

Com esta nossa nação tendo no seu caminho enormes dificuldades do passado, cada romeno deve receber a educação da disciplina com um coração querido e com a consciência de que assim contribui para a vitória de amanhã.

Não há vitória sem unidade. E não há unidade sem disciplina. Por isso nossa nação deverá condenar e considerar como ação inimiga todo desvio da escola disciplinar, como algo que põe em perigo suas vitórias e sua vida.

A LUTA PARA MANTER A REVISTA

A luta para garantir a revista foi a segunda etapa no desenvolvimento do movimento legionário. Com nosso dinheiro, nossos esforços assumiram a aparência de uma verdadeira batalha. “Batalha”, é como lhe chamamos desde o primeiro momento.

Usamos dois sistemas:

1. Concentrar todos os esforços, ao mesmo tempo, no mesmo objetivo.

2. Estimular os lutadores durante a batalha, convocando-os e concedendo distinções.

Você encontrará esse sistema ao longo da vida legionária. Ele tem as seguintes vantagens:

a) Alcance rápido do objetivo.

b) Educar a ação unitária e o esforço disciplinado de todos os lutadores.

c) Despertar a consciência dos próprios poderes. Confiança em si, confiança em seus próprios poderes. A memória das derrotas

econômicas, especialmente das tentativas fracassadas, jogou o povo romeno em resignação, falta de coragem, desconfiança. Teremos que despertar sua confiança em si substituindo as memórias dolorosas por uma tradição de vitória em suas provações.

E finalmente, estimulando os lutadores, poderemos obter uma seleção daqueles com fogo no coração, que anseiam por trabalho, uma elite de lutadores.

Apelamos a todos os nossos amigos através da revista, para que de 1º de setembro a 15 de outubro, partissem para a ofensiva, a fim de fazerem juntos o maior número de assinaturas possível.

Após o chamado, um verdadeiro trabalho de formigas começou. Era frequentado por jovens, idosos, camponeses e intelectuais. Alguns acabaram fazendo até 45 assinaturas (Constantin Ilinoiu).

Na edição de 1º de novembro de 1927, foi dado o resultado dessa primeira batalha. Eis o que eu escrevi:

"No dia 15 de outubro, às 18h, o número de assinantes atingiu 2.586. A Legião agradece a todos aqueles que trabalharam duro, conquistando sua primeira vitória."

Todos aqueles que participaram dessa luta foram mencionados. Em primeiro lugar, agradecemos ao Padre Moţa que nos fez uma bela propaganda através do "Libertatea".

Aqui, também, dou os nomes de todos como foram publicados na "Terra Ancestral". Alguns deles não se tornaram legionários e outros não estão mais entre nós, pois morreram na fé legionária.

Dou-lhes o nome aqui porque eles foram crentes desde o início. Eles são listados na ordem em que foram distinguidos:

Maica Pamfilia Ciolac (Văratec), Octav Neguţ (Focşani), Arhimandrit Atanasie Popescu (Bălţi), Ieromonah Ishie Antohi (Neamţ), Mihail Tanasache, Victor Silaghi, Ion Bordeianu, Radu Mironovici, Căpitan V. Ţuchel (Iveşti), Constantin Ilinoiu (Iaşi),

N. Grosu (Botoşani), Ion Minodora (Huşi), Grigore Balaci (Moviliţa-Putna), Andrei C. Ionescu (Bârlad), Spiru Peceli (Galaţi), Inginer Mihai Itu (Bucureşti), Inginer Gh. Clime (Iaşi), Ion T. Banea (Sibiu), Ilie Gârneaţă (Iaşi), Totu Nicolae (Iaşi), Coman Alexandru (Găuri-Putna), Decebal Codreanu (Huşi), Mihail Marinescu (Galaţi), Traian Lelescu (Piatra Neamţ), Sebastian Erhan (Câmpulung-Bucovina), N. Tecău (America), Elena Petcu (Vaslui), Dr. Socrate Divitari (Tecuci), Ion Pleşea (Orhei), P.I. Morariu (Suraia Putna), Nanu Gavril Răileanu (Orhei), Cotiga Traian (Focşani), Maria Mitea (Severin), I. Ciobăniţă (Belceşti), Cărăuşu (Voineşti), Tinistei Neaga (Orhei), Zosim Bardaş (Târnava Mare), Ion Blănaru (Focşani), Iuliu Stănescu (Mârşani - Dolj), Corneliu Georgescu (Poiana Sibiului), Fănică Anastasescu (Bucureşti), D. Ifrim (Iaşi), I. Durac (P. Neamţ), Păcuraru Gh. (Bucureşti), Prof. Isac Mocanu (Turda), Marius Popp (Cluj), N. Voinea (Panciu), N.B. Munceleanu (Roman), Grigorie Berciu (Vama), Corneliu Cristescu Başa (Comăneşti), Angela Pleşoianu (Severin), Emil Eremeiu (Năsăud).

***

Dos que participaram da primeira batalha legionária, agora após 8 anos, encontramos o seguinte:

Quatro nos deixaram, incapazes de nos entender; eles até nos atacaram. Oito, depois de um ou dois anos, não mostraram nenhum sinal de vida.

Vinte e dois receberam os postos mais altos, tornando-se comandantes legionários, comandantes auxiliares ou senadores.

Sete se tornaram legionários e homens de fé inabalável, enfrentando todas as perseguições.

Dezoito de nós continuamos amigos, ajudando-nos até hoje.

***

Como resultado desta batalha, a “Terra Ancestral” foi assegurada por um ano.

OUTROS NOMES ENCONTRADOS NAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DA REVISTA

Vasile State, comerciant şi C. Vasiliu, pensionar (Adjud), Gh. Oprea (Sân-Nicolaul Mare), Ion Şchiopu (Prundul Bârgăului), advogado Budescu P. (Banat), Adolf Greiter, Mişu Ştefãnescu, Iosif Dumitru (cel dintâi abonat al "Pământului Strămoşesc"), Ilie Berlinschi (Igeşti-Bucovina), Dr. Elena Bratu, Mille Lefter (Galaţi), Ion Demian (Turda), Dr. Popescu (Vasliu), Teodorescu Crăciun, Augustin Igna, Ivanovici, Adam Brânzei, Şofron Robotă (Dorna), Băcuţă Boghiceanu (huşi), irmãos Bălan (Soveja, C. Gheorghiu Contar, Căpitan Şiancu, Gh. Postolache, Gheorghe Despa (Dorna), Luchian Cozan (Dorna), Dr. Crişan, engenheiro Camil Grossu, Chirulescu Victor, Iordache Nicoară, Ion şi Alexandru Butnaru, Adriana e Teodora Ieşeanu, Vasile Stan, professor Răzmeriţă, Crăciunescu (Focşani), Ion Belgea, Guriţă Ştefãniu, Ghiţă Antonescu, Pantelimon Statache, Octav Pavelescu (Focşani), Gheorghe Potolea (Bereşti), I. Gh. Teodosiu, Margareta Marcu, Gheorghe Marcu,(Galaţi), Dan Tarnovschi, Simion Tonea, engenheiro Stoicoiu, Colonel Paul Cambureanu, Amos Horaţiu Pop (Ludoş), Ştefan Nicolau, Ileana Constantinescu, Elvira Ionescu, Marioara Cidimdeleon, Gh.Amancei, Coca Tiron, Iulius Igna, Aristotel Gheorghiu (Rm.-Sărat), D. Bunduc, Valer Dănieleanu, Constantin Ursescu, Vasile Ţâmpău, C. Mierlă, Octav Dănieleanu, Ştefan Mânzat, Colonel Blezu, Eufrosina Ciudin, Cuvioşia SA Maica Zenaida Rachiş, Gh. Ligă, Ana Drăgoi (Galaţi), professor Matei Coriolan.

***

Citamos esses nomes, mencionados com mais freqüência, não para satisfazer a curiosidade dos leitores, mas porque as pessoas que nos fizeram bem, e principalmente aquelas na primeira hora, nunca devem ser esquecidas.

Destes, alguns desapareceram, e outros se tornaram lutadores, enfrentando todas as perseguições até os dias de hoje.

Posso não ter a oportunidade de falar sobre alguns deles no decorrer do livro, e é por isso que me apressei em cita-los agora.

COMO NOSSA AÇÃO FOI RECEBIDA

Desde a primeira hora nós tivemos o benefício do ódio político judaico-maçônico. Mas também houve quem nos recebesse em sua casa como um raio de esperança.

Aqui estão algumas cartas de leitores, publicadas nas primeiras edições da “Terra Ancestral”:

“Não vou tentar mostrar minha alegria sem fim no aparecimento da revista. Mas saúdo-a com as palavras dos mais velhos: Deus os ajude! Também não revelarei os últimos fatos nestas linhas, mas digo: Avante, sempre avante, vocês, os novos homens. Viva a tropa de Miguel Arcanjo. Que a tropa dos ímpios caia na escuridão de Belzebu.

O Arcanjo Miguel terá que atacar sem hesitação e sem misericórdia. Aqui está o princípio da ação anunciada pela revista Terra Ancestral.

Nem Satanás nem seus servos podem correr para a voz do Arcanjo. Mas também não devem imaginar que podem enganar pela aparência. Punição mais dura para traidores do que para inimigos.

Sem indulgências, pois a ninguém falta maturidade para julgar na hora decisiva.

Fecho minhas linhas com o desejo de ver a vitória uma hora antes. A grande vitória.

Coronel Blezu"

***

"O sol brilhante da suástica não demorou a nos tirar do caos. De sua luz benéfica ele nos deu para salvação a Legião de Miguel Arcanjo. De agora em diante, a alma romena é aquecida novamente pela crença de que este movimento sagrado não perecerá.

A ideia nacional nos chamará ao dever.

Aqueles que não entendem cairão. Estou contigo

M. I. Lefter, Advogado

Presidente da L.A.N.C. Galati"

***

"Vocês são a esperança do nosso amanhã. Colocamos o nosso futuro e o dos nossos filhos aos seus pés.

Todos ansiamos por uma organização forte e todos desejosos de lutar.

E quando digo isso, não é apenas o que sinto, mas o que vejo em alguns outros.

C. N. Păduraru

contador da vila, Ruptura - Roman"

***

"Eu vejo e sinto como os corações romenos estão começando a renascer novamente. Venceremos agora, não só espero, tenho a certeza disso.

Ion Banea, estudante, Vurpăr - Sibiu"

***

"É meu dever como estudante cristão levar a vocês meus cumprimentos e os dos meus amigos de Câmpia Jiului, pela determinação e energia que demonstraram na luta iniciada.

Iuliu Gh. Stănescu, estudante"

***

"Nós romenos da comuna Vulcani, que trabalhamos na Societatea Petroşani, ainda carregamos na Grande Romênia o jugo dos funcionários da Societăţii, porque todos são estrangeiros.

Meu nome é Augustin Igna, sofro de tuberculose, doença pulmonar, e eu trabalhava como mineiro, mas agora com a

doença não posso mais trabalhar no subsolo, porque sofro com o ar pesado dentro de mim.

Fiz um pedido, assinado pelo médico, solicitando algo mais leve para mim, fora, não na mina, porque lá dentro eu morreria dentro de algumas semanas. Não atenderam. Estou apelando a vocês, porque eu não tenho mais ninguém.

Igna Augustin"

***

"Parem de enviar a revista para meu endereço: Axente Poenar, mineiro, Cârteju de Sus (mas não a cancelamos).

Porque eu não tenho tanto dinheiro para assinar por pelo menos três meses, e lamento mandá-la de volta.

Agora deixe-me explicar um pouco porque não tenho dinheiro. É outono aqui. Todo mundo gosta porque vêm os produtos e a colheita de todo o ano, mas nós, pobres mineiros, não nos alegramos, porque o inverno está chegando e nos faltam roupas e sapatos; também falta as crianças pobres que precisam ser levadas à escola. O pouco que podemos poupar com o pão amargo temos que gastar com elas.

Agente Poenar, mineiro"

***

"QUERIDOS E AMADOS FILHOS DE NOSSO POVO,

embora eu esteja indo para o pôr do sol da vida, um novo raio de esperança e avivamento de nosso querido país ainda surge em minha alma, vendo seu movimento santo e puro de vocês com a

Legião do Grande Voivode Celestial Miguel Arcanjo. Estou muito triste por não viver para ver a nossa nação florescer e provar os frutos fecundos, regados a suores frios e sangue, talvez, daqueles mártires destinados por Deus, que são e serão para o cumprimento do grande plano que é moldado com tanta amargura. já é tarde: a peste alarga-se, a sepultura está a ser cavada, os coveiros estão prontos para nos cobrir para sempre; e nós romenos, grandes e pequenos, hesitamos, negociamos e nos separamos por ambições, vanglórias vazias e fortunas passageiras.

Fico em silêncio, porque sou estúpido. Você fica quieto, porque é astuto. Ele cala porque está atrelado a um partido político. Eles estão em silêncio ao leme e, portanto, todos nós estamos em silêncio; a escuridão da perdição nos envolve a cada momento, e a tocha de nossa nação se extingue.

Sou um pobre lavrador, mas manejo a pena como se fosse uma enxada ou foice, darei minha ajuda com o dinheiro, com a pena, com a palavra e com a escritura, pedindo que me dê um lugar em nossa revista Terra Ancestral.

Escreverei sob o título: Somos romenos à beira da extinção ou não? E por quê?

E quem são os culpados? Qual é a causa das acusações?

O que está sendo feito e o que precisa ser feito?

O que todos os romenos devem saber e fazer?

V. I. Onofrei, lavrador

Com. Tungujei, (Vaslui)"

ALÉM DAS FORMAS

Na verdade, toda a revista "Terra dos Ancestrais" está repleta dessas cartas: a contribuição dos romenos para a criação da

Legião, que é mais do que uma organização com membros, registros e líderes. É um estado de espírito. Uma unidade de sentimento e experiência para a qual todos contribuímos. Membros, chefes, número, uniformes, programa, etc., constituem a Legião visível. Mas a outra, a mais importante, é a Legião que não pode ser vista. A Legião que se vê, desprovida da Legião que não se vê, ou seja, desse estado de espírito, de vida, nada significa. Apenas uma forma vazia sem conteúdo.

Não nos contentamos, com a revista, como professores em suas cadeiras, levantando uma barreira entre nós, os "chefes", os "professores", que escreviam no jornal ensinamentos e normas, e a multidão que nada tem a fazer senão aprender nossos ensinamentos e cumpri-los. Por um lado, nós, por outro lado, eles. Não.

Criar a Legião não significa uniformes, botões, etc. Isso não significa desenvolver seu sistema de organização. Nem mesmo significa formular sua legislação, suas normas regentes, listando logicamente os textos em papel. Assim como criar um homem não significa fazer suas roupas, nem fixar seus princípios de conduta, nem estabelecer seu programa de ação.

Um movimento não significa estatuto, nem programa, nem doutrina. Podem ser as legislações do movimento, podem definir sua finalidade, o sistema de organização, os meios de ação etc., mas não o movimento em si.

Essas são verdades que os homens, mesmo aqueles de ciência, confundem.

Criar apenas "estatuto", "programa", etc., e crer que você fez um "movimento", é como se você quisesse fazer um homem, você faria apenas suas roupas.

Criar um movimento significa, antes de tudo, criar, fazer nascer um estado de espírito que não se baseia na razão, mas na alma da multidão.

Essa é a essência do movimento legionário.

Não fui eu que criei esse estado de espírito. Ele nasceu do encontro da nossa contribuição de sentimento com os outros romenos. A revista “Terra Ancestral” foi o ponto de encontro, a geminação de sentimentos e, mais tarde, dos nossos pensamentos, com os sentimentos e pensamentos daqueles romenos que sentiam o mesmo que nós e julgavam o mesmo.

Então, a Legião em sua essência, naquele estado de espírito invisível, mas sentido por nós, eu não criei.

Ela é o resultado da colaboração.

Ela nasceu da fusão dos seguintes elementos:

1. Nossa contribuição de sentimento.
2. A contribuição de sentimento de outros romenos.
3. A presença, na consciência, de todos os mortos da nação.
4. O desejo do solo da pátria e
5. Bênção de Deus.

***

Eu não gostaria que fosse mal interpretado por alguém, dizendo a si mesmo:

- Não sou um legionário de uniforme, sou um legionário de espírito.

Isso não é possível.

Sobre este fundamento de alma é criada doutrina, programa, estatuto, uniforme, ação, tudo ao mesmo tempo, não como elementos acessórios, mas como elementos que fixam o conteúdo espiritual do movimento, dando-lhe uma forma unitária, mantendo-o na consciência das pessoas e trazendo-o para a realização e vitória.

O movimento legionário significa tudo de uma vez.

***

Uniformes apareceram em todos os movimentos contemporâneos: Fascismo (camisa preta), Nacional-Socialismo (camisa marrom), etc, eles não nasceram da imaginação dos líderes. Eles nasceram da necessidade de expressar esse estado de espírito. A expressão da unidade de sentimento. Eles são a face visível de uma realidade invisível.

OS MOVIMENTOS NACIONAIS E A DITADURA

Sempre que se fala em movimento nacional, ele é sistematicamente acusado de liderar um regime ditatorial.

Não quero criticar a ditadura neste capítulo, mas quero mostrar que os movimentos na Europa: “Fascismo”, “Nacional-Socialismo” e o “Movimento Legionário”, etc, não são ditaduras, assim como não são democracias.

Aqueles que lutam contra nós, gritando: “Caiu a ditadura fascista!”, “Lute contra a ditadura! Cuidado com a ditadura!”, não nos atinge. Atiram próximo a eles ou, no máximo, podem atingir a famosa “ditadura do proletariado”.

A ditadura pressupõe: a vontade de um homem, imposta pela vontade de outras pessoas em um Estado. Portanto, duas vontades: do ditador ou de um grupo, de um lado, e do povo, do outro.

Quando esta vontade é imposta pela violência e crueldade, então a ditadura é tirania. Mas quando uma nação em indescritível entusiasmo, e na maioria de 98%, uma nação de 60 milhões ou 40 milhões de almas, aprova, aplaude em delírio as medidas do líder,

significa que há um perfeito acordo entre a vontade do líder e a vontade do povo. Além disso, eles se sobrepõem tão perfeitamente que não há mais do que duas. Só existe uma: da nação, cuja expressão é o líder.

Existe apenas uma relação entre a vontade da nação e a vontade do líder: o relato da expressão.

Argumentar que a unanimidade obtida sob os regimes dos movimentos nacionais se deve ao “terror” e aos “sistemas inquisitoriais” é totalmente ridículo. Porque os povos entre os quais tais movimentos surgiram são de alta consciência cidadã. Eles lutaram, eles sangraram, eles deixaram milhares de mortos pela liberdade. Mas eles nunca se curvaram: nem na frente dos inimigos do lado de fora, nem na frente do tirano de dentro.

Por que eles não lutariam e sangrariam também hoje em face do terror de hoje? E então com força, com violência, com terror, você consegue votos e até maiorias; você vai chorar, você vai suspirar, mas não foi mencionado, nem será mencionado que você pode trazer entusiasmo e delírio. Nem mesmo para a nação mais idiota do mundo.

O movimento nacional, não tendo, portanto, carácter de regimes ditatoriais, perguntamo-nos: o que é então?

É uma democracia? Também não é uma democracia. Porque o líder não é escolhido pela multidão. A democracia é baseada no sistema de elegibilidade. Nenhum líder é eleito aqui por voto. O líder concorda. Se não é ditadura nem democracia, o que é?

É uma nova forma de liderança estatal. Invisível até agora. Não sei que nome terá, mas é uma nova forma.

Acho que se baseia nesse estado de espírito, nesse estado de alta consciência nacional, que, mais cedo ou mais tarde, se estende à periferia do organismo nacional.

É um estado de luz interior. O que antes era o depósito instintivo da nação, nesses momentos se reflete nas consciências, criando

um estado de iluminação unânime, encontrado apenas nas grandes experiências religiosas. Esse estado poderia ser corretamente chamado de estado de ecumenismo nacional.

Um povo como um todo atinge a consciência de si, a consciência de seu propósito e de seu destino no mundo. Na história, vi apenas lampejos disso nas pessoas por um segundo. Deste ponto de vista, hoje nos deparamos com fenômenos nacionais permanentes.

Nesse caso, o líder não é mais um "mestre", um "ditador" que faz "o que ele quer", o que leva ao "bom prazer".

Ele é a expressão desse espírito invisível. O símbolo deste estado de consciência. Ele não faz mais "o que quer". Ele faz "a coisa certa". E não é movido por interesses individuais ou coletivos, mas pelos interesses da nação eterna, cuja consciência os alcançou os povos. Dentro desses interesses e somente dentro deles, os interesses pessoais e coletivos encontram a máxima satisfação normal.

OS PRIMEIROS COMEÇOS DA ORGANIZAÇÃO

Uma nova etapa no desenvolvimento do movimento legionário foi a organização.

Qualquer movimento, se não quisermos permanecer um caos, deve ser moldado em moldes de organização. Todo o sistema de organização legionária se baseia na ideia de "ninho". Ou seja, um grupo de 3 a 13 pessoas sob o comando de um líder. Não temos "membros", indivíduos separados. Existe apenas um ninho. O indivíduo é enquadrado no ninho. A organização legionária não é composta por vários membros, mas por vários ninhos. O sistema não mudou muito em sua essência desde o início até hoje. Porém, também teve acréscimos necessários, pois uma organização deve levar em consideração as realidades. É como uma criança em

constante crescimento. E suas roupas devem ser constantemente ajustadas conforme ela se desenvolve.

Erram quem, imaginando como deveria ser a organização em sua última fase de desenvolvimento, confeccionam desde o início uma vestimenta que não poderá usar bem até certo estágio de desenvolvimento. Como erram aqueles que fazem uma vestimenta pequena a princípio e desconsideram o desenvolvimento do movimento, obrigando-o a se atormentar em formas que não mais correspondem.

Não vou me alongar muito sobre o ninho aqui, pois tratei extensivamente do assunto no "Livro do Chefe do Ninho[121]".

Mas o que me levou a escolher este sistema? Em primeiro lugar, a necessidade.

Há uma grande diferença entre o momento da constituição da Liga, quando utilizamos um sistema, e o da constituição da Legião, quando utilizamos outro sistema.

Na época da fundação da Liga existia uma corrente popular. Ela tinha que ser capturada com urgência. Na época da fundação da Legião não havia corrente popular para nós. Mas apenas pessoas dispersas e isoladas, espalhadas por vilas e cidades.

Eu não poderia começar a estabelecer comitês municipais. Porque eu não tinha gente. Eu não poderia nem mesmo pegar um homem para torná-lo chefe de um condado. Se ele tiver apenas o poder de ser o chefe de uma aldeia, não poderá organizar um condado.

O líder de um movimento deve levar em consideração a seriedade da realidade. Minha única realidade era o "homem singular". Um pobre camponês chorando em uma aldeia, um trabalhador doente e um intelectual desenraizado.

---

[121] N.T. "Cărticica Şefului de Cuib".

E então, para cada um deles, dei-lhe a oportunidade de reunir ao seu redor um grupo, de acordo com seus poderes, cujo chefe ele se tornava. Este era o ninho com seu chefe.

Eu não o chamei de cabeça do ninho. Seus poderes o chamavam, o elevavam: ele não se tornava líder se eu “quisesse”, mas se pudesse reunir, convencer e liderar um grupo. Com o tempo, ao contrário de outras organizações (nas muitas vezes se tornam chefes com base em presentes), passei a ter uma série de pequenos comandantes, não “feitos”, mas “nascidos”, despertando neles qualidades de líder. É por isso que um líder legionário de ninho é uma realidade na qual se pode confiar. A rede desses líderes de ninho forma o esqueleto de todo o movimento legionário. O pilar da organização legionária é a cabeça do ninho. Quando esses ninhos se multiplicam, eles são agrupados sob comando: por comunas, redes, condados, províncias.

Como tratei meus outros chefes? Não indiquei: o chefe da aldeia, da planície, do condado. Eu disse-lhes:

- Conquiste, organize. E quanto mais você organizar, mais sua liderança se estenderá.

Eu os consagrei em situações onde suas forças, qualidades e habilidades os elevaram.

Comecei com a cabeça do ninho e aos poucos cheguei à cabeça da aldeia, distrito, cidade, município e só em 1934, ou seja, após sete anos à cabeça da região.

O sistema de ninho também tem as seguintes vantagens:

a. Faz funcionar; coloca todo o corpo em movimento. Nas outras organizações, onde há comitês e membros, por comunas ou condados, apenas alguns dos comitês trabalham. O resto: mil, dois mil, dez mil ficam.
   No sistema de ninhos, a primeira grande iniciativa que têm as cabeças dos ninhos, dentro das normas prescritas e pela obrigação de cada ninho de inscrever no seu passado uma

página mais gloriosa e como não há ninguém senão o ninho, todos, absolutamente todos, trabalham.

b. Resolver todos os problemas. Há um número infinito de coisas que um homem é muito pouco para fazer e uma organização inteira é muito grande para lidar. Exemplo: construir um pequeno poço em uma aldeia, consertar uma ponte, etc. Um homem não pode estar sozinho; uma organização não pode lidar com eles; mas o ninho de seis, oito ou dez pessoas é a unidade mais adequada para poder executá-los.
c. É facilmente transformável. De uma unidade de combate para uma unidade de trabalho ou de uma unidade de trabalho para uma unidade de combate.
d. Cria um grande número de quadros. Pessoas que se especializam na arte da liderança.
e. Localiza o efeito de um mau funcionamento ou traição.
f. Por fim, é o melhor lugar onde a educação pode ser feita. Porque no ninho há pessoas da mesma idade, do mesmo sexo, do mesmo poder de compreensão, da mesma constituição de alma. Aqui estão todos os amigos. O homem que não conseguia revelar seus problemas, sua alma na frente de uma criança (seja por vergonha ou para não torná-la parte das agruras e preocupações da vida muito cedo) aqui no ninho, entre amigos, pode. Assim como ele pode receber uma observação ou até mesmo uma punição.

O ninho é uma pequena família de legionários com base no amor.

No “Cartilha do Chefe de Ninho”, estabeleci seis leis para esta família, segundo as quais ela deve ser guiada (p. 4, ponto 3). Não é, portanto, conduzida de acordo com a vontade, a boa vontade do líder; isso seria uma ditadura. Mas de acordo com as leis.

1. A LEI DA DISCIPLINA: Seja disciplinado, legionário, porque só assim você vai vencer. Siga seu líder para melhor ou para pior.

2. LEI DO TRABALHO: Trabalhe, trabalhe todos os dias. Trabalhe duro. Que a recompensa do seu trabalho seja, não o seu ganho, mas a sua gratidão por colocar um tijolo na ascensão da Legião e no florescimento da Romênia.
3. A LEI DO SILÊNCIO: Fale um pouco. Fale apenas o necessário. Fale quando precisar. Sua oratória é a oratória da ação. Faça você. Deixe os outros falarem.
4. A LEI DA EDUCAÇÃO: Você deve se tornar diferente. Um herói. No ninho, torne-se completamente educado. Conheça bem a Legião.
5. A LEI DA AJUDA MÚTUA: Ajude seu irmão que está em apuros. Não o deixe.
6. LEI DE HONRA: Siga apenas os caminhos indicados pela honra. Lute e nunca seja um covarde. Deixe o caminho da infâmia para os outros. Em vez de ser derrotado pela infâmia, é melhor cair lutando no caminho da honra.

***

Mas eu enfatizo mais uma vez, queridos legionários, e chamo sua atenção para um ponto essencial: o encontro de um ninho é incompleto se você proceder com frieza: “O que mais executamos?”, “O que mais temos que executar?”, “Vamos fazer isso”, “Adeus”.

Deixe espaço para a alma. Deixe-o sentar durante a reunião. Prossiga com o calor. Dê a cada um a oportunidade de descarregar sua alma, as dificuldades, os transtornos, os problemas que a vida colocou para trás. De compartilhar suas alegrias. Que o seu ninho seja um lugar de conforto e alegria. Foi bom um encontro então, quando o homem voltou descarregado das cargas da alma e carregado de fé em seu povo. Se no “Cartilha do Chefe de Ninho” eu não chamei atenção suficiente para isso, concluo agora.

***

Ainda em relação à atividade educativa dentro do ninho, extraio do “Cartilha do Chefe de Ninho” o ponto 53: A oração como elemento decisivo para a vitória. A chamada aos ancestrais:

“O legionário acredita em Deus e reza pela vitória da Legião.

Não nos esqueçamos que nós, povo romeno, estamos aqui nesta terra pela vontade de Deus e a bênção da Igreja Cristã. Ao redor dos altares das igrejas ele se reuniu milhares de vezes, em tempos de fuga e perseguição a todo fôlego romeno sobre esta terra, seja mulheres, crianças e idosos, com a consciência clara do último refúgio possível. E hoje estamos prontos para nos reunir - o povo romeno - ao redor dos altares como em tempos de grande perigo, para que nos ajoelhemos para receber a bênção de Deus.

As guerras foram vencidas por aqueles que sabiam tirar do ar, dos céus, as forças misteriosas do mundo invisível e garantir a ajuda dessas forças. Essas forças misteriosas são as almas dos mortos, as almas de nossos ancestrais, que antes estavam ligadas à glia, aos nossos sulcos, que morreram para defender esta terra, e que ainda estão ligadas a ela pela lembrança de sua vida aqui e por nós, os seus filhos, seus netos e bisnetos. Mas acima da alma dos mortos está Deus.

Uma vez que essas forças são atraídas, elas entram em seu equilíbrio, te defendem, te dão coragem, vontade e todos os elementos necessários para a vitória e te fazer vencer. Elas introduzem pânico e horror nos inimigos, paralisando sua atividade. Em última análise, as vitórias não dependem da preparação material, das forças materiais dos beligerantes, mas da sua capacidade para garantir o confronto das potências espirituais. Isso explica - em nossa história - as vitórias milagrosas de poderes materialistas completamente inferiores.

Como se assegurar da ajuda dessas forças?

1. Pela justiça e moralidade de sua ação e

2. Pelo apelo fervoroso e insistente a elas. Chame-as, atraia-as com o poder da sua alma e elas virão.

O poder de atração é maior, quando o apelo, a oração, é feita em comum por muitos.

Portanto, nas reuniões do ninho, que são realizadas em todo o país no sábado à noite, serão feitas orações e todos os legionários serão instados a ir à igreja no dia seguinte, domingo.

Nosso patrono é o São Miguel Arcanjo. Devemos ter seu ícone em nossas casas e nos momentos difíceis pedir sua ajuda e ele nunca nos deixará."

***

Esses ninhos são então agrupados em unidades, de acordo com a idade e sexo (irmãos maiores da cruz, jovens até 19 anos e irmãos menores da cruz, até 14 anos, cidadãos, meninas e senhoras, futuros legionários, legionárias), ou de acordo com critérios administrativos (vila, cidade, município) com os respectivos líderes que orientam a actividade, garantindo a sua unidade. Tudo isso é tratado no "Cartilha do Chefe de Ninho".

Esse sistema de ninho pode ter uma desvantagem. Parece que está rompendo, fragmentando a unidade. No entanto, isso é removido por meio do amor e da dose de grande disciplina que é derramada na educação do legionário.

O VOTO DOS PRIMEIROS LEGIONÁRIOS

O dia 8 de novembro de 1927 estava se aproximando, dia da festa dos Santos Arcanjos Miguel e Gabriel. Agora deveríamos fazer o primeiro voto. Procuramos e encontramos uma forma que pode ser uma expressão fiel do caráter de nosso movimento, de nossa conexão com a terra, o céu e a morte. Juntamos uma pequena quantidade de terra de todos os lugares gloriosos, de 2.000 anos atrás, da terra romena, misturamos e enchemos com ela alguns saquinhos de couro e amarramos com barbante, que os legionários deveriam receber na ocasião do voto e os usariam em seu peito.

Aqui está a descrição dessa solenidade, extraída do número de 8 de novembro de 1927 da revista "Terra Ancestral":

"Na manhã de 8 de novembro de 1927, reunimos em nosso quartel-general todos os legionários de Iasi e alguns que lutaram para vir de outros lugares.

Não muitos em número, mas fortes por nossa fé inabalável em Deus e em Seu apoio, fortes por nossa determinação e teimosia de permanecer firmes no meio de qualquer tempestade, fortes por nosso completo desapego de tudo o que é terreno, que é manifestado pelo desejo, o prazer de bravamente romper com a terra, servindo à causa da nação romena e à causa da cruz.

Este era o estado de espírito daqueles que ansiavam pela hora do voto, para formar com alegria a primeira onda de assalto da Legião, e qualquer um pode imaginar que não poderia haver outro estado, quando em nosso meio, vestidos de branco como na hora de fúria, estavam unidos: Ion I. Moţa, Ilie Gârneaţă, Radu Mironovici e Corneliu Georgescu. Aqueles que, passando pela série de prisões, carregaram sobre os ombros todo o peso do movimento nacional há cinco anos."

A oração

Às 10 horas saímos todos com um traje nacional e um chapéu, com uma grande suástica na frente do coração, em uma coluna marchando, em direção à Igreja de São Spiridon. Houve uma oração pela lembrança das almas de Stefan Voievod, Senhor da Moldávia, Mihai Viteazul, Mircea, Ion Voda, Horia, Cloşca e Crişan, Avram Iancu, Sr. Tudor, Rei Ferdinand e pela lembrança de todos os voivodes e soldados que caíram no campo contra o ataque do inimigo.

A solenidade da aliança

Marchando, cantando o hino da Legião, voltamos para casa. Lá aconteceu a piedosa solenidade da aliança dos primeiros legionários.

A terra ancestral

Esta solenidade começou com a mistura da terra trazido do túmulo de Miguel, o Bravo de Turda, com a terra da Moldávia, de Războieni, onde Stefan, o Grande, teve sua batalha mais dura e de todos os lugares onde o sangue de nossos ancestrais se misturou, em batalhas cruéis, com a terra, santificando-a. Quando o pacote de terra era desembrulhado, antes de ser despejado na mesa, a carta era lida por quem a trouxe ou enviou.

Os seguintes fizeram os votos:

Corneliu Zelea-Codreanu, Ion I. Moţa, Ilie Gârneaţă, Corneliu Georgescu, Radu Mironovici, Hristache Solomon, que presidiu esta solenidade, G. Clime, Mile Lefter, Ion Banea, Victor Silaghi, Nicolae Totu, Alexandru Ventonic, Dumitru Ifrim, Pantelimon Statache, Ghiţă Antonescu, Emil Eremiu, Ion Bordeianu, M. Ciobanu, Marius Pop, Mişu Crişan, Popa, Butnaru, Budeiu, I.

Tănăsache, Ştefan Budeci, Traian Cotigă e Mihail Stelescu, estudante do ensino médio.

UMA NOVA BATALHA

Na edição de 1º de dezembro de 1927, abrimos uma nova luta para comprar uma caminhonete para nos movermos. Usei o mesmo sistema de esforço geral. Os legionários começaram a fazer celebrações, organizar conferências, coros de Natal, contribuir com seu pouco.

Foi distinguida a "Fraternidade da Cruz de Vrancea" de Focsani, que arrecadou por ocasião de um feriado concedido sob o patrocínio do General Macridescu, o montante de 50.000 leus. Então mudei seu nome de "Vrancea" para "Victoria", como é chamada hoje.

Em 19 de fevereiro de 1928, em dois meses e meio, a luta foi vencida. Comprei uma caminhonete nova de Bucareste no valor de 240.000 leus, dos quais paguei 100.000 leus, e os restantes 140.000 leus, a serem pagos em 12 prestações mensais.

Saí com "Căprioara[122]", como os meninos a batizaram, de Bucareste a Iasi, com Stefan Nicolau, que comandava, Banea, Bordeianu e Mironovici. Foi uma verdadeira alegria em Iasi. Legionários e amigos esperavam por nós na entrada da cidade.

Para pagar as parcelas, formamos uma comissão de 100, cujos membros deveriam contribuir com 100 leus por mês durante um ano. Em dois meses, esse comitê atingiu até 50 membros solventes, em sua maioria pobres, pequenos funcionários públicos, operários ou camponeses, que, arrancando-se da bolsa, 100 leus por mês, fizeram um verdadeiro sacrifício.

[122] N.T. Cervo, corça.

As meninas de Cetăţuia de Iaşi e especialmente da “Cidadela Iulia Hajdeu” de Galaţi começaram a trabalhar artesanatos e vendê-los para arrecadar dinheiro.

PROBLEMAS DO TIPO DE MATERIAL

O movimento, em suas pequenas necessidades, estava indo bem materialmente. Do trabalho e da contribuição dos pobres foi arrecadado quase o suficiente para vivermos e agirmos.

Absolutamente todos os valores arrecadados foram publicados na revista “Terra Ancestral”.

A revista está cheia de quem deu 10 leus, 5 leus, cada. Aqueles que deram 50-60 leus cada são raros. E os nossos banqueiros eram os que podiam contribuir com 100 leus por mês, o Comitê de 100 membros. Aqui tomamos ao acaso desta comissão:

No.16. Nicolae Voinea de Panciu (uma família de cinco filhos que se alimenta de um hectare de vinhas).

No.17. D. Popescu (tenente aposentado).

No.18. Ion Blănaru (ex-aluno até ontem, agora engenheiro com 4.000 leus por mês).

No.19. Ion Butnaru (funcionário público c. F. R.).

No.20. Nistor M. Tilinca (vendedor de uma cooperativa). No.21. Corneliu Georgescu (ajuda dos pais).

No.22. Radu Mironovici (ajuda dos pais). No.23. Ionescu M. Traian (engenheiro florestal).

Pelas restrições que impuseram aos gastos com alimentação e roupas, ele arrecadou tanto quanto a organização, usando-o com sabedoria, para poder viver e crescer normalmente.

Mas a imprensa judaica gritou: “Com que dinheiro esses senhores compram caminhões? (O judeu, sempre de má fé, havia comprado

mais de um) Quem está financiando este movimento?” Oh, senhores! Ninguém financiou isso. Mas apenas a fé sem limites dos romenos, principalmente os pobres agarrados ao solo.

Não apenas não fomos financiados por capitalistas, mas aconselho a todos que lideram um movimento baseado na saúde que recusem qualquer tentativa de financiamento se não quiserem matar seu movimento. Porque um movimento se constitui de maneira a produzir por si mesmo a fé e o sacrifício de seus integrantes, tanto quanto precisa para poder viver e se desenvolver.

Para um desenvolvimento normal e saudável, um movimento tem o direito de consumir apenas o quanto pode produzir e só pode produzir na medida da capacidade da fé e, portanto, do sacrifício de seus membros. Não produz o suficiente? O caminho do financiamento não está aberto para você, mas o caminho para intensificar a fé. É um indício, não produzir o suficiente, é uma prova de pouca fé. Não produz nada? A organização está morta ou entrará em colapso em breve. Sem fé, ela será derrotada por aqueles que a possuem.

Um chefe que admite financiar seu movimento fora da organização é como o homem que ensina seu corpo a viver de medicamentos. Na medida em que você administra medicamentos a um organismo, também o condena a não mais reagir por conta própria.

Além do mais, no momento em que você pega o remédio, ele morre. Fica a critério do farmacêutico! Da mesma forma, um movimento fica a critério de quem o financia. Eles poderiam, em algum momento, interromper o financiamento e o movimento, desacostumado de viver por conta própria, morre.

Um movimento, como um ser humano, às vezes pode precisar de uma grande quantia de dinheiro. Você pode pedir emprestado para pagar em tempo.

Portanto, senhores dirigentes de movimentos (falando para aqueles que virão depois de nós), rejeitem os benfeitores que se oferecerão para financiar seu movimento, naturalmente, se vocês encontrarem eles no futuro. Na Romênia, acho que não existirão. Ainda hoje eles quase já se foram. Todos aqueles que têm a oportunidade de financiar e financiam são os banqueiros judeus, os grandes ricos judeus, os grandes produtores de grãos judeus, os grandes industriais judeus, os grandes mercadores judeus. Eles financiam partidos políticos para exterminar os romenos em seu país.

Não haverá ninguém para financiar (esta palavra soa como banqueiro, pilhagem, injustiça, impropriedade). Nem os romenos, muito menos os judeus. Porque essa casta de banqueiros e homens de negócios, dos ricos por meio de golpes, essas aves de rapina que espreitam sobre a sociedade humana serão destruídas. Gente com mão amiga, gente rica, até o limite da decência, vai ficar. Não terão possibilidade de financiar, mas só poderão ajudar, com o seu dinheiro, um movimento. Essa obrigação de ajudar, de ajudar seu povo em tempos difíceis, todos os romenos a têm e a terão no decorrer dos séculos. Sua ajuda é e sempre será bem-vinda.

***

Mas minha situação, material e de meus companheiros, era cada vez mais difícil, mais premente.

Eu tinha me tornado o fardo do meu pobre sogro, que, sem contar comigo, mal podia sustentar seus cinco filhos desde a infância. Eu morava em um quarto, e nos outros dois, sete almas. Porém, compreendendo a situação em que me encontrava, devido ao seu grande amor pela causa romena, ele nunca me disse nada, embora

eu pudesse ver que a cada dia que passava, ele se curvava mais e mais sob o peso das dificuldades.

Então, fomos aconselhados a permanecer no comando do movimento, e Moţa e os outros três camaradas de Văcăreşti a trabalhar como advogados, para que pudessem se sustentar e me ajudar também.

Eles começaram em breve, mas enfrentaram enormes dificuldades. Eu olhei para trás. Entrando na Universidade há 10 anos, lutamos, um a um, com toda a série de alunos. E, um a um, todos se acomodaram, criaram uma pequena situação em que poderiam viver, só que ficamos sozinhos, como loucos perdidos no meio das ondas do mundo.

Embora elementos de valor, eles dificilmente ganhariam uma vida pobre. Advogados da Ferrovia, da Prefeitura ou do Estado não poderiam ser. Há vagas apenas para quem sai da linha de batalha e se junta à linha dos partidos políticos. Incentivo para falta de caráter. Dos judeus, eles não aceitariam julgamentos, porque é assim que sua honra os ditará. Os romenos os evitariam. Apenas os pobres entrariam em seus escritórios.

A estrada era difícil. Ostracizado em nosso país e quase impossível de viver.

VERÃO DE 1928

Continuamos todo o inverno com a organização de ninhos, na primavera recomeçamos a alvenaria de Ungheni e o jardim de Dona Ghica. Trabalhei nesses dois lugares, fazendo tijolos ou fazendo jardinagem. Queríamos construir outra casa, porque não tínhamos certeza se poderíamos continuar ali, porque uma ação foi movida contra nós para nos despejar.

Neste árduo trabalho nos tornamos cada vez mais irmãos, nos sentimos mais próximos de todos os que trabalhavam, cada vez mais longe de todos aqueles que viviam do trabalho dos outros.

O trabalho completou nossa formação mais do que as palestras de um professor universitário. Lá aprendemos a superar as dificuldades. Estávamos reforçando nossa vontade. Fortalecemos nossos corpos e nos acostumamos com a vida dura e severa, na qual nenhum prazer existia exceto o da satisfação da alma. Veio a "Fraternidade da Cruz" de Galaţi com Ţocu, Savin, Costea e as outras fraternidades.

Radu Mironovici aprendeu a dirigir bem a caminhonete e, com a ajuda de Eremeiu, fez viagens levando passageiros de Iaşi ao mosteiro Văratic, Agapia e Neamţ. Porém, devido ao verão, que é sempre mais pobre, tive que pedir emprestado ao Banco “Albina” de Huşi, hipotecando a casa do meu pai, no valor de 110.000 leus, que partilhei, parte para a alvenaria, parte para o pagamento de taxas da caminhonete e parte para publicações legionárias. Incapaz de pagar até hoje, meu endividamento atingiu a soma de 300.000 leus.

Também naquele verão, começamos a negociar para poder ganhar dinheiro para a Legião.

Os judeus comercializam vegetais em quase todas as feiras comerciais na Moldávia.

Três equipes de legionários (estudantes) foram encarregadas do comércio de vegetais. Essas equipes compraram mercadorias no mercado de Iaşi, carregando 300-400 kg na caminhonete e caíram como peste sobre os judeus, reduzindo os preços pela metade.

***

1º de agosto de 1928 marcou um ano desde a publicação de nossa revista. Aqui está o que eu escrevi na página I:

"Em 1º de agosto, a Terra Ancestral comemora um ano de aparecimento regular.

Isso não é muito. Há poucos dias, entre 13 e 30 de julho, a cidade de Carcassonne (fortaleza) na França comemorou 2.000 anos de existência. Estaremos cerca de 2.000 anos à frente! Mas o momento mais difícil é o primeiro ano, quando você tem que limpar, fazer o primeiro sulco. Nesses primeiros tempos, muitas dificuldades nos surgiram, mas nossa revista - ora mais rica, ora mais pobre, mas sempre grande - se manteve firme, superando-as.

Quando, há um ano, começamos sem um tostão, no momento mais crítico do movimento nacional, colocamos na capa o ícone de São Miguel Arcanjo, sabíamos que nossa revista ia ganhar".

EM LUTA COM A MISÉRIA

Perto do outono, minhas dificuldades materiais pessoais começaram a se abater sobre mim. Eu não tinha mais bota, nem roupa, nem eu nem minha mulher, que calçava as de 1924. Não podia esperar nada do meu pai, porque ele tinha mais seis filhos além de mim, todos nas escolas, e as lutas que ele travou o deixou sobrecarregado de dívidas. Ele tinha apenas alguns milhares de lei restantes, dos quais dificilmente poderia liderar uma família numerosa.

Foi quando eu juntei minhas forças e decidi começar a exercer a advocacia também, com a intenção de liderar o movimento ao mesmo tempo. Abri um escritório de advocacia em Ungheni, onde trabalhei com meu secretário, Ernest Comanescu. A partir daí consegui um ganho pequeno, muito pequeno, com o qual pude cuidar das minhas necessidades e as poucas pretensões de minha

vida e de minha esposa. Já fazia seis anos desde que limitei minha vida ao estritamente necessário para minha existência.

Há 6 anos não entrava em teatro, cinemas, cervejarias, bailes, festas. E agora que estou escrevendo, já se passaram 14 anos desde que estive em qualquer um deles. Eu não me arrependo. Mas lamento que, após tal vida de restrições, indivíduos tenham sido encontrados me atacando com o argumento de que eu teria vivido, e ainda vivo, uma vida de prazer.

Nesta pobreza de anos, como nas adversidades que o destino me trouxe, tive apoio permanente em minha esposa, que cuidou de mim com fé, compartilhou de inúmeros sofrimentos, suportou adversidades e às vezes até passou fome para me ajudar a lutar. Sempre serei grato a ela.

PROFESSOR GÃVÃNESCUL RECEBE A SACOLA DA TERRA

Há uma alma que nos segue de perto. Passo a passo. Ela está interessada em nós. Talvez ela esteja nos estudando. É sobre a figura imponente do velho professor de Pedagogia da Universidade de Iaşi: Ion Găvănescul. Professor universitário desde 1880. Ele uma vez nos disse: Eu gostaria muito de ter um saquinho de terra também!

No dia 10 de dezembro de 1928, nós o convidamos para nossa casa e lá, no meio do grupo de legionários, entregamos a ele o saquinho de terra como um presente nosso.

O velho de cabelos e sobrancelhas brancas arregalou os olhos, como se em um momento de grande gravidade.

E depois de um momento de silêncio:

“Senhores, só sou digno de receber este sagrado talismã de joelhos.”

Ele pega. Ele lentamente se ajoelha e ora. Depois dele, nos ajoelhamos ao seu redor.

***

Neste outono de 1928, após os violentos ataques dos nacional-camponeses, que ameaçavam “violência” e “revolução”, o Partido Liberal entrou em colapso.

Os nacional-camponeses, após 8 anos de luta, venceram. Mas em breve seriam uma decepção para todo o país. Eles iriam começar a roubar, assim como os liberais. Eles iriam começar a fazer “negócios escandalosos”, assim como os liberais. Eles iriam começar a “aterrorizar” com os gendarmes e até atirar nos oponentes ou naqueles que manifestarem sua insatisfação, assim como os liberais. Eles criariam seus próprios banqueiros, assim como os liberais.

Mas especialmente eles cairiam sob a influência contínua das finanças internacionais às quais eles começariam a dar, uma por uma, em troca de alguns empréstimos anuais, por décadas, as riquezas romenas.

3-4 DE JANEIRO DE 1929

Durante esses dias, convoquei uma reunião em Iasi. Primeiro encontro de líderes de ninho. Eles vieram entre 40-50. As reuniões foram realizadas na casa do General Ion Tarnoschi, que nesta ocasião, em emocionante cerimônia, com lagrimas nos olhos, ele recebeu o saquinho de terra contendo o sangue de seus próprios soldados e oficiais.

- Eu gostaria muito que Deus me desse dias suficientes para ver a hora da salvação romena. Mas acho que não vou conseguir chegar até lá - ele nos disse.

Nesta ocasião, uma série de legionários também fez seus votos, liderados por Spiru Peceli, inválido de guerra, Gheorghe Potolea, inválido na batuta de Prunaru, Nicolae Voinea e outros.

Pelas discussões que tivemos e pelos relatos feitos por cada um dos presentes, representando todas as terras, pudemos nos convencer que o sistema de "ninho", até então não utilizado em nosso país, podia pegar muito bem. Claro, existem dificuldades e estranhezas inerentes a qualquer começo. Mas foi suficiente para mim que em um ano, sem outra escola, mas apenas através das exortações e explicações dadas pela revista, em todas as regiões assim como em todos os estratos sociais, se estabeleceram ninhos espalhados que funcionavam. Eu disse a mim mesmo:

- O "sistema" passou no exame. Ele é funcional.

Para mim, a reunião de 3 a 4 de janeiro foi uma verificação de minhas próprias medidas organizacionais. Tudo o que precisávamos fazer era seguir esse caminho com firmeza.

Descobri nesta ocasião que o movimento era particularmente popular entre os jovens. Que o sistema de educação dinâmico, educação com ação, é muito superior ao estático.

Vamos continuar, portanto, como antes, este sistema, por mais um ano, sem tentar fazer contato com as massas. Sem pensar em nenhuma ação eleitoral.

Ao mesmo tempo, o Senado da Legião foi formado. Um fórum composto por anciãos com mais de 50 anos, intelectuais, camponeses ou operários, que viveram uma vida de grande justiça, mostraram fé no futuro legionário e sabedoria. Eles seriam convocados em momentos difíceis, sempre que seu conselho fosse necessário. Eles não são eleitos. Eles são nomeados pelo

chefe da Legião e cooptados pelo Senado. É o mais alto nível de honra a que um legionário pode aspirar.

O Senado foi formado por: Hristache Solomon, General Doctor Macridescu, General Ion Tarnoschi, Spiru Peceli, Coronel Paul Cambureanu, Ion Butnaru. Também aqui neste senado, em poucos meses, teriamos seu lugar o ilustre professor universitário Traian Brăileanu, aquele que mais tarde, em 5 anos, em sua revista “Notas Sociológicas”, explicaria na mais alta forma científica o fenômeno legionário.

PARA AS MASSAS POPULARES

ENTRE OS MOŢI

Os Moţi ainda vivem nas montanhas no meio da Transilvânia. Tão antigos quanto as montanhas, eles vivem suas vidas ao longo dos séculos, tendo toda sua história atravessada por dois fios de fogo: a pobreza - eles são os únicos romenos e talvez os únicos na terra que não conheceram um bom dia em toda a sua história, e abundância - e a luta pela liberdade. Toda a sua vida foi uma luta pela liberdade. Eles nos deram Horia, Cloşca e Crişan e apoiaram a revolução de 1784; eles nos deram Avram Iancu e lutaram em 1848. Em suas montanhas, a história conheceu mais de 40 levantes contra o domínio húngaro; todos eles se afogaram até o fim em seu sangue. Mas sua teimosia nunca foi comprometida.

Ultimamente, a voz da tribuna de Amos Francu e a do capitão Emil Siancu - eles próprios Moţi - soavam como um alarme no deserto.

Existem minas de ouro nas montanhas. Um por um, os ricos foram ficando cada vez mais ricos, enquanto eles sempre permaneciam sem roupas e pão:

"Nossas montanhas douradas carregam,

nós imploramos de porta em porta."

A rocha cinza está vazia. Nada cresce nela. Sem trigo, sem milho.

A única riqueza é o ouro nas mãos dos exploradores e a única possibilidade de viver está na madeira das florestas.

Por mil anos ela manteve a provação do domínio estrangeiro. Mil anos de paciência com o pensamento de que um dia viria a Grande Romênia, que os salvaria, que finalmente cuidará de seu destino e do destino de seus filhos. Que irá reparar a longa e

mortal injustiça, que virá para recompensar sua paciência, sofrimento e lutas milenares.

Só quem não tem mãe não sabe o que é conforto. Só quem não tem pátria não conhece consolo nem recompensa. A pátria sempre recompensa seus filhos, aqueles que esperaram pela sua justiça e acreditaram nela, aqueles que lutaram e sofreram por ela. Como ela pode não recompensar os Moţi por sua incomensurável paciência, sofrimento e bravura?

Mas depois da guerra, cada homem e especialmente cada político cuidou do "eu", de sua pessoa. Sua situação material, eleitoral, política. Então ele esqueceu os movimentos. Quem lida apenas com o "eu" não pode mais lidar com "outros". E quem se encontra rodeado pelas inquietações do presente, não pode mais colocar-se com pensamentos e sentimentos na história, para que, trabalhando a favor da pátria, se preocupe em fazer as grandes reparações históricas e recompensas que esta deve a seus bravos homens.

E não apenas foram esquecidos, mas foram deixados à mercê de todos os usurários judeus que, em sua corrida após a vitória, se infiltraram em suas montanhas, onde os pés de estranhos jamais poderiam violar, e roubaram seu único meio de viver. Eles ergueram suas serras às alturas das montanhas, derrubando sua floresta e deixando apenas a rocha nua.

"Oh, Iancu[123]*, por que você não volta*

Veja suas montanhas desertas!"

---

[123] N.T. Avram Iancu foi um advogado romeno da Transilvânia que desempenhou um papel importante no capítulo local das Revoluções do Império Austríaco de 1848-1849. Ele foi especialmente ativo na região de Țara Moților e nas montanhas Apuseni. A concentração de camponeses ao seu redor, bem como a fidelidade que ele prestou aos Habsburgos, deram a ele o apelido de *Crăișorul Munților* ("O Príncipe das Montanhas").

Em sua canção de luto, eles chamam Iancu, seu herói, para ver suas montanhas nuas e “florestas raspadas” pelos bandos de “pequenos judeus”. Isso, sob o governo da Grande Romênia, nos dias da tão esperada vitória da nação.

Na verdade, que tragédia horrível é resistir durante dez séculos contra todas as pilhas e morrer de fome e miséria na Grande Romênia, que vocês esperaram por um milênio!

Você esperou por ela. Ela foi o único apoio moral que o manteve ativo. Agora, essa esperança também cai. Ele não tinha pão, mas vivia na esperança. A Grande Romênia, para esta população, não foi um avivamento e um triunfo, uma coroação, depois de mil anos de sofrimento, com grandes recompensas de toda a nação. Para isso, era necessária a alma de Ştefan, o Grande, não a alma pigmeu do político romeno. Para eles, a Grande Romênia foi um colapso no desespero da morte.

Esses políticos estão manchando o rosto de nossa nação. Pois uma nação, acima de todos os interesses, tem suas obrigações morais a cumprir. Se ela não os cumpre, permanece manchada.

***

Tocado pela carta de um professor da Bistra, perto do Câmpeni, peguei o trem para ir até o local. Queria ver o que está lá.

Levado por um pequeno trem, subi com o coração pesado os gloriosos vales das montanhas Apuseni, onde a morte havia participado de dezenas de batalhas e por onde caminham os espíritos de Horia e Iancu.

Em uma estação de trem, me aproximei de um camponês. Um Moti. Havia pelo menos 20 remendos costurados em suas roupas. Uma expressão de pobreza incomparável. Ele tinha aros de madeira à venda, feitos por ele. Ele os vendeu por nada. Com os

olhos fundos na cabeça e as bochechas chupadas. Uma figura gentil. Seu olhar era tímido e instável. Para quem sabe, leia a dor nesses olhos e descubra o homem faminto. O homem atormentado pela fome.

Não havia preocupação nesses olhos gentis e misericordiosos. Sem interesse pela vida.

- Como vocês estão por aqui? - Pergunto-lhe.

- Bem! Bem, obrigado.

- Mas milho é feito, batata?

- Sim, eles são.

- Você tem tudo, comida?

- Sim, temos... temos...

- Então, você não está indo mal?

- Não, não!...

Ele me mediu algumas vezes com os olhos, mostrou-se muito indisposto a falar, pois quem sabe em que terras de desespero voava sua mente, e na nobreza herdada da raça, não queria reclamar diante de um estranho.

***

Finalmente, cheguei a Bistra. Procurei o professor da aldeia que me escreveu. Eu fiquei um dia. Entrei pelas casas pobres dos Moti. Um grupo de crianças esperou ansiosamente por 2-3 semanas, um mês ou mais, que seus pais saíssem com seus cavalos e carroças para trazer-lhes um saco de milho, em troca dos aros e cochos de madeira que trabalham e então vendem a centenas de quilômetros de distância, em áreas onde Deus foi mais generoso.

Em um ano, os Moti ficam em casa alguns meses e o resto do tempo eles estão na estrada, pelos os filhos.

O professor me disse:

- Os estrangeiros não podiam se estabelecer aqui mesmo durante o domínio húngaro. Agora, porém, foi estabelecida uma madeireira de uma sociedade judaica de Oradea, que se apoderou das florestas e as derrubou. Toda a pobre vida dos Moti foi sustentada por marceneiros, fazendo aros e cochos. De agora em diante, eles não terão mais isso também. Eles estão condenados à morte.

Por fome e necessidade, eles vão trabalhar para os judeus, cortando suas próprias árvores na floresta, por 20 leus por dia. Isso é tudo o que resta para o fosso de toda a riqueza que flui pelo vale em longos trens. E quando a madeira da floresta acabar, nós estamos acabados. Mas é ainda mais triste. Vivemos centenas de anos de virtude. Os judeus trouxeram consigo os pecados da fornicação. Existem mais de 30 judeus nesta fábrica. E no sábado à noite, quando fazem os pagamentos, param as meninas e as mulheres dos Moti, as desonram e fazem orgias até de manhã. Doenças morais e físicas consomem nossas aldeias, junto com a pobreza e a miséria.

E você não pode dizer nada. Você não pode tentar qualquer ação, porque esses judeus são tão amigos de todos os políticos que são mestres onipotentes. Autoridades locais estão a seu dispor, desde os gendarmes até ao topo.

E se você tenta dizer algo, é imediatamente acusado de “incitar o ódio” por parte dos cidadãos contra outros cidadãos; “Que perturba a harmonia social” e a “boa união” em que os romenos sempre viveram com a “pacífica população judaica”. Que não somos “cristãos”, porque Jesus Cristo disse: “ame o seu próximo” e mesmo aquele que faz o mal, etc.

Se você disser uma única palavra, você será preso como um “inimigo da segurança do Estado” e como instigador da “guerra civil”. Você é insultado e até espancado. Eles são mestres das autoridades e você deve ficar em silêncio e assistir a todo o desastre de sua nação. Seria melhor Deus tirar nossa visão, para que não pudéssemos mais ver com nossos próprios olhos e não saber de nada.

***

Meu sangue estava subindo na minha cabeça e me ocorreu de novo pegar uma arma, subir nas montanhas e atirar implacavelmente na multidão de inimigos e vendidos, se as autoridades e as leis na Grande Romênia puderam patrocinar tais crimes contra a nação romena, sua honra e futuro, e se essas leis e autoridades vendidas fecharam para ela qualquer esperança de justiça e salvação romena.

Voltei para Iasi com a alma atormentada, oprimido pelo fardo que todo este povo carregava sobre ele.

Quão grande é a alienação da classe dominante de um povo, de sua classe política e cultural.

Os literatos e escritores dedicam seus esforços a todos os tipos de coisas irrelevantes. Livros após livros são publicados. As vitrines das livrarias estão cheias deles. O que dirá o futuro sobre eles, se por uma tragédia histórica como a dos ciscos, que aconteceu diante de seus olhos, eles não encontrarem nenhuma palavra que seja ao mesmo tempo um sinal de alarme para as pessoas intoxicadas por toda a literatura escandalosa que coloca elas para dormir e obscurece seu caminho para o futuro e a vida?

Como a nação verá esses escritores e literatos, cuja missão santíssima é justamente denunciar os perigos que ameaçam seu ser físico e moral e iluminar seus caminhos futuros? E como será

essa classe política de “oradores” no parlamento e em todas as encruzilhadas, deserta de suas obrigações elementares, zelando pela vida e pela honra da nação?

***

Descendo com o pequeno trem de Bistra para Turda, o diretor da fábrica em Bistra entrou na mesma sala do vagão. Um judeu gordo que mal conseguia se vestir e que dava a impressão de uma vida em abundância. Não acho que ninguém como ele, pelo menos uma vez na vida, soube o que era fome.

Na próxima estação, um jovem sozinho embarcou. Desde os primeiros momentos percebi que eram conhecidos e amigos e que tinham muito boa relação e que o jovem era romeno.

O judeu serviu-se de café com leite em uma garrafa térmica e tirou alguns pedaços de bolo de um pacote. Ele começou a comer. Eu percebi uma luxúria nele. Ele correu para a comida antes de convidar seu conhecido. Imediatamente, entretanto, ele o convidou. O jovem recebeu uma fatia de bolo e uma xícara de café com leite e começou a comer um pouco tímido, demonstrando gratidão e respeito pelo judeu rico pela “atenção” que lhe havia dispensado.

Eram cerca de cinco da manhã. Ainda não estava bem iluminado. Sexta-feira, antes da Páscoa. Sexta-feira da Paixão. Eu me perguntava com raiva: Quem será este canalha jovem romeno que, neste dia, quando todo cristão jejua, come *cozonac* com o judeu, com o carrasco dos romenos?

Pela conversa descobri que ele era engenheiro florestal. O judeu tinha um desejo de fala incomensurável. Ele estava sempre falando e brincando.

A certa altura, ele puxou um patefon[124], colocou os discos um por um e o faz cantar. Tudo que sua mente pode imaginar de forma mais inadequada. Estava sentado em um canto do vagão. Eu escutei sem dizer uma palavra. Olhei pela janela. Estava começando a se iluminar. Na estrada lateral, silenciosos e tristes, Motis, desceram pela estrada lateral, indo cada um ao lado da cabeça de seu cavalo. Eles estavam indo à feira de Turda, com um saco de carvão na carroça, a 60 quilômetros de distância para vender e comprar, não roupas novas, nem brinquedos, mas alguns quilos de milho, para levar às crianças na Páscoa. Essa é toda a alegria que poderiam trazer.

***

Meu coração gemia de dor e preocupação. Não era suficiente que esses ladrões levem seu pão; eles maculam, insultam, nesta Sexta-Feira Santa da Paixão, sua pobreza e fé. Eles passam cantando e zombando por esses caminhos de sofrimento milenar, que por respeito ao sofrimento e à dor humana, nenhum homem no mundo pode pisar senão no mais profundo silêncio e boas maneiras, descobertos diante dos famintos e quebrantados, que caminham pesadamente, sob a condenação do destino implacável.

Quando amanheceu, quatro olhos encontraram os olhos deles. Meu e do jovem. Eu vi que ele me reconheceu. Confuso, ele perdeu sua compostura. Eu também o tinha reconhecido. Ele era um estudante nacionalista cristão em 1923. Eu o tinha visto nas primeiras filas de um grupo de estudantes, manifestando e cantando:

"E vamos esmagar os judeus sob seu calcanhar,

Ou vamos morrer com glória

[124] N.T. Gramofone.

etc.”

Eu disse a mim mesmo com amargura: Se todos os jovens que lutam amanhã terminarem assim, então esta nossa nação deve perecer: por conquista judaica, por inundação, por terremoto ou por dinamite - não importa, mas deve perecer.

VERÃO DE 1929

Passei em duas marchas. Com os jovens das Fraternidades da Cruz de Galaţi e Focşani e com os legionários.

Queria levá-los pelos caminhos tantas vezes percorridos por mim, viver o máximo possível com eles, observá-los e estudá-los, mostrar-lhes as belezas deste país.

Desta vez, como em todas as marchas que farei, procurei desenvolver nos jovens legionários, em primeiro lugar, a vontade. Através de longas marchas, carregadas de fardos, executadas pela chuva, vento, calor tropical ou lama e em cadência e alinhamento, com horas de interdição de fala. Através da vida dura, dormindo na floresta e comendo simples. Pela obrigação de ser severos consigo mesmos, em todos os aspectos, começando pelo traje e pelos gestos. Criando obstáculos que foram forçados a superar, escalando pedras, cruzando águas.

Procurei torná-los homens de vontade, que olhassem diretamente e se comportassem virilmente diante de qualquer dificuldade. É por isso que nunca permiti que um obstáculo fosse contornado, mas apenas superado.

Em vez do homem fraco e derrotado, que sempre se curva a todos os ventos, um homem que domina, em número, na política, como em outras ocupações - devemos criar um vencedor para esta nação. Implacável e destemido.

Por meio da instrução reunida, procurarei, em segundo lugar, desenvolver a consciência do corpo, da unidade. Um espírito de

unidade. Percebi que a instrução combinada tem uma grande influência no intelecto e na psique de um homem, colocando sua mente desordenada e sentimento anárquico em ordem e cadência.

Ao aplicar punições, finalmente tentarei desenvolver um senso de responsabilidade. A coragem de assumir a responsabilidade pelas próprias ações. Porque nada é mais nojento do que o homem que mente e foge de sua responsabilidade.

Eu puni regularmente, sem exceção, por qualquer ofensa. Em Vatra Dornei, castiguei um jovem porque causou um conflito num parque.

Algo mais sério aconteceu em Dorna Cozăneşti, não como um efeito, mas como uma revelação da construção da alma. Quatro jovens foram a um bar judeu, exigiram sardinhas, pão, vinho e, depois de comer bem, levantaram-se e, em vez de pagar, um deles sacou seu revólver, heroicamente, e ameaçou o judeu de que ele atiraria nele se dissesse algo , sob a palavra de que eles são do grupo de Corneliu Codreanu.

Eu os puni. Os jovens, se eu deixasse-os assim, eles ficariam miseráveis, não o judeu de quem roubou uma caixa de sardinhas. Na verdade, no mundo legionário, a punição não pode causar raiva. Porque todos estamos sujeitos ao erro. Castigo significa, em nossa opinião, que a obrigação do homem é uma honra para fazer as pazes. Uma vez que isso seja expiado, o homem está livre de seu fardo, como se nada tivesse acontecido.

Essa punição, na maioria dos casos, é trabalho. Não porque o trabalho teria um caráter punitivo, mas porque dá a chance de reparar, para sempre, o mal que você fez.

É por isso que o legionário sempre receberá e executará um castigo com serenidade.

DECISÃO DE IR PARA AS MASSAS
8 DE NOVEMBRO DE 1929

Passaram-se mais de dois anos desde que a Legião foi formada. Os ninhos se multiplicaram por todo o país. Havia agora a necessidade de acentuar, usando e estimulando essas pequenas forças, o movimento que havia começado. A única forma legal que poderia nos levar a medidas estatais para resolver o problema judaico era a forma política. Envolve contato com as massas populares. Para o bem ou para o mal, esse foi o caminho que a lei nos deu e mais cedo ou mais tarde teríamos que seguir. Com Lefter e Potolea, marquei a primeira reunião pública do legionário em Tg. Beresti do norte do concelho de Covurlui, para o dia 15 de dezembro. Tomei a decisão em 8 de novembro, quando uma nova série de legionários, vindos de diferentes partes do país por ocasião da celebração do patrono da Legião, prestaram juramento.

Ao mesmo tempo, enviei Totu ao condado de Turda, para que, junto com Amos Horaţiu Pop, ele também pudesse intensificar a propaganda legionária lá, preparando um encontro.

15 DE DEZEMBRO DE 1929

Na noite de 14 de dezembro, estive em Beresti. Lefter, Potolea, Tănase Antohi e outros estavam esperando por mim na estação de trem. A feira era um verdadeiro ninho de vespa do judaísmo; casas lotadas ao lado de casas, lojas ao lado de lojas. A única rua passava no meio do mercado. Lama no tornozelo. Nas bordas, alguns calçadões. Estávamos hospedados em Potolea.

Na manhã seguinte, fui recebido na porta pelo gendarme-mor e pelo promotor, que vieram de Galaţi para me informar que eu não poderia realizar o encontro.

Eu disse-lhes:

- O que você afirma não é correto nem legal. Neste país, todos têm o direito de realizar encontros: alemães, húngaros, turcos, tártaros, búlgaros, judeus. Só eu não deveria ter esse direito? Sua medida é arbitrária. É ilegal e não vou obedecer. Vou realizar o encontro a todo custo.

Finalmente, após muita discussão, fomos aprovados para realizar o encontro, mas com a condição de que não causássemos qualquer perturbação.

O que devo fazer? Que perturbação? Quebrar as casas das pessoas? Essa foi minha primeira reunião pública. Não tinha eu todo o interesse em que ela corresse na mais perfeita ordem, para não perder meu direito de fazer outras?

Na hora marcada, um número muito pequeno de pessoas se reuniu. Quase cem. Aprendi com eles que as pessoas queriam muito poder vir, mas foram impedidas pelos gendarmes nas aldeias.

Toda a reunião durou cinco minutos. Um minuto Lefter falou, um Potolea e o resto eu. Eu disse:

- Vim fazer uma reunião. Mas as autoridades estão impedindo meu povo à força. Contra todas as ordens, farei dez reuniões! Deem-me um cavalo e cavalgarei de aldeia em aldeia, por toda a rede Horincea!

O cavalo era a única maneira de se mover na lama. Duas horas depois, um cavalo foi trazido para mim e eu parti. Depois de mim, Lefter veio a pé com cerca de quatro outros legionários. Chegamos na primeira aldeia, em Meria. Ali, no adro da igreja, em poucos minutos, reuniu-se o mundo inteiro: homens, mulheres e crianças. Falei poucas palavras com eles e não delineei nenhum programa político:

- Vamos todos nos unir, homens e mulheres, para moldar a nós mesmos e a nossa nação um outro destino. A hora da ressurreição e salvação romena está se aproximando. Aquele que acreditar, que

lutar e sofrer, será recompensado e abençoado por esta nação. Novos tempos estão batendo às nossas portas! Um mundo, com uma alma estéril e seca, morre e outro nasce: daqueles com alma pela fé. Neste novo mundo, cada um terá o seu lugar, não segundo a escola, não segundo a inteligência, não segundo a ciência, mas antes de tudo segundo a sua fé e o seu carácter.

Eu continuei. Após cerca de quatro quilômetros, chegamos à aldeia, Slivna. Estava ficando escuro. Mas as pessoas me esperavam, no caminho, com velas acesas. No topo da aldeia surgiu diante de mim um ninho de legionários liderados por Todosiu. Eu falei ali também. Em seguida, fomos mais longe, para a aldeia de Comanesti, liderada pelo ninho do legionário em Slivna. Em estradas que nunca tinha estado antes.

Aqui, também, as pessoas me esperavam com lanternas e velas, e os rapazes cantavam.

As pessoas me receberam com alegria, independentemente do partido político. Não nos conhecíamos, mas parecíamos ser amigos há muito tempo. As inimizades haviam derretido. Éramos uma água, uma alma, uma nação.

Na manhã seguinte, segui em frente. Desta vez, não estava mais sozinho. Três cavaleiros me perguntaram se eles poderiam me acompanhar e partimos juntos. No limite da aldeia vizinha, Gănești, paramos na casa de Dumitru Cristian. Um homem na casa dos 40 anos, com uma figura de fora da lei e olhar fixo sob suas sobrancelhas. Nacionalista e lutador durante os movimentos estudantis, ele soltou os cavalos da carroça, montou a sela em um e partiu conosco. Logo nosso número aumentou com Dumitru e Vasile Popa, com Hasan e Chiculiţă.

Indo de aldeia em aldeia, o número de cavaleiros chegou a vinte. Éramos todos jovens entre 25 e 30 anos. Apenas alguns tinham entre 35 e 40 anos, e o mais velho era o velho Chiculiţă de Cavadineşti, com cerca de 45 anos. Quando nosso número aumentou, sentimos a necessidade de um sinal distintivo, um

uniforme. Mas, como não tínhamos possibilidades, todos colocamos penas de peru em nossos chapéus. E assim entramos cantando nas aldeias. Passando em canções e em trote de cavalos, pelas cristas das colinas perto de Prut, por onde os nossos antepassados passaram e lutaram tantas vezes, parece que éramos as sombras daqueles que outrora defenderam as terras da Moldávia. Os vivos de agora e os mortos de outrora, éramos a mesma alma, a mesma grande unidade, carregada pelos ventos nas encostas das colinas: do romeno. A notícia da minha chegada se espalhou de homem para homem por todas as aldeias. As pessoas estavam esperando por nós em todos os lugares. Quem quer que encontrássemos no caminho, nos cumprimentava com a pergunta:

- Senhor, quando você vem para a nossa aldeia também? As pessoas estão esperando por você até tarde da noite.

Nas aldeias, quando cantava ou falava ao povo, sentia que estavam a entrar nas profundezas indefinidas da alma, onde os políticos, com os seus programas de empréstimos, não podiam descer. Aqui, nestas profundezas, criei raízes do movimento legionário. Elas não poderão mais ser removidos por ninguém.

Quinta-feira foi um belo dia em Beresti. Às 10 horas da manhã, 50 cavaleiros apareceram no cume acima da feira. De lá, em coluna marchando, cantando, descemos para a feira. As pessoas nos receberam com grande entusiasmo. Os romenos saíam de lares cristãos e jogavam baldes de água em nosso caminho, conforme o antigo costume, para que pudéssemos caminhar plenamente. Fomos novamente ao quintal de Nicu Bălan, onde deveria ter ocorrido a primeira reunião. Agora havia mais de três mil pessoas. Eu não fiz uma reunião. Eu dei aos cavaleiros, alguns deles, uma memória minha.

Dei a Nicu Bogatu minha cigarreira, feita na prisão de Văcăreşti; Dei uma suástica ao velho Chirculita. Nomeei Lefter e Potolea no Conselho Supremo da Legião, e Nicu Bălan, no Estado-Maior em

Covurlui. Dumitru Cristian, o chefe dos legionários do vale Horincea.

Este vale de Horincea, com seus lugares e seu povo, permaneceu querido para mim. Depois de Focsani, aqui estará o segundo pilar do movimento legionário.

EM TRANSILVÂNIA, EM LUDOŞUL DE MUREŞ

Na sexta-feira, antes do Natal, às 17h, saímos de caminhonete para Ludoş. Éramos quatro: Radu Mironovici, que estava no comando, Emil Eremeiu, outro conhecido e eu. Uma grande geada parou os trens no caminho. Naquela noite, sofri um resfriado terrível. Embora tivéssemos enchido a caminhonete com palha e entrado nela até a cintura. Fizemos a rota Iasi - Piatra Neamt - Vale Bistrita. Às 4 horas da manhã, estava nos cumes das montanhas dos Cárpatos.

Às 23 horas, na véspera de Natal, após mais de 24 horas de caminhada, chegamos a Ludoşul de Mureş. Aqui descansamos bem em Amos. No dia seguinte, fomos à igreja e depois visitamos a cidade. Era maior do que Tg Bereşti e estava localizada a cerca de 40 km ao norte de Turda, a capital do condado. E estava cheia de judeus, mas sem atingir a porcentagem de Bereşti. Também aqui Judas, instalado na Feira, estendeu a sua tela como uma aranha por todo o território romeno. Nessa rede serão apanhados os camponeses pobres, eles ficarão atordoados e tontos e depois serão sugados de todos os seus bens.

Na manhã seguinte de Natal, partimos. Primeiro a caminhonete com 10 legionários, e depois dela, eu com cerca de 20 cavaleiros: Amos, Nichita, Colceriu, professor Matei e outros, todos com penas de peru nos chapéus.

As pessoas nos encontraram na estrada e, sem saber do que se tratava, nos olharam perplexas. Mas parecíamos estar investidos

da mais forte autoridade, porque sentíamos que estávamos vindo em nome do povo romeno, por seu comando e por ele.

Em Gheţa, Gligoreşti, em Gura Arieşului, as pessoas se reuniram tanto quanto em Valea Horincea. Eu também não delineei nenhum programa político para eles. Disse-lhes apenas que viemos da Moldávia para chamar à ressurreição a alma perturbada dos romenos; que mil anos de escravidão, injustiça e sepultamento foram suficientes para nós. A Grande Romênia foi feita com muito sacrifício, mas parece que a dominação estrangeira e a velha injustiça ainda se estendem para além da conquista desta Romênia. Dez anos de governo romeno não conseguiram curar as feridas que perdemos, nem repararam as injustiças seculares. Eles nos deram uma unidade de forma, mas quebraram nossa alma romena em tantos pedaços quanto há partidos.

A ressurreição deste povo está fervendo no subsolo e logo explodirá, iluminando com sua luz todo o nosso futuro e todo o nosso passado sombrio. Quem crê será vitorioso!

Novamente me senti afundando nas profundezas.

Embora a centenas de quilômetros de distância, embora em regiões separadas por séculos por fronteiras, lá eu encontrei a mesma alma, exatamente a mesma que o Vale Horincea perto do Prut. A mesma alma da nação, sobre a qual entendi que nenhuma fronteira poderia ser traçada. Ela correu de um extremo ao outro da nação, do Dniester ao Tisza, sem se preocupar com os limites impostos pelas mãos humanas, como a água que corre fundo no solo, independentemente das cercas que as pessoas fizeram na superfície. Lá, no fundo, não encontrei partidos, inimizades, conflitos de interesses, “desunião cega”, lutas entre irmãos, mas unidade e harmonia.

No terceiro dia depois do Natal, partimos novamente. Paramos em uma igreja e oramos por Mihai Viteazul[125], por Horia e sua família e por Iancu, para que eles também soubessem que hoje pisávamos na terra em que seus corpos foram torturados e destruídos pelo povo. Era o dia de Santo Estêvão. Acendi uma vela pela alma de Estêvão, o Grande, pela qual nossa nação atingiu sua maior altura e que eu considero a altura de Napoleão, César e Alexandre, o Grande. Por onde meus passos me levem, em qualquer luta que entre, se acima de mim sinto a sombra do São Miguel Arcanjo e abaixo das sombras dos 20 queridos mortos da família e do movimento legionário, à direita sinto a alma de Estevão, o Grande, e sua espada.

NA BESSARABIA

No dia 20 de janeiro, enviei Totu, Crânganu, Eremeiu, acompanhados de uma equipe com a caminhonete, para o município de Tecuci; e eu, em 25 de janeiro de 1930, estava novamente no Vale Horincea, entre os cavaleiros. Na noite do dia 26, depois de passar por Rogojeni, entramos em Oancea. Em ambas as aldeias, fomos recebidos com amor e esperança pela multidão reunida. Estamos hospedados em Oancea pela família Antachi. No dia seguinte, segunda-feira, era dia de feira em Cahul.

Fomos para a Bessarábia. Lá os judeus eram muitos e mais provocadores. Lá, como nas outras feiras da Bessarábia, o judaísmo é comunista, mas não por “amor ao povo”, mas apenas por ódio ao Estado romeno, que somente com o triunfo do comunismo poderia ser derrubado e colocado sob o calcanhar de dominação judaica total. O triunfo do comunismo coincide com o

[125] N.T. Miguel, o Valente. Foi nas planícies de Turda que os húngaros assassinaram Miguel, o Valente, Príncipe da Valáquia em 1601. Ele foi o primeiro governante a realizar a unificação temporária da Valáquia, Moidávia e Transilvânia.

sonho do judaísmo de governar e explorar os povos cristãos em virtude do “povo eleito”, que está por trás da religião judaica.

À noite, fizemos algumas cruzes de tecido branco de 20 cm que colocamos no peito dos cavaleiros. Recebi uma cruz de madeira para carregar na mão.

No dia seguinte, às 10 horas da manhã, à frente de 30 cavaleiros, eles cruzaram o Prut, indo com a cruz nas mãos contra o poder pagão que estava estrangulando a Bessarábia cristã. Depois de quatro quilômetros entramos na cidade. Os cristãos saíram de suas casas e vieram atrás de nós. Eles não nos conheciam, mas nos viam com cruzes brancas no peito e penas nos chapéus. Andamos pelas ruas cantando:

“Scoală, scoală, măi române”.

Paramos na praça pública. Em um instante, mais de 7.000 camponeses se juntaram ao nosso redor. Nenhum deles sabia quem éramos e o que queríamos. Mas todos sentimos que estávamos chegando para a salvação deles.

Comecei a falar com eles na mesma língua que Hornea Valley e Turda. Mas depois de dois minutos, o policial Popov e as autoridades vieram até mim e me pararam:

- Você não tem permissão para realizar uma reunião em praça pública ...

- O povo romeno tem permissão em qualquer lugar de sua casa - As autoridades gritaram para não falar; gente, vamos conversar.

- Boa gente - disse a eles - é assim mesmo; as leis nos impedem de realizar reuniões em praça pública. Vamos para a periferia da cidade ou para o quintal de alguém.

Eu sinalizei para os cavaleiros e segui para os arredores da cidade. Um cordão de sargentos parou a multidão. Poucos minutos depois, um destacamento de soldados com baionetas apareceu na

minha frente. Liderado por um coronel, o coronel Cornea. Ele pegou o revólver e apontou para mim:

- Pare ou eu atiro em você!

Eu parei.

- Senhor Coronel, por que atirar em mim, se eu não fiz mal nenhum? Eu também tenho um revólver, mas não vim lutar com ninguém, principalmente com o exército romeno.

Todos os meus argumentos foram em vão. Fiquei ali por quase uma hora, suportando todos os possíveis insultos e zombarias. Eu poderia ter respondido a mesma coisa e lutado. Mas eu precisava de uma paciência de ferro para não cair numa situação ainda mais triste, a de lutar, eu, um nacionalista romeno, contra o exército do meu país, em frente aos judeus comunistas.

O coronel começou a bater com sua espada em nós e nossos cavalos, e os soldados a nos esfaquear com baionetas. O prefeito chegou. Desmontei e fui com ele para a prefeitura. Ele era um homem civilizado. O coronel também veio.

Eu disse a ele:

- Tenho respeito pela sua posição, por isso não te respondi. Mas tudo bem. Na próxima segunda-feira nos encontraremos novamente no mesmo lugar.

Eu fui embora. Um sargento trouxe meu cavalo. Cristian e Chiculiţă esperavam por mim, sem cavalos, no portão. Eles também trouxeram seus cavalos, eu cavalguei e dirigi de volta para o lugar de onde eu tinha vindo, perseguido pela polícia e acompanhado pelos olhares zombeteiros dos judeus. Nos arredores da cidade, encontramos os outros cavaleiros amargurados e deprimidos com a derrota. Mais adiante, alguns camponeses escaparam da cidade para nos perguntar quem éramos.

- Vá e diga às pessoas que voltaremos na próxima segunda-feira. Que todos os cristãos do condado venham para Cahul.

Sofremos uma derrota. Agora que não podíamos cantar, voltamos sem falar um com o outro. Chegando a Oancea, fizemos 10 pôsteres manuscritos anunciando que na segunda-feira, 10 de fevereiro, voltaríamos a Cahul. Enviei-os por cavaleiros a vários pontos do município. Voltamos para Gănești, casa de Cristian, onde chegamos à meia-noite, depois de uma estrada difícil, em meio à escuridão de não poder ver dois passos à frente, batidos pela frente por grãos de gelo, e por atrás pela memória da derrota. Eu dormi com Cristian. Na manhã seguinte, fui para Beresti. Lá escrevi uma ordem aos legionários de Valea Horincea, Galaţi, Iaşi, Bucareste, Focşani e Turda, dizendo-lhes que fomos derrotados em Cahul e que era, para todos nós, uma questão de honra voltar lá e vencer. Que eles fossem apresentados em maior número quanto possível. O local de encontro, em Oancea, onde deveriam estar presente até domingo à noite, 2 de fevereiro. Paralelamente, anunciamos também a equipe Totu, Crânganu, Eremeiu, que estavam no concelho de Tecuci. Também escrevi uma carta a meu pai pedindo-lhe que viesse nos ajudar. Os legionários levantaram dinheiro para mim e eu fui para Bucareste. Lá me apresentei ao Sr. Ioaniţescu, subsecretário de Assuntos Internos.

Contei-lhe o que havia acontecido em Cahul e pedi permissão para realizar uma nova reunião - um pedido legal - comprometendo-me a realizá-la na mais perfeita ordem. Desde que não fossemos provocados pelas autoridades. Após vários esclarecimentos que ele me solicitou, minha reunião foi aprovada. Não precisávamos de aprovação. A lei não exige isso. Mas eu queria me proteger de qualquer interpretação tendenciosa.

No domingo de manhã, fui para Oancea novamente. Lefter foi a Cahul para combinar o local de encontro com as autoridades.

Havia muita agitação na cidade. As autoridades receberam a notícia de que milhares de camponeses vinham de todas as partes do condado para comparecer à assembleia em Cahul.

Durante o dia, dois caminhões chegaram de Focsani, com Hristache Solomon e Blănaru. Chegando de Turda: Moga e Nichita; de Iaşi: o grupo de legionários com Banea, Ifrim e o padre Isihie: de Galaţi: Stelescu com a irmandade, um delegado dos estudantes legionários de Bucareste e Pralea com os ninhos de Folteşti. Depois, a pé, com carroças e cavaleiros, o povo de Beresti e os legionários do Vale Horincae.

Meu pai também chegou. À noite éramos mais de 300 legionários que estavam acampados em Oancea. E eles ainda continuavam vindo.

Temendo que a ponte flutuante sobre o Prut fosse aberta, impossibilitando a travessia, ordenei que um grupo de 30 legionários ocupasse as duas extremidades da ponte durante a noite.

Na manhã de segunda-feira, às 8 horas, mandei um grupo de 50 legionários sob o comando de Potolea para entrar na cidade para ser a polícia montada. Nesse ínterim, intervenções foram feitas para impedir nosso encontro. Era uma impossibilidade. Às 10 horas, nos alinhamos e começamos:

Na primeira fila, 100 cavaleiros, com bandeiras, todos com chapéus de penas. Muitos com camisas verdes. Cada um tinha uma cruz branca feita de pano no peito. Parecíamos alguns cruzados que foram, em nome da cruz, contra alguns poderes pagãos, para libertar os romenos.

Na segunda linha, os pedestres vinham em coluna marchando, com sua bandeira, mais de 100.

Na terceira linha, estavam cerca de 80 carroças, carregadas com 4-5 pessoas cada, a maioria habitantes de Oancea, também com a sua bandeira.

Tudo parecia o início de uma batalha.

Quando chegamos aos arredores da cidade, um mar de cabeças nuas nos saudou sem gritos e sem música, em um impressionante silêncio de igreja.

Eu cavalguei por entre aquela multidão de camponeses. Alguns choravam.

***

Este campesinato em toda a Bessarábia também não sentiu nada de bom depois da unificação. Embora liberto do domínio russo, ele ficou sob o domínio judeu. Foi simplesmente deixado para os judeus.

Por 12 anos ele foi explorado e sugado pelos comunistas judeus, assim como nem mesmo o regime mais tirânico conhecido na história explorou qualquer sociedade humana.

Cidades e vilas são verdadeiras colônias de sanguessugas presas no corpo exausto do campesinato.

E, culminância da falta de vergonha, foram esses sanguessugas que se disfarçaram de lutadores contra a exploração do povo, contra o terror que oprime o povo. Estes são comunistas da Bessarábia e da Romênia.

Ainda mais: esses sanguessugas cheios do sangue sugado dos romenos mantêm, em sua imprensa encabeçada por “Adevărul” e “Dimineaţa”, a seguinte linguagem:

- Nós temos vivido (as sanguessugas!) na melhor fraternidade e harmonia com o povo romeno.

- Só alguns inimigos do povo, inimigos do país, alguns extremistas de direita, querem estragar essa harmonia.

***

Mais de 20.000 camponeses estavam no local de encontro. Claro, o maior encontro de pessoas que esta cidade viu desde seu início. Sem cartazes, sem jornais e sem propaganda. A reunião foi realizada em grande solenidade. Por um lado, os cavaleiros estavam enfileirados: por outro, a coluna de legionários de infantaria.

O campesinato ouviu abertamente. Nenhuma palavra ou gesto perturbou esta solenidade. Desta vez, o Coronel Cornea não compareceu à reunião.

Disse a este campesinato da Bessarábia, que vi à espera de uma palavra de consolo e que eu não tinha reunido aqui, neste número avassalador, mas sim as suas grandes dores:

- Para que não a deixemos esquecida na escravidão judaica em que ela se encontra hoje. Que ela se tornará livre, dona do fruto de seu trabalho, dona de sua terra, dona de seu país. Que o amanhecer do novo dia da nação está aparecendo. Que na luta iniciada, ela dê apenas fé - fé até a morte - e receberá, em troca, justiça e glória.

Depois falaram: Lefter, Potolea, Banea, Ifrim, padre Isihie, Victor Moga, Târziu, Hristache Solomon. No final, meu pai falou por duas horas, em uma linguagem popular, perfeito em estilo e profundidade.

Em seguida, aconselhei o campesinato a se espalhar pelas aldeias, na mais perfeita paz e ordem, chamando a atenção para o fato de que faríamos o maior serviço aos judeus se esta imponente assembléia terminasse em um pouco de desordem.

As pessoas queriam nos levar com ela. Gritaram de todos os lados:

- Deus os ajude!

Seguidos pelo amor desses camponeses, fomos para Oancea, de onde nos separamos. A partir desse momento da assembléia em Cahul, meu pai entrou no movimento legionário.

O mundo estava espalhado na mais perfeita ordem. Nossa vitória foi grande, especialmente na paz e na ordem em que tudo se desenrolou e terminou. Mas os judeus de Cahul precisavam de escândalo, agitação e desordem a todo custo. Para comprometer a nossa ação e poder determinar medidas contra ela por parte do governo.

Mas vendo que as pessoas caminhavam silenciosamente para as casas, dois judeus, obviamente indicados pelo rabino, quebraram as vitrines de uma loja, a sua própria loja. Teria saído na imprensa de Sărindar: “Dimineaţa” e “Adevărul”: Grande devastação em Cahul; Quanto o país perde na frente do exterior! etc., se nossas autoridades locais e pessoas nos tivessem os pego em flagrante e não tivessem sido levados à polícia.

Eu dei este caso de pouca importância em si mesmo, mas de imensa importância para aqueles que desejam compreender e conhecer os sistemas de luta diabólicos dos judeus. Eles são capazes de atear fogo a uma cidade inteira, de forma que, jogando sua própria ação atrás do adversário, eles comprometem uma ação que de outra forma levaria à solução completa do problema judaico.

Chamo, portanto, a atenção dos legionários, para não serem provocados, pois nós, somente pela ordem mais perfeita, triunfaremos. Desordem não significa nosso conflito com os judeus, mas significa nosso conflito com o Estado. Os judeus aqui querem nos empurrar para um conflito permanente com o Estado. Porque o estado é mais forte, e nós, atraídos ou empurrados para a batalha com o Estado, seremos esmagados; e eles permanecerão como espectadores imparciais.

***

Em Iaşi, meu cachorro Fragu, que eu tinha desde 1924, estava esperando por mim no portão, testemunha de todas as provações e lutas pelas quais passei desde então.

Resolvi aqui os meus actuais problemas de organização, a minha correspondência com os ninhos, que Banea, o chefe da correspondência legionária, apresentou-me em boa situação. Banea começou a pegar minha maneira de ver as coisas, durante dois anos de correspondência, de modo que ele poderia resolver muitos problemas sozinho, durante esse período em que eu raramente ia a Iasi.

DE NOVO NA BESSARABIA

Só pude ficar em casa uma semana, porque os camponeses da Bessarábia enviaram delegados, cartas e telegramas atrás de mim. Eles se ligaram com tanta esperança a este movimento, com tanta santidade, como ninguém podia imaginar.

Duas semanas após a primeira entrada em Cahul, a notícia dos legionários espalhou-se como um incêndio na massa cristã da baixa Bessarábia. De aldeia em aldeia, até a orla do Dniester. A notícia do início da salvação da escravidão judaica acendeu o coração dos camponeses pobres.

Eles tinham até então amarrado suas esperanças ao Partido Camponês, acreditando que eles, os camponeses, quando a justiça viesse ao seu partido, obteriam justiça. Após 8 anos de tormento, luta e esperança neste partido, eles descobriram algo terrível para suas almas: que foram traídos, enganados: que por trás do nome do partido camponês estavam escondidos os interesses judaicos. O partido do “camponês romeno com as percussões do mestre”. Foi assim que o professor Cuza lhe batizou.

Se ficou triste por ver essa fé esmagadora nos corações do campesinato, quando, após 8 anos, ele percebeu que sua boa fé havia sido enganada.

Portanto, aqui estávamos nós novamente em Bereşti e depois de carro na margem do Prut, em Rogojeni, onde mais de 200 cavaleiros me aguardavam sob a liderança de Ştefan Moraru e Moş Cosa. Reunidos de todas as aldeias vizinhas.

- Vamos para o Dniester - disse um deles.

- Sim! Nós iremos - eu respondi.

Agora, pela primeira vez, estava pensando em fazer uma grande expedição cobrindo todo o sul da Bessarábia, de Tighina à Cetatea Albă.

De volta a Iasi, sempre me ocorria este pensamento: como poderia cruzar a Bessarábia até o Dniester?

Só havia um problema difícil: como posso proceder para que nossas autoridades não nos impedissem, para que não lutássemos com o Estado, com o exército?

Então pensei em lançar uma nova organização nacional para lutar contra o comunismo judaico, que incluiria a "Legião de Miguel Arcanjo" e quaisquer outras organizações de jovens, ao contrário dos partidos. Dessa forma, pensamos que poderíamos entrar furtivamente na Bessarábia.

Que nome devemos dar a esta organização? Estou falei com os legionários no dormitório. Alguns disseram: "Falange anticomunista", outros, outros nomes. Crânganu disse: "GUARDA DE FERRO".

- Que seja este!

Agora eu estava preparando esta ação anti-comunista, não anti-trabalhista. Na verdade quando digo comunistas, quero dizer judeus.

Para obter a autorização de entrada na Bessarábia, afastando assim os conflitos com as autoridades, alguns dias depois apresentei-me em audiência ao Sr. Vaida Voevod, então Ministro do Interior. De Ionel Brătianu, ele foi o segundo político de alto escalão que vi.

Ele me manteve lá por três horas. Eu entendi que ele estava mal informado sobre nós e o problema judaico, que ele não conhecia em sua verdadeira luz.

Ele acreditou que nós éramos alguns jovens problemáticos que queriam resolver o problema judaico quebrando janelas. Então, expliquei a ele como vemos o problema judaico. Como é uma questão de vida ou morte para os romenos. Quão esmagador e inadmissível é o seu número; como eles aboliram a classe média, as cidades romenas. Eu disse a ele a proporção entre cristãos e judeus em Bălţi, Chişinău, Cernăuţi, Iaşi; o perigo que representa nas escolas, ameaçando a alienação da classe dominante romena e a falsificação da nossa cultura.

Também expliquei a ele como víamos a solução desse problema. Ele entendeu desde o primeiro momento do que se tratava. Mas, embora um homem de seu valor não precise de muito para entender a essência das coisas, acredito que ele nunca seria capaz de compreender plenamente, porque tal é a natureza das coisas: os olhos de 1890 não vêem como os de 1930. Existem chamados, existem exortações, existem mandamentos mudos, que só o jovem ouve e compreende, porque só se dirigem a ele. Cada geração tem eles no mundo. É por isso que talvez ele não confiasse em nós o suficiente.

Obtive a aprovação da marcha na Bessarábia, após a qual, é claro, assumi o compromisso de que a ordem mais perfeita seria mantida.

Poucos dias depois, fiz um manifesto a todos os jovens do país.

PROBLEMAS EM MARAMUREŞ

Enquanto isso, uma grande agitação irrompeu em Maramureş.

Outro canto do país romeno, sobre o qual a morte estendeu suas asas. Lá, a comunidade judaica abrangia as aldeias. Ela tomou posse das terras, das montanhas, dos currais das montanhas. Os romenos, tendo se tornado escravos, recuaram cada vez mais em face da invasão judaica e lentamente morreram, deixando suas propriedades herdadas de Dragoş Vodă nas mãos dos invasores. Nenhum governo se preocupava mais com eles, nenhuma lei os protegia.

***

No início de junho de 1930, no portão de minha casa em Iaşi, uma carroça de dois cavalos parou. Dela descendem dois padres, um camponês e um jovem.

Eu os coloquei para dentro. O padre ortodoxo Ion Dumitrescu, o padre grego-católico Andrei Berinde e o camponês Nicoară se apresentaram.

- Viemos de carroça de Maramureş. Há duas semanas que estamos na estrada: somos ambos padres em Borsa, um grego-católico e o outro ortodoxo. Não pudemos mais ver o sofrimento dos pobres romenos de Maramureş. Fizemos memorando após memorando. Dirigimo-nos a todos onde cortaram nossas cabeças: Parlamento, Governo, Ministros, Regência.

De nenhum, nenhuma resposta. Não sabemos mais o que fazer. Viemos aqui com a carroça para Iasi, para pedir aos estudantes romenos que não nos deixem. Estamos falando em nome de milhares de camponeses de Maramureş, que estão desesperados. Nós somos seus padres. Não podemos fechar nossos olhos para o

que vemos. Nossa nação está morrendo. E nossos corações estão partidos de pena.

Eu os hospedei por alguns dias e disse a eles:

- A única solução que vejo é organizá-los e tentar animá-los. Deixe-os saber que não estão lutando sozinhos; que os apoiamos; que lutamos por eles e que seu destino depende de nossa vitória.

Aí mandei Totu e Eremeiu para organiza-los. E mais tarde Savin e Dumitrescu-Zăpadă. Milhares de camponeses de Borsa e de todos os vales alistaram-se na organização.

Os judeus perceberam o perigo de um renascimento romeno e começaram a provocar. Vendo que suas táticas falharam, então eles recorreram a um meio infernal. Eles atearam fogo em Borsa, culpando os romenos. Os jornais judeus imediatamente começaram a gritar. Exigir medidas enérgicas contra os romenos, que queriam fazer pogroms.

Ambos os sacerdotes foram atacados por judeus, zombados, espancados e depois perseguidos por quilômetros e espancados com pedras. Eles foram eventualmente presos como agitadores e ambos presos na masmorra de Sighetul Marmatiei. Também foram presos: Savin e Dumitrescu-Snow e várias dezenas de camponeses importantes. Totu e Eremeiu também foram detidos em Dorna e encarcerados em Câmpulung. O “Adevărul” e o “Dimineaţa” começaram uma verdadeira enxurrada de mentiras e infâmias acusações aos padres e detidos.

Todos os nossos protestos: telegramas, memorandos, etc, não tiveram resultado, por causa dos gritos, do barulho e das pressões judaicas.

MARCHA NA BESSARABIA
20 DE JULHO DE 1930

Em vista da marcha que íamos realizar, dei uma “ordem de marcha” que publiquei na “Terra Ancestral”.

Extraio dela:

1. Vamos atravessar o Prut ao som do antigo hino da união romena “Hai să dăm mână cu mână cei cu inima română”[126]. Vamos visitar as aldeias entre o Prut e o Dniester, levar as nossas canções a eles e ligar uma fraternidade de legionários aos descendentes de Estêvão, o Grande e Santo.
2. Duração da marcha, um mês.
3. Formação em 7 pilares fortes, com intervalo de 20 km.
4. Cruzaremos o Prut por 7 pontos. Coluna da direita com direção e objetivo a ser alcançado: Fortaleza Branca, coluna da esquerda, direção e objetivo: Tighina.
5. O caminho a seguir, a caminhada de Prut ao Dniester.
6. Data de partida, 20 de julho, pela manhã. A travessia do Prut em uma hora a ser anunciada.

***

No momento que a comunidade judaica tomou conhecimento do fato de que queríamos entrar na Bessarábia para despertar a consciência dos romenos, a imprensa judaica iniciou um furacão de ataques contra nós. Calúnias, mentiras, incitação caíram sobre nós incessantemente por um mês.

Esses ataques também foram dirigidos contra o Sr. Vaida. Os judeus exigiram que o Sr. Vaida fosse imediatamente rebaixado do Ministério do Interior, aliás, "lançado ao mar", pela audácia de aprovar para nós, os jovens romenos, que entrássemos na Bessarábia para levar uma palavra romena de bondade, consolo, esperança, aos nossos pais e irmãos em todo o Prut.

[126] N.T. “Vamos dar as mãos aos que têm coração romeno”.

A Bessarábia foi entregue econômica e politicamente no domínio absoluto dos judeus. Qualquer tentativa de libertação romena, qualquer violação desta dominação negra, é considerada um crime. Sob a pressão dos ataques e conspirações da imprensa judaica, a marcha à Bessarábia foi proibida, precisamente no dia em que os legionários partiram de todos os lados para o Prut.

Fiz então o seguinte protesto, que distribuí na capital:

LEGIÃO DE MIGUEL ARCANJO
"GUARDA DE FERRO"
UM APELO E UMA ADVERTÊNCIA

ROMENOS DA CAPITAL,

"A marcha da Guarda de Ferro, que aconteceria na Bessarábia, foi interrompida. Os inimigos de uma Romênia forte e saudável triunfaram. Os judeus de Sărindar, do 'Lupta', 'Adevărul', 'Dimineaţa', esses envenenadores da alma romena, vêm ameaçando, insultando há um mês, batendo em nossas almas há um mês, aqui em nossa casa.

De carrapatos presos no coração desta nação, eles se tornaram os monopolizadores da compreensão dos interesses superiores da pátria e os indesejáveis censores de todos os atos do governo.

Em Turda, eles pediram ao governo para parar a manifestação, alegando que a Transilvânia estava pegando fogo; em Cahul, que 'começa a revolução na Bessarábia'; em Galaţi, 'esses massacres e pogroms nasceriam'.

Provocadores comuns permaneceram por toda parte, a Legião mantendo perfeita ordem e disciplina.

Hoje íamos ao Dniester, para regressar à Bessarábia de frente para Bucareste.

Mas isso não agradou os mercenários do comunismo.

A Bessarábia deve permanecer vítima do bolchevismo e olhar para Moscou, para que possam continuar a aterrorizar toda a política romena através da província entre o Prut e o Dniester.

ROMENOS

O sistema político venal e perverso, esta podridão que contagia as nossas vidas, as sustenta, por mesquinho cálculo do interesse eleitoral e por um degradante espírito de servilismo, no seu trabalho de desmembramento do país e alienação da nossa terra ancestral. Espírito e cálculo que deram à Romênia, há 50 anos, nas mãos dos estrangeiros.

Veja!... Os mártires de Maramureş e Bucovina estão se mexendo hoje! Nas estradas, eles choram a amargura da escravidão na qual foram lançados pela maldade de todos os governantes do país; não porque os esqueceram, mas porque os venderam.

Não te parece estranho, pelo menos, que não se tenha encontrado neste país uma única voz que lhes venha com uma palavra de consolo? E não parece pelo menos vergonhoso reduzir toda a questão em Maramureş aos 'instigadores' Nicolae Totu e Eremeiu? Eles são culpados? Mas o político de 12 anos que traiu todos os dias não é culpado? Mas as centenas de milhares de judeus errantes que passaram por cima de suas cabeças como gafanhotos, para tomar as terras remanescentes de seus ancestrais e escravizá-los, não são eles instigadores e provocadores? E os cavalheiros de Sarindar que desonram nosso orgulho como senhores deste país, não são provocadores?

ROMANOS,

Aqui está um exemplo típico do qual é a verdadeira causa das 'desordens' em Bucovina e Maramures.

O 'Universul' de 17 de julho de 1930 publicou as seguintes estatísticas: em Cernăuţi: crianças em idade escolar, escola primária: 12.277 dos quais romenos (meninos e meninas) 3.378 e os restantes 8.825 estrangeiros. Que outra prova de opressão do

elemento romeno no norte do país você deseja? Onde você quer que a alma da nação romena fuja desse ataque enorme e mortal? Você denigre e bate e ofende, dizendo que eles sobem por um pedaço de pão e por causa de sua ‘situação econômica ruim’, quando na realidade eles se levantam com bravura, para defender o ser do romeno na fronteira norte. Por que nenhum político saiu para dizer a verdade a Sua Majestade?

VOSSA ALTEZA,

Esses desgraçados não pedem pão. Eles exigem justiça! Exigem a libertação da alma romena que está morrendo, sufocada em Maramureş e Bucovina. Exigem medidas contra as centenas de milhares de judeus, empanturrados, rotundos e vermes mordedores, que os desafiam todos os dias na sua pobreza, sob a protecção de todas as autoridades romenas.

Claro, eles sabem muito bem, senhores jornalistas, que não serão capazes de resolver tal problema por meio de manifestações violentas: mas tendo atingido o último limite da paciência, eles querem impor uma liderança romena à Romênia; para forçar a legislação romena: leis para a proteção do elemento romeno na Romênia.

OS SENHORES DO SÚRINDAR,

Talvez vocês queiram me ver um dia à frente dos santos rebeldes de Maramureş através dos insultos incessantes com os quais você feriu as almas romenas? Saibam que naquele momento sua hora chegou!

Em todo caso, se as leis parecem insuficientes para acalmá-los, declaro que tenho força suficiente para colocá-los em seu lugar e fazê-los entender em que país vive.

Se vocês não se acalmarem, convocarei contra vocês todos os que estão vivos neste país, determinados a lutar com todas as armas que minha mente colocar à minha disposição.

ROMENOS,

Uma nova Romênia não pode sair dos bastidores dos partidos, pois a Grande Romênia não nasceu dos cálculos dos políticos, mas das planícies de Marasesti e do fundo dos vales batidos pelo granizo de aço.

Uma nova Romênia só pode nascer da luta. Do sacrifício de seus filhos.

É por isso que não me dirijo aos políticos hoje, mas a você, soldado. Levanta-se! A história chama você de novo. Como você é. Com a mão quebrada. Com uma perna quebrada. Com o peito crivado. Deixe o impotente e o tolo tremerem.

Você luta com masculinidade.

Em breve, a Guarda de Ferro irá chamá-lo para uma grande reunião em Bucareste para defender o povo de Maramures, os filhos de Dragos Voda e o povo de Bucovina, os filhos de Estêvão, o Grande e Santo.

Escreva em suas bandeiras: Os estrangeiros nos dominaram. A imprensa estrangeira está nos envenenando. O sistema político nos mata.

Soem suas trombetas em alarme. Soe com todas as suas forças.

Neste momento em que os inimigos nos oprimem e os políticos nos vendem, romenos, esbravejem com trepidação como nos caminhos da montanha, nas horas de tempestade:

PÁTRIA! PÁTRIA! PÁTRIA!

Corneliu Zelea Codreanu, Chefe da Legião."

ATENTADO CONTRA O MINISTRO ANGHELESCU JULHO DE 1930

Na noite do dia em que postei o manifesto, eu estava no Centro Estudantil. Eu estava conversando com alguns alunos. O jovem

Beza apareceu. A certa altura, ele tirou o emblema da organização "Vlad Tepes" e jogou-o fora:

- A partir de hoje, não tenho mais nada a ver com "Vlad Ţepeş", eu me retiro.

Para mim, o gesto não me impressionou. Primeiro, porque a Liga "Vlad Ţepeş" me parecia algo frívolo e ainda mais a juventude "Vlad Ţepeş", de cuja existência duvidei desde o primeiro momento. A renúncia desse jovem me deixou completamente frio.

Depois de vários minutos, o jovem interveio novamente, dizendo que gostaria de se tornar um legionário, se eu não tivesse objeções. Dei-lhe uma resposta vaga para evitar uma recusa. O dogma do legionário impõe uma reserva para qualquer novo pedido de adesão à Legião e ainda mais neste caso.

Algumas semanas antes, eu tinha visto Beza em um pequeno restaurante, onde ele me perguntou se seria bom atirar em Stere. Eu também não o levei a sério.

Quando ele saiu, ele me convidou para dormir com ele. Eu recusei. Eu dormi com os estudantes de medicina. No dia seguinte, por volta das 12 horas, ouço os vendedores de jornais gritando:

"O ataque ao ministro Anghelescu". Quem? Beza. Como? Ele deu alguns tiros sem tocar na vítima, exceto superficialmente.

Porque? Eu não sabia. Eu fui verificar. Eu ouvi: conflito entre macedônios e Anghelescu sobre a "Nova Lei de Dobrogea", que viola os interesses dos romenos em Dobrogea. Nunca conheci Anghelescu, pois não o conhecia antes e não o vi até hoje. Dois dias depois, fui chamado para receber instruções. Os manifestos da "Guarda de Ferro" foram encontrados no bolso de Beza. Eu expliquei ao juiz de instrução e dei uma declaração. Eu não tinha nenhum conhecimento e nenhuma conexão. Eu nem mesmo conhecia o motivo que o levou a isso. Estou fui liberado. Eu

pensei: como pode a desgraça aci facilmente sobre o homem. E se eu recebesse o convite de Beza para dormir com ele? Eu teria me tornado um autor moral. Qualquer argumento que eu fizesse em defesa seria inacreditável. Especialmente porque coincidiu com a parada da marcha na Bessarábia.

No dia seguinte, para minha grande surpresa, li em "Dimineaţa" a manchete de meia página: *Corneliu Codreanu insulta o feito de Beza*. Eu fiquei impressionado. Fui ao juiz de instrução e disse a ele:

- Meritíssimo, estou muito surpreso que informações inexatas possam ter saído de você, de uma interrogatório secreto. Eu não odiei o feito de Beza. Não tenho o direito de insultar a ação de Beza!

- Não dei nenhuma informação. Elas são uma invenção da imprensa.

Mas posso ser pisoteado pela imprensa judaica? Mesmo que eu só conheça alguém por alguns minutos, mesmo que eu não tenha nenhuma conexão com ele, ninguém pode me forçar a soltar sobre ele como um canalha em tal caso e condena-lo. Eu não quero. Que todo mundo faça isso, menos eu, porque não sei do que se trata e por causa do meu passado em que fui colocado na mesma situação de atirar, tirou meu direito de condenar outras pessoas. Fiz um novo aviso.

No mesmo dia imprimi um manifesto que espalhei na capital:

O SEGUNDO AVISO

"Porque a imprensa se atreveu a mistificar novamente a verdade, alegando que eu teria 'insultado' o gesto de Beza, quero dar as seguintes explicações:

Se o senhor ministro Anghelescu pode ter tido motivos para estar chateado, eu acho que pelo menos tantos motivos mais tem o

jovem de Beza, tanto na frente da justiça quanto na frente da alma romena.

Declaro que não quero tomar a defesa do primeiro, condenando o segundo, mas que defenderei o jovem de Beza e sua causa com todo o calor da minha alma e com todas as minhas forças.

E vocês, de Sărindar, escrevam este segundo aviso na batalha das disputas acirradas.

Corneliu Zelea Codreanu"

***

Após esses dois avisos, minhas relações com o Sr. Vaida foram encerradas. O sr. Vaida ficou com raiva de mim. Mas eu só pude fazer o que minha consciência mandasse.

Chamado de volta para receber instruções, fui preso. Então, lá estava eu novamente na van em direção a Văcăreşti. Havia mais sete jovens que conheci na mesma van: Papanace, Caranica, Pihu, Mamali, Anton Ciumetti, Ficata e Gheţea. Eles fizeram um manifesto de solidariedade a Beza. Andei novamente sob os mesmos portões, como fiz há 7 anos, com os outros 5 camaradas, e por acaso fui levado para a mesma cela onde havia estado. No dia seguinte, entrei na igreja e vi o ícone de São Miguel Arcanjo, do qual começamos há 7 anos, quando éramos crianças.

***

Lá, na prisão, conheci bem esses jovens Aromanianos, que deixaram os Montes Pindo. Cultura escolhida, alta saúde moral, bons patriotas. Construídos para serem lutadores e heróis. Homens de sacrifício.

Lá conheci de perto a grande tragédia dos romenos-macedónios, este ramo romeno, que durante milhares de anos, sozinho, isolado nas suas montanhas, defende, com uma arma na mão, a sua língua, nacionalidade e liberdade.

Então conheci Sterie Ciumetti[127], a quem Deus escolheu, por sua alma boa e pura como o orvalho, para ser, por sua trágica morte e tormento, o maior mártir do movimento legionário, na Romênia legionária.

Lá, nossos pensamentos e corações foram unidos para sempre. Lutaríamos juntos por toda a nossa nação, de Pind ao Dniester. Sem reclamações, sem petições, sem intervenções de todos os governos, surdos para os romenos no exterior ou daqui, mas apenas uma nação romena forte e magistral seria capaz de resolver todos os problemas romenos em todos os lugares. Então, esses romenos, espalhados pelo mundo inteiro, serão trazidos para o país. Pois o sangue de todos é necessário aqui, onde a Romênia luta contra a morte. E é bom saber que nessa luta, houveram governos que abriram as portas do país para milhares de judeus e que, ao mesmo tempo, proibiram a entrada de romenos do exterior.

***

Todas as forças ocultas estavam em jogo para que, pressionando a justiça, eles pudessem obter minha condenação.

Minha nova prisão e encarceramento em Văcăreşti criou um estado de grande satisfação entre os judeus. Fui atacado e insultado de todas as maneiras por qualquer judeu impertinente.

[127] "Preso na noite de 30 de dezembro de 1930, Steric Ciumeti, embora inocente do assassinato do Primeiro-Ministro I.G. Duca, foi assassinado por três comissários da polícia e depois atirado nas águas geladas de Dambovita por ordem dos responsáveis, autoridades do Ministério do Interior. Ele foi secretamente enterrado, mais tarde para ser desenterrado clandestinamente e novamente enterrado em circunstâncias sinistras por representantes 'não identificados' da ordem pública. Este crime ignóbil permaneceu impune." [Nota do tradutor do inglês]

Também fui atacado pelos jornais romenos a serviço dos partidos, para agradar aos judeus.

***

Foi definida a data do meu julgamento. Comecei os preparativos necessários. Esperei que Nelu Ionescu, que tem me defendido em todos os julgamentos desde 1920, viesse para Iasi. A pedido dos estudantes se juntou à minha defesa o Sr. Mihail Mora.

Meu julgamento foi, como sempre, uma agressão judaica para obter uma condenação. Não importa se for uma pequena condenação, exigiram os judeus do “Adevărul”. Só para poder dizer que o movimento que lidero é anárquico, usando meios ilegais de ação.

Os judeus percorreram os corredores do Ministério da Justiça com todos os tipos de intervenções. Na frente deles, o judiciário romeno permaneceu ereto e inflexível. Fui absolvido.

No entanto, o promotor apelou. Ainda continuei detido em Văcăreşti.

As pressões e intervenções do poder judaico aumentaram. Fui julgado novamente. O procurador Praporgescu, no julgamento do recurso, para agradar a este poder, colocou-me na caixa com bandidos, ladrões de cavalos e batedores de carteira. Eles os julgaram por três horas, tempo durante o qual fui objeto de olhar irônico e desafiador de dezenas de judeus. Meu caso foi o último a ser julgado. Fui novamente defendido por Mihail Mora e Nelu Ionescu. O julgamento terminou com uma nova absolvição. Depois de quase um mês e meio na prisão, fui libertado. Eu fui pra casa.

***

Depois disso, com Nelu Ionescu, Gârneaţă, Moţa e Ibrăileanu, parti com a caminhonete em Sighetul Marmaţiei para perguntar sobre o destino dos dois sacerdotes que estavam presos em uma miséria terrível. Ninguém foi vê-los para lhes trazer comida. O padre Dumitrescu tinha uma esposa doente e dois filhos pequenos. Uma casa sem pão, sem dinheiro, sem remédios, à mercê do povo. Destino de padres cristãos, criados para defender a cruz, a igreja e sua nação! Igualmente triste foi o destino dos outros 10 principais camponeses presos.

Lá fora, o judaísmo triunfou. O dinheiro estava sendo levantado no país e no exterior. O governo deu dinheiro aos “pobres dos judeus” em Borsa, para fazerem novas casas de pedra, com andar, enquanto os camponeses romenos pobres comiam pão feito de farinha de madeira misturada com serragem de aveia.

Eu, que vi então este Maramureş romeno, gemendo e lutando nas garras da morte, só posso exortar todos os políticos, todos os membros da educação, todos os padres, estudantes, bem como crianças em idade escolar, bem como todos os promotores da humanidade que vêm para censurar nossa vida política:

- Vão todos e visitem Maramures. Que qualquer pessoa de todo o mundo julgue, para responder se é admissível, no país romeno, algo como está acontecendo com os romenos em Maramureş.

Depois de quatro meses, os padres foram transferidos para a prisão de Satu Mare. Ali foi feito o julgamento, no qual participaram 50 camponeses e camponesas com crianças nos braços e 20 judeus. Pleiteamos nesse processo o professor Cătuneanu, Ion Moţa, um advogado local e eu, pelos romenos, e quatro advogados judeus pelos seus 20 réus. Depois de oito dias, todos foram absolvidos, porque tudo de que foram acusados não era verdade.

DISSOLUÇÃO DA LEGIÃO DE MIGUEL ARCANJO E DA GUARDA DO FERRO 11 DE JANEIRO DE 1931

Nesse ínterim, o sr. Vaida, sob pressão dos ataques judeus, foi destituído do Ministério do Interior e sob a mesma pressão, substituído pelo sr. Mihalache, que através das recentes manifestações deu a entender que não teria vergonha de usar contra nós novos métodos de "mão dura". Este momento havia chegado.

O jovem Dumitrescu-Zăpadă, que tinha sido preso em Sighet, exasperado com as mentiras, os ataques, os insultos da imprensa judaica, sem perguntar a ninguém, sem dizer uma palavra a ninguém, pegou um revólver que encontrou ao acaso, saiu para Bucareste, entrou no escritório de Socor e disparou um tiro contra ele. Mas o revólver estava quebrado. A segunda bala falhou.

Foi durante as férias de Natal, depois de um ano, período durante o qual não fiquei em casa por um mês. Eu queria passar as férias em família. Eu estava em Focsani, preparando-me para voltar para casa, quando li nos jornais o que aconteceu em Bucareste. Fui imediatamente convocado pelo juiz de instrução, Papadopol. Acontece que eu não tive nada a ver com o que aconteceu. Eu fui solto. Fui novamente para Focsani, onde por ordem do sr. Mihalache e sem motivo, fui cercado pela polícia, na casa de Hristache Solomon e por 8 dias não pude sair.

O sr. Mihalache dissolveu a Guarda de Ferro e a Legião por meio de um decreto do Conselho de Ministros. Todas as organizações foram revistadas, os registros foram recolhidos, a sede foi lacrada. Em casa, em Iaşi, assim como em Huşi, meus travesseiros e colchões estavam virados. Pela quinta vez, minha casa estava em desordem, tomaram tudo relacionado ao movimento, até as menores notas que eu tinha. Sacos inteiros, cheios de documentos, cartas, papéis, foram tomados de nossas casas e levados para Bucareste. Mas o que eles poderiam achar ilegal ou

comprometedor conosco? Trabalhamos à luz do dia e tudo o que tínhamos a dizer foi dito em voz alta. Confessamos nossa fé para o mundo inteiro.

De Focsani, em 9 de janeiro, fui levado por agentes para Bucareste e lá, após um interrogatório de 12 horas, preso e enviado de volta a Văcăreşti. Os legionários dos condados onde eramos mais ativos foram trazidos no dia seguinte: Lefter, de Cahul; Banea, de Iasi; Stelescu, de Galati; Amos Pop, de Turda; Tudo e Dănilă.

Um novo golpe na cabeça de uma organização romena, que não fez nada ilegal, mas apenas tentou erguer a testa contra a hidra judaica. Uma nova tentativa desta nação de se levantar, através de sua juventude, da escravidão, desabou sob os golpes de um romeno, Ministro do Interior, no aplauso unânime da comunidade judaica no país e no estrangeiro.

E desta vez, a raiva para nos destruir foi implacável. Nenhum meio foi poupado para nos destruir. Sem infâmia. E não éramos culpados de nada. Os jornais judaicos nos penetraram, atacando-nos com violência, zombando de nós e da verdade; e não havia nada que pudéssemos fazer. Não pudemos responder nada.

Com meus braços cruzados entre as quatro paredes da prisão, eu assisti enquanto insultos e acusações caíam sobre nós, acusações sem parar.

***

Para mostrar a extensão da infâmia da imprensa judaica da época, basta que das múltiplas tentativas feitas com a intenção de levantar a opinião pública contra nós e forçar nossa condenação, é suficiente a seguinte mentira comum cometida pelo jornal “Dimineaţa” e comentado pelos outros.

Chamo a atenção que nunca concebi, escrevi e assinei tal ordem[128]. Nenhuma palavra nela pertence a mim. Ela foi totalmente inventada pelos judeus.

Eu reproduzo aqui na íntegra como apareceu, com comentários, no jornal "Dimineaţa":

UM DOCUMENTO EDIFICANTE

"Em conexão com os objetivos e meios usados pela organização Miguel Arcanjo, podemos publicar um documento sensacional proveniente da Legião em Iaşi.

Esta é uma circular enviada a Câmpulung e Ludoşul Mare pela Legião de Miguel Arcanjo da capital da Moldávia:

Legião de Miguel Arcanjo

Sede em Iasi (Râpa Galbenă)

Centro Cultural Cristão

245/930 ad circulandum

Cópia

Para respostas enderece para

[128] "É com base nesses documentos falsos, notadamente em uma carta que Corneliu Z. Codreanu supostamente escreveu a Adolf Hitler, que os juízes militares - agindo como instrumentos servis de indivíduos interessados - mais tarde condenaram o chefe da Guarda de Ferro a dez anos em trabalhos forçados por 'crime de traição e incitação à revolução social'.
Esta carta "descoberta" pelos Siguranta, na qual Codreanu pedia ajuda a Adolf Hitler para apoiar a 'revolução social', foi categoricamente declarada falsa por Corneliu Z. Codreanu tanto na decisão preliminar quanto no tribunal. Não só lhe foi negado o parecer do perito de caligrafia necessária e as testemunhas de defesa, mas também, sob o pretexto de que a discussão pública do caso feriria os 'interesses superiores do Estado', o processo relativo a este ponto decorreu a portas fechadas para retirar de Codreanu, acusado de forma infame, a possibilidade de defesa.
A verdade é que esta vil encenação que devia justificar a condenação a dez anos de trabalhos forçados e a prisão do inocente Codreanu foi pela fase preparatória do seu assassinato, premeditado por Sua Majestade rei Carlos 11 da Roménia, executado pela Ordem do governo de Sua Majestade o Reino Unido de 29 a 30 de novembro de 1938." - G. van der Heide

Corneliu Zelea Codreanu

Str. Florilor 20, Iaşi

- em código -

Do

II Batalhão Câmpulung

III Batalhão Ludoşul de Mureş

Temos a honra de informar o seguinte:

Considerando que as autoridades civis e militares enfraqueceram sua vigilância pelo fato de termos intervindo com algumas figuras de alto escalão - tanto no Ministério do Interior quanto (outro NR de alta autoridade) - precisamos dobrar grandes forças de propaganda e a instigação abusando dessa oportunidade, que não temos certeza se um dia se voltará contra nós. Portanto, sem qualquer hesitação e perda de tempo, vocês farão o seguinte:

1. Vocês farão desenhos de empresas e pelotões de todos os legionários que prestaram juramento. Vocês enviarão essas pinturas para a Legião até 1º de novembro, que então se concentrará nas regiões.
2. O Batalhão II irá reunir em Câmpulung os principais líderes: Robota, Popescu, Şerban, Despa, e absolutamente em segredo o comissário Nubert, Vatra Dornei e o chefe da estação Poiana Stampii, Păduraru Gheorghe. Vocês os informarão que a Legião tomou medidas para mudar o plano de trabalho. A partir de agora, trabalharão conspirações em completo sigilo, não farão mais reuniões públicas ou propaganda - farão contato mútuo com todos os chefes de ninhos legionários - fazendo com que mantenham o mesmo estado de revolta entre os camponeses.
   O golpe decisivo será dado neste outono, por ocasião da mudança do governo de Mironescu.
3. Bat. III, você vai convocar o Sr. Professor Matei, Moga Victor, Moga Tănase e o comandante do pelotão de

Grindeni - de Urca, você chamará apenas o comerciante moldavo. Você chamará secretamente o sargento-instr. Gendarme Constantin, do posto de Ludoş - comunicando-os (como no Bat. II).

4. Duas vezes por semana vocês levarão os jovens legionários para exercícios de campo - (islaz) ou outros lugares - preparando-os e explicando-lhes nosso grande propósito, encorajando-os.
5. O chefe do Estado-Maior, General do Bat. III, terminará o mais rápido possível com os trabalhos que lhe foi instruído verbalmente e por ordem secreta n° 7/1930, caso a quantidade de dinamite não tenha sido suficiente, você deve exigir mais ao conhecido.
6. Por correspondência, você também dirá o Dr. Iosif Ghizdaru de Sighişoara sobre o acima, enviando-lhe um relatório detalhado sobre a atividade de Ludoş - Em Sighişoara será estabelecido o Batalhão IV sob a liderança do Dr. Ghizdaru.
7. Vocês queimarão este pedido imediatamente após o recebimento.

Cuidado, um exército de espiões judeus está perseguindo nossa ação - não fale e não receba ninguém que não tenha minha assinatura.

Coragem, viva a Legião e com Deus, avante!

Iasi. 7 de outubro de 1930.

Comand. Leg.

(ss) Corneliu Zelea Codreanu

Chefe de Gabinete Maior e Secretário

(ss) Gârneaţă.

É claro nesta circular que a Legião de Miguel Arcanjo preparou ações criminosas, apoiadas por alguns funcionários públicos.

Embora tarde, as autoridades são, portanto, obrigadas a identificar absolutamente todos os funcionários públicos que se colocaram a serviço da ação criminosa da Legião de Miguel Arcanjo e a aplicar as sanções mais severas.”

AUTORIZAÇÃO DE PRISÃO

Percebi que a situação era difícil. Organização dissolvida, sede lacrada, buscas em todos os lugares.

A opinião pública, completamente confusa com os gritos dos judeus e espantada com as acusações que eles nos lançavam, estava inclinada a acreditar que todas essas encenações hediondas eram verdadeiras.

Além disso, na prisão, sujeira, frio, umidade, falta de ar e luz, falta de cobertores. Deu muito trabalho arranjar palha para colocar nos colchões e tapetes para tapar a humidade das paredes.

Começamos o ano de 1931 na prisão sob uma chuva de mentiras, insultos e espancamentos de judeus.

Levei, de novo, os novos camaradas que me acompanhavam no meu novo encarceramento, para ver o ícone e todos os lugares cheios de memórias para mim.

Claro que foi difícil para eles. Mas a responsabilidade deles era apenas por si próprios, era muito menor. O alvo que precisava ser esmagado e destruído era eu.

Sentimos nuvens negras se acumulando acima de nós novamente, um mundo inimigo caindo sobre nós novamente e com mais teimosia, querendo nos aniquilar.

O único apoio, em meio a essas maquinações infernais e enormes ataques, só encontrei em Deus. Começamos a jejuar, jejum

negro[129], todas as sextas-feiras. E todas as noites a meia-noite, lemos o Akathist[130] da Mãe de Deus.

Lá fora, os legionários da capital, liderados por Andrei Ionescu, Ion Belgea, Iordache, Doru Belimace, Victor Chirulescu, Cotigă, Horia Sima, Nicolae Petraşcu, Iancu Caranica, Virgil Răculescu, Sandu Valeriu, estavam fazendo grandes esforços para iluminar a opinião pública confusa pela imprensa de Sărindar.

E, ao mesmo tempo, o devotado e constante Fănică Anastasescu - não ausente de todos os julgamentos por que passamos - visou melhorar nossa condição material na prisão.

Aqui está a acusação dirigida a mim em:

MANDADO DE PRISÃO NO. 194

***

“Diante do processo penal contra Corneliu Zelea Codreanu, um advogado de Iasi, de 31 anos, advertiu que cometeu o fato de ter tentado agir contra a forma de governo estabelecida pela Constituição e tentado agitações que poderiam resultar em um perigo para a segurança pública ao organizar uma associação Legião de Miguel Arcanjo - Guarda de Ferro -, com o objetivo de entronizar um regime ditatorial, que seria imposto em um momento por ele desejado, por meios violentos, para os quais seus partidários foram preparados e instados, por instrução quase militar, ordens, diretivas e discursos, bem como por publicações, cartazes, emblemas, discursos em reuniões públicas ou organizadas.

Tendo em vista que esse fato está previsto no art. 11 inciso II da lei de repressão a novos crimes contra a paz pública, com pena de

---

[129] N.T. Ou seja, jejum total.

[130] N.T. “Um hino Akathist é um tipo de hino geralmente recitado por cristãos ortodoxos ou católicos orientais, dedicado a um santo, evento sagrado ou uma das pessoas da Santíssima Trindade.”

reclusão de 6 meses a 5 anos e multa de 10.000 a 100.000 lei e com interdição correcional.

Considerando que as investigações realizadas apresentam graves acusações e indícios de culpa contra Corneliu Zelea Codreanu, e que para impedir o nomeado de se comunicar com os informantes e testemunhas a serem ouvidas, bem como no interesse da segurança pública, é do interesse da investigação que o referido arguido, até nova ordem, seja colocado na casa de detenção;

Ouvindo as conclusões do Promotor Al. Procop Dumitrescu e o disposto no art. 93 do processo penal;

Por estas razões:

Ordenamos a todos os funcionários da força pública que, em conformidade com a lei, conduzam à casa de detenção de Văcăreşti, Corneliu Zelea Codreanu...

Dado em nosso escritório hoje, 30 de janeiro de 1931.

Juiz de investigação Ştefan Mihăescu

(Dossiê nº 10-1931)"

O JULGAMENTO
SEXTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1931

Essa chuva de denúncias durou incessantemente por 57 dias, espalhando-se diariamente, em milhões de jornais, por aldeias e vilas. Sem possibilidade de resposta. Nenhum raio de esperança em lugar algum. Ninguém tinha o poder de nos defender e denunciar a conspiração judaica que buscava nos condenar e enterrar a nós e ao nosso movimento. Vimos como as autoridades, os promotores, os *siguranţa* e este senhor, Mihalache, Ministro do Interior, que embora todos soubessem, pelas investigações que fizeram, que não éramos culpados de nada, que nenhum depósito de munições, armas, dinamite, etc, foi encontrado, no entanto,

eles ainda persistiam nesta situação de infâmia, deixando presas para os insultos e zombarias dos judeus alguns homens presos que não podiam se defender.

Com a Segurança do Estado em jogo, eles tinham o dever elementar de tranquilizar o público, dando uma declaração, na qual deviam dizer que não era verdade que a Segurança do Estado teria descoberto depósitos de munição, que o país estaria às vésperas de uma guerra civil, etc.

Em meio a essa situação, o julgamento foi marcado para sexta-feira, dia 27 de fevereiro.

Alguns advogados foram de opinião que o julgamento deveria ser adiado devido ao clima agitado e que devíamos ter testemunhas, pelo menos do mundo das forças de segurança, que seriam obrigadas, sob juramento, a declarar a verdade.

Rejeitamos a proposta. Nós iramos ser julgados sem testemunhas.

Foi presidido pelo Sr. Conselheiro Buicliu, assistido pelos Juízes G. Solomonescu e I. Cotsin, Promotor, Sr. Procop Dumitrescu.

Fomos defendidos pelo professor Nolică Antonescu, Sr. Mihail Mora, Nelu Ionescu, Vasiliu-Cluj, Moţa, Gârneaţă, Corneliu Georgescu, Ibrăileanu.

As pessoas e os magistrados estavam esperando para ver as evidências contra nós, bombas e depósitos de munição, dinamite, trituradores e armas. Nada, absolutamente nada. Meia hora depois do nosso interrogatório, toda essa pegadinha infame entrou em colapso. Finalmente, pudemos falar, afogados em indignação, que por 2 meses, hora após hora, tinha se concentrado em nós. Toda aquela enxurrada de mentiras estava quebrando em face da verdade. Todas as correntes com que nos amarraram estavam caindo. Fomos brilhantemente defendidos por nossos advogados. O julgamento continuou no dia seguinte. A decisão foi adiada por vários dias.

No prazo estipulado, fomos novamente levados ao Tribunal de Justiça, onde foi lido o veredicto de absolvição por unanimidade (sentença nº 800)

***

Aqui estão os termos em que a sentença de absolvição da ação pela qual a "Legião de Miguel Arcanjo" havia sido interposta perante o tribunal, após ter sido previamente dissolvida antes:

"Considerando que a investigação do Sr. o promotor-chefe consta, de fato, dos autos que, na verdade, os adeptos foram recrutados apenas entre pessoas determinadas, homens, mulheres e crianças, entre lavradores, estudantes; que estamos falando sobre ninhos de legiões ou "águias brancas", por exemplo; que é um estágio, juramento ou voto, de 5 leis fundamentais, uma das quais é o segredo; que a legião esteja organizada militarmente com uniforme, cinto, lenço, programas de educação física e treinamento militar, exercícios de sinalização e conhecimento do código Morse, etc.

No entanto, não se verifica que os recrutadores e os recrutados tenham praticado qualquer ação contra a atual forma de governo instituída pela Constituição, nem praticado qualquer ação que resulte em perigo para a Segurança do Estado. Que o simples fato de constituir tal organização não pode constituir crime, mesmo que na opinião de alguns representasse perigo, pois, desde que a organização não estivesse oculta, a autoridade administrativa poderia ter intervindo, seja impedindo-a ou dissolvendo-a. Mesmo que ficasse estabelecido que a organização copiou o modelo fascista como forma de composição, ainda assim seus membros não podem ser considerados responsáveis pelas punições previstas no texto da lei no qual são enviados a julgamento porque, em estado estático, uma organização, seja

qual for sua forma, não apresenta qualquer perigo para a Segurança do Estado, poderia ser objeto de preocupações de medidas preventivas de autoridades administrativas, mas não de medidas repressivas que ocorram apenas quando a ação é tomada (a menos que a lei não permita diretamente sua forma de organização).

Além disso, não se pode dizer que, pelo fato de alguns legionários percorrerem as comunas para conquistar adeptos, orientando o povo a se organizar, a confiar no movimento da legião, etc, se possa ter indícios de que pretendiam colocar em risco a Segurança do Estado - nem a propaganda como um meio de formação e revitalização dos quadros de uma organização política como esta, ou o surgimento dos ditos ninhos por estudantes do ensino médio - formações que não faziam parte da própria organização - significa perigo para a Segurança do Estado se houver em vista do fato de que no programa da organização estava o despertar da consciência nacional com preceitos de educação física e moral que cabem em um programa escolar, desde que as agitações estejam ausentes.

Considerando que os arguidos não pode, ser responsabilizados por procuraram através da sua acção alterar a actual forma de governo, pois o processo foi negado pelo representante do Ministério Público, tanto o arguido Corneliu Z. Codreanu como os demais bem como todos os membros da organização pregavam um braço forte, em vez de partidos parasitas, e reconheceram a autoridade do rei, de quem se fala com todo o respeito e cujos colaboradores, dizem muitas vezes nos seus manifestos, quererem alcançar.

Além disso, enquanto se tratasse de uma colaboração com o chefe de Estado, não poderia ser uma questão de derrubar a forma de governar com a qual o governo não teria consentido.

***

Dado que, por essas considerações, a ação subversiva (que de fato não foi provada sob qualquer ângulo como sendo subversiva) da qual os réus são acusados não pode ser incluída na disposição do art. 11.

***

Considerando que a marcha na Bessarábia organizada pela organização não ocorreu, porque não teria ocorrido sem o consentimento das autoridades; consentimento que os réus afirmam ter, mas que foi posteriormente retirado.

Que em tais circunstâncias é supérfluo reter as alegações dos arguidos de que se destinavam, em primeiro lugar, a testar a resistência dos legionários e, em segundo lugar, a despertar a consciência nacional na população impregnada de elementos estrangeiros.

Considerando que também se argumentou que todos os atos dos réus devem ser vistos à luz de seus antecedentes.

***

Enquanto não se pode estabelecer o fato pelo qual o acusado foi levado a julgamento, não se pode falar dos atos de Corneliu Zelea Codreanu, Danila, etc., como determinantes do grau de culpa, pois os antecedentes interessam em estabelecer o grau de punição e não em forçar uma condenação.

Assim sendo, os arguidos não são culpados dos factos de que são arguidos e, portanto, devem ser absolvidos.

***

Felizes voltamos para a prisão. Lá nós arrumamos nossas malas e esperamos para ir embora. Obteríamos a ordem de liberação. Esperamos, 8 da tarde, 9, 10, 11, pulávamos a cada passo que ouvíamos no pátio. Adormecemos com nossa bagagem.

No dia seguinte, esperamos novamente. Só no terceiro dia ouvimos que o promotor recorreu e que continuaremos presos até o novo julgamento.

Por fim, os dias começaram a ficar difíceis novamente.

Para sexta-feira, 27 de março de 1931, o novo prazo foi estabelecido no Tribunal de Apelação. Os dias passaram cada vez mais difíceis. Finalmente, lá estávamos nós novamente na van para o Palácio da Justiça. Nos julgaram. Estávamos no Tribunal de Apelação, Seção II. Foi presidido pelo Sr. Ernest Ceaur Aslan. Os mesmos defensores cumpriram seu dever, lutando com o mesmo sucesso contra a tese do promotor Gică Ionescu, que excedeu sua acusação por meio de explosões injuriosas e odiosas.

A decisão foi adiada por alguns dias. Voltamos para Văcăreşti. Nós esperamos. Lembre-se, fomos notificados de uma nova absolvição, por unanimidade. Fomos libertados após 87 dias de prisão. fomos considerados inocentes. Quem vai punir nossos insultadores? Quem vai vingar todas as nossas injustiças, golpes e todo o sofrimento que suportamos?

Mas o promotor apelou. Mais tarde, fomos julgados no Cassation. Fomos absolvidos novamente, por unanimidade.

***

Lá estavam duas decisões: uma do Sr. Mihalache, pela qual a “Legião de Miguel Arcanjo” e a “Guarda de Ferro” foram dissolvidas como organizações subversivas e perigosas para a existência do Estado romeno, outra de todo o judiciário romeno: Tribunal, Tribunal de Apelação e Cassação, por unanimidade, após o qual esses jovens não foram culpados, a Legião e a Guarda não são perigosas de forma alguma, nem para a ordem pública, nem para a Segurança do Estado. No entanto, nossas instalações permaneceram lacradas.

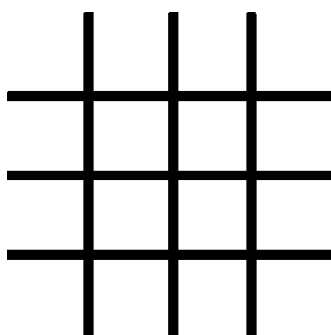
Os judeus, que foram derrotados novamente, ficaram em silêncio e prepararam das sombras outras mentiras, outros ataques, outras infâmias.

Deus! Deus! Como este povo não vê que nós, seus filhos, somos presas dos golpes do inimigo que estão vindo sobre nós, um após o outro!

Deus! Deus! Quando ele vai acordar e entender toda a praga e cabala dirigida contra ele, com inimizade, para colocá-lo para dormir e matá-lo!

MOVIMENTO LEGIONÁRIO NAS PRIMEIRAS ELEIÇÕES JUNHO DE 1931

Em abril caiu o governo da nacional-camponês. Veio o governo Iorga-Argetoianu.

Dissolvida a legião, registo o meu movimento na comissão eleitoral central sob o novo nome: “Grupo Corneliu Z. Codreanu”, escolhendo o meu símbolo eleitoral:

O novo nome, é claro, não pegou. Pessoas, imprensa, inimigos, governo, continuaram a chama-lo de “Guarda de Ferro”. Íamos participar das eleições. Para que não dissessem que não nos alinhamos com o povo, por que não usamos os meios legais.

As eleições foram em 1º de junho. Com grande esforço material, com empréstimos, conseguimos candidaturas em municípios.

A propaganda começou. De nossa parte a mais legal e a mais delicada. Nos condados onde o Ministro da Guerra e o Primeiro-Ministro do país estavam concorrendo, não estávamos concorrendo. Por isso, do pouco que tivemos, abandonamos Focsani e Radauti.

Em vez disso, continuaram a nos atacar: governo, autoridades, bandidos. Nossa propaganda foi interrompida. No final, eles também roubaram nossos votos. No entanto, depois de uma luta difícil, conseguimos 34.000 votos. Em primeiro lugar, Cahul foi apresentado com quase 5.000 votos, Turda com 4.000, Covurlui

com as três seções: Bereşti, Găneşti, Oancea com quase 4.000, Ismail com 6.000, etc.

Desde 15 de dezembro de 1929, quando fui à primeira reunião em Bereşti e até agora, em junho de 1931, tenho estado em luta contínua e prisão. Em casa não sei se, somando as breves paradas, fiquei dois meses.

A LUTA DE NEAMŢ
31 DE AGOSTO DE 1931

Após 20 dias, descobri que uma cadeira parlamentar no condado de Neamţ foi declarada vaga e que haveria eleições em breve.

Eu estudei a situação e decidi ir para a batalha.

Eu tinha 1.200 votos neste condado nas últimas eleições. Agora os liberais, os nacional-camponeses no cartel com os averescanos, os georgianos[131], etc, estavam concorrendo nas eleições.

A imprensa quis dar um significado especial a estas eleições, porque a luta seria tensa e o resultado seria a sucessão ao governo.

Concentrações de forças foram observadas. As pessoas estavam até começando a fazer previsões. Alguns deram vitória aos liberais, outros aos nacional-camponeses. No meio da luta, alguns faziam apostas. Nem é preciso dizer que ninguém sequer falou sobre nós. Ninguém pensou em apostar por nossas cabeças.

Em 25 de julho, eu dei uma ordem de concentração. Mas estávamos exaustos. Não tínhamos nada para pagar a inscrição. A família Ieşanu nos ajudou a pagar a inscrição e a imprimir manifestos.

Por volta de 30 de julho, estava em Piatra Neamţ e estava esperando as equipes chegarem. Todos vieram como puderam. A

[131] N.T. “Os georgistas eram os membros do partido que George Bratianu, filho de Ion Bratianu, fundou - após a morte de seu pai, chefe do Partido Liberal - que ele chamou de Partido Nacional-Liberal.” - G. van der Heide

pé, de trem, de carroça. Aí os elementos criados nas fraternidades começaram a entrar mais seriamente na batalha, formando equipes sob o comando dos legionários mais antigos.

De acordo com o mapa, dei a cada equipe um setor. O número de nossos lutadores era de 100 no total. Eles partiram a pé, com uma fé infinita, embora não conhecessem ninguém e não soubessem o que comeriam ou onde dormiriam. Deus cuidaria deles e a necessidade os ensinaria. A equipe Bănică, do professor Matei, e Cosma partiram para Broşteni, à qual se juntaram as pessoas de Câmpulungen; em Răpciuni, a equipe Ţocu; em Bicaz, a equipe do Crânganu; o Tg. Neamţ, Victor Silaghi, Jorjoaia, Stelescu; em Bălţăteşti, Banea, Ventonic, Ifrim, Mihail David; o Roznov, Popovici; em Buhuşi, Păduraru com o Romaşcani, Hristache Solomon e o engenheiro Blănaru; em Crăcăoani, Doru Belimace e Răţoiu; em Războeni, Valeriu Ştefănescu, a família Mihai Crăciun e Stelian Teodorescu. Além disso, o Prof. Ion Z. Codreanu realizou reuniões em várias partes do condado.

Em alguns lugares também havia ninhos de legiões sob a liderança dos seguintes: Herghelegiu, Tărâţă, Platon, Loghin, David, Nuţă, Mihai Bicleanu, Ungureanu, Olaru V. Ambrozie, Macovei, etc.

As equipes começaram a trabalhar em fazendas durante o dia para conseguir alimentos. Logo eles começaram a ser amados pelos camponeses.

Os nacional-camponeses vieram com muitos carros. Só deles chegaram ao município e saíram em propaganda sete ex-ministros. Da mesma forma os liberais.

De todas as categorias sociais, os padres se portaram como os mais fracos. Nos condados onde se dobram as cruzes das igrejas, diante da dominação política, ateísta e judaica, numa luta em que éramos os únicos que viemos em nome da cruz, com o peito aberto diante do monstro pagão, os padres do condado, com exceção de 3-4, estavam contra nós.

Na última semana, tive que organizar minhas forças para a batalha final. Agora tínhamos 6 seções fortes e 10 fracas.

Na discussão que tivemos com os líderes das equipes, eles afirmaram que assim que tivéssemos 6 seções fortes, podíamos pegar nossas equipes lá e fortalecer as fracas. Achei uma opinião errada que podia nos levar a perder a batalha.

Fiz exatamente o oposto, concentrando forças em meus pontos fortes; e para os outros deixando apenas pequenas equipes de assédio. Os adversários, todos eles, se agruparam erroneamente. Eles se concentraram nos pontos onde estávamos mais fortes. Para que lutássemos nos nossos pontos mais fortes enquanto eles nos seus pontos mais fracos.

Eles foram destruídos. Nesses 6 pontos, consegui 1.000 votos de seção, e eles conseguiram 200, no máximo 300. Ao mesmo tempo, suas seções fortes, permanecendo sem uma boa defesa, foram reduzidas pela metade por nossas equipes.

No dia da votação, a partir da manhã, atravessei com um carro potente, acompanhado por Totu, 15 seções devocionais das 16.

À noite, às 12 horas, o resultado foi um grande entusiasmo das massas camponesas e equipes de legionários, e uma grande depressão de políticos e judeus. A Guarda: 11.300 votos; liberais: 7.000; os nacional-camponeses com os averescans: 6.000; os outros, muito menos.

E assim, na primeira batalha, em campo aberto com as forças da coalizão de políticos, os legionários, embora em pequeno número e com meios incomparavelmente menores, conseguiram conquistar a vitória, espalhando o pânico entre todos os adversários.

DEMOCRACIA CONTRA A NAÇÃO

NO PARLAMENTO

Como resultado desta eleição, entrei no Parlamento. Sozinho, no meio de um mundo hostil. Sem a experiência desta vida parlamentar, sem o talento da oratória democrática, que inclui muitas frases vazias mas pomposas, alegres, gestos preparados no espelho e uma boa dose de atrevimento. Características que pode fazer você ter sucesso, que você pode ascender, mas que Deus não quis dar a mim. Provavelmente para eliminar qualquer tentação que me levasse a subir por elas.

Nunca ultrapassei, em todo o tempo que estive no Parlamento, as leis da boa educação e do respeito pelos mais velhos, ou mesmo pelos meus maiores adversários. Não zombei, não participei de xingamentos, não ri de ninguém e não ofendi ninguém. Então, não pude me integrar à vida ali. Fiquei isolado, não só porque estava sozinho contra outras pessoas, mas isolado daquela vida.

Tarde da noite, quando a reunião terminou e os bancos estavam quase vazios, eu recebi a palavra.

Procurei mostrar que este país foi invadido por judeus. Onde há a maior conquista, há também a mais assustadora miséria humana: Maramureş. Que o início da existência dos judeus em nossa terra coincide com o início da morte dos romenos. Que à medida que o número deles aumentasse, morreríamos. Que, finalmente, os dirigentes da nação romena, o povo da era da democracia e dos partidos, nesta luta traíram o seu povo, pondo-se a serviço das grandes finanças nacionais ou internacionais judaicas.

Mostrei que na carteira do banco Marmorosch Blank, neste ninho judaico de conspiração e corrupção, figuram-se boa parte dos políticos, pessoas a quem este banco havia "emprestado" dinheiro: Sr. Brandsch, subsecretário de estado de 111.000 leus; Banca Ţărănească do Sr. Davilla 4.677.000; Sr. Iunian 407.000 lei; Sr. Madgearu 401.000 lei; Sr. Filipescu 1.265.000 lei; Sr.

Răducanu 3.450.000; o banco Răducanu 10.000.000 lei; Sr. Pangal (Chefe da Maçonaria do Rito Escocês)

3.800.000 lei; Sr. Titulescu 19.000.000 lei. Todos os líderes da vida pública romena.

Além desses, existiam outros. Existiam muitos. Eles estavam todos lá, mas eu não consegui colocar minhas mãos na lista.

Fui interrompido por um deles:

- É dinheiro emprestado. Vamos pagar.

Respondi:

- Se vão pagar ou não, não sei. Mas te digo uma coisa: há uma obrigação de alguém que pede dinheiro emprestado a tal fonte financeira, para satisfazê-la quando está no governo, para satisfazê-la quando está na oposição e, em qualquer caso, não acerta-la quando ela precisa ser atingida.

Depois li uma lista da qual mostrei, sem possibilidade de resposta, como desde a guerra e até agora o Estado romeno foi defraudado por aprox. 50 bilhões de lei, sob a liderança da democracia, de uma forma muito honesta e muito perfeita de governo do "povo" por si só. A liderança da “democracia” assentada na ideia de um “controle” permanente do povo em que o povo, o grande controlador, havia sido saqueado durante 15 anos de governo com a fabulosa soma de *50 bilhões de leus*.

Em seguida, fiz comentários críticos sobre a democracia. Por fim, fiz 7 pedidos:

1. Exigimos a introdução da pena de morte para manipuladores fraudulentos de dinheiro público.

Fui interrompido pelo Sr. Ispir, professor da Faculdade de Teologia:

- Sr. Codreanu, o senhor se autodenomina cristão e portador da ideia cristã. Lembro a você que apoiar essa ideia é anti-cristão.

Respondi:

- Professor, na hora de escolher entre a morte do meu país e a do ladrão, prefiro a morte do ladrão. Acho que sou um cristão melhor se não permitir que o ladrão leve meu país à perdição.

2. Exigimos a revisão e confisco dos bens daqueles que roubaram suas terras.

3. Exigimos o processo criminal de todos os políticos que comprovem ter trabalhado contra o país, apoiando irregularidades ou de outra forma.

4. Exigimos que os políticos sejam impedidos de atuar nos conselhos de administração de vários bancos ou empresas no futuro.

5. Exigimos a expulsão dos grupos de exploradores implacáveis que vieram a esta terra para explorar as riquezas do solo e o trabalho de nossas mãos.

6. Exigimos a declaração do território romeno como propriedade inalienável e imprescritível da nação romena.

7. Exigimos o envio ao trabalho de todos os agentes eleitorais e o estabelecimento de um comando único, ao qual todo o fôlego romeno deve ser submetido, em um só pensamento.

***

Estas foram as primeiras tentativas de formulação pública de algumas medidas políticas que considerei mais urgentes.

Não foram fruto de um longo pensamento, de uma turbulência ideológica, mas o resultado de reflexões momentâneas sobre o que a nação romena precisava, então, imediatamente.

Em 6 meses, surgiram alguns movimentos bastante populares, com apenas os três pontos iniciais do programa: 1. A pena de

morte, 2. A análise de riqueza, 3. A proibição de políticos entrarem em conselhos - o que fez com que outros também os considerassem necessário.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A DEMOCRACIA

Quero fazer algumas anotações nas páginas seguintes da experiência diária, para que possam ser compreendidas por qualquer jovem legionário ou trabalhador.

Vivemos com roupas, nas formas de democracia. Elas são boas? Ainda não sabemos. Mas nós vemos uma coisa. Nós a conhecemos exatamente. Que algumas das maiores e mais civilizadas nações da Europa jogaram fora essas roupas e vestiram outras novas. Você as jogou fora? Outras nações estão fazendo todos os esforços para expulsá-las e também mudá-las. Porque? Todas as nações enlouqueceram? E permaneceu apenas os políticos romenos as pessoas mais sábias do mundo? Eu não posso acreditar.

Aqueles que as mudaram ou aqueles que querem mudá-las, é claro, cada um terá seus próprios motivos.

Mas por que cuidar dos motivos dos outros? Cuidemos melhor dos motivos que nos fariam, os romenos, mudar de roupa de democracia.

Se não temos razão, se elas são boas para nós, então nós as manteremos, mesmo que toda a Europa as jogue fora.

Mas elas também não são boas para nós, porque:

1. *A democracia estilhaça a unidade* do povo romeno, espalhando-o em partidos, opondo-se a ele e expondo-o dividido diante do bloco único do poder judaico, em um momento difícil de sua história.
   Só este argumento é tão sério para a nossa existência que seria razão suficiente para mudar esta democracia, com o

que ela pudesse nos garantir a unidade e, portanto, a vida. Pois nossa divisão significa morte.

2. *A democracia transforma milhões de judeus em cidadãos romenos.*
   Tornando-os iguais aos romenos. Dando a eles os mesmos direitos no estado. Igualdade? Em qual base? Estamos aqui há milhares de anos. Com o arado e a arma. Com nosso trabalho e nosso sangue. Porque devemos ser iguais com quem está aqui há apenas 100, 10 ou 5 anos? Olhando para o passado, criamos esse estado. Olhando para o futuro, nós, romenos, temos total responsabilidade histórica pela existência da Grande Romênia. Eles não têm nenhum. Que responsabilidade os judeus podem ter diante da história pelo desaparecimento do Estado romeno?
   Portanto: não há igualdade no trabalho, sacrifício e luta pela criação do Estado e não há igualdade de responsabilidades pelo seu futuro. Igualdade? De acordo com uma velha máxima, igualdade significa tratar coisas desiguais de forma desigual. Com base em que os judeus exigem tratamento igual, direitos políticos iguais aos dos romenos?
3. *A democracia é incapaz de continuidade no esforço*.
   Por estar dividido em partidos governantes, um ano, dois ou três, não consegue conceber e implementar um plano de longo prazo. Uma parte cancela os planos e esforços da outra. O que foi concebido e construído por um hoje é demolido no dia seguinte por outro.
   Em um país onde a construção é necessária, cujo momento histórico é a própria construção, essa desvantagem da democracia é um perigo. Como em uma casa onde os donos mudariam a cada ano, cada um vindo com outros planos, arruinando o que alguns fizeram e iniciando outras coisas que também serão arruinadas por aqueles que virão amanhã.
4. *A democracia torna impossível para um político cumprir seu dever para com seu povo.*

O político mais benevolente da democracia torna-se escravo de seus partidários, porque ou ele satisfaz seus desejos pessoais ou eles destroem seu grupo. O político vive sob a tirania e a ameaça permanente do agente eleitoral.
Ele é colocado na situação de escolher: ou a renúncia de seu trabalho para o resto da vida, ou a satisfação dos partidários. E então o político satisfaz os desejos deles. Mas não do próprio bolso, mas do bolso do próprio país. Cria cargos, funções, missões, comissões, sinecura, todos a cargo do orçamento do país, o que pressiona cada vez mais as costas, cada vez mais exauridas, do povo.

5. *A democracia é incapaz de autoridade.* Porque não tem poder de sanção. Um partido não age contra seus partidários, vivendo de escandalosos negócios de milhões, de roubo e saque, por medo de perdê-los. Nem contra seus oponentes, por medo de expor seus próprios negócios e imprecisões.
6. *A democracia está a serviço de grandes finanças.* Por causa do sistema caro e da competição entre diferentes grupos, a democracia exige ser alimentada com muito dinheiro. Como conseqüência natural, ela se torna serva das grandes finanças internacionais judaicas que a subjugam, pagando-a. Desta forma, o destino de uma nação é dado a uma casta de banqueiros.

ELEIÇÃO, SELEÇÃO, HEREDIDADE

O povo não é governado por sua vontade: a democracia. Nem de acordo com a vontade de uma pessoa: ditadura. Mas de acordo com as leis. Não se trata de leis feitas pelo homem.

Existem normas, leis naturais da vida e normas, leis naturais da morte. As leis da vida e as leis da morte. Uma nação vai para a vida ou para a morte ao obedecer a uma ou outra dessas leis.

***

Uma coisa ainda precisa ser determinada. Quem no meio de uma nação pode compreender ou intuir essas regras? As pessoas? A multidão? Acho que está sendo esperado demais dela. A multidão não entende nenhuma outra lei mais simples. Ela não só pode não pegá-las no ar, mas deve ser explicada a ela por muito tempo, repetido com insistência, até mesmo puni-la para entendê-las.

Aqui estão algumas leis imediatamente necessárias à sua vida, que ela acha difíceis de entender: que em caso de doença infecciosa, o paciente deve ser isolado e desinfetado em geral; que o sol precisa entrar na casa, então grandes janelas são necessárias; que o gado, se for mais bem cuidado e alimentado, dá mais para a alimentação humana, etc.

Se a multidão não consegue compreender ou tem dificuldade em compreender algumas das leis imediatamente necessárias à sua vida, como se pode imaginar que a multidão, que em uma democracia deve ser governada por ela, será capaz de compreender as leis naturais mais difíceis, ser capaz de intuir as melhores e mais imperceptíveis normas da liderança humana, normas que transcendem, sua vida, as necessidades de sua vida, que não se aplicam diretamente a ela, mas que se aplicam a uma entidade superior a ela: a nação?

Se para fazer pão é preciso se especializar, se para fazer botas, arar, fazer agricultura, dirigir um bonde, é preciso se especializar; para a liderança mais dura, a de uma nação, não é necessária a especialização? Você não precisa de certas qualidades?

A conclusão: um povo não é governado por si mesmo, mas por sua elite. Ou seja, por meio dessa categoria de pessoas nascidas de seu seio com certas habilidades e especialidades.

Assim como as abelhas criam sua “rainha”, o povo deve criar sua elite.

Da mesma forma, a multidão, em suas necessidades, apela à sua elite, aos sábios da aldeia.

***

Quem escolhe essa elite? A multidão?

Para qualquer “ideia” ou para qualquer candidato ao governo, as pessoas podem ser apoiadas. Os votos podem ser ganhos. Portanto, não depende da compreensão que as pessoas têm dessas “idéias”, “leis” ou “pessoas”, mas de algo totalmente diferente: a habilidade das pessoas em conquistar a boa vontade da multidão.

A multidão é a mais caprichosa e instável nas opiniões. Desde a guerra, a mesma multidão tem se alinhado a fila: averesca, liberal, nacionalista, nacional-camponesa, iorghista, etc. Elevando cada um à glória, para que depois de um ano ela cuspisse neles, reconhecendo assim seu próprio erro, erro e incapacidade. Sua escolha é: “Vamos tentar outros.” Portanto, a escolha não é feita por estudo e conhecimento, mas por acaso e a esmo.

Duas ideias opostas. Uma contém a verdade e a outra mentiras. A verdade é procurada. Só pode haver uma verdade. É posto a votação. Um tem 10.000 votos, outro 10.050. É possível que 50 votos mais ou menos determinem a verdade ou a neguem? A verdade não depende da maioria nem da minoria, tem suas leis e triunfa, como se viu, contra todas as maiorias, mesmo esmagadoras.

A descoberta da verdade não pode ser confiada à maioria, assim como na geometria a teoria de Pitágoras não precisa ser submetida ao voto da multidão, para que esta decida a verdade ou a negue. Assim como o químico, que quer tirar amônia, não

precisa se dirigir à multidão para decidir por seu voto as quantidades de nitrogênio e hidrogênio. E assim como um agrônomo, que há anos estuda agricultura e suas leis, não precisa votar na frente de uma multidão depois para se convencer, pelo resultado da votação, do seu valor.

***

O povo pode escolher sua elite?

Por que então os soldados não escolhem seu melhor general?

Para poder escolher, este júri coletivo deve saber bem:

a. Leis de estratégia, tática, organização, etc.
b. Em que medida a pessoa X cumpre as aptidões e o conhecimento dessas leis.

Sem esse conhecimento, ninguém pode escolher.

A multidão, se quiser escolher sua elite, é absolutamente necessário conhecer as leis que regem o órgão nacional e em que medida os candidatos cumprem com as aptidões e o conhecimento dessas leis.

Mas a multidão não pode conhecer essas leis nem as pessoas. É por isso que acreditamos que uma elite não pode ser escolhida pela multidão.

Tentar escolher esta elite é como se pretendêssemos determinar, por voto e por maioria, os poetas de uma nação, escritores, mecânicos, aviadores ou atletas.

A democracia, portanto, baseada no princípio da eleição, escolhendo sua elite, comete um erro fundamental do qual deriva todo o estado de aflição, turbulência e miséria das aldeias. Tocamos em um ponto crucial. Porque desse erro da concepção democrática começa, poderíamos dizer, todos os outros erros.

As multidões chamadas a escolher sua elite, não só são incapazes de descobrir e escolher sua elite, mas, além disso, escolhem, com poucas exceções, tudo o que há de pior dentro de uma nação.

Portanto, a democracia não apenas remove a elite nacional, mas a substitui pelo pior no seio da nação. A democracia escolherá: pessoas sem escrúpulos, portanto, sem moral. Aqueles que pagarão melhor, são aqueles com mais poder de corrupção. Golpistas, charlatães, demagogos, que vão se sair melhor no concurso de golpes, charlatania, demagogia, durante o período eleitoral. Entre eles podem passar alguns bons homens, até mesmo políticos, de boa fé. Eles serão os escravos do primeiro.

A verdadeira elite de uma nação será derrotada, removida, porque se recusará a competir nessas questões. Ela vai recuar e ficar escondida.

Daí as consequências desastrosas para o Estado.

Quando um Estado é governado por uma chamada “elite”, composta de tudo o que é pior, doentio, mais corrupto, é admissível que alguém se pergunte por que o Estado está desmoronando?

Aqui está a causa de todos os outros males: imoralidade, corrupção, libertinagem, por todo o país, roubo e pilhagem das riquezas do Estado, exploração sangrenta do povo, pobreza e miséria em suas casas, falta de senso de dever em todas as funções, desordem e desorganização do Estado, o ataque de estrangeiros com dinheiro por todos os lados, como vindo comprar lojas falidas que vendem seus produtos por nada. O país é vendido em leilão: “Quem dá mais?” No final, é para onde a democracia nos levará.

Na Romênia, especialmente desde a guerra, a democracia criou, através deste sistema de eleições, uma “elite nacional” de judeus-romenos, baseada em: não bravura, sem amor à pátria, sem sacrifício, mas a venda da pátria, a satisfação de interesse próprio,

suborno, tráfico de influência, enriquecimento por meio de exploração e furto, roubo, covardia, ou seja, a derrubada do adversário pela intriga.

Essa “elite nacional”, se continuar a nos liderar, *levará à abolição do Estado nacional romeno.*

Assim, em última análise, o problema que hoje se coloca ao povo romeno e do qual todos os outros dependem, é a substituição desta elite por uma elite nacional, baseada em: virtude, amor e sacrifício pelo país, justiça e amor pelo povo, honra, trabalho, ordem, disciplina, meios leais e honra.

***

Quem deve fazer essa substituição? Quem deve colocar a nova elite em seu lugar? Eu respondo: qualquer um menos a multidão. Admito qualquer sistema que não seja a “democracia”, que certamente está me matando, o povo romeno.

A nova elite romena e qualquer elite do mundo devem se basear no princípio da seleção social. Ou seja, uma categoria de pessoas com certas qualidades é selecionada naturalmente do corpo da nação, ou seja, da grande massa saudável do campesinato e da classe trabalhadora, permanentemente ligada à terra e ao país, que então cultivam. Ela se torna a elite nacional. Deve liderar uma nação.

***

Quando pode ser ou quando deve ser consultada uma multidão? Diante das grandes decisões que a prendem. Para que ela diga, se ela pode, se ela não pode, se ela está pronta ou não. O caminho é

mostrado a ela e solicitada a responder se se sentir capaz de percorrê-lo. Ela é consultada sobre seu destino. Isso significa consultar as pessoas. Isso não significa a eleição da elite pelo povo.

***

Mas repito a pergunta: quem escolhe o lugar de cada um dentro da elite, e quem pesa cada um? Quem estabelece a seleção e dá consagração aos membros da nova elite? Resposta: a elite anterior.

Não escolhe, não nomeia, mas consagra cada um ao lugar onde se elevou sozinho por sua capacidade e valor moral. A consagração é feita pelo chefe da elite, consultando sua elite.

Portanto, uma elite nacional deve cuidar para deixar uma elite herdeira. Uma elite substituta. Mas não com base no princípio da hereditariedade, mas apenas no princípio da seleção social aplicada com o máximo rigor.

O princípio da hereditariedade não é suficiente por si só.

De acordo com o princípio da seleção social, constantemente recebida com elementos do fundo da nação, uma elite é sempre vigorosa.

O erro histórico foi que onde uma elite foi criada com base no princípio da seleção, ela abandonou no dia seguinte o princípio que lhe deu origem, substituindo-o pelo princípio da hereditariedade e consagrando o sistema injusto e condenado de privilégios de nascimento.

A democracia nasceu como um protesto contra esse erro, pela remoção de uma elite degenerada e pela abolição dos privilégios de nascimento.

Abandonar o princípio da seleção levou a uma elite falsa e degenerada, e isso levou à errância da democracia.

***

O princípio da seleção remove tanto o princípio da escolha quanto o princípio da hereditariedade. Eles não podem ficar juntos. Existe um conflito entre eles, porque um de dois: ou existe um certo princípio de seleção e então a opinião e o voto da multidão não tem nada a ver, ou escolhemos as pessoas e então a seleção não funciona mais.

Além disso, se usarmos a seleção social, a hereditariedade não tem nada a ver com isso. Esses dois princípios não podem andar juntos a menos que o herdeiro cumpra as leis de seleção.

Mas se uma nação não tem uma elite verdadeira, a primeira pode consertar a segunda? Eu respondo com uma frase que contém uma verdade indiscutível:

Neste caso, a elite nasce da guerra com a degenerada ou falsa elite. Também no princípio da seleção.

***

Então, em resumo, o papel de uma elite é:

a) Liderar uma nação de acordo com as leis da vida de um povo.
b) Deixar uma elite hereditária baseada não no princípio da hereditariedade, mas no da seleção, pois conhece as leis da vida e pode julgar até que ponto as pessoas se conformam por meio de aptidões e conhecimento a essas leis.

Como um jardineiro que administra de seu jardim e cuida de deixar um herdeiro, um substituto, antes de morrer. Pois ele é o único que pode dizer qual de todos aqueles com quem trabalhou é o melhor para ocupar seu lugar e continuar seu trabalho.

Em que uma elite deve se basear:

a) Na pureza da alma.
b) Capacidade de trabalhar e criar.
c) Bravura.
d) Vida dura e guerra permanente com as dificuldades colocadas no caminho da nação.
e) Pobreza, ou seja, a renúncia voluntária à riqueza.
f) Fé em Deus.
g) Amor.

***

Perguntaram-me se nossa atividade até agora estava na linha da Igreja Cristã. Respondi:

Fazemos uma grande diferença entre a linha que seguimos e a linha da Igreja Cristã. A linha da Igreja está milhares de metros acima de nós. Atinge a perfeição e o sublime. Não podemos seguir essa linha para explicar nossos atos.

Nós, por nossa ação, por todos os nossos atos e pensamentos, tendemos a esta linha, subimos a ela, tanto quanto o peso dos pecados da carne e a condenação a que fomos destinados pelo pecado original nos permitem. Resta saber até que ponto fomos capazes, por meio de nossos esforços terrenos, de ascender a esta linha.

INDIVÍDUO, COLETIVIDADE NACIONAL, NAÇÃO

Os “direitos humanos” são limitados não apenas pelos direitos de outra pessoa, mas também por outros direitos. Porque existem três entidades distintas:

1. O indivíduo.
2. A coletividade nacional atual, ou seja, a totalidade de indivíduos de uma mesma nação, vivendo em um determinado Estado em um determinado momento.
3. A nação, aquela entidade histórica que vive ao longo dos séculos com suas raízes nas brumas do tempo e um futuro infinito.

Um novo grande erro da democracia baseada nos “direitos humanos” é reconhecer e se interessar por apenas uma dessas três entidades: o indivíduo. Ele negligencia ou zomba do segundo e nega o terceiro.

Todas as três têm seus direitos e deveres. O direito de viver. E o dever de não comprometer o direito à vida dos outros dois.

A democracia preocupa-se apenas em garantir os direitos do indivíduo. É por isso que estamos testemunhando uma formidável reviravolta na democracia. O indivíduo acredita que pode usurpar com seus direitos ilimitados os direitos de toda a comunidade, os quais ele pode violar e esfolar. É por isso que estamos testemunhando, em uma democracia, esse quadro comovente, essa anarquia, em que o indivíduo não quer admitir nada além de seu interesse pessoal.

Por sua vez, a coletividade nacional tem uma tendência permanente de sacrificar o futuro - os direitos da nação - por seus interesses presentes.

É por isso que estamos testemunhando a exploração implacável ou mesmo a alienação de florestas, minas, petróleo, esquecendo que virão depois de nós centenas de gerações romenas, os filhos de nossos filhos, que também esperam viver, continuando a vida da nação.

Esta convulsão, esta ruptura de relações a que a democracia deu origem, constitui uma verdadeira anarquia, uma abolição da ordem natural e é uma das principais causas do estado de turbulência da sociedade atual.

A harmonia só pode ser restaurada restaurando a ordem natural. O indivíduo deve estar subordinado à entidade superior, a coletividade nacional, e esta deve estar subordinada à nação.

Os “direitos humanos” não são mais ilimitados, eles são limitados pelos direitos da comunidade nacional e seus direitos são limitados pelos direitos da nação.

***

Por fim, parece que, em uma democracia, pelo menos o indivíduo, carregado de tantos direitos, vive maravilhosamente. Na realidade, porém - e aqui está a tragédia final da democracia - o indivíduo não tem direito, porque nos perguntamos: onde está a liberdade de reunião, onde está a liberdade de escrever, onde está a liberdade de consciência? Ele vive sob o terror, fortemente sitiado, censurado, com milhares de presos e pessoas mortas por sua fé, como no tempo dos governantes mais tirânicos dos povos.

Onde está o "direito da multidão soberana" de decidir o seu destino, quando as manifestações são proibidas e dezenas de milhares de pessoas são detidas, maltratadas, ameaçadas de morte, mortas?

Você dirá: sim, mas eles querem mudar a constituição, restringir as liberdades, entronizar outra forma de Estado!

Eu pergunto: pode a democracia alegar que um povo não é livre e não pode decidir seu próprio destino para mudar sua constituição, para mudar a forma do Estado, como ele deseja, para viver em liberdade maior ou menor, se ele quiser?

Está é a tragédia final.

Na realidade, em uma democracia, o homem não tem direito. No entanto, não os perdeu nem em benefício da comunidade nacional nem da nação, mas em benefício de uma casta político-financeira de banqueiros e agentes eleitorais.

Finalmente, a última beneficência para o indivíduo. A democracia maçônica, por meio de uma perfídia sem paralelo, torna-se o apóstolo da paz na terra. Mas, ao mesmo tempo, proclama guerra entre os homens e Deus.

“Paz entre os homens” e guerra contra Deus.

A perfídia consiste em usar as palavras do Salvador:

“Paz entre os homens”, tornando-se então o apóstolo da “paz”, e condenando-O e odiando-O como o inimigo da humanidade. E, por fim, a perfídia consiste em fingir que quer defender a vida das pessoas, enquanto, na realidade, conduzem à perda de vidas. Fingindo querer protegê-los da morte pela guerra, eles não fazem nada além de atingir o objetivo diabólico de condená-los à morte eterna.

NAÇÃO

Quando dizemos a nação romena, entendemos não apenas todos os romenos que vivem no mesmo território, têm o mesmo passado e o mesmo futuro, o mesmo porto, a mesma língua, os mesmos interesses presentes.

Quando dizemos a nação romena, queremos dizer: todos os romenos vivos e mortos, que viveram nesta terra desde o início da história e que viverão no futuro.

A nação inclui:

1. Todos os romenos que estão vivos.
2. Todas as almas dos mortos e os túmulos dos nossos ancestrais.
3. Todos aqueles que nascerão romenos.

Um povo atinge a consciência de si mesmo quando atinge a consciência desse todo, não apenas de seus interesses.

A nação tem:

1. Uma herança física e biológica: carne e sangue.
2. Um patrimônio material: a terra do país e suas riquezas.
3. Uma herança espiritual, que inclui:

a. Sua concepção de Deus, do mundo e da vida. Essa concepção forma um domínio, uma propriedade espiritual. Os limites desse campo são fixados pelas bordas brilhantes de sua concepção. É uma terra do espírito nacional, a terra de suas visões, obtida por revelação e por seu próprio esforço.
b. Sua honra brilha na medida em que a nação foi capaz de se conformar, em sua existência histórica, às normas emanadas de sua concepção de Deus, do mundo e da vida.
c. A sua cultura: fruto da sua vida, fruto do seu próprio esforço no campo do pensamento e da arte. Essa cultura não é

> internacional. É a expressão do gênio nacional, do sangue. A cultura é internacional em brilho, mas nacional em origem. Alguém fez uma bela comparação: tanto o pão quanto o trigo podem ser internacionais como bens de consumo, mas levarão o selo da terra em que nasceram em todos os lugares.

Todos esses três patrimônios têm sua importância. Uma nação deve defender todos eles. Mas o maior significado tem sua herança espiritual, porque somente ela traz o selo da eternidade, somente ela atravessa todas as idades.

Os antigos gregos não viviam por seu físico, não importa o quão atléticos - apenas cinzas restavam deles - nem pelas riquezas materiais, se as possuíam, mas por sua cultura.

Uma nação vive para sempre por meio de sua concepção, honra e cultura. É por isso que os líderes das nações devem julgar e agir não apenas de acordo com os interesses físicos ou materiais da nação, mas levando em consideração sua linha de honra histórica, os interesses eternos. Portanto, não pão a qualquer preço, mas honra a qualquer preço.

O OBJETIVO FINAL DA NAÇÃO

É a vida?

Se for vida, não importa quais meios as nações usam para protegê-la. Todos são bons, até os piores.

Então surge a pergunta: depois de que as nações são governadas em relação a outras nações? Depois do animal neles? Depois do tigre neles? De acordo com a lei dos peixes do mar ou das feras da floresta?

O objetivo final não é a vida. Mas a ressurreição. A ressurreição dos gentios em nome do Salvador Jesus Cristo. Criação, cultura, é apenas um meio, não um objetivo, como se acredita, para alcançar

esta ressurreição. É fruto do talento que Deus plantou em nossa nação, pelo qual devemos ser responsáveis. Haverá um tempo em que todas as nações da terra serão ressuscitadas, com todos os mortos e todos os seus reis e imperadores. Tendo cada nação seu lugar diante do trono de Deus. Este momento final, a "ressurreição dos mortos", é a meta mais elevada e mais sublime para a qual uma nação pode se elevar.

A nação é, portanto, uma entidade que prolonga sua vida além da terra. As nações são realidades no outro mundo também, não apenas neste mundo.

São João, contando o que vê além da terra, diz:

"A cidade não precisa do sol ou da lua para iluminá-la; pois a glória de Deus a ilumina, e sua luz é o Cordeiro.

As nações andarão em sua luz, e os reis da terra trarão sua glória e honra a ela."

(Apocalipse, 21, 23-34)

E em outra parte:

"Quem não temerá, ó Senhor, e não glorificará o Teu nome? Pois Tu és santo, e todas as nações virão e se prostrarão diante de Ti; porque os Teus julgamentos são manifestos."

(Apocalipse, 15, 4)

Para nós, os romenos, nossa nação, como qualquer outra nação do mundo, Deus nos deu uma missão. Deus decidiu um destino histórico para nós.

A primeira lei que uma nação deve seguir é seguir a linha deste destino, cumprindo a missão que lhe foi confiada.

Nosso povo não se desarmou nem desertou de sua missão, por mais difícil e longo que tenha sido seu Caminho do Gólgota[132].

[132] N.T. "Calvário ou Gólgota é a colina na qual Jesus foi crucificado e que, na época de Cristo, ficava fora da cidade de Jerusalém."

E agora obstáculos tão altos quanto montanhas surgem diante de nós.

Seremos nós a geração fraca e covarde, a largar de nossas mãos, sob a pressão das ameaças, a linha do destino romeno e a deixar a nossa missão como nação no mundo?

A MONARQUIA E AS LEIS DA MONARQUIA

À frente das nações, acima da elite, está a monarquia. Eu rejeito a república.

A história viu monarcas bons, muito bons, outros fracos ou ruins. Alguns gozaram das honras e do amor das pessoas até o fim de suas vidas, outros tiveram suas cabeças decepadas. Portanto, nem todos os monarcas eram bons. Mas a monarquia sempre foi boa. O homem não deve ser confundido com a instituição, tirando conclusões falsas.

Podem haver maus padres, mas, por isso, não podemos concluir que devemos destruir a Igreja e apedrejar Deus.

Existem, é claro, monarcas fracos ou maus, mas não podemos desistir da monarquia.

Na agricultura, temos um ano bom e um ano ruim, ou um ano bom e dois anos ruins; entretanto, ainda não ocorreu ao mundo desistir da agricultura.

***

Um monarca faz o que quer? Então, quando é grande e quando é pequeno? Quando é bom e quando é mau?

Um monarca não faz o que quer. Um monarca é pequeno quando faz o que quer e é grande quando faz o que tem que fazer.

Existe uma linha para a vida da nação. Um monarca é ótimo e bom quando permanece nesta linha. É pequeno ou mau, na medida em que se desvia ou se opõe a esta linha da vida da nação. Esta é a lei da monarquia. Existem outras linhas que podem tentar um monarca: a linha dos interesses pessoais, a linha dos interesses de uma classe, a linha dos interesses de um grupo, a linha dos interesses estrangeiros (dentro ou fora das fronteiras).

Ele deve remover todas elas e seguir a linha da nação.

Estevão, o Grande, por meio milênio, brilha na história e os romenos não o esquecem, porque ele estava perfeitamente confundido com a linha de vida da nação.

O rei Fernando, contra todos os laços e interesses, colocou-se na linha da nação, suportou com ela, se sacrificou com ela, venceu com ela. Por isso ele é grande e imortal.

A LUTA DE TUTOVA
17 DE ABRIL DE 1932

Depois das eleições em Neamţ, apenas quatro meses se passaram e o jovem exército legionário entrou em uma nova luta. No início de janeiro de 1932, um cargo de deputado em Tutova foi declarado vago. Eu estudei a situação. Aqui, na eleição geral, tive apenas 500 votos. O condado estava fraco; mas foi tão bem enquadrado por Covurlui, Cahul e Tecuci, que poderíamos facilmente trazer legionários.

Pareceu-me que poderíamos obter a vitória. Pensei na importância e ressonância que teria uma nova vitória. Duas vitórias consecutivas da organização mais jovem contra todos os partidos políticos teriam aumentado consideravelmente seu prestígio aos olhos do país. Decidi concorrer meu pai, pois para mim ele era o mais necessário no movimento, tanto no Parlamento quanto no exterior, para organização e propaganda. As eleições foram marcadas para 17 de março.

Em 9 de janeiro, lançamos um manifesto em todo o município. Em 10 de janeiro, meu pai chegou com uma primeira equipe. Depois vieram as equipes de Iaşi, Tecuci, Bereşti e Cahul.

Nas primeiras três semanas, a rapidez e o heroísmo das pequenas forças legionárias determinaram para nós uma corrente de simpatia em todo o condado. Em um inverno rigoroso, com muita neve e geada, os partidos não podiam se mexer. Eles esperaram por um tempo melhor. Durante esse tempo, porém, pelas colinas, com neve até a cintura, da nevasca, os legionários passavam de aldeia em aldeia.

No início de fevereiro, a luta começou a ficar dura. A coalizão Liberal-Camponesa-Lupista[133]-Cuzista estava surgindo diante de nós com uma ferocidade que nunca tínhamos conhecido antes. O governo tomou medidas de verdadeiro terror. A imprensa judaica estava nos atacando veementemente.

Senti necessidade de fortalecer as forças. Enviei as últimas reservas de Iasi sob o comando de Totu. Eu só tinha outros em Bucareste. No entanto, isso representava um problema difícil para nós, o de transporte. Eu não tinha dinheiro. Chamei então os legionários e propus uma medida heróica: partir a pé de Bucareste a Bârlad, uma distância de quase 300 km, explicando-lhes que esta marcha significaria mais de 100.000 manifestos pela vitória. Com certeza seria um grande discurso heróico, dirigido pelos legionários aos romenos de Tutova.

Os Legionários receberam a proposta com entusiasmo. Uma semana depois, uma equipe de cerca de 25 pessoas, sob o comando de Stelescu, líderada por Caratănase e Doru Belimace, deixou Bucareste a pé para Tutova. Após uma difícil marcha de 10 dias, em meio à nevasca, eles chegaram a Bârlad, recebidos calorosamente por toda a população. Mas a perseguição se intensificou até a última tensão possível. O policial coronel Ignat foi trazido à comarca, com grande força, por ordem do ministro

[133] N.T. Lupistas eram membros do grupo do Dr. Lupu.

do Interior, Sr. Argetoianu, para que os legionários fossem retirados em macas de todo o município. Era impossível para equipes pequenas avançarem. Então, fiz duas equipes fortes, sob o comando de Victor Silaghi e Stelescu, que, apoiando um ao outro, poderiam avançar na linha Pueşti-Dragomireşti, acompanhando meu pai. Enviei outra equipe menor na direção de Băcani. Essas duas direções permaneceram invictas. Elas constituíam a metade nordeste do município. O sul, a outra metade, foi bem trabalhado por meu pai, pelo Sr. D. Popescu, o chefe do condado, por Victor Silaghi, por Teodor Ţilea e por Ion Antoniu, com as primeiras equipes.

As duas equipes do norte avançaram, lutando contra uma grande nevasca, de mais de 40 km, tendo alguns feridos, Ţocu e outros. No norte do condado, foram recebidos por grandes forças de gendarmes. As equipes então se barricaram no sótão de uma casa deserta, onde resistiram sem fogo, comida e água por 48 horas. Por fim, eles foram capazes de se retirar, após uma dura marcha de uma noite, que realizaram em condições verdadeiramente heróicas e apenas por causa da teimosia de Victor Silaghi, que encorajou os legionários esmagados pelo cansaço, frio e fome. a última resistência possível. Esta criança órfã, filho do padre romeno Silaghi de Careii Mari, morto pelos húngaros em 1918 em condições trágicas, lutou com verdadeira bravura.

No final, essas equipes foram cercadas por grandes forças e trazidas para Bârlad. Meu pai foi preso e encarcerado em um regimento.

A terceira equipe foi completamente dizimada na batalha de Băcani. Aqui, antes de entrar na aldeia, à noite, ela foi atacada por um grande número de gendarmes. O chefe da equipe, o legionário Popescu Lascăr, atingido na cabeça por uma arma, caiu inconsciente em uma poça de sangue. Os outros legionários se recusaram a se retirar. Eles atacaram de peito nu, sem nada na mão, tentando entrar na aldeia. Um por um, todos eles ficaram inconscientes. O último atacou sozinho. Ele caiu de joelhos sob os

golpes, levantou-se e atacou novamente. Ele desabou ao lado de seus camaradas. Toda a equipe caiu inconsciente em uma poça de sangue. De lá, foram arrastados pela neve por gendarmes a dois quilômetros de distância, até o posto da aldeia. À 1 hora da noite, um cavaleiro trouxe a notícia em Bârlad do que aconteceu à noite em Băcani. A equipe de Iași, comandada por Totu, que chegara a Bârlad às 12 da noite, partiu imediatamente a pé, para socorrer os companheiros feridos. Após uma luta das 3h30 às 5 da manhã, durante a qual os gendarmes dispararam todos os cartuchos que possuíam, os legionários ocuparam o posto dos gendarmes, encontrando dentro ainda inconscientes, derrubados no chão, os legionários que caíram na batalha de Băcani. Eles os recolheram e transportaram para o hospital em Bârlad.

***

Mas as coisas não param por aí. Os judeus lançaram uma enorme campanha na imprensa, atacando-nos com cinismo e injustiça ultrajante. Uma onda de mentiras, insultos, calúnias caiu sobre nós. Todos os grupos políticos se uniram para nos tirar da luta.

SEGUNDA DISSOLUÇÃO DA GUARDA
MARÇO DE 1932

Atingida pelos gendarmes, atacada pela imprensa judaica, uma nova dissolução da Guarda caiu sobre nossas cabeças, uma decisão dada por uma simples decisão ministerial.

Embora estivéssemos na mais perfeita legalidade, o governo Iorga-Argetoianu, violando a Constituição e as leis, nos dissolveu arbitrariamente. A sede foi novamente ocupada e lacrada. A gráfica de Iaşi foi fechada. Atacados pela imprensa, não tínhamos como nos defender, todas as nossas publicações estavam

suspensas. Tentei falar no Parlamento, mas fui impedido pelo barulho da maioria, que não me permitiu defender-me.

No entanto, eles não puderam impedir a candidatura.

A equipe de Bucareste foi evacuada. As outras uma por uma. A equipe de Iași, em número 30, sob a liderança de Totu, sendo levada à estação para a mesma operação de evacuação, rompeu as cordas e ocupou a sala de espera, onde se barricaram e resistiram por 24 horas, até ser atacada com gás. No fim, porém, ela foi carregada no trem e evacuada.

Apenas permaneceu na cidade Ibrăileanu, Nuţu, Eşanu e meu pai preso. A perseguição começou nas aldeias. Camponeses, professores e padres foram presos e espancados; suas casas pisoteadas. As eleições foram adiadas um mês, para 17 de abril.

Meu pai foi libertado. Os anciãos interviram na luta, apresentando-se na cidade, liderados por Hristache Solomon, Cornel Cambureanu, Ventonic, Ifrim, Pe. Isihie, Peceli, Potolea, etc. Eu os dividi em seções diferentes. Entrando furtivamente à noite, cada um em seu posto. Equipes de condados vizinhos voltaram a entrar em Tutova por vários pontos. A equipe de Gh. Costea cruzou o Bârlad, com água até o pescoço, pois todas as entradas estavam sendo vigiadas. Ela apareceu molhada nas seções eleitorais.

A votação começou na manhã de 17 de abril. Continuou dia e noite. Em 18 de abril, às 5 horas da manhã, foi anunciada a vitória do legionário: 5.600 votos; liberais: 5.200; camponeses: 4.000; os outros grupos: menos de 2.000; Cuzistas: 500 votos.

Esta segunda vitória legionária, contra a coligação de todos os políticos romenos, obtida através da perseverança e vontade de ferro dos legionários, através do seu heroísmo e sangue, enfrentando obstáculos, insultos, golpes e perseguições, despertou um entusiasmo indescritível em todo o país.

NOVAS ELEIÇÕES GERAIS
JULHO DE 1932

Meu pai foi validado no último dia da sessão parlamentar. Nosso descanso durou apenas uma semana, porque o governo Iorga caiu. Um governo nacional-camponês foi formado, chefiado pelo Sr. Vaida.

Estávamos entrando em uma nova luta, exaustos física e materialmente. Estávamos em junho de 1932. A partir de 15 de dezembro de 1929, vivemos uma luta permanente: dezembro de 1929 a abril de 1930, as campanhas em Covurlui, Cahul, Turda, Tecuci. No verão de 1930, os preparativos e a proibição de marchas na Bessarábia. Estava preso até o outono. Em outubro e novembro estávamos em Maramureş. O inverno de 1931 nos encontrou na prisão. Na primavera de 1931, luta nas eleições gerais. No verão de 1931, as eleições em Neamţ. No inverno de 1932, as eleições em Tutova. E agora estávamos entrando nas eleições gerais novamente.

Apesar de todas essas lutas, continuamos nos organizando no resto do país. No ano anterior entramos em listas eleitorais em 17 condados, agora entramos em 36.

Todos os partidos iniciaram as mesmas disputas, cheias de intrigas, para nomear seus candidatos. Elas duraram uma semana. Fixei sozinho, em uma noite, todas as candidaturas de 36 municípios. Entre os legionários, ninguém luta por lugares. Eles pedem para ser colocados em último lugar na lista.

Mas o problema difícil é o problema material. Grande parte dos condados arcou com as próprias despesas, com a contribuição dos legionários. Mas outros não podiam. Precisava de 50.000 lei apenas para impostos. Andei atordoado até o último dia. Eu tentei um, o outro - nada.

Eu fui ver o Sr. Nichifor Crainic, o diretor do "Calendarului[134]", pensando que talvez ele tivesse. Ele também não tinha. Com seu jornal, publicado há cinco meses, ele apoiou nossa luta, acompanhando passo-a-passo a bravura das equipes legionárias, mas não podia nos dar suporte material. Por fim, pedi emprestado a Pihu e Caranica, que, correndo para todos os macedônios, encontraram a quantia necessária. Vários condados de Focsani apoiou Hristache Solomon.

A campanha começou. Uma nova perseguição veio sobre nós. Espalhados por uma grande frente, éramos poucos e violentamente atacados por toda parte. Legionários de Savin e Popescu foram feridos em Tighina. Em Bârlad, dezenas de professores e padres foram arrastados para os porões e maltratados por ordem do Sr. Georgescu-Bârlad. Em Vaslui, pequenas equipes foram feridas. Na em Podul Iloaiei e em todo o condado de Iaşi também.

Em Focsani, o velho Hristache Solomon, com o engenheiro Blănaru e dez outros foram atacados por ordem do advogado Neagu, pelas gangues armadas dos nacional-camponeses, na comuna de Vulturul. Legionários caíram no chão, feridos por porretes e facas. Ficou de pé sozinho, como uma montanha, Hristache Solomon, que ninguém ousou tocar até então. Ele se defendeu ferozmente, mas no final caiu no meio da estrada, vencido por golpes. Lá no chão, ele foi espancado com porretes na cabeça por essas feras que estavam constantemente prestando atenção, então como agora, à legalidade, aos meios civilizados, à liberdade, etc.

A Guarda obteve 70.000 votos, dobrando seu número em relação ao ano passado. Os condados de Cahul e Neamţ, Covurlui e Tutova, onde meu pai se candidatou, foram os melhores. Então veio: Câmpulung com Moţa, Turda, Focşani, Ismail, Tighina. Tinhamos direito a cinco lugares. As escolhas se seguiram. Eu

[134] N.T. O Calendário.

fiquei em Cahul, para entrar no Parlamento Nuţu Eşanu. Decidi que meu pai deveria ficar em Bârlad, para deixar Stelescu, que tinha apenas 25 anos e era estudante, entrar no Parlamento. Eu queria encorajar e estimular os jovens.

Mas a confiança e o amor que demonstrei a ele não foram retribuídos[135].

PELA SEGUNDA VEZ NO PARLAMENTO

O tempo todo, no Parlamento, lutei contra o governo e as suas medidas, que considerava contra os interesses do povo romeno, como também lutei contra os outros governos, que se revezavam no comando do Estado. De todos esses governos, este país não tinha nada a esperar. Nada para o futuro saudável desta nação foi feito lá. Todas as medidas e leis eram apenas paliativos, que prolongariam de um dia para o outro a amarga e triste existência do país.

Quando os trabalhadores romenos foram fuzilados em Griviţa, por ordem do Ministério do Interior, enojados do fundo dos seus corações com a atitude dos comunistas do Partido Nacional-Camponês, que aplaudiram a medida do governo, subi à tribuna e senti ser meu dever falar o seguinte:

"É ruim que os infelizes dos trabalhadores saíssem às ruas, mas é pior para eles e para o nosso povo, se diante da injustiça que clama aos céus, eles não saíssem, mas curvassem a cabeça resignados no jugo, deixando o país nas mãos de políticos exploradores.[136]"

***

[135] N.T. Codreanu fala aqui da futura traição de Stelescu a seus camaradas legionários.

[136] N.T. Codreanu refere-se a greve operária na Estação Ferroviária de Griviţa em Bucareste em 4 de fevereiro de 1933 sob a administração Nacional-Camponesa. (Tr.)

Sr. Corneliu Zelea Codreanu: Senhor Presidente, senhores Deputados, em nome do grupo a que pertenço, solicito que, além da investigação que é normal que as autoridades levem a cabo por lei, procedam a uma investigação parlamentar, composta por representantes dos vários grupos políticos deste Parlamento. Exijo porque duvido da veracidade das declarações do sr. Ministro do Interior; Duvido por um motivo específico. No dia 24 de janeiro, quando os estudantes romenos, nacionalistas e cristãos iam colocar uma cruz no túmulo do herói desconhecido, a Segurança do Estado deu a informação, em um boletim da capital, que essa ação foi planejada e subsidiada por Moscou.

Se as informações que o você possui sobre o caso Griviţa são igualmente verossímeis, entendo muito bem como você está certo em tomar medidas dessa natureza como as que tomou ontem e hoje. (Aplausos nas bancadas da “Guarda de Ferro” e do Partido Camponês Dr. Lupu)

Em segundo lugar, gostaria de dizer que eu, como todas as pessoas de bom senso neste país, não tenho medo do comunismo ou do bolchevismo. Temos medo de outra coisa, do fato de que os homens dessas oficinas não tenham o que comer; eles estão famintos. (Aplausos nos bancos da "Guarda de Ferro" e do Partido Camponês do Dr. Lupu).

Alguns desses trabalhadores ganham 1.000 leus por mês e têm 5, 6, 7 filhos.

Sr. Dr. N. Lupu: Isso mesmo.

Sr. Corneliu Zelea Codreanu: Tendo cinco, seis, sete filhos, este salário não é suficiente para o pão de cada dia.

Em segundo lugar, tenho medo de outra coisa: a sede de justiça.

Sr. Dr. N. Lupu: Muito bem!

Sr. Corneliu Zelea Codreanu: Então, você terá que saciar estes dois: fome e sede de justiça, (Aplausos nas bancadas da “Guarda de Ferro” e do Partido Camponês Dr. Lupu) e haverá plena ordem neste país.”

(Reunião de quinta-feira, 16 de fevereiro de 1933,

M.O. 41 de 23 de fevereiro de 1933)

Uma das dificuldades que pesam a atividade parlamentar são os milhares de pedidos de intervenção de ministérios. Foi uma verdadeira condenação nossa por parte da multidão de eleitores. Porque, por um lado, perdemos todo o nosso tempo caminhando o dia todo para resolver essas petições. Este sistema é perigoso para a vida de uma organização, pois paralisa toda a sua atividade. Você perde a batalha inteira, você tem que desistir do destino de uma nação para servir aos seus partidários. Por um tempo, percebi que não havia legionários entre aqueles que vieram com tais pedidos. Eram todos comerciantes ou adversários enviados para nos paralisar. Por outro lado, esse sistema nos colocou na posição estranha de ir e buscar favores dos homens contra os quais estávamos lutando. Portanto, recusei-me pessoalmente a fazer este serviço de intervenção. Durante todo o tempo que estive no Parlamento, não pedi nada a nenhum ministro.

Outra categoria era formada por aqueles que vinham nos pedir dinheiro. Das centenas que pediam a cada dia, nenhum era legionário. Alguns estavam realmente doentes ou na miséria, mas outros fizeram desse sistema uma verdadeira profissão.

Por fim, nosso grupo era uma pequena organização em formação, marchando, em constante luta. Isso exigia, principalmente para mim, atenção constante a todos os movimentos do adversário; exigia a descoberta e defesa dos planos inimigos, a conquista e organização de novas posições, ou seja, uma vigilância permanente dia e noite dos campos de batalha em todo o país. Antes de tudo, porém, vinha a supervisão da educação legionária para não nos ver transformados imperceptivelmente em uma

categoria política de infecção moral, da qual não poderíamos mais sair e na qual morreria o espírito legionário.

O Parlamento me roubou o tempo que eu precisava para liderar.

COMO A ORGANIZAÇÃO LEGIONÁRIA SE APRESENTOU EM 1932-1933

No outono de 1932 e no inverno de 1933, os legionários puderam se recuperar. Três anos e meio de luta acabaram. Esses jovens agora mereciam seu descanso.

Eu tinha me estabelecido em Bucareste por quase dois anos. Em Iaşi, Banea permaneceu no meu lugar, ajudado por Totu, Crânganu, Taşcă, Stelian Teodorescu, para assuntos de estudante, gráfica, dormitório, etc. O grupo de estudantes legionários havia crescido. Agora compreendia mais da metade do número de estudantes lutando. Em Cluj, foi um saudável início de organização com Bănică Dobre, em Cernăuţi também, com Lauric, uma vida legionária começou a se desenvolver bem, sob a orientação espiritual do Professor Traian Brăileanu, ao redor do qual o Prof. Toppa e outros se reuniram. Em toda Bucovina, a corrente e a organização legionária cresciam sob o comando bom e habilidoso do velho e distinto nacionalista Vasile Iasinschi. Tudorache e Sergiu Florescu trabalharam em Chisinau; em Oradea Mare, Iosif Bozântan.

Os jovens criados nas Fraternidades da Cruz entraram para a Universidade já formados.

Um jornal nacionalista de grande coragem e linha superior, “Calendarul”, apareceu em Bucareste, sob a direção do Sr. Nichifor Crainic e com a colaboração de um grupo de intelectuais, liderados pelo Professor Dragoş Protopopescu. Este jornal abriu, com masculinidade, um novo e amplo caminho no mundo dos intelectuais romenos, na linha cristã e nacionalista. Os artigos de

Crainic, em particular, eram tiros de canhão reais que causaram estragos no mundo anti-romeno.

No movimento estudantil da capital, os legionários ocuparam o primeiro lugar. Na presidência do centro estava Traina Cotiga com um comitê legionário.

Houve um renascimento entre os jovens intelectuais da capital. Os grandes problemas da vida desta nação estavam começando a surgir em suas consciências. Um grupo talentoso, reunido em torno da jovem revista "Axa[137]", liderada por Polihroniade, Vojen, Constant, entrou nas fileiras legionárias. Outros jovens eminentes como o Prof. Vasile Cristescu, Vasile Marin, o prof. Vladimir Dumitrescu, o eng. Virgil Ionescu, o prof. Radu Gyr, o advogado Popov, os pintores Basarab e Zlotescu, todos de grande talento e cheios de alma, trabalharam na linha ideológica legionária.

Os macedônios estavam cada vez mais perto de nós por meio de uma juventude saudável, corajosa e sem lágrimas. Pensamos, no entanto, que não era bom que a massa macedônia no Quadrilátero estivesse na Guarda, porque, tendo acabado de vir do exterior, a exporíamos a muitas opressões. No entanto, os jovens universitários estavam se inscrevendo em sua totalidade.

À frente da juventude macedônia estavam três elementos de uma cultura escolhida: Papanace, Caranica e Sterie Cuimetti.

Costumava consultar os dois primeiros, os quais tinham um julgamento admirável, valorizado pela pureza impecável e sinceridade, grande amor e coragem.

Acho que não houve um único dia, desde 1931, que eu não os tivesse encontrado. Neste tempo de perseguição, conversávamos por horas juntos; golpe após golpe, injustiça após injustiça, miséria após miséria. Cada notícia de um novo tormento legionário era uma faca plantada em nossos corações. A dor por

[137] N.T. "O Eixo".

todos os legionários maltratados atormentava nossas almas e principalmente a impossibilidade de ver adiante qualquer forma de fazer justiça.

Sterie Ciumetti vivia dia e noite comigo. Ele era um jovem de grande justiça e fidelidade canina. Ele se tornou a caixa central da Guarda. Todos os dias - enquanto os tiver - ele pensará apenas na Guarda, não se preocupará e agirá apenas pela Guarda, viverá sua vida apenas por ela.

Elementos valiosos apareceram em diferentes partes do país: Dr. Pantelimon, Padre Ionescu Sunday, Dr. Augustin Bidian em Sibiu, Padre Georgescu-Edinet, o padre dos estudantes, lutador veterano, Capitão Ciulei em Bacau, Aristotel Gheorghiu também veterano, com comando em Râmnicu Sărat; em Brăila, Ion Iliescu, Şeitan em Constanţa, Priest Doară e Victor Bărbulescu em Vâlcea, os professores Vinţan, Ghenadie e Duma em Timişoara. E os antigos legionários: os professores Nicolae Petraşcu, Horia Sima, o advogado Iosif Costea, Colhon e outros, que agora tinham postos de comando em diferentes partes do país.

Bucareste estava dividida em setores[138] e começamos a nos organizar. No Verde e Blue existiam dois elementos valiosos: Nicolae Constantinescu e Doru Belimace. Dois personagens fortes: duas mentes. Doru Belimace, um dos mais destacados estudantes da Faculdade de Letras. Nicolae Constantinescu com cultura econômica escolhida, estudante da Academia Comercial. Ambos logo provariam ter qualidades imponentes de fé e bravura legionária.

Nesse período também foi estabelecido o primeiro posto legionário, pela seguinte ordem de 10 de dezembro de 1932:

A. Estabelece-se o primeiro posto superior na hierarquia legionária, com o nome de Comandante Legionário.

[138] N.T. Cada um dos cinco grandes setores tem o nome de uma cor: Verde, Amarelo, Vermelho, Azul e Preto.

Dado o sacrifício, trabalho, heroísmo, fé, habilidade e antiguidade, os seguintes legionários são promovidos em ordem alfabética:

Banea Ion, estudante de doutorado em medicina; Belgea Ion; Blănaru Ion, engenheiro; Dumitrescu Ion, padre; Ionescu Andrei; Silaghi Victor, advogado; Stelescu Mihail, deputado; Totu Nicolae, estudante; Traian Cotigă, estudante; Tănase Antohi, um artesão.

B. Todos os legionários, séries 1927 e 1928, com o voto feito, permanecendo nos quadros ativos da Legião, são promovidos ao posto de Comandante Auxiliar Legionário.

Assinado: Corneliu Zelea Codreanu

Os outros mais velhos foram apresentados no Senado da Legião e no Conselho Superior do Legionário.

CALÚNIA OFENSIVA

“MOVIMENTO ANARQUICO E TERRORISTA”

O movimento legionário cresceu visivelmente, especialmente entre os jovens das escolas e universidades e entre os camponeses de todas as províncias da Romênia. É mais difícil de se desenvolver nas cidades, onde o elemento romeno é um funcionário público do estado, incapaz de se manifestar, ou economicamente escravizado por judeus.

A mesma perseguição silenciosa, que conhecemos desde que começamos a luta em 1922, está nos vendo crescer, todos nós lutadores e nossas famílias. Se você fosse um jovem graduado, nunca conseguiria um emprego no Estado a menos que vendesse sua consciência e fé. Centenas de jovens foram procurados para serem atraídos por dinheiro, promessas, honras, funções. O Estado se tornou uma escola de traição, pessoas de caráter eram mortas e a traição era recompensada em abundância. Se você fosse um comerciante romeno, sozinho no meio do judaísmo e acreditasse na Legião, do sargento de rua ao deputado e prefeito, todos seriam seus inimigos. Eles te seguiriam dia e noite. Eles cobrariam impostos altos como os judeus; as contravenções fluiriam uma após a outra, golpe após golpe, até que o destruiriam.

Se você fosse um camponês, eles te levariam, de mãos amarradas, de posto em posto, a pé, dezenas de quilômetros, batendo em você todos os dias, em cada posto de gendarmes. Eles iriam mantê-lo sem comida por 4-5 dias, eles olhavam para você como bestas em toda parte e todos bateriam na sua cara. Se você fosse um trabalhador, eles o jogariam fora como um trapo, de qualquer fábrica, de qualquer empresa.

Porque neste país, um homem de nossa fé deve morrer de fome, ele e todos os seus filhos. Todos somos considerados inimigos da nação e do país.

Mas nós estivemos na mais perfeita ordem e legalidade. Portanto, nada podia ser dito a nós. Mas isso não teria valor. O slogan do governo seria: “Não podemos destruí-lo porque você não infringiu a lei? Está tudo bem, nós a quebramos e destruímos você! Você não quer ser ilegal, nós seremos ilegais.” De modo que, desta forma, entramos em um sistema verdadeiramente talmúdico: por um lado, acusados pela imprensa e todos os órgãos políticos de “ilegalidade”, e por outro lado, estando perfeitamente dentro da lei, fomos esmagados pelos sistemas mais odiosos e ilegais, por todos os representantes governamentais e do Estado, na mais flagrante ilegalidade.

Arrastados para os tribunais, decreto após decreto jurídico em todo o país confirmaram a linha de legalidade e ordem do movimento. Nenhum decreto contra nós. No entanto, seu argumento básico, o dos políticos e da imprensa judaica, permaneceu invariável: “movimento de desordem”, de “anarquia”, de “violação das leis”, “terrorista”.

A imprensa judaica sempre incitava os políticos contra nós, para que avançassem para nos separar, para nos destruir.

“A SERVIÇO DE ESTRANGEIROS”

Por algum tempo, sem saber de novas acusações, a imprensa judaica nos acusou de receber dinheiro de Mussolini. Que nos fazíamos de nacionalistas, mas que, na realidade, nosso objetivo era extorquir dinheiro de qualquer pessoa que encontrássemos pelo caminho. Agora encontramos Mussolini e o estávamos espremendo.

Um por um, ficamos surpresos que:

“Estávamos a serviço dos húngaros que estavam despertando”;

“Estávamos a serviço de Moscou”;

“Recebemos dinheiro dos judeus”.

Mesmo essa última acusação ridícula não nos foi poupada. Aqui está, do jornal judeu "Politica", de 10 de agosto de 1934, uma passagem significativa de um artigo intitulado: "Max Auschnitt e a Guarda de Ferro":

"E em nosso país, então, o fenômeno foi verificado com exatidão e é sabido que o movimento mais importante do fascismo romeno, a Guarda de Ferro, foi criado e apoiado pelos grandes capitalistas. E aí vem a sensação nada sensacional: o judeu Max Auschnitt apoiou e financiou diretamente a Guarda de Ferro. Isto foi afirmado por duas pessoas bastante sérias e responsáveis, o sr. ministro Victor Iamandi e o conhecido publicitário Scarlat Calimachi.

De acordo com as explicações acima, o fato parece ser muito normal.

Quem não sabe que Hitler também foi financiado pelos grandes capitalistas judeus na Alemanha?"

"ESTAMOS NO PAGAMENTO DOS HITLERISTAS"

Ultimamente, na Alemanha, Adolf Hitler venceu, lutando contra a hidra judaico-maçônica em todo o mundo. O povo alemão, com extraordinária determinação e unidade, venceu e derrubou o poder judaico.

Mentira após mentira, os judeus publicam em sua imprensa, tentando confundir a mente das pessoas:

1. Adolf Hitler é um pintor, um tolo, um incompetente. Quem vai atrás dele em um país civilizado como a Alemanha!?
   Mas Adolf Hitler dá um passo à frente.
2. Adolf Hitler não vencerá porque os comunistas alemães se oporão a ele.
   Mas Adolf Hitler está chegando ao poder.

3. O hitlerismo se dividiu em dois, em três. Grande insatisfação dentro do partido, etc.
   Mas Adolf Hitler não mudou.
4. Adolf Hitler enlouqueceu. Ele foi para as montanhas, etc.
   Mas Adolf Hitler está saudável e cada vez mais perto da vitória.
5. Se ele vencer, no dia seguinte acontecerá uma revolução na Alemanha. O comunismo estourará em uma revolta geral e Hitler cairá.
   Mas Hitler chega ao poder e a revolução sonhada pelos judeus não acontece. Ele vai da maioria à unanimidade nunca antes encontrada na história.
6. Todos os países boicotarão a Alemanha economicamente e o hitlerismo cairá.
   Mas Adolf Hitler segue vitorioso.
7. "Ditadura", "terror hitlerista" em toda a Alemanha. A votação é dilacerada pelo terror.
   Mas o povo alemão está indo de entusiasmo em entusiasmo.
8. Hitler vem tomar nossa Transilvânia. E nós, todos os nacionalistas romenos, que queremos nos livrar do incômodo judaico, somos, nem mais nem menos, "hitleristas", isto é, queremos dar a Transilvânia aos alemães.
   Mas respondemos: presumindo que Hitler queira fazer guerra contra nós e tomar a Transilvânia. Nós, os romenos, para podermos defender a Transilvânia contra os alemães, devemos nos livrar dos judeus. Vamos resolver o problema judaico também. Vamos fortalecer a posição de nossa nação espremida pelo judaísmo, sugada de suas forças e incapaz de se defender. Com o judaísmo envenenando nossas almas e sugando nosso sangue, não teremos armas, nem alma, nem carne em nós.
9. Por fim, "recebemos dinheiro", ganhamos bolsas de estudo, estávamos "na folha de pagamento" dos hitleristas.

Respondemos: A. C. Cuza luta contra os judeus desde 1890, e nós desde 1919, 1920, 1921, 1922, quando nunca tínhamos ouvido falar de Adolf Hitler. Serpentes venenosas!

FÁBRICA DE NOTAS FALSAS EM RĂŞINARI

Não ficou muito em silêncio e uma nova campanha político-judaica estava sendo lançada contra nós.

Não querendo que nos contentemos com o dinheiro de Mussolini e Hitler, de Moscou e de Max Auschnitt, nossos oponentes nos encontraram uma nova fonte de financiamento na fábrica de notas falsas em Răşinari. A sensacional descoberta encheu as colunas de jornais políticos e judaicos.

Damos a seguir, da imprensa da época, algumas passagens destinadas a ilustrar o sistema de perfídia por meio do qual procurou anular nossa consciência da nação.

O jornal "Patria" de 22 de julho publicou:

GUARDA DE FERRO E A FÁBRICA DE FALSIFICAÇÃO DE DINHEIRO EM RĂŞINARI
- FONTE DE FUNDOS DO PROPAGANDA -

"Cluj 21 de julho - *Em Răşinari, uma comuna localizada perto de Sibiu, uma descoberta sensacional foi feita, provavelmente para apresentar toda uma organização política na pior luz e contra a qual o governo, que agora tem as evidências mais contundentes em mãos, terá para proceder com toda a diligência.*

Uma fábrica de dinheiro falsificado da Guarda de Ferro

Uma das muitas fábricas de moedas falsas foi descoberta na comuna de Răşinari. A partir da pesquisa realizada, porém,

constatou-se, para surpresa de todos, que desta vez não é uma simples gangue de ciganos ou desajustados, que enfrentam os rigores da lei na esperança de um enriquecimento rápido, mas a própria Guarda de Ferro, a organização do senhor Corneliu Zelea Codreanu que, ultimamente, tem se dedicado à campanha mais escandalosa contra o governo e em geral de todos os partidos políticos da Romênia.

Guarda de Ferro e sua propaganda nas aldeias

Mas para quem conhece mais de perto a atividade da Guarda de Ferro, com as gangues de guardistas que percorriam o país de uma ponta a outra, parece muito natural. Em tais circunstâncias, o dinheiro é necessário em primeiro lugar. Ou sabe-se que os propagandistas da Guarda de Ferro recentemente tiveram numerosos fundos, o que lhes permitiu viajar para as aldeias, bem como impressão de jornais e armar seus membros devotos com tudo o que é necessário para completar o sistema a la Hitler.

Como a falsificação foi descoberta

O Ministério do Interior foi informado por muito tempo que alguns dos líderes da Guarda de Ferro da Transilvânia, especialmente os de Brasov e Sibiu, tinham grandes fundos que distribuíam para organizações em todo o país. No início, havia a suspeita de que o dinheiro era fornecido por sabe-se lá quais organizações semelhantes no exterior, mas após vigilância, verificou-se que se tratava de uma suspeita infundada. No entanto, a descoberta da fábrica de dinheiro em Răşinari colocou a polícia em um novo caminho, e o resultado das investigações foi um dos mais surpreendentes.

Sibiu subsidia toda a organização

Imediatamente as autoridades da capital delegaram o sr. juiz de instrução I. Stănescu da capital para fazer as devidas investigações. Acompanhado pelo Procurador-Geral Radu Pascu e pelo Procurador Mardarie, partiram para Sibiu, fazendo uma primeira busca na casa do advogado Bidianu, chefe da organização guardista, onde descobriram um material comprometedor sensacional que mostra que a fábrica de dinheiro em Răşinari serviu exclusivamente aos propósitos políticos e subversivos da Guarda de Ferro. Entre as correspondências confiscadas estavam cartas de várias organizações e especialmente da organização em Iasi, nas quais o sr. Banea exigia uma quantia maior para comprar um caminhão e intensificar a propaganda na Moldávia.

A polícia fez uma série de prisões e confiscou todo o material comprometedor junto com os aparelhos de lavagem de dinheiro.

A pesquisa prossegue com muito empenho e busca-se estabelecer a ligação entre a fábrica e os órgãos guardistas e, principalmente, o valor dos recursos a eles alocados.

O valor moral da Guarda de Ferro

O fato da organização da Guarda de Ferro que conseguiu criar núcleos em todo o país ter sido vergonhosamente pega em flagrante causou uma profunda impressão em todo o país e uma verdadeira consternação na frente dos apoiadores políticos. Sabe-se que a agitação no país foi feita em nome da justiça, da honestidade, da honra, do respeito às leis do país, etc, tantas coisas que provam que na Guarda de Ferro eram apenas palavras vazias e que, na verdade, apenas perseguia o poder, sem nenhum escrúpulo quanto aos meios usados na luta.

Diante dessas descobertas, o governo parece disposto a operar com todas as suas forças. Assim, o Subsecretário de Estado, V. V. Tilea, declarou em um círculo íntimo que, dada a gravidade dos

atos cometidos por alguns membros, a Guarda de Ferro deverá ser extinta.”

No “Chemarea Românilor[139]”, de 6 de agosto de 1933:

AMOR AO DINHEIRO E FALSIFICAÇÃO DE DINHEIRO

“Os jornais noticiaram nos últimos dias que bandidos da Guarda de Ferro foram pegos pelas autoridades falsificando dinheiro. Sabemos que esse tipo de pessoa começou recentemente a percorrer todas as nossas aldeias, prometendo todo tipo de coisa ao povo e exigindo a pena de morte para os criminosos. Somos jovens que esperaram muito tempo para poder conhecer os propósitos e objetivos que eles perseguem. Pregando com zelo, amor ao país, boa ordem e erradicação de estrangeiros, pensamos por um tempo que eles eram de boa-fé. Quando soubemos nos jornais que começaram a trabalhar em detrimento do país, falsificando dinheiro, só vimos que estávamos errados e nós agora os conhecemos. Fazem parte do nevoeiro dos ladrões do país e, pela grave violação da lei que cometeram, apenas aconselharíamos ao governo que os julguem segundo a forma como exige o julgamento de tais feitos: a pena de morte. A forca com falsificadores de dinheiro!”

Em “Dreptatea[140]”, de 22 de julho de 1933, o dirigente do Partido Nacional-Camponês:

GUARDA DE FALSIFICADORES

[139] N.T. “Chamado aos Romenos”.
[140] N.T. “A Justiça”.

“Se precisávamos de uma prova definitiva para a classificação dos indivíduos que constituem a chamada ala nacionalista de direita da nossa política, aqui a temos no caso a seguir dos falsificadores de dinheiro de Răşinari.

Em todo lugar, e sempre os partidos da extrema direita, da extrema direita, que consiste basicamente em gangues de rufiões e bandidos, utilizaram os procedimentos mais abomináveis, degradantes e indizíveis no trabalho de propaganda de multidões ingênuas.

Porque na ‘concepção’ (sic[141]) e na ‘doutrina’ (sic) do direito a meta, que se reduz à tomada do poder, desculpa a sujeira dos meios.

Não pode haver nobreza em procedimentos, táticas, método e comportamento, onde não há nobreza no ideal, na finalidade, nos objetivos perseguidos. Quem poderia dizer que esconde um pedaço de nobreza, digamos, no ideal do extremismo de direita? O culto da força bruta no desprezo burguês dos direitos elementares nunca será um ideal e uma superioridade! Outro é o ideal cujos raios aquecem a alma da humanidade: um ideal de justiça, paz e trabalho construtivo, para a elevação em escala intelectual das comunidades nacionais e, portanto, de toda a humanidade.

Este não é o ideal do extremismo de direita, abraçado pelos mais baixos espécimes humanas com pensamentos arrogantes de poderes ditatoriais. O extremismo de direita substitui a inteligência pela força do punho (que não distingue o intelectual do canalha comum), a justiça com a arbitrariedade, o nobre ideal de paz e cooperação entre o Estado e os povos com o dogma obtuso do ódio entre as nações.

---

[141] N.T. “O advérbio latino sic é inserido em uma citação que foi transcrita exatamente como encontrada no texto de origem para indicar que o autor encontrou um termo ou expressão com um erro gramatical ou ortográfico.”

O extremismo de direita não pode ser endossado por nenhum intelectual.

Se conseguiu pegar algumas pessoas, o fez em nome de uma fé odiosamente explorada: a fé nacionalista.

O mesmo aconteceu com a conspiração do Guarda de Ferro. Ela afirma estar trabalhando em nome do nacionalismo.

Em nome do nacionalismo? Essa hipocrisia deve ser exposta à opinião pública. O nacionalismo não precisa de organizações ocultas, associações secretas para servir e, especialmente, não precisa de métodos como os praticados pela Guarda de Ferro. O nacionalismo é uma fé que se defende à luz do dia, aberta, honesta, sincera.

De maneira nenhuma você serve ao nacionalismo em ordens secretas para... ninhos (?!?), para 'batalhões' invisíveis e 'células' ocultas. E especialmente falsificando dinheiro como criminosos comuns.

A Guarda de Ferro é apenas um punhado de aventureiros, clandestinamente agrupados para conquistar o poder do Estado por meio da demagogia mais ultrajante e mentirosa. Isso, em nome da ideia nacionalista.

Em nome da ideia nacionalista? Esta crença, que pertence a todos os filhos desta terra, não admite meios como os usados pela Guarda de Ferro. Não admite falsificação de dinheiro.

A descoberta do bando de Răşinari lança sua verdadeira luz sobre a Guarda de Ferro.

As pessoas se perguntavam: de onde essas pessoas obtêm seu dinheiro? Tanto dinheiro para propaganda? Para organizar e comprar consciências? Para viagens, para manutenção, para carros? De onde?

A descoberta de Răşinari indica a fonte: dinheiro falso!

É assim que a Guarda de Ferro funciona. Os pioneiros da Guarda de Ferro são indivíduos que se enquadram nas leis do código penal. Eles querem formar um partido político falsificando dinheiro.

Que autoridade moral eles têm para exigir a aprovação das massas? E ainda em nome da ideia nacionalista.

A Guarda de Ferro é um guarda de falsificadores. E uma guarda de falsificadores não pode falar em nome do nacionalismo!"

E finalmente, para não prolongar muito a citação, damos da "Patria", sábado, 22 de julho de 1933:

"GUARDISTAS" E FALSIFICADORES

"A descoberta de Răşinari teve um lado realmente sensacional. *Supera o fato diverso, banalizado e cotidiano, colocando em toda amplitude e crueza sangrenta toda a decomposição, dissolução e elasticidade moral daqueles que pretendem regenerar as massas demasiado crédulas, em busca de um novo credo. E dizemos: realmente sensacional porque se os jornais nos habituaram, ultimamente, a descobrir que em vários cantos do país aparecem pequenas minas clandestinas, nunca os engenhosos patronos e pequenos cavaleiros desta instituição inflacionária, em desacordo com o código penal, provaram estar enquadrados em uma situação social mais acima. Em Răşinari, os heróis não são mais ciganos em busca de trapaça, nem meras brigas de justiça iniciadas após um golpe leve e mesquinho, nem um daqueles heróis que consideram estético o gosto de uma aventura frutífera em grandes riscos. É sobre a nota de cabeça também - o chefe da Guarda de Ferro de Sibiu. Citamos um jornal objetivo que, não raro, tomava sob sua proteção desinteressada o movimento dos prosélitos fieis de Codreanu:*

‘As autoridades de Sibiu, revistando a casa do sr. Bidian, advogado, chefe da organização da Guarda de Ferro na cidade, descobriram um material sensacional que mostra que a fábrica de moedas falsas de Răşinari foi criada para apoiar a Guarda de Ferro. Entre outros documentos estava uma carta do presidente da organização de Sibiu, sr. Banea, que de Iaşi pedia dinheiro para uma van e para intensificar a propaganda da Guarda de Ferro.’

Está claro, não é? Uma casa da moeda para apoiar um partido que se proclama regenerador da política e da moral! Depois das conhecidas hipóstases[142] de agitadores inescrupulosos, de fomentadores de escândalos e valentões, outra igualmente inominável, mas talvez ainda mais culpada: de falsificadores. Quem poderia afirmar que se trata de um curioso e sério sinal do tempo; e um amante de trocadilhos descobriria que, para um guardista, mesmo que ele seja mesmo de ferro - é um exagero tornar-se um falsificador. De qualquer jeito, o caso de Răşinari é extremamente sério. Ele também lança uma luz vívida sobre os recursos com os quais esses aventureiros se apresentam às vezes como valentões, às vezes como mártires, mantendo uma existência agitada e ambulante. Mesmo nessas colunas, eu me perguntava com espanto e curiosidade de onde esses cavalheiros tiravam seu dinheiro? Vamos confessar, eu não esperava que a resposta viesse tão prontamente, tão assustadora e de Răşinari!” Dr.

Essa campanha odiosa durou três semanas.

Em vão, os três legionários de elite caminharam desesperadamente nos jornais para obter qualquer negação: Caranica, Sterie Ciumetti e Papanace, que desde 1931, por suas qualidades de julgamento claro e grande sinceridade, conviveram

[142] N.T. “Hipóstase é um termo grego que pode se referir à natureza de algo, ou a uma instância em particular daquela natureza. Durante as controvérsias cristológicas e trinitárias nos séculos III e IV, o segundo significado prevaleceu no uso da doutrina.”

diariamente comigo, compartilhando as mesmas angústias atormentadoras e ajudando-me, passo a passo, na difícil tarefa de liderar uma organização no campo de batalha.

Em vão esforços, porque todas essas infâmias que foram lançadas contra nós foram ordenadas.

Elas teriam apenas um efeito: acumular na alma injustiça sobre injustiça, calúnia sobre calúnia, golpe sobre golpe, dor sobre dor.

A juventude suportou todas elas, enterrando todas elas em sua alma. Mas agora, depois de tantos anos, se eu quisesse dar um conselho ao mundo, gritaria: Cuidado com aqueles que são pacientes!

ESQUADRÃO DA MORTE

Mas diante de obstáculos, golpes, intrigas, perseguições, que nos assaltaram por toda parte, nós, tendo esse grande sentimento de solidão, de nenhuma ajuda a que pudéssemos correr, nos opusemos: a decisão de morte.

O "esquadrão da morte[143]" é a expressão desses ânimos da juventude legionária de todo o país. Significa a determinação desse jovem em receber a morte. Sua determinação de seguir em frente, passando pela morte.

***

No início de maio de 1933, uma equipe foi formada por: padre Ion Dumitrescu, Nicolae Constantinescu, Sterie Ciumetti, Petru Ţocu, Constantin Savin, Bulhac, Constantin Popescu, Rusu Cristofor, Adochiţei, Iovin, Traian Clime, Iosif Bozântan, Gogu Serafim, Isac Mihai, professor Papuc, Rădoiu...

Antes de partir para atravessar metade do país, eles se autodenominaram "Esquadrão da Morte". O Căprioara chegou de Iasi. Eles iriam com ela. A rota: Bucareste - Piteşti - Râmnicu Vâlcea - Târgu Jiu - Turnu Severin - Oraviţa - Reşiţa.

Até aqui, eles seriam acompanhados pelo padre Duminică Ionescu. Depois Timisoara - Arad e voltariam para Bucareste. Na frente deles estava a maior expedição legionária. Eles saíram com 3.000 leus no bolso para comprar gasolina e além mais o que Deus e as pessoas na estrada dessem a eles. Foram com as leis do país em mãos. Eles manteriam a legalidade, mas eles se defenderiam contra medidas ilegais.

[143] N.T. A tradução mais fiel ao original "Echipa Morţii" seria "Equipe da Morte", mas como já é conhecido por "Esquadrão da Morte" – e talvez soe melhor assim – eu optei por tal.

Em Tg. Jiu, em Turnu Severin, em Bozovici, eles foram perseguidos e atacados por policiais e gendarmes. Eles se ajoelharam diante dos revólveres, com o peito aberto, cobrindo as rodas do carro.

Em Oraviţa, eles foram esperados com metralhadoras nos arredores da cidade e presos. Um dia, o promotor Popovici os libertou, declarando-os inocentes. Porque eles não faziam nada, não falavam, não faziam reuniões. Vão e cantam. Só.

Mas as pessoas entenderam. Elas os recebiam com flores. Elas lhes davam comida e gasolina para o carro. Onde quer que eles fossem, um rastro de entusiasmo permanecia.

Em Resita, eu saí conhece-los.

Tivemos que fazer uma reunião pública lá. Estávamos em nossos direitos. Parlamentar, que tinha uma lista no condado de Caraş, onde havíamos obtido 2.000 votos, fomos e entramos em contato com nossos eleitores, para fazer-lhes um relato do nosso trabalho no Parlamento. Isso é legal. É perfeitamente legal. Mas para nós, as leis não existem mais.

Mesmo em tempo de guerra, Resita não viu tanta armada. Ela foi trazida das cidades vizinhas, ocupou a cidade e a circundou.

Sei que o governo estava preparando uma armadilha para mim.

Ele gostaria que eu tentasse uma saída impensada; perder a paciência por um motivo de repressão:

- É por isso que paramos esses senhores. É por isso que eles devem ser abolidos. Onde quer que vão, a população se revolta contra nossas medidas de ordem, contra o exército, contra as autoridades. Eles querem fazer uma revolução.

Esse erro de nossa parte teria sido explorado pelo governo e pela imprensa judaica. É por isso que não dei a eles essa oportunidade. E me afogando em toda revolta, evitei qualquer confronto. A

vitória deles teria sido justamente neste confronto. Preferi desistir da reunião.

***

O esquadrão foi mais longe, passou por Timiş-Torontal e entrou no condado de Arad. Lá, na aldeia de Chier, os gendarmes juntamente com os judeus revoltaram os camponeses, gritando que bandos vermelhos da Hungria haviam passado.

Os camponeses, armados com garfos, machados e porretes, atacaram os legionários. Eles não tiveram tempo de explicar quem eram. Os golpes os cobriram de sangue. A mão direita de Ciumetti quebrou, caindo para o lado da estrada inconsciente. Ao lado dele estava Adochiţa. Todos ficaram feridos. Em seguida, foram presos, transportados para Arad e colocados em celas separadas sob custódia naquela cidade.

Processados por rebelião, o julgamento ocorreu depois de 10 dias.

Advogados de Arad, Moţa, Vasile Marin, eu, os defendemos. Todos foram absolvidos.

A população romena de Arad deu-lhes uma calorosa demonstração de simpatia.

Em seguida, decidi acompanhá-los.

Alguns deles partiram de carro, e eu, acompanhado por quatro deles e pelo camponês Frăţilă, fui a pé, cruzando todas as aldeias, até as montanhas, no túmulo de Avram Iancu, uma distância de 140 km. Os camponeses me receberam com alegria em todos os lugares.

Em Ţebea, nos despedimos. Eles continuaram sua rota em Hunedoara e eu fui para Teiuş.

EM TEIUŞ

Aqui, meu pai deveria fazer uma conferência.

Cheguei à noite e o encontrei coberto de sangue na casa de um camponês. Um grande número de gendarmes havia entrado no salão, atingindo as pessoas com a coronha das armas. Meu pai foi atingido na cabeça.

Legalidade! Oh, legalidade!

Um parlamentar romeno, com imunidades e direitos garantidos, vai realizar uma conferência e os representantes da força pública entram no salão e esmagam sua cabeça com a coronha das armas. Camponeses, professores e padres ficaram todos indignados. Decidimos então realizar um comício de protesto no mesmo local em duas semanas.

Aqui chegaram, na véspera do encontro, o “Esquadrão da Morte” com a caminhonete, legionários de Cluj e Bucareste, mas a reunião não pôde ser realizada.

Um regimento de infantaria e um batalhão de gendarmes cercaram Teiuş, bloqueando a entrada dos camponeses.

O mesmo que em Reşiţa. Procurei evitar o conflito ordenando a meu pai e aos legionários presentes que deixassem a localidade onde fui deixado sozinho. Pois a presença de um número, mesmo pequeno, poderia gerar conflito, ao passo que a presença de um homem diante de tantas forças não poderia ser motivo de revolta. E nenhuma glória para muitos se tivessem se precipitado sobre ele.

No entanto, os camponeses de Mihalţ e da área circundante tentaram cruzar a ponte ocupada pela armada à força.

- Nós, os camponeses de Mihalţ, conquistamos esta ponte em duras batalhas nas mãos dos húngaros que a ocuparam. Hoje não admitimos que os gendarmes romenos impeçam nossa passagem por ela - disseram esses bravos e teimosos camponeses de Mihalţ.

Uma luta que durou mais de duas horas estourou. Tiros foram disparados. Um camponês foi morto e, do "Esquadrão da Morte", Ţocu, Constantinescu e Adochiţei foram gravemente feridos pela segunda vez.

Durante o dia, todo o "Esquadrão da Morte" e outros estudantes foram levados a Teiuş em um total de 50. Eles foram informados de que seriam evacuados, mas que não tendo passagens de trem, deveriam ir a Alba Iulia para obtê-las lá.

Lá, porém, em vez de ingressos, todos eles se viram, sem mandado de prisão, jogados no famoso calabouço de Horea e presos.

Todos os seus protestos foram inúteis. Em vão eles mostraram que sua detenção estava fora de qualquer lei; que nenhum detido podia ser preso sem um mandado de prisão; que a autoridade que os jogou ali violou as leis. Às 2 horas da noite, arrombaram o portão da prisão, fizeram uma coluna e todos foram para casa do promotor. Eles contaram a ele o que aconteceu. Permaneceram no pátio até de manhã, quando, juntamente com o promotor, voltaram à prisão. Desta vez, foram emitidos mandados de prisão, "porque forçaram o portão da prisão".

Seguiu-se o julgamento em que foram absolvidos, porque sem mandado de prisão foram detidos em violação da lei.

Eles se conformaram às disposições legais, anunciou o promotor.

Mais uma vez foi provado no tribunal que os provocadores da desordem não são os legionários, mas as próprias autoridades, que em vez de defender as leis, as violam com desprezo soberano.

O "Esquadrão da Morte", após dois meses, voltou a Bucareste. Suas lutas, o sofrimento a que foram submetidos, as injustiças, as provações, suas feridas mexeram com a alma de toda a Transilvânia.

Agora, neste momento, podemos dizer que o movimento legionário se espalhou pelo país, apesar de toda a oposição das autoridades, apesar de toda a perseguição.

De agora em diante nós vamos parar. Começaremos a aprofundar a educação legionária, através da vida nos campos de trabalho. Quem ficaria incomodado com essa atividade silenciosa, especialmente porque ela está além do quadro político?

A REPRESA DE VIŞANI
10 DE JULHO DE 1933

Durante o inverno, o farmacêutico Aristotel Gheorghiu, chefe legionário de Râmnicul Sărat, enviou-me um relatório descrevendo a situação na aldeia de Vişani, onde o rio Buzău inunda todos os anos, destruindo os campos dos pobres numa área de vários milhares de hectares. E me disse que eles, toda a aldeia, estavam rogando a nós que fossemos ajudá-los. Para construir uma barragem defensiva. Eu aceitei. Tomamos todas as medidas necessárias. Enviei engenheiros especializados. Fizemos planos. Ordenei aos legionários de toda a região que comparecessem em 10 de junho de 1933 em Vişani, quando o acampamento de trabalho seria aberto. Aqui está a ordem que dei naquela ocasião:

A TODOS OS CHEFES DE NINHOS E UNIDADES LEGIONÁRIAS DO PAÍS

CAMARADAS:

"O problema da luz nunca foi levantado mais do que no momento em que o homem perdeu a visão.

Da mesma forma, no mundo, o problema da construção se torna mais forte a partir do momento em que a humanidade tem a consciência clara de que tudo ao seu redor está arruinado.

Quando tudo caminha lentamente para a ruína, a alma humana caminha na direção oposta, iniciando um contra-ataque, que se manifesta pela formidável sede de construir do zero, de levantar com o trabalho, de construir.

Na Europa, este problema da construção nunca foi levantado como hoje, quando a era da guerra nos deixou em ruína e quando o pós-guerra nos deixou com mais ruínas, uma ruína todo dia.

Em nosso país, depois de 15 anos de discursos públicos, discursos inflados mas estéreis, dos quais só restaram ruínas, nossa alma foge das palavras e busca o rumo da ação.

Também queremos construir: de uma ponte quebrada a uma estrada e à captura de uma cachoeira e sua transformação em força motriz, da construção de uma nova casa de camponeses, à de uma nova aldeia romena, a uma cidade, a um novo Estado romeno.

Este é o chamado histórico da nossa geração: construir um novo país, um país orgulhoso, sobre as ruínas de hoje.

No país de hoje, o povo romeno não consegue cumprir a sua missão no mundo: ser criador de sua própria cultura e civilização no leste da Europa.

LEGIONÁRIOS

Estas verdades levaram-me a chamá-los para o meio do país, nas margens do Buzau, para erguer com os próprios braços aquela enorme barragem, que levará o seu nome ao longo das décadas. Chamei-lhes para dizer aos romenos que são vocês que vão criar a nova Romênia.

A nova Romênia não pode nascer: nem do jogo de cartas dos clubes, nem dos cafés, nem dos cabarés, nem dos saltos usados nas ruas das cidades em passeios e em diversões dos vários Don Juans.

Ela virá do heroísmo de nosso trabalho.

EXPLICAÇÕES E INDICAÇÕES

1. A barragem será construída perto da aldeia de Vişani (sul do condado de Râmnicu Sărat), 6 km a norte da estação Făurei, linha Buzău-Brăila.

2. Local de encontro: aldeia Vişani. Todas as equipes estarão nesta aldeia, onde entrarão sob o comando local.
3. Data de chegada na aldeia Vişani: 8 e 9 de julho de 1933.
4. O trabalho será realizado em duas etapas de 30 dias cada.

Primeira etapa:

10 de julho a 10 de agosto de 1933.

A segunda etapa:

10 de agosto - 10 de setembro de 1933.

Cada equipe terá um efetivo de 500 integrantes.

O comando geral ficará a cargo do Comandante Legionário do condado de Râmnicu Sărat, Aristotel Gheorghiu, que tratará de:

- fornecimento;

- alojamento;

- ferramentas de trabalho;

- e de todos os assuntos relativos ao trabalho no geral.

Sob seu comando estarão: 1. O chefe do estaleiro, um legionário que irei escolher pessoalmente no início da obra, 2. O chefe do alojamento e do fornecimento e 3. O comandante legionário da equipe.

Juntos, eles estabelecerão todos os serviços (suprimentos, etc.) que serão necessários.

A primeira equipe será composta por: Brăila, Buzău, Râmnicu Sărat, Focşani, Tecuci, capital, Ploieşti, Ialomiţa, Dâmboviţa, Muscel, Argeş, Vlaşca, Oltenia.

A Bessarábia se apresentará em 15 de julho, ou seja, 5 dias de atraso. Os bessarabianos deixarão Chişinău a pé, cruzando Gradiste, Comrat, Congaz, Cahul, Colibaşi, Reni, Galaţi. Os legionários de Cahul, Tighina, Isamil e Cetatea Albă se juntarão a este grupo.

F. d. C.[144] de todo o país chegarão com a primeira equipe.

Segunda equipe: o resto do país.

Os legionários procurarão ter consigo: roupa de trabalho, turnos de reserva, uma pá, um cobertor.

A marcha das outras equipas será feita a pé ou de trem, aproveitando um desconto de 75% como viajantes em grupo.

Cinco legionários qualificados de Brăila chegarão cinco dias antes, ou seja, em 5 de julho, para organizar a situação e receber os legionários. Eles serão nomeados pelo comandante legionário de Brăila, Ion Iliescu, e entrarão em contato imediatamente com o comandante legionário de Râmnicu Sărat, Aristotel Gheorghiu.

Sede geral onde as partidas e chegadas devem ser anunciadas:

Aristotel Gheorghiu, farmacêutico, Râmnicu Sărat.

RECOMENDO:

a) Ordem completa ao longo do caminho. Se você for provocado, não tem permissão para responder. O objetivo deve ser alcançado: chegar ao destino.
   Quero que todas as localidades por onde passar, vilas ou cidades, fiquem impressionadas com a disciplina, a justiça, a atitude digna e as boas maneiras, em todas as ocasiões, dos legionários.
   Os comandantes de equipe têm total responsabilidade.
b) Na aldeia de Vişani e arredores, chamo sua atenção para o fato de que você deve ter um comportamento exemplar sob todos os pontos de vista: amigável com as pessoas e especialmente heróico na direção da paciência e do trabalho.
c) Caso elementos duvidosos se insinuem entre os legionários, na primeira tentativa de sair da via certa, eles serão mandados para casa e se apresentarão pessoalmente a mim.

[144] N.T. Sigla para “Fraternidades da Cruz”.

Na verdade, todo chefe é responsável por seus homens.

d) Chegarei após o encontro em Suceava, na manhã de segunda-feira, dia 10 de julho.
De madrugada, antes do início do trabalho, você executará o serviço religioso com todos os padres da região.

CAMARADAS

Vocês estão prestes a escrever uma nova página na história das batalhas legionárias.

O país voltará a olhar para vocês como heróis, como os olhou tantas vezes, como os olha tantas vezes agora.

Portanto, sigam, com o coração cheio de ímpeto, para o campo onde o trabalho árduo os espera, mas através do qual vocês farão um novo sacrifício, portanto, um novo passo em direção à nossa vitória, em direção à Romênia Legionária.

Então, estou esperando por todos vocês em nosso novo campo de batalha."

Bucareste, 23/VI. 1933

Corneliu Zelea Codreanu

Chefe da Legião

***

Em 10 de julho, mais de 200 jovens legionários se reuniram em Vişani, vindos a pé de Galaţi, Focşani, Bucareste, Buzău, Tecuci, Iaşi, Brăile, sob o comando de Stelian Teodorescu, Nicolae Constantinescu, Păvăluţă, Doru Belimace, Stoenescu e Haze.

Mas em vez de serem recebidos com alegria, em vez de receberem algo para comer e um lugar para descansar, tão

cansados e famintos como chegaram, foram cercados por várias companhias de gendarmes, atacados com a brutalidade de feras e derrubados ao chão sob golpes.

Os gendarmes foram assim treinados por oficiais, por ordem do Ministério do Interior, onde o sr. Armand Călinescu[145], segundo as suas próprias declarações, teve um papel preponderante nas nossas medidas de opressão e tortura, de modo que atingiram estes jovens com o ódio com que teriam golpeado os maiores inimigos da nação romena.

Entre os feridos e humilhados até o limite da humilhação estavam os legionários: Stelian Teodorescu, Bruma, Doru Belimace, o padre Ion Dumitrescu, Stoenescu, Pavuta e Nicolae Constantincescu ferido pela quarta vez em dois meses. A notícia desta grande crueldade contra os jovens que iam fazer o bem e todas as ofensas a que foram expostos, espalhou-se como uma mortalha negra sobre os corações esmagados e pinheiros de preocupados em todos os jovens, que por sua fé e amor nação se sentiram vendidos ao inimigo estrangeiro pelos políticos de seu país. Entendemos então que todos os nossos caminhos estavam fechados e que a partir de agora deveríamos nos preparar para a morte.

Passei por um estado de opressão geral em que senti que toda as minhas reservas de paciência e autocontrole estavam acabando. Percebi que tudo estava quebrando ao meu redor e que, acima de tudo, se um único tapa viesse sobre eles, seria um infortúnio irreparável. Eu queria gritar do fundo do meu coração: Não aguentamos mais!

---

[145] N.T. *"Armand Calinescu, então subsecretário de Estado do Ministério do Interior, acaba de iniciar sua série de perseguições à Guarda de Ferro. Ele deixou o Partido Nacional-Camponês em fevereiro de 1938 e se tornou - em virtude de seu ódio pessoal por Corneliu Z. Codreanu - Ministro de Assuntos Internos e braço direito do Rei Carlos II da Romênia. Desde então, a estrela deste triste herói da Judeo-Maçonaria continuou subindo até atingir seu zênite, o dia em que, por ordens de seu augusto soberano, ele mandou assassinar o chefe da Guarda de Ferro; depois, para se gabar entre seus pares, na linguagem técnica de um carrasco, que ele havia 'decapitado a Guarda de Ferro'. Na verdade, Calinescu era apenas um velhaco sádico; a honra por este 'ato de armas' vai inteiramente para o rei."* - G. van der Heide

Nessa atmosfera opressora, dirigi-me ao Primeiro-Ministro com a seguinte carta publicada no jornal “Calendarul” de 20 de julho de 1933:

A PERSEGUIÇÃO CONTRA O "GUARDA DE FERRO"
CARTA DO SENHOR DEPUTADO CORNELIU Z. CODREANU PARA O SR. PRIMEIRO MINISTRO AL. VAIDA

“S. Corneliu Zelea Codreanu submete ao sr. Al. Vaida a seguinte carta:

Sr. Primeiro Ministro

Na sequência dos incidentes em Vişani, de uma gravidade que me faz sangrar o coração, decidi escrever-lhe as seguintes linhas.

Não estou determinado por esta impulsividade momentânea ou pelo desejo de ver minha carta publicada nos jornais para meus amigos aplaudir ou para cumprir facilmente, como de costume, minha obrigação formal de protestar contra a infâmia perpetrada em Râmnicu Sărat.

Exorta-me a dirigir-lhe está carta, a consciência perturbada de que este caminho que tão facilmente você nos colocou é - para qualquer homem de honra - o caminho dos infortúnios fatais, infortúnios que não podem mais ser evitados hoje.

Sr. Primeiro Ministro.

Nosso martírio de dez anos atrás, em nosso próprio país por causa de nossas crenças romenas e cristãs, não poderei descrever para você aqui em poucas linhas.

Direi apenas que, durante dez anos, os governos da Grande Romênia cansaram de nos atingir. Houve o governo liberal e ele nos esmagou. O sr. Goga veio e nos esmagou em 1926. O sr. Mihalache veio e se gloriou ao lado dos mestres estrangeiros de

nos atacar barbaramente, de nos exterminar. O governo Iorga-Argetoianu veio e nos golpeou de novo até ficar cansado. Por fim, você veio, continuando com os golpes.

De todos esses, nenhum se perguntou, sr. Primeiro-Ministro, se poderíamos suportar o tormento físico e moral sem fim que muitas vezes tendia a subjugar nossa resiliência.

Todo esse tempo eu suportei todos eles com grande força. Estamos cheios de feridas, mas nunca abaixamos a cabeça.

Nós os suportamos porque, por mais difíceis que fossem nossos tormentos, nosso sentimento de dignidade humana e honra eram respeitados. Ultimamente, porém, sob seu governo, nossas perseguições e tormentos entraram em sua fase mais difícil.

O que aconteceu em Teiuş, quando meu pai foi atingido e ensanguentado, e o que aconteceu especialmente em Vişani são incomparavelmente mais graves do que todos os nossos sofrimentos até hoje. Eles atacam nossa própria honra.

Não vou dar uma exposição muito ampla.

Você se lembra, é claro, que há dois meses, quando vim perguntar o que fizemos de errado para merecer a perseguição que estava apenas começando, você me disse:

- Por que você não começa algo construtivo?

- Senhor Primeiro-Ministro - lhe respondi - tomei a decisão de construir uma barragem nas margens do Buzau. Você tem alguma objeção?

- Não. Muito bem. Muito agradável.

Eu fiz uma petição um mês antes no Ministério de Obras Públicas; Falei com os mais renomados engenheiros da área e, em 10 de julho, o trabalho deveria começar.

Não foi apenas uma recreação juvenil; foi um chamado para nossos jovens a serviço das grandes necessidades de feitos

saudáveis. Foi uma educação de mil jovens na direção construtiva.

Foi uma exortação para dezenas de milhares de outros jovens.

Foi uma escola para as grandes massas populares que há anos estavam com pontes quebradas, estradas quebradas, esperando que o Estado viesse e fizesse, quando em apenas um dia seu trabalho comum poderia consertá-las.

Foi uma exortação para todo o país e um guia para quem imagina que uma Romênia forte pode surgir da misericórdia dos outros e não do nosso trabalho por todos.

Para fazer isso, enviei três jovens ilustres a Vişani há alguns dias para cuidar do acampamento e do fornecimento. Mas eles foram apanhados no dia 8 de julho, transportados para Râmnicu Sărat, e depois acorrentados uns aos outros, e enviados para casa como os últimos bandidos, nesta situação de zombaria provocadora de sua dignidade humana.

Dois outros jovens estudantes da Universidade de Bucareste encontrados na cidade de Râmnicu Sărat, para onde foram com tanta saudade de trabalho, foram apanhados, levados à polícia, insultados trivialmente, esbofeteados pela polícia municipal e dois comissários - irmãos Ionescu - em seguida, amarrados com as mãos atrás das costas e conduzidos nesta situação para a estação ferroviária, pelo meio da cidade e, em seguida, de trem para casa.

Por fim, na segunda-feira, 10 de julho, 200 jovens chegaram a Vişani, na maioria estudantes.

Lá, em vez de braços abertos por suas boas intenções, foram recebidos pelo prefeito do condado, o promotor, o policial-coronel Ignat, o general Cepleanu, o tenente dos gendarmes Fotea, várias centenas de gendarmes com armas estendidas, uma companhia de infantaria com metralhadoras preparadas para disparar, e com a intimação para deixar o povoado imediatamente em tom de agressão insultuosa e sem justificativa.

Diante desta situação e de todas as ameaças, os 200 jovens deitaram-se no chão, na lama que tinha duas palmas, na posição mais humilde e começaram a cantar: “Deus está conosco”.

A certa altura, os gendarmes receberam ordens de saltar sobre eles. Centenas pularam e pisaram, esmagando o peito e a cabeça com as botas, e os jovens suportaram toda essa provação no silêncio de um mártir, sem resistência.

À frente dos que golpearam estavam o promotor Rachieru, o coronel Ignat, que, com a mão, arrancou os cabelos da cabeça do estudante Bruma e o tenente Fotea que socou nos rostos os pobres inocentes jovens.

Por fim, as cordas foram trazidas e todos os 200 foram amarrados com as mãos atrás das costas de forma bárbara e mantidos nessa situação, na chuva, por meio dia.

Enquanto isso, chegou o padre Dumitrescu, a quem o promotor saudou com as palavras: “O que faz aqui?”

- Eu sou um padre. Vim rezar a missa antes do trabalho começar.

- Você não é um padre, você é um burro! - respondeu o promotor - Amarre-o imediatamente com as mãos atrás das costas.

O padre também foi amarrado com as mãos nas costas e depois, juntamente com todos os outros, nesta situação de humilhação, foram transportados para Râmnicu Sărat e presos na Legião dos Gendarmes, onde foram novamente insultados e horrivelmente torturados pelo procurador, gendarmes e policiais.

Alguns foram retirados desmaiados daqueles quartos atormentados ou dos porões onde foram atirados e espancados.

Após quatro dias de tortura eles foram libertados, não encontrando qualquer culpa neles.

Outros, apanhados a caminho de Vişani, foram presos em Buzău e Brăila, de onde também foram mandados para casa com as mãos amarradas. São mais 15 que não chegaram até hoje, sábado. Há

quatro dias que andam de Buzau a Bucareste, de posto em posto, sem comer, insultados e esbofeteados.

Sr. Primeiro Ministro

Este não é um incidente isolado, mas uma ordem do governo espalhada por toda parte.

Durante duas semanas, sem qualquer culpa - e a prova inabalável disso são todos os julgamentos da justiça - fomos agredidos e insultados a cada passo: em Bucareste, em Arad, em Teiuş, em Piatra Neamţ e em Suceava.

Sr. Primeiro Ministro

Chamo a vossa atenção da forma mais adequada, para que nós, que conhecemos a história e conhecemos os sacrifícios feitos por cada povo quando quis resgatar um destino melhor, nós, jovens de hoje da Roménia, não recusamos este sacrifício.

Não somos covardes para fugir dos sacrifícios devidos a outra Romênia.

Mas, gostaria de chamar a sua atenção novamente para o fato de que fiz desses jovens a escola do sentimento da dignidade humana, a escola da honra.

Nós sabemos como morrer, como iremos provar a você. Podemos ser presos. Nossos ossos podem apodrecer no fundo das prisões. Nós podemos levar tiros, mas não podemos levar um tapa, não podemos ser insultados e não podemos ser amarrados com as mãos atrás das costas.

Não nos lembramos de que nosso povo - em nossa triste mas orgulhosa história romena - tolerou ser desonrado.

Nossos campos estão cheios de mortos, mas não de covardes.

Hoje somos pessoas livres, com uma consciência clara de nossos direitos. Não somos escravos, nem fomos.

Aceitamos morte, mas não humilhação.

Fique certo, senhor Primeiro-Ministro, de que não podemos viver estes dias cheios de humilhação e indignidade.

Depois de dez anos de tormento, tenha a certeza de que temos força moral suficiente para encontrar uma maneira honrosa de sair da vida que não podemos suportar sem honra e sem dignidade.

Por favor, aceite meus sentimentos."

Corneliu Zelea Codreanu

O PARTIDO LIBERAL ASSUME A RESPONSABILIDADE DE EXTERMINAR A GUARDA DE FERRO

No entanto, os tormentos deste jovem não acabariam. Diante de nossos olhos o horizonte ficou cada vez mais escuro. Outros tormentos maiores estavam sendo preparados para nós. A tortura em Vişani ainda não havia acabado, quando soube que I. G. Duca, o líder do Partido Liberal, tinha ido a Paris. Lemos chocados nos jornais parisienses, as declarações feitas por ele: "A Guarda de Ferro" está na folha de pagamento dos hitleristas, o governo Vaida é fraco porque não nos destrói e que ele, I. G. Duca e seu partido estavam comprometidos em preparar nossa morte, em nos exterminar. No país, "Viitorul[146]", o jornal oficial do partido, nos atacou com os mesmos argumentos: "movimento anarquista", "movimento subversivo", "movimento no pagamento hitlerista" e contra o governo Vaida, do qual acusará de "fraqueza", de "tolerância' em relação ao nosso movimento, de "flerte" com nosso movimento: "anárquico" e "vendido aos hitleristas".

[146] N.T. "O Futuro".

Nestes dias desceremos como nação na escala da maior humilhação romena. Dois estadistas romenos, I. G. Duca e N. Titulescu, vão fazer acordos com a frente política de confiança dos banqueiros judeus de Paris, interessados por um lado na exploração implacável da riqueza do país e, por outro lado, em garantir um situação mais feliz de seus correligionários na Romênia, a chegada ao poder do Partido Liberal.

Este, formalmente previsto com o compromisso de exterminar por qualquer meio o movimento legionário. Os banqueiros estrangeiros não gostam de uma nação romena que é legionária, jovem, forte, orgulhosa e que os expulsará do país com todo o seu capital de presa.

E assim, como cumprimento dos sofrimentos de mais de dez anos, a *coroa da morte* está preparada para nós, sem sermos culpados de forma alguma.

***

Seja-me permitido que, no final desta série de lutas, dirija meu pensamento a minha mãe, cuja alma tem me seguido ano após ano e hora após hora, tremendo a cada golpe que recebi e tremendo a cada perigo em que o destino me lança.

Busca após busca, com promotores e comissários brutais e indecentes, perturbava a cada ano a paz de sua casa, da qual todos os raios de alegria e tranquilidade há muito desapareceram. Recompensa de uma nação humilhada por seus políticos, para uma mãe que, na mais amarga privação, criou sete filhos no amor à pátria.

Que estas poucas palavras sejam uma homenagem a todas as mães cujos filhos lutaram, sofreram ou se caíram pela nação romena.

CAMARADAS

CAMARADAS,

com estas últimas narrativas, que encerram este volume, acabou minha juventude e a de muitos de vocês. De agora em diante, nunca mais iremos cruzar seus caminhos.

Se estes 14 anos da nossa juventude não foram tão cheios de festas e alegrias, uma grande satisfação ilumina agora a minha consciência: uma Romênia legionária enraizou, como uma árvore, as suas raízes na carne dos nossos corações. Ela cresce com a dor e o sacrifício, e nossos olhos cheios de fome observando-a florescer; iluminando os horizontes e as eras com seu esplendor e majestade. Essa majestade recompensa abundantemente não apenas nossos pequenos sacrifícios, mas qualquer tormento humano, por mais terrível que seja.

CAROS CAMARADAS,

para aqueles de vocês que foram espancados, caluniados ou martirizados, posso trazer-lhes a notícia de que quero ir além do valor vacilante de uma frase oratória ocasional: em breve venceremos.

Todos os nossos opressores cairão diante de nossas colunas. Perdoe aqueles que o atingiram por motivos pessoais. Aqueles que o atormentaram por sua fé no povo romeno, você não os perdoará. Não confunda o direito e dever cristão de perdoar aqueles que o ofenderam com o direito e dever de nosso povo de punir aqueles que o traíram e aqueles que assumiram a responsabilidade de se opor a ele. Lembre-se de que as espadas que você desembainhou são da nação. Você as usa em nome dela.

Em nome dela, portanto, você os punirá: implacável e impiedosamente.

Assim, e somente desta forma, você preparará um futuro saudável para esta nação.

Carmen Sylva, 5 de abril de 1936

***

O segundo volume incluirá: a continuação da história do movimento legionário, perseguições, julgamentos, traições - bem como considerações sobre os problemas sociais e estatais na Romênia e sobre o novo homem: o legionário.

POSFÁCIO

O tirano rei Carlos II, rei venal, hipócrita, capaz de todas as traições, submisso aos caprichos de sua concubina judia, Elena Lupescu (Magda Wolf), ordenou uma pressão brutal a Guarda de Ferro. Ele tomou o poder todo para si e dissolveu todas as organizações políticas na Romênia e submeteu-as a justiça, visando, claro, a Guarda de Ferro.

O ex-nacionalista Nicolae Iorga, o Judas da situação, apresentou uma denúncia ao Tribunal Militar contra Codreanu acusando-o de injúrias com base em uma carta que Codreanu havia escrito. Ao ser informado da acusação, Codreanu exortou os legionários a não tomarem qualquer atitude caso fosse sentenciado.

Codreanu foi julgado por calunia e condenado a seis meses de prisão. Mas a armadilha já estava feita e ele depois foi indiciado novamente, dessa vez por sedição e pelos crimes de organização política de estudantes menores, emissão de ordens de incitação à violência, manutenção de vínculos com organizações estrangeiras e organização de incêndios. Codreanu sequer pôde falar em sua própria defesa no julgamento, pois não lhe fora permitido pelos juízes. Seus advogados foram várias vezes impedidos pelas autoridades de preparar seus argumentos. Porém, conseguiram refutar todas as acusações e desmascarar as falsidades das provas.

Mas ele foi condenado e sentenciado, neste julgamento arranjado, acusado de todos os crimes do passado dos quais já havia sido inocentado, a dez anos de trabalhos forçados. Somente o Partido Comunista Romeno comemorou a condenação.

Ele, junto com 44 outros membros proeminentes da Guarda, foram presos na noite de 16 de abril. A ação coincidiu com a celebração ortodoxa do Domingo de Ramos (quando todos os alvos eram conhecidos por estarem em suas casas).

Após uma rápida estadia na prefeitura da polícia romena, Codreanu foi enviado para a prisão de Jilava, onde escreveu seu

último livro e suas últimas palavras “Anotações da Prisão de Jilava”, que felizmente já tem traduzido para o português graças a Sociedade Editora Dácia, porém não é uma tradução direta, mas sim da tradução do espanhol. Já os outros legionários foram enviados para o mosteiro de Tismana e mais tarde para campos de concentração.

A condição na prisão de Jilava foi extremamente dura. Lá o frio intenso, umidade, etc, fez Codreanu desenvolver problema de saúde.

No outono, após a expansão bem-sucedida da Alemanha nacional-socialista na Europa Central, que parecia fornecer impulso para a Guarda, Carlos sente-se intimidado e ordena a decapitação da Guarda de Ferro.

Em 30 de novembro, foi anunciado oficialmente que Codreanu, o *Nicadori* e o *Decemvirii* haviam sido baleados após tentarem fugir da custódia na noite anterior. Porém, mais tarde a verdade foi revelada. Os quatorze legionários presos foram transportados de sua prisão e executados (estrangulados ou garroteados e fuzilados) por gendarmes em torno de Tâncăbești (perto de Bucareste) e seus corpos foram dissolvidos em ácido e colocados sob sete toneladas de concreto, enterrados no pátio da prisão de Jilava.

Assim, em 30 de novembro de 1938, com 39 anos de idade, morre covardemente Codreanu, assim como outros treze legionários, assassinados a mando do infame rei Carlos II.

***

Um dos gendarmes que participou do assassinato dos legionários, este em especial tendo matado o próprio Capitão Codreanu, perante a comissão de investigação do Tribunal de Cassação Romeno em Bucareste, em novembro de 1940, em seu

depoimento, confessou que os legionários foram levados de carros, estrangulados sob ordens do major Dinulescu e Macoveanu. Depois sepultaram foram cavadas e os cadáveres dos legionários foram colocados de bruços e alvejados nas costas para simular o tiro na falsa tentativa de fuga.

Justiça

Após o assassinato a Guarda de Ferro criou seu próprio comitê de investigação e ordenou a prisão de pessoas.

O general Ion Antonescu insistiu em investigar judicialmente a repressão real mediante um tribunal especial que deu início a um lento processo de investigações e detenções. Foram presos em Jilava, sob vigilância dos legionários, Mihail Moruzov, chefe do serviço secreto, Gabriel Marinescu, ex-prefeito da capital, o general Ion Bengliu, responsável direto pelo assassinato de Codreanu, o general Gheorghe Argeşanu, que dirigiu a repressão da Guarda após o assassinato de Armand Călinescu, e outros 67 membros da gendarmaria.

Em 15 de outubro o Tribunal ordenou que o coronel da Guarda, Stefan Zavoianu, transferisse quatro dos detidos para a prisão militar de Vacaresti, ele se recusou. Nem mesmo a intervenção do ministro da Justiça, a pedido do Tribunal, fez com que Zavoianu acatasse. A razão disso foi que os legionários suspeitavam que Antonescu não pensavam em executar os responsáveis.

As autoridades decidiram substituir Zavoianu e os legionários por militares na prisão e está decisão lhes foi comunicada no dia 26 de novembro. A troca ia acontecer três dias depois. Os legionários, então, decidiram assassinar os presos neste mesmo dia, pois sabiam que a justiça não seria feita.

Funeral

Em 1940 foi exumado o corpo de Codreanu e dos outros legionários, executados 2 anos antes. A esposa de Codreanu, Elena Codreanu, estava presente na exumação. Era uma vala comum. Os legionários trabalharam para conseguir extrair os cadáveres que haviam sido colocados ali dentro de qualquer jeito. Toda a família de Corneliu estava presente. Mas depois de extrair e colocar alguns cadáveres na borda da vala, gritaram: “Não encontramos o Capitão! Não encontramos o Capitão!”

De repente, Elena viu as botas que Codreanu usava para sair de casa, para escalar as montanhas. Então ela disse aos rapazes: “Tenham cuidado porque aqui está Codreanu! Tenham cuidado com seus movimentos!”

E era ele realmente. Os legionários o removeram de lá. O rosto de Codreanu estava destroçado pelo ácido sulfúrico e cal viva. Sua cara estava destroçada, mas o mais extraordinário era seu corpo que estava amarelo como cera. Um cadáver intacto, inalterado, apesar dos anos que havia estado enterrado. Absolutamente intacto. As únicas partes danificadas foram as que tiveram contato com a cal viva que lhe jogaram por cima, provavelmente ácido sulfúrico.

Ao lado da vala havia um caixão e puseram os restos dele lá, tal como se encontravam. Fizeram o funeral na Igreja de Gorgani, antes de ser transferido para a Casa Verde.

A Guarda preparou as cerimônias funerárias de enterro das vítimas da repressão de Carlos e preparou a principal, o funeral de Codreanu e os 13 companheiros assassinados junto com ele. O funeral aconteceu dia 30 de novembro de 1940.

Multidão acompanha o cortejo fúnebre de Corneliu Zelea Codreanu, em 30 de novembro de 1940.

Fim

Após a morte de Codreanu a Guarda se dividiu em Codreanistas, que apoiavam o pai de Codreanu, e os Simistas, que apoiavam Horia Sima, e era o grupo majoritário. A Guarda passou a ser liderada por Horia Sima e chegou ao poder em 1940-1941 proclamando o Estado Legionário Nacional formando uma parceria incômoda com Ion Antonescu. No fim a Guarda de Ferro assumiu o poder, mas foi derrubada pelo general Antonescu com consequência da Rebelião Legionários.